Revista Literalivre ©

Distribuição Gratuita

ISSN: 2595-363X

Vol.05 - nº 27 - Mai./Jun. de 2021

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 5, nº 27 – Mai/Jun. de 2021.
ISSN 2595-363X
SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Ana Rosenrot – **Foto:**Jacareí/SP

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Caros(as) amigos(as), é com muita felicidade, que trago para vocês a 27ª edição da Revista LiteraLivre.

Nesta edição, mais uma vez, mostramos a força transformadora da nossa união literária, através de autores e artistas de todas as partes do mundo. Cada trabalho trazendo um pouco da alma e da cultura de seus realizadores.

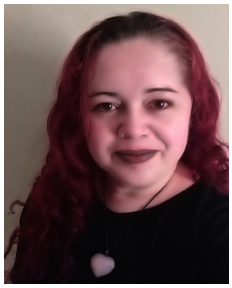
Temos também, a primeira edição da Revista Cultural Traços(tem entrevista minha por lá), o Projeto "Cartas da Vida", novas edições da Revista SerEsta e os e-books gratuitos da editora Apena, não deixem de conferir.

Aproveito para anunciar nossa nova sessão fixa: Fantasia Visual, assinada pelo ilustrador e escritor Roberto Schima. As ilustrações que publicaremos aqui foram lançadas originalmente em fanzines de ficção científica e terror nos anos 90. Com temas variados e detalhes impressionantes, Fantasia Visual será uma sessão imperdível.

Agradeço aos queridos(as) autores(as) participantes e aos leitores(as) fiéis que acreditam e acompanham nosso trabalho. Obrigada!!

Continuem se cuidando! Abraços poéticos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Recomendamos

Portal Domínio Público

O "Portal Domínio Público", lançado em novembro de 2004 (com um acervo inicial de 500 obras), propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime, colocando à disposição de todos os usuários da rede mundial de computadores - Internet - uma biblioteca virtual que deverá se constituir em referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral.

Este portal constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal.

Desta forma, também pretende contribuir para o desenvolvimento da educação e da cultura, assim como, possa aprimorar a construção da consciência social, da cidadania e da democracia no Brasil.

Adicionalmente, o "Portal Domínio Público", ao disponibilizar informações e conhecimentos de forma livre e gratuita, busca incentivar o aprendizado, a inovação e a cooperação entre os geradores de conteúdo e seus usuários, ao mesmo tempo em que também pretende induzir uma ampla discussão sobre as legislações relacionadas aos direitos autorais - de modo que a "preservação de certos direitos incentive outros usos" -, e haja uma adequação aos novos paradigmas de mudança tecnológica, da produção e do uso de conhecimentos.

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp

Neste Número:

Fantasia Visual.....4
Roberto Schima.....4
Haikai Engraçadinho.....5
Jorginho da Hora.....5
Adriana Manduco.....6
Agnes Izumi Nagashima.....10
Agostinha Monteiro.....11
Ailson César Lovato.....12
Alberto Arecchi.....13
Aldenor Pimentel.....17
Alessandra Cotting Baracho.....18
Alexandre Vieira da Silva.....19
Aline Ferreira do Carmo.....20
Amélia Luz.....21
Ana Beatriz Sales Vieira Macedo.....24
Ana Flávia Alves.....25
Ana Maria Fázio de Freitas.....26
Ananda Lima.....27
Anderson Honorato.....28
Anderson Nogueira.....29
André Luiz da Silva.....30
Anônimo.....31
Antônio Rúbia.....35
Ariane de Medeiros Pereira.....39
Arthur Vieira.....42
Belise Campos.....45
Beny Barbosa.....46
Billie Bee.....49
Branca Lescher.....50
Bruno de Sousa.....52
Bruno Madeira.....53
Caique de Oliveira Sobreira Cruz.....54
Carlos Jorge Azevedo.....59
Carmem Aparecida Gomes.....60
Caroline Cristina Pinto Souza.....61
Catarina Dinis Pinto.....62
Cayan Gomes de Oliveira.....63
César Aquino Bezerra.....64
Charles Burck.....65
Clarice de Assis Rosa.....66
Cleidirene Rosa Machado.....68
Cosme Silva.....69
Daniel Cardoso Alves.....70
Daniela Genaro.....72
David Ehrlich.....73
David Leite.....76
Dias Campos.....77
Domênico Darone.....79
Dorilda Almeida.....80
Dryyca Marques.....81
Durão.....82
Edgar Borges.....83
Edna das Dores de Oliveira Coimbra....84
Edweine Loureiro.....85
Elza Melo.....86
Eni Ilis.....87
Fabi Marciele.....88
Fábio Daflon.....91
Fernando Fardin.....92
Fernando Machado dos Santos.....95
Fernando Portela.....96
Fernando Roque Fernandes e Arcângelo da Silva Ferreira.....97
Francisco Cleiton Limeira de Sousa.....98
Gedeane Costa.....99
Gilliard Santos.....100
Gisela Lopes Peçanha.....101
Guilherme Isaac Tomás.....102

Ines de Jesus Trazzi.....105
Ioneida Braga.....106
Isabel Cristina Silva Vargas.....107
Israel d'Luca.....108
Iva França.....109
Ivo Aparecido Franco.....110
Jacqueline Santos Magalhães.....111
JAX.....113
Jeferson Ilha.....115
Jeferson Romão Oliveira.....116
Jéssica Iancoski.....117
Joana Santos Silva.....118
João Sereno.....119
Joaquim Bispo.....121
Jober Rocha.....125
Joedyr Goçalves Bellas.....127
Jordão Pablo de Pão.....129
José Manuel Neves.....131
Julia Mascaro Alvim.....132
Juliana Moroni.....133
Kárita Helen da Silva.....135
Kelvy Rosalvo.....136
Kermerson Dias.....137
L. S. Danielly Bass.....138
Laura Caldas.....139
Leandro Emanuel Pereira.....140
Letícia Érica Ribeiro.....141
Lia Rodrigues.....142
LuA New.....144
Lucas Ramon Porto de Assis.....146
Luciane Leal.....147
Luís Amorim.....148
Luiz Eduardo Bezerra Silva.....150
Luiz Roberto da Costa Júnior.....152
Maira Bastos dos Santos.....153
Marcel Charles-Pierre Hollande.....154
Marcos Andrade Alves dos Santos.....156
Marcos Nunes Loiola.....157
Marcos Pontal.....160
Maria Apparecida Sanches Coquemala
.....161
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....162
Maria Moura dos Santos.....163
Maria Pia Monda.....164
Marione Cristina Richter.....166
Mestre Tinga das Gerais.....169
Michel F.M.....170
Milton Rezende.....171
Naty Brasil.....172
Nazareth Ferrari.....173
Nelson Almeida.....174
Nercy Grabellos.....175
Nilde Serejo.....176
Ovidiu-Marius Bocsa.....177
Patricia de Campos Occhiucci.....178
Paulo Cezar Tórtora.....179
Paulo Luís Ferreira.....180
Pedro Gonçalves.....185
Pedro Guerra Demingos.....190
Pedro Menezes.....191
Peresch Aubham Edouhou.....192
Plinio Cesar Giannasi.....193
Raquel Zepka.....196
Reinaldo da Silva Fernandes.....197
Renam Timbó.....199
Renata Ferrari.....202
Renato Massari.....205

Ricardo Ryo Goto.....208
Roberto Schima.....209
Robinson Silva Alves.....211
Rodrigo Duhau.....212
Roger Cacci.....215
Rogério Costa.....217
Ronaldo Crispim.....218
Roque Aloisio Weschenfelder.....220
Rosa Maria Soares Bugarin.....221
Rosangela Maluf.....223
Roselena de Fátima Nunes Fagundes.....227
Rozz Messias.....228
Sammis Reachers.....229
Sibele Flores.....230
Sid Fontoura.....232
Sigridi Borges.....236
Sirineu Bezerra de Oliveira.....237
Sonia Regina Rocha Rodrigues.....238
T. S. Franco.....239
Tauã Lima Verdan Rangel.....241
Úmero Card'Osso.....242
Vadô Cabrera.....245
Valdeci Santana.....247
Valéria Barbosa.....250
Valéria Vanda Xavier Nunes.....251
Valter Bitencourt Júnior.....256
Vanderlei Kroin.....257
Vera Lucia.....258
Victor Mendes.....259
Vitor Sergio de Almeida.....260
Vitória Ferreira.....261
Walter Silva.....262
Willian Fontana.....265
Fernando Machado dos Santos.....269
Charge.....269
Artista do Mês.....270
Raul Seixas.....270
Projeto Cartas para a Vida.....271
Leiam as edições recentes da Revista SerEsta.....272
Chegou a primeira edição da Revista Cultural Traços.....274
LiteraAmigos.....275
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....282

Fantasia Visual

Roberto Schima

Salto/SP

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Dispersado na mira do fuzil
foi indo, indo
até que iu

Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Adriana Manduco

Brasília/DF

Eu, Mulheres ...Mariana Crioula

Novembro, 1838 - Rio de Janeiro - Brasil

A economia cafeeira desponta na região fluminense, Vale do Rio Paraíba.

A mão de obra escrava corresponde a maioria da população da região.

Grandes fazendas crescem e se multiplicam às custas do trabalho forçado de negros e negras, comprados no mercado de escravos, trazidos em navios negreiros sob condições totalmente desumanas.

O crescimento financeiro deslumbra os grandes produtores de café que exigem cada vez mais de seus serviçais.

Constantes e impiedosos castigos eram imputados aos serviçais, muitas vezes sem motivo algum.

Grandes troncos, estrategicamente colocados no pátio das fazendas, serviam como mastro onde escravos eram amarrados e açoitados com um instrumento feito com tiras de couro, até quase a morte. O número de chicotadas eram definidas de acordo com o "delito" do homem ou mulher castigado.

Quando uma das mucamas cozinheiras errava o tempero da comida de seus senhores era castigada com bolo, uma espécie de palmatória de madeira, simplesmente com o objetivo de aleijar as mãos das escravas.

Caso um escravo se rebelasse ou negligenciasse uma de suas tarefas no plantio do café, era colocado em seu pescoço um colar de metal com pontas salientes, que dificultavam o seu descanso durante a noite.

Para o escravo fujão, ou que tentava roubar comida, era imposto o castigo da máscara de ferro que o impedia de se alimentar. Com isso, muitos morriam subnutridos.

Em alguns casos, mesmo após os castigos, escravos eram colocados no vira-mundo: espécie de algemas de ferro que prendiam suas mãos e pés.

Dia 05 de Novembro - Vila de Vassouras – Brasil

Preocupados com as revoltas de Palmares, Haiti e Malês, os escravagistas tratavam seus escravos com muito mais rigor.

Nas fazendas do capitão-mor, Manuel Francisco Xavier, não era diferente.

No salão da casa grande, Francisca Xavier, sua esposa, conversa tranquila com Mariana Crioula, sua mucama.

Mariana era considerada uma escrava dócil e gentil, por isso, era admirada e protegida por sua senhora.

No cafezal e sob um sol escaldante, negros fortes carregam sacas de café recém-colhidos dos inúmeros pés espalhados pela verde montanha.

Da cozinha, um delicioso cheiro de broa de milho se espalha por todo o casarão.

No galpão, Manuel Gongo, o escravo ferreiro, trabalha com outros seis escravos.

No cair da tarde a frágil calmaria é interrompida após um alto barulho de tiros vindos da senzala.

Assustada, a senhora Francisca pergunta ao jardineiro:

— O que houve? Esses barulhos foram tiros?

Também temeroso o velho responde:

— Sim, minha senhora! O capataz acaba de matar o escravo Camilo Sapateiro.

— Mas, o que fez ele para merecer a morte?

— Senhora, pelo que ouvi de um outro capataz, o escravo foi morto sem nenhum motivo aparente.

Atenta, Mariana ouve o diálogo de sua senhora.

A morte do pobre rapaz causou uma enorme revolta nos escravos da fazenda, crescendo o clima de ódio, sendo este o estopim para um grande levante.

Por volta da meia-noite, um grupo de escravos, liderados por Manuel Congo, matam o capataz e arrombam as portas da senzala. Mucamas se juntam a eles, inclusive Mariana.

Antes do dia nascer a rebelião se espalhou pelas outras fazendas de Francisco Xavier: São Luis da Boa Vista, Cachoeira, Santa Tereza e Monte Alegre. Cerca de quatrocentos escravos, entre homens e mulheres, embrenharam-se na Serra da Estrela planejando a formação de um novo Quilombo.

Manuel e Mariana logo tornam-se os líderes do levante e foram intitulados pelos outros escravos como rei e rainha. Mais que um casal, eles eram guerreiros natos. Juntos, lutavam pela liberdade!

Quem poderia imaginar que uma escrava de aparência tão frágil e delicada fosse na verdade uma grande e visionária mulher?!

Fixaram-se nas matas da Serra da Mantiqueira e iniciaram a montagem de um Quilombo.

Com as ferramentas saqueadas das fazendas de Manuel Francisco Xavier, os escravos planejavam iniciar uma plantação para o sustento de todos.

As armas serviriam para a proteção do Quilombo.

Inconformados, os fazendeiros da região solicitaram à Guarda Nacional que partisse em busca dos fugitivos.

Sob o comando de Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, os soldados localizaram o grupo de escravos.

Após a troca de tiros entre a Guarda Nacional e os rebelados, onde dois guardas morreram e outros dois caíram feridos, desencadeou um intenso massacre.

Todos os escravos recusavam a se entregarem, desobedecendo a ordem do comandante da Guarda.

Cerca de vinte deles são mortos e outros tantos são alvejados por espingarda nas pernas para impedir a fuga.

O restante dos escravos largaram suas armas e saíram correndo, desesperados.

Manuel e Mariana mantiveram-se firmes.

Aos gritos, ela declarava:

—Morrer sim… Se entregar jamais!

Levados prisioneiros, somente dezesseis negros foram julgados: Manuel Congo, Pedro Dias, Vicente Moçambique, Antônio Magro, Justino Bengala, Belarmino, Miguel Crioulo, Canuto Moçambique, Afonso Angola, Adão Bengala, Mariana Crioula, Rita Crioula, Lourença Crioula, Joanna Mofumbe, Josefa Angola e Emília Conga.

Mesmo após a tentativa de linchamento pela população, Mariana e todas as mulheres do grupo foram absolvidas, a pedido de sua dona, Francisca Xavier.

Porém, como forma de castigo, ela foi obrigada a assistir a execução pública de seu companheiro, Manuel Congo, o único sentenciado a pena de morte em **04 de setembro de 1839.**

Manuel subiu ao cadafalso no Largo da Forca e foi enterrado como indigente.

Outros sete homens receberam seiscentos e cinquenta açoites e passaram três anos com um gonzo de ferro no pescoço.

Entretanto, o Quilombo de Manoel Congo e Mariana Crioula era a evidência de que os escravos continuariam sua luta contra a escravidão.

Mariana é lembrada por seu legado de garra e revolta contra a política de maus tratos, usada pelos Barões do Café.

Somente em 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, sendo o Brasil o último país do continente americano a abolir a escravidão.

Com isso, cerca de setecentos mil escravos foram libertos de sua humilhante condição.

https://adrianamanduco.wixsite.com/escritora

Agnes Izumi Nagashima
Londrina/PR

Trova e Haicai de outono

Haicai de outono

Verde desbotou
Folhas caídas de outono
Sopra o vento álgido

Trova de outono

Na aurora de um dia frio,
brilha o orvalho no gramado.
Na correnteza do rio,
folhas do outono passado.

Agostinha Monteiro

Vila Nova de Gaia- Portugal

Apenas o Amor

Numa sociedade muito consumista
Onde tudo se compra e se paga
Só quem é ingénuo pode acreditar
Que alguém ainda tem amor para dar.

E eu sou a mísera inocente
Que contra a raivosa maré luta
Encontrando forças para nadar
E num profundo amor mergulhar.

Emaranhada em teias tecidas
Com palavras acutilantes e inimigas
Que me impedem de conquistar
A liberdade plena para amar.

Quero ser a prova pura do amor
Que desafia a atual sociedade
Sempre acreditando que a dor
Será superada pela amizade.

Atravessando rebeliões
Entre alegrias e desilusões
Sendo sempre superior
Vence o verdadeiro amor.

www.escritacomprazer.blogspot.com

Ailson César Lovato

Castelo/ES

Carta escrita à noite

Uma última carta, por favor.
Não quero explicar motivos,
não quero lhe tirar sorrisos
não quero que guardes rancor.
Esta não tende a ser uma carta de amor.
De todas as saudades, a sua.
De escrever cartas e bilhetes.
De um filme a dois e um café no meio da tarde.
De uma música ao fundo como trilha sonora de um abraço apertado.
De um girassol que me sirva de bússola.
De todas as saudades, a do verbo amar.
Escrevo a ti agora tentando frear
o pulsar rítmico de um coração de plástico.
Em quem pensavas tu quando quiseras me abandonar?
Queres tu mil e treze flores colhidas do meu jardim?
Não fuja, não abandone, não seja um estranho a mim.
Escrevo-te agora como um último pedido
de tudo o que foi escrito e lido
me faltam ainda palavras a pronunciar.
Eu prometo que jamais encontrarás alguém como eu.
Fostes tu a minha escolha.
No luar de uma noite calma, viestes me encontrar como uma estrela cadente.
Já não quero mais o teu abraço,
no triste prender de um laço não quero me aprisionar.
Infinitas vezes tendes a errar e eu não estarei mais aqui.
Não mais, não por ti.
O tempo tende a lhe mostrar o jogo dos sete erros.
Na escuridão da noite, nossas memórias assombrarão os teus sonhos
e sussurrarão no teu ouvido o meu nome.
Você pode me encontrar à meia-noite,
sua mente precisa de mim,
dance comigo – serei para ti um perigo, um risco a correr.
As palavras dele são rasas
e já não me convencem.
És tolo. És cego. És bobo.
Tal como uma criança fascinada por um doce, ele te seduziu.
Até quando eu não sei.
O mar tende a derrubar frágeis castelos de areia.
Despeço-me.
Desejo te esquecer, desejo evitar te ver.
Deixar no esquecimento da minha mente
toda e qualquer lembrança sua.
Todo e qualquer contato
seja corporal ou poético.
Já não mereces minhas cartas.
Não serei pra ti um dicionário:
palavras bonitas pouco procuradas.

www.ailsonlovato.com.br

Alberto Arecchi
Pavia – Itália

Verão na Cidade

O verão, como cada pausa das atividades normais, como a época de Natal ou outras ocasiões de festas, é tempo amargo de pensamentos. A gente faz um balanço de sua vida, para dar contas apenas para si mesmos. O verão não significa férias, mas a solidão. A preguiça dominava sem contestação o passar do tempo, durante o dia, entre a televisão e o computador. Praias tropicais de longe sonhadas, apenas em uma tela de televisão. Viagens feitas só com o coração, para lugares com o mar sempre azul, onde as palmeiras curvam quase dobrando para o mar, como se estivessem-se curvando diante das vagas, do recife, dum maremoto. É melhor então descansar em sua própria casa, nos dias quentes de verão que não têm nada a invejar, seja por temperatura ou umidade, aos pântanos e as florestas tropicais. No dia você resiste, com um pouco de ar-condicionado, mas quando a noite vem... Comecei a passar as noites todas na internet, em busca de um sonho, na vontade de esquecer o que acontecia na rua, debaixo da minha janela. Comecei a ir para algum site de bate-papo e de anúncios, pois me sentia atraído pelas figuras de dominadoras soberbas vestidas de couro preto, armadas com chicotes e outros acessórios incríveis, capazes de submeter qualquer homem à sua vontade, ao seu poder. Todas essas imagens de mulheres, bonitas e altivas como deusas, olhavam para mim a partir da tela e convidavam-me a mil perversões... Foi assim que uma noite quis realizar o contato com uma dominadora, para pedir uma reunião. Eu não queria, no entanto, procurar na minha cidade. Parecia-me para manter a minha privacidade, com uma margem de autonomia, se eu contatar noutro lugar. Finalmente, decidi e liguei.

Depois de muitas hesitações e de algumas tentativas decepcionantes, conheci uma mulher que me subjugou. Era uma mulher de

aparência normal, agradável, entre trinta e quarenta anos... Parece trivial mas, nesses casos, é o tom da voz, no primeiro telefonema, que vai ganhar, muito mais do que as fotos de anúncios ou qualquer outro elemento. Tudo é imprevisível, nas relações entre homens e mulheres, especialmente as armas e técnicas da sedução. A dominadora me conquistou com seu modo de fazer, mas especialmente com seus pequenos pés bonitos. Eles eram uma verdadeira obra-prima, e me deixaram louco. Foi um êxtase inalar o cheiro inebriante com ambas as narinas, beijá-los, senti-los na minha boca, e enquanto pisavam meu corpo vigorosamente. Eu sempre fora atraído pelo contato com um pé bonito de mulher, mas agora, depois de conhecê-la, logo percebi que não podia esperar até o momento de ficar com os dedos dos seus pés, como se fossem mamadeiras para sugar, movendo a língua entre os dedos, em todos os recessos, e, em seguida, com paixão lamber as solas, os saltos, os tornozelos dela.

Aqueles, que poderiam parecer atos de humilhação ou depravação, tornavam-se para mim expressões de valor inestimável de amor e de prazer estético. Rapidamente se desenvolveu uma harmonia entre os nossos comportamentos. Percebia o entusiasmo, a alegria, o prazer que ela também sentia, nesta forma de adoração de uma parte de seu corpo.

A mulher fazia-se chamar Melissa, uma alcunha de que ela gostava, mas certamente era um nome falso. Minha senhora me enfeitiçou assim que comecei a segui-la, mesmo quando mudava-se para outras cidades. Eu era capaz de viajar até trezentos quilômetros, ida e volta, para passar meia hora debaixo de seus pés, ou fazer-me espancar impiedosamente com as mãos ou com um batedor, que infligia golpes dolorosos, até tornar meu rabo quente, todo roxo pelas espancadas. Ela gostava de esta ação muito mais que da minha submissão a seus pés, ou melhor, as duas coisas eram complementares... O que dava prazer a ela, em breve, eu também gostava de isso. Eu me sentia privado de toda dignidade. Gostava de brincar enroscado a seus pés, como um cachorrinho. Gostava, quando ela queria pisar-me com as plantas nuas de seus pezinhos, provocando-me com pontapés ou até mesmo picando a minha carne, com saltos altos, agudos e elegantes, enquanto eu estava deitado no chão do seu quarto ou no exterior, no

gramado de seu jardim. Um lindo jardim, cercado por muros altos, reservado e não visível por forasteiros. A ideia de me atropelar ao ar livre era muito mais excitante para ela, e estava louca por me ver levantar, todo vermelho e suado pelo tratamento recebido, sujo de terra e folhas de grama. Quando ela tinha desejos especiais para desabafar, era capaz de empurrar-me com a ponta da bota e fazer-me rolar, até as urtigas crescendo na parte inferior do jardim, perto de uma moita de bambu. A queima e a comichão eram então tão fortes que duravam pelo menos durante cinco dias, depois da nossa reunião. Não era nada, porém, dessas torturas atrozes que a gente pode imaginar, quando ouve falar sobre essas práticas. Para dizer a verdade, eu nunca me pedi, nem quis pensar, se Melissa também fosse capaz de realizar, em mim ou em outros, atos mais cruéis destes.

Como um menino namorado, eu costumava acordar suando na minha cama, no coração das noites de verão, pois só sonhava em beijar e tocar os pés de Melissa. Eu não podia voltar a dormir e a visão dela enchia meu cérebro, como se o despertar me tivesse afastado do refúgio de todos os prazeres. Quando o desejo de vê-la e fazer-me realmente subjugar, mesmo que por alguns minutos, tornava-se muito grande, corria ao pé dela, para fazer-me espancar, esmagar, seviciar.

Na noite passada eu sonhei em ser de quatro, na gaiola do leão. Minha babá estava vestida como uma domadora, muito elegante. Ela tinha um macacão colante, preto com riscas douradas, as coxas e as pernas longas embainhadas por meias arrastão com destaques de prata, botas de salto alto, empunhando um longo chicote, ameaçador, estalando a duas polegadas do meu corpo. Eu procurava, apesar das minhas qualidades atléticas modestas, esforçando-me para realizar os exercícios que ela ia-me ordenando, para cima e para baixo de um escabelo. Não me lembro se - no meu sonho - havia o público do circo, para nos assistir. Não vi, pois tinha olhos e ouvidos apenas para ela, a magnífica domadora. Seu cabelo loiro enchia todo o meu campo de visão, balançando no ar, com um ritmo hipnótico, sublinhado pelo rolo dos tambores. Quando acordei na manhã seguinte, as imagens do sonho ainda estavam vivas em minha memória: imagens e lembranças exaltadoras. Eu sempre fora um pequeno animal

de domar e, finalmente, senti que encontrara o meu lugar: de quatro, no meio do picadeiro, para fazer exercícios em um banquinho, sob o controle do chicote da minha cuidadora. Toda escolha, toda decisão é confiada a ela. Para mim, será suficiente apenas obedecer e executar suas ordens, e se eu não estivesse pronto e preciso, sofrer o castigo assim merecido. Uma forma concreta de ser recompensado todos os dias dos meus erros, com uma forma de sofrimento ainda mais suportável, quase mais agradável, do que o isolamento completo em que passei nas últimas décadas.

Finalmente, o verão acabou. Tinha passado desfrutando (na televisão) muitas praias, de areia e coral, com coqueiros que sacudiam os ramos, no calor do vento das monções. Tinha conseguido beijar e chupar os pés de uma bela loira, que gostava muito de me espancar. Tinha sonhado e muito suado no calor escaldante. Acima de tudo, finalmente, eu tinha encontrado a minha patroa, capaz de exercer seu domínio sobre muitos bichinhos gananciosos e de me promover, de forma manifesta e oficial, apenas em uma dessas minhocas, com o título de uma confirmação irrevocável e definitiva.

O verão terminou, com um pouco de amargura e nostalgia dos passeios na cidade vazia e dos grandes suores noturnos. Este ano, no entanto, o verão mudou a minha vida. Vou começar a temporada que vem em uma nova perspectiva, pronto para entrar em uma gaiola ao pés de uma mulher, domadora experta, que pode ter totalmente em mim, na minha vontade, com um simples aceno, ou um piscar de olhos. Uma mulher consciente, como as damas de honra dos tempos antigos, que vai chegar a visão de seu tornozelo, descoberto e oferecido aos meus beijos, para me tornar seu escravo sem remissão, um capacho deitado no chão ao seu serviço, pronto para qualquer comando dela. Agora, vou passar minhas noites na frente do computador, sonhando os pés de Melissa, a minha rainha.

https://www.liutprand.it

Aldenor Pimentel
Boa Vista/RR

Assassinatos fora de série

A polícia já estava no encalço dele há um tempo. Assassino em série, suas vítimas, somente mulheres, eram encontradas sempre do mesmo jeito: despidas, com uma rosa branca sobre a genitália. Na cena do crime, nenhuma outra pista. Nem digitais, nem pegadas, nem fios de cabelo. Nada que pudesse levar ao responsável.

Mas não existe crime perfeito. No dia anterior, uma carta anônima chegara às mãos do delegado, sabe-se lá como. Nela, estava escrito onde e a que horas a polícia poderia dar o flagrante no autor dos assassinatos, que já tinha data e local para fazer a próxima vítima.

O lugar não poderia ser mais inusitado: uma biblioteca. Na hora indicada na carta, a equipe de policiais foi lá. Numa sala reservada para estudo individual, arejada e bem iluminada, estava o *serial killer,* de costas para a porta, diante da vítima que acabara de fazer.

Ao ouvir o rangido da porta abrindo, ele ainda digitou em segundos algumas linhas em seu *laptop:* "Com os olhos em direção à mulher, aspirou levemente o perfume da rosa branca e pensou consigo mesmo que havia encontrado a sua última vítima."

— Tudo bem, policial. Eu me rendo — disse, ainda de costas para a porta, o escritor de enredos repletos de sangue e suspense, solitário no centro daquela sala deserta. Com as mãos para o alto e os olhos na vítima que só existia na tela do computador, ele proferiu sua sentença: — Mas, se eu for preso, quem escreverá o final da história?

http://artedealdenorpimentel.blogspot.com.br

Alessandra Cotting Baracho

Maceió/AL

Estilhaços

Dava pra ouvir o som de vidro estourando de dentro pra fora, rasgando, sangrando, algo sendo expurgado como um filho em aborto.
Ela quebrou o coração dele, assim, sem rodapés.
No dia anterior, - Feliz vida, Sam.- a mesa decorada com motivos geométricos ostentava o prato preferido dele, fumegante. – O bolo tá gelando, viu? Fiz o de banana. - A voz dela era tão doce que por vezes confundia, mas nunca tanto quanto naquele dia. – Eu já falei que te amo, Amanda? – Já, mil vezes elevado à Pi. – Ele abriu um sorriso largo como costumava fazer, sobretudo perto dela, era seu lugar preferido entre todos no mundo. No sofá, uma caixa de madeira rústica revelava o presente de aniversário: caneca "I Love Science", camiseta preta do Heisenberg e um quadro do seu personagem de Anime favorito, bem ao estilo faça-você-mesmo. – Eu te amo, Am... – As palavras rodopiando perdidas, magia abrindo a caixa de pandora.
"Quando foi? Quando exatamente ela tomou essa decisão?" Ele buscava incessante a resposta que seria um consolo, ou não, mas seria alguma coisa, muito mais do que dispunha na sua confusão. Lembrou da noite anterior ao ontem, teve a ida pra casa na chuva e o momento que pararam encharcados. Ele enxugou as gotas que escorriam da ponta do nariz dela. "O que eu fiz de errado, o que eu fiz, o quê, meu Deus? Queria tanto entender, só isso." Ela puxou mais a manga do moletom e ele aqueceu ela no seu abraço. – Eu te am... – O *Shiii* dela, de repente, lavando as palavras não ditas.
Dois dias se passaram até que tudo ganhou forma e se desintegrou, simultaneamente. – Acabou, Sam. Simplesmente acabou. Aceite.- Algo mudou naquele momento ou depois, ou em algum momento antes, um momento que ele não conseguia encontrar por mais que remoesse.
O hoje chegou sorrateiro, é feito de amplitude que se alastra no vazio e se estreita dentro de um punho fechado no peito. Hoje ele é um recorte fosco de uma biografia que termina, poderia muito bem estampar uma página policial, era mais que um mero personagem, fora o cenário de um extermínio cruento.

Alexandre Vieira da Silva
Portugal

Pouco a pouco, depressa

Pouco a pouco, depressa

Crescemos,
pouco a pouco.
Muito depressa.
Envelhecemos,
pouco a pouco.
Muito depressa.
Amadurecemos envelhecendo.
Envelhecendo crescemos.
Pouco a pouco.
Passamos no tempo,
tempo que passa por nós.
Realidades vividas
tornadas memórias...
Mais ou menos recentes.
Apagadas.
Permanentes.
Vivas mesmo se às vezes mortas.

Crescemos pouco a pouco
com um pouco de nós,
dos outros,
de todos.
Fitamos as palavras
com um olhar profundo.
Dizemos as palavras
com a nossa boca sonora.
Eterna...
Escrevemos os poemas
pouco a pouco.
A vida.
As memórias da memória.
Um sorriso.
Uma árvore que cresce.
Envelhece.
E morre.
Não morrendo a memória.

https://www.facebook.com/alexvs1957

Aline Ferreira do Carmo
Mogi das Cruzes/SP

Parasita

Consome meu trabalho
Bebe o suor que compra o meu pão
Amarga minha vida
E como pedido de desculpas
Me escandaliza com leite condensado
Que pinga
E pinga
E pinga
Sobre as covas coletivas
Dos meus irmãos
Que morreram na esperança
De respirar mais um dia

Amélia Luz

Santo Antônio de Pádua/RJ

Alvíssaras

Falar sobre o tempo, um tema atual e abrangente escolhido em hora oportuna porque "comemoramos" de forma atípica os 100 anos dos "ANOS LOUCOS – 1920, quando povos e nações renasciam depois da Primeira Guerra Mundial.

Experimentávamos maior liberdade na cultura, nos costumes, nas artes em geral. O cinema, as comédias, Chaplin surpreendendo, Salvador dali criativo em tintas e pinceladas avançadas.

A Era do JAZZ, do CHARLESTON, novos ritmos que empolgavam. Espaços ousados foram criados numa década de prosperidade, a guerra havia acabado. Teatros famosos, óperas, concertos e grandes orquestras como também Hollywood com seus campeões de bilheteria.

Livres de espartilhos as mulheres libertavam-se, mostrando os tornozelos com modelos em tubo, leves e elegantes, permitindo maior exposição da sensualidade feminina. Chanel invadia as cenas com cortes retos agradando a todos os olhares curiosos.

A SEMANA DA ARTE MODERNA dá novo significado à nossa cultura em um grande acontecimento cultural – Teatro Municipal de São Paulo – 1922, mostrando nossas raízes com ABAPORU ou MACUNAÍMA.

O rádio vem integrar trazendo e levando notícias. A modernização das fábricas, novas tecnologias e o cinema falado. Muitas novidades nos "felizes anos 20".

Também a gripe espanhola, que de Espanha nada tinha, veio assustar e vitimar o mundo, de ciência atrasada, na crueza da epidemia que ceifou tantas vidas. A queda da bolsa de Nova York traz a "grande depressão" marcando o fim de um tempo trazendo novas reflexões à sociedade.

O sufrágio em embrião motiva as mulheres para a conquista justa do voto, ombro a ombro com o sexo oposto.

E o médico canadense Robert Kock descobre o bacilo de Kock, abrindo caminho seguro para a cura da tuberculose, monstro voraz da época. A insulina isolada por Frederick Grant Banting permite o – Prêmio Nobel 1923 - grandes avanço.

Vivemos hoje, cem anos depois outros "ANOS 20" que vêm nos acordar para uma triste e inesperada realidade: o dragão vermelho que dorme debaixo dos nossos

travesseiros. Numa luta sem armas a guerra avança e a COVID 19 ganha terreno fácil com o despreparo dos países para o combate de tão terrível inimigo invisível, que nos devora em silêncio.

Somos os mascarados embriagados com álcool em gel transitando nas ruas vazias, temerosos, sem vacinas, sem tratamento adequado ao combate dos sintomas. Enfim, sem rumos, num luto cruel. Fomos igualados misteriosamente de um dia para o outro: cor, raça, credo, faixa etária, ricos ou pobres, sem distinções. Somos iguais diante do inimigo mortal!

Estamos no alvo, somos presas fáceis: FIQUEM EM CASA! Somos prisioneiros num isolamento entre pessoas, altamente prejudicial em vários setores, porém obrigatório, para garantir nossa sobrevivência enquanto a economia desmonta estruturas levando muitos ao desemprego, à falência, à fome. Misérias e infortúnios nunca antes imaginados. O tempo, às vezes é inimigo do próprio tempo. Estamos praticamente no quilômetro zero desta nova década a ser vivida e com a goela voraz do vírus a nos espreitar em silêncio a cada esquina.

A Organização Mundial da Saúde declara que o surto constitui Emergência de saúde Pública de Importância Internacional. Vivemos em um país que pouco investe em saúde pública mais preocupado com os resultados das urnas que com o bem-estar do povo brasileiro.

O nosso rejeitado e criticado SUS, como um forte general, sem armas, lá está, à frente, nas trincheiras, atendendo às massas, buscando oferecer o que tem de melhor, até mesmo o sacrifício dos profissionais da saúde que perdem suas vidas num gesto heroico, digno de destaque.

Que possamos voltar nossos olhos aflitos para o SUS e valorizá-lo buscando meios para que os próximos governos possam nele investir políticas justas e recursos necessários para a sua sobrevivência decente. Fortalecê-lo para que possa assistir aos necessitados, que são muitos.

Há cem anos Lobato reinventava a infância oferecendo às crianças a oportunidade de serem livres pela leitura com os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo e sonhava com o petróleo no Brasil sendo considerado por isso um louco. Os que ousam sonhos não são compreendidos. Estão além do próprio tempo. Para a surpresa de muitos o petróleo tornou-se realidade.

Que possamos ousar novos sonhos de um novo tempo de esperanças pós pandemia e que tenhamos forças para vencer essa travessia com determinação e coragem. Se há cem anos desafios foram vencidos a esperança não pode morrer nos nossos dias.

Assim como venceram a tuberculose, a gripe espanhola, isolaram a insulina, num tempo sem a tecnologia que temos hoje, sem os avanços da farmacologia, sem o

alcance a exames sofisticados de imagem, sem antibióticos e anti-inflamatórios; também venceremos a COVID 19 que certamente trará prejuízos irrecuperáveis como os tantos óbitos, mas certamente trará acréscimos fortalecendo uma sociedade voltada para o capitalismo injusto que enriquece nações enquanto assistimos tantas outras como as nações da grande África, ao abandono.

Um novo mundo surgirá na pós pandemia, uma nova ONU, uma nova OMS e quem sabe, um "Admirável mundo novo" voltado para outros valores centralizados no homem para o crescimento do próprio homem tornando-o mais "pessoa", humanizado e solidário com os mais necessitados, menos egoísta, menos vaidoso, mais temente a Deus. Mergulhando em águas mais mansas renascerá das cinzas, como Fênix, como os sobreviventes de Nagasaki e Hiroxima ou os do Holocausto com os seus horrores. Venceremos esta guerra sem pólvora, sem armas, numa outra batalha em que a Ciência luta em laboratórios silenciosos na busca de uma vacina para salvar a humanidade. Falta pouco. Falta Pouco.

Bem haja!

Ana Beatriz Sales Vieira Macedo
Ribeirão Preto/SP

Nova Ipanema

Terra de chuvas e calhas.
Onde coro é a maioria,
Coroa-se a corte,
Cortam certas cores,
E segue a bossa nova.

Costa de ondas e areia.
Onde a maresia sobe e cega,
A crista quebra, some e pega
Dos ralos grãos, as conchas que a esperam.
E segue o samba.

Céu de espelhos e reflexos.
Decidem aqui os corriqueiros carrascos,
Que executam as calhas, a areia;
Tudo mais que recebe restos ou que é roubado.
E segue, sempre, todo o Carnaval.

Ana Flávia Alves
Fortaleza/CE

Semente do olhar

O olhar transmuta a mente
Vice-versa acontece simplesmente
A imagem pousa no papel indolente
O solo resplandece com o broto da semente

O espaço vazio é cheio de comunicação
A palavra transfigura abstração em ação
As letras em versos se protegem da solidão
O preto e branco colore a visão
O cinema mudo fala ao coração
A frente fria esbarra em emoção

Um atalho do nada acolhe
o desaguar de toda a estrada
Um caminho de ida se desenha
rumo à volta da sua partida
Uma cantiga de roda alegra
o tempo que não tem mais volta.

E-mail: ana.fba@hotmail.com
https://www.facebook.com/anaflavia.alves.33/.
@ana.fba

Ana Maria Fázio de Freitas
Assis /SP

Amo você

Amo você talvez por seu sorriso,
amo você talvez por seu olhar.
Amo você bem mais que a minha vida
é um amor bem mais puro que o luar.

Amo você bem mais que o poeta
ama os riscos que no papel pode traçar.
Amo você com todos os seus encantos,
mesmo sabendo que não pode me amar.

Amo você com o mesmo desespero
de um doente que teme morrer.
Amo você com o mesmo desvario
de um sedento sem água para beber.

Amo você bem mais que as estrelas,
que lá no azul do céu vivem a brilhar.
Amo você bem mais que a brisa agreste,
que com ternura quer seu corpo acariciar.

Amo você com a mesma veemência
do Vesúvio em plena erupção.
Amo você talvez pela bondade,
que habita em seu coração.

Amo você como as águas dos rios,
que incessante correm para o mar.
Amo você bem mais que a primavera,
que maviosamente vem a vida enfeitar.

Amo você com toda avidez, sem
esperança,
que este amor entre nós venha dimanar.
Porém, só me resta tê-lo na lembrança
e frases de amor para você eu rimar.

https://www.facebook.com/anadefreitas.freitas.3/

Ananda Lima

Barreiras/BA

A Vida

O que é a vida?
Ela é a junção das pequenas coisas que nos ocorre costumeiramente.
É o levantar diário com aquele ritual da higienização, é o café da manhã naquela pressa de ir para o trabalho, é o almoço, nos tempos atuais, em disputa com as mensagens de whatsApp, é o horário da novela preferida.
A vida não são os grandes eventos dela, estes, são apenas recortes de um imenso quebra-cabeça. Ela é a fala, os gestos, os olhares, os cheiros que deixamos e sentimos em todos os espaços.
A vida não é apenas o que temos ou o que ocupamos. Estes são processos transitórios. Ocupamos cargos, representamos isso ou aquilo. Temos muitas coisas: casa, carro, roupa, sapato, bolsa, perfume, dinheiro na conta. Mas a vida é mais que isso. Mais que as viagens, mais que funções ocupadas, mais que os eventos frequentados, mais que os livros escritos, mais que os shows realizados.
A vida é o que construímos dentro da gente, o que nos tornamos em essência. O que tocamos e falamos com verdade. É a busca incessante de vencer a si mesmo.
A vida é o sorriso honesto, mas também o choro de dias difíceis. Ela é a montanha russa das emoções, dos acontecimentos diários.
A vida são os nossos gostos, nossas preferências, nossas crenças, mas também a nossa capacidade de integrar e incluir aqueles que pensam diferentes da gente.
A vida não acaba com o último suspiro da matéria. Ela vive sublimada em tudo que somos, mas também naquilo que chamamos alma, espírito.
A vida é você, sou eu.
Viva!

Canal no YouTube:

https://www.youtube.com/channel/UCdAKKc0TZbAeLu12WuLK_zQ

@anandaescritora

Anderson Honorato
Itaitinga/CE

Deite–se com o pecado

Deite-se com o pecado mergulhando em sua luxúria, bebendo e se embriagando a cada momento com o presente feminino dado pelo generoso Deus.

Usado e almejado vulgarmente por sua tão amada criação, o homem!

O brilho no olhar hétero, a excitação da carne sobre a carne, pago pelo ouro e pela prata e cobrado mais tarde por "uma comanda espiritual". Nada importa se posso pagar nesse instante.

Deito-me com o pecado, sem pensar no meu sono eterno.

Momentos ocorridos, memórias presentes,

esperando a graça de se tornarem boas histórias, contado por um meigo Velhinho de cabelos brancos.

Anderson Nogueira

Cachoeiras de Macacu/RJ

Vazio

Uma dor angustiante sufoca seu peito. Há tempos está assim, mas agora chegou ao limite. Grita internamente. Seu urro é silencioso para os que com ela convivem, mas seus tímpanos parecem arrebentar com os ecos de seus lamentos agudos. Não suporta mais, é chegada a hora de acabar de vez com tudo. Há um vazio em sua alma...

Não dormiu naquela noite. Insone, planejou cada passo. Por vezes desistiu, por outras teve certeza. Coragem, covardia, sensatez, insanidade, tudo misturado na noite fria do inverno na metrópole indiferente aos que vivem ali. Amanhece, é chegada a hora...

Atravessa as ruas, os quarteirões, as calçadas a pé, em ritmo cada vez mais acelerado. Não pode vacilar, se for devagar dá tempo de pensar, dá espaço à dúvida que não quer ter mais. Há um vazio em seu coração...

Entra no prédio alto de 30 andares, adentra ao elevador lotado de pessoas que se distribuirão pelos corredores empilhados entre o térreo e a cobertura.

Tem pressa, a cada nova parada de andar em andar se agita. Suor frio nas mãos, as batidas de seu coração parecem nos ouvidos, na garganta. 15º andar, 18º, 21º, 25º, 28º andar. Não aguenta, desce ali mesmo e sai em disparada escadas acima, quer chegar logo ao seu destino. Há um vazio em seu olhar...

Chega, enfim ao seu destino. A corrida intensa é, por uma fração de segundos, um pouco contida. Mas logo retorna com a velocidade que os pulmões ofegantes lhe permitem. Corre em direção ao horizonte que enxerga ali do alto, separados apenas por um muro baixo. O dia começa a amanhecer longe. Corre na direção da alvorada do sol. Salta por cima do muro. Há um vazio em seu entorno...

Na fração de 5 segundos entre o salto e a escuridão fatal, observa pelas janelas o cotidiano das pessoas conversando, rindo, gesticulando. O moço do café, o executivo engravatado, a mulher elegante, os casais apaixonados, crianças brincando, tudo parece tão normal na vida das outras pessoas. Por que não foi assim comigo, se pergunta? Por que não consegui ser feliz assim?

O longo trajeto chega ao fim. Por um instante pareceu tão longo, mas chegou tão rápido. Escuridão! Não há mais vida ali. Só resta um corpo vazio…

André Luiz da Silva

Ribeirão Preto/SP

Vacina sim

Vacina sim, vacina não
Vacina lá seu vacilão!
Vacina sim, vacina não
É hora de conscientização!

Não interessa de que lado você está
Não me fale em quem deseja votar
Esse vírus é sério e pode matar
Vacina já, vacina já!

Não me fale de fé ou ciência
Só não me faça perder a paciência
Eu respeito sua opinião e sua prece
Mas burrice animal ninguém merece

Se é russa, chinesa ou inglesa
Caso seja testada e aprovada
Não importa o país ou natureza
Manda logo vacinar toda manada

Vacina sim, vacina não
Vacina lá seu vacilão!
Vacina sim, vacina não
É hora de conscientização!

Você vacina seu cão
Você vacina seu gatinho
Agora que é para proteger seu irmão
Você fica aí fazendo beicinho?

Chega de tanta ingenuidade
Chega de falar besteira
O povo está morrendo de verdade
E você parado marcando bobeira

O cemitério está lotado
O hospital já não tem leito
Você continua um tapado
Cheio de marra e preconceito

Vacina sim, vacina não
Vacina lá seu vacilão!
Vacina sim, vacina não
É hora de conscientização!

Anônimo

Itaclíada: A Lenda de Ítaca

(encontrado num tablete de pedra às margens do rio Tibre)
Traduzido do latim-celta por: Orestes de Sousa Tsípras

Era uma vez uma paradisíaca aldeia de pescadores chamada Ítaca.

Ítaca era o lugar com o mais lindo pôr do sol do Mundo e era também onde tinha uma lagoa com os mais deliciosos peixes e camarões que existem (só não vou comentar mais sobre isso para não dar água na boca).

Mas, afinal, quem descobriu Ítaca?

Ora, Ítaca foi descoberta por ninguém mais, ninguém menos que um líder do Condado Portucalense chamado João Silva, quando ele decidiu deixar o trono ao seu filho mais velho para poder se aposentar. O Conde Silva tinha passado a ter desgosto da vida na Realeza desde que ficara viúvo da rainha Joana de Castela. Ao deixar seu antigo lar, o Conde Silva pegou um barco e fugiu do porto de Vigo para desbravar os mares nunca antes navegados à procura de uma nova terra para curtir a vida. Encontrou-se erradio por um longo período, eis que se encontrou em São Tomé e Príncipe, próximo ao desaguadouro de uma lagoa conhecida como Lagoa Augusta, lugar em que se deparou com Ana, a filha do homem que ali comandava.

Do encontro entre Ana e o Conde Silva resultou um matrimônio e chegaram duas filhas gêmeas, as quais posteriormente administrariam São Tomé e foi conduzindo de tal modo eis que Ana deu à luz às meninas Valentina e Semprônia.

Na altura em que essas gêmeas vieram ao Mundo, mais um imperador, desta vez um cruel homem chamado Lico, havia tomado São Tomé, ou conquistado, do modo que se fala. Temendo, no entanto, que tais gêmeas amadurecessem e o banissem de lá, o imperador Lico ordenou que as colocassem num cesto e as lançassem pela correnteza da Lagoa Augusta. Lico o fez aproveitando que o Conde Silva tinha saído para caçar e Ana estava adormecida.

A sábia deusa Palas Athena, a Minerva, vendo do alto do Olimpo as gêmeas errando pela correnteza da Lagoa Augusta, apiedou-se delas e resolveu, pois, ajudá-las. Conversou com o líder olímpico Zeus Onipotente, o Jove (ou Júpiter) – de quem era filha partenogênica – para que ele a permitisse que ajudassem as bebês mortais e, tendo sido permitida, resolveu de[s]cer [as]sumindo a forma de uma onça-pintada para, assim, ajudá-las ao resgatar as gêmeas, tirando-as [d]o cesto e amamentando-a[s]. E Palas desceu.

As meninas, pois, resgataram-se – e de uma maneira muito

singular. O cestinho seguiu o rio ao arbítrio da corrente e veio a parar numa orla em que se achava uma onça-pintada, que apanhou as meninas do cesto e as aleitou em simultâneo com a sua filharada de oncinhas e com o amparo de um pica-pau que lhes levava amoras da selva para as bebês comerem.

Um pastor, afinal, achou-as, direcionou-as para seu lar e ali as instruiu. A coincidência é que esse pastor era ninguém mais, ninguém menos que o próprio Conde Silva. Quando Valentina e Semprônia completaram 10 (dez) anos de idade, decidiram edificar e fundar uma cidade. Trocaram ideias acerca dessa questão e não alcançaram uma resolução. Em síntese Valentina solucionou a discordância de uma singela maneira – exilando Semprônia para o Canadá, onde ela mais tarde viria a fundar a cidade de Ottawa.

Deu início, em seguida, à edificação de uma cidade próxima à Lagoa Augusta, precisamente no lugar onde foram pela tigresa salvaguardados. E, primeiramente, batizou-a como Hípata como um tributo ao nome da antiga cidade grega da Tessália, mas, com o passar do tempo, o nome virou Ítaca e tornou-se, pois, um tributo à terra do rei Ulisses, o Odisseu (Οδυσσεύς) – protagonista da Odisseia, de Homero. Todavia, era necessário habitar a cidade, posto que sem pessoas não existe cidade plausível. Valentina pensou na solução de avisar que acolheria todos os expatriados e imigrantes que errassem atormentados nos distintos países próximos e nas cidades próximas também. Mas sucedeu que a sua cidade se habitou apenas de mulheres. De qual modo encontrar homens? Para esse povo todas as coisas eram descomplicadas. Solucionaram a conjuntura do sequente jeito: Convocaram para um ilustre festejo um povo expatriado que existia próximo, os yahoos e os houyhnhnms, e pediram-lhes que levassem os devidos homens. E tanto eles curtiram o festejo e apreciaram imensamente o lugar que por ali permaneceram e até os dias atuais estão – vivendo felizes para sempre. Seria em Ítaca onde nasceria um menino e, por causa dele, a Era de Ferro findaria e o Tempo de Ouro se iniciaria no Mundo.

Foi em Ítaca onde tempos depois viveu um menino chamado Kullervo, que desde pequeno foi educado a gostar de livros. Por isso, durante toda a sua vida, Kullervo foi um apaixonado por leitura e por cavalaria também, tendo este sido o último dos últimos cavalarianos da Távola Quadrada. A Távola Quadrada foi fundada por um dos discípulos de Cristo, um cavalariano bastante religioso, que obteve de Pôncio Pilatos os restos mortais de Cristo e sepultou-o. Tal cavalariano venerava a Cristo com tamanha intensidade na iminência de o povo judeu tê-lo importunado e feito copiosos desfortúnios. Após o ressuscitamento de Cristo, tal cavalariano mudou-se a um despovoado, juntamente com a companhia da maioria dos seus parentes, e vários outros indivíduos. Ali eles suportaram tantos desprovimentos e diversos pereceram famélicos. Sublevaram-se, pois, em desacordo com o cavalariano, seu senhor. O cavalariano viu os desprovimentos pelo qual suportava

seu povo e veementemente rogou a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, a suplicar para que Ele o amparasse a pôr um desfecho a todas essas carências. Nosso Senhor determinou-lhe que fizesse uma távola, precisamente análoga àquela na qual Ele tomara a Santa Ceia conjuntamente aos seus apóstolos. Tal távola careceria de ser perfeitamente adornada e acobertada com alvas teias macias. Em cima dela havia de ser posto uma taça áurea, que o Senhor em si encaminharia ao cavalariano. O Senhor determinou também que ele cobrisse a taça e dela atendesse da melhor forma possível. Tal taça encaminhada por Deus simboliza a congruência e a eucaristia dos benevolentes e dos malditos, e que os benevolentes que possuíram o alcance a tal távola atingiram o êxito de todos os seus desígnios. Todavia, um assento à tal távola permanecia a todo momento desocupado, e simbolizava o Judas Iscariotes que atraiçoou Nosso Senhor e se abancou juntamente com os apóstolos para a Santa Ceia. E no momento em que Nosso Senhor falou: "Em verdade vos falo que um de vós há de atraiçoar-me; aquele que pôr a sua mão na travessa comigo, tal indivíduo é que há de atraiçoar-me", Judas alevantou-se da mesa constrangido e deixou-a. E o assento da mesa continuou vago até que Cristo autorizou que um outro, Matias, nele se abancasse. De tal modo igualmente um assento à távola desse cavalariano teve que permanecer desocupado. Até que Kullervo nele se assentou e purificou a alma de todos traidores. Por isso que ele foi o último dos últimos cavaleiros.

Tal távola fora bastante reverenciada por todos aqueles que agregado a ela se abancaram, e foi por eles denominada de Novo Graal. Reproduzindo o molde de tal távola, fora feita uma outra, análoga a ela. E depois o Conde Silva fez a terceira em nome da Santíssima Trindade. E recebeu o amparo do sábio mago Merlin – o filho do Demônio – e de sua coruja Mérope, tendo sido estes aqueles que contaram a história da távola ao conde e o instruíram a reconstrui-la, para tal obra. Foi uma obra através da qual o Conde Silva alcançou a graça de Deus, tais quais aqueloutros que ele propiciou que ocupassem um assento junto a ela. Todavia, aquela taça áurea arribou em rumo para o Ocidente e atualmente nem mesmo os zeladores da taça conhecem o destino para o qual ela alcançou. Eles o acompanharam só até aquela região. Depois disso, o Conde Silva, que era um cristão fanático e, por causa disso, leitor voraz da Bíblia, após ler um excerto desta no qual Deus diz uma tolice e depois se arrepende de tê-la dito, ele perdeu a sua fé, tendo chegado à conclusão na maior das verdades: se Deus é perfeito e não erra, por que Ele teria dito então uma tolice para conseguintemente se arrepender? Logo, Deus é perfeito, mas a perfeição tem seus erros e, por isso, Ele (ou melhor, ele, com e minúsculo mesmo) é uma força maior que a dos espíritos que andavam outrora na terra e se declaravam deuses – mas que não passam de demônios! –, mas ainda assim não é a mais correta; logo, nem Deus nem os deuses são os caminhos corretos. E que provavelmente o que há é uma força ainda maior que a de Deus, que o teria criado, e que, sendo Deus perfeito, tal força ainda maior seria mais-que-perfeita, e temos que

nomeá-la de Além-Deus. Adoremo-lo, que o Além-Deus é o melhor caminho que há neste Mundo! Glórias ao Além-Deus, a paz esteja com Ele, sim!

Certo dia, numa das leituras que Kullervo fazia, ele leu a seguinte frase do grande escritor americano Mark Twain: "Daqui a vinte anos, tu não hás de ter arrependimento das coisas que realizaste, e sim daquelas que deixaste de realizar. À vista disso, navegue distante de teu porto seguro. Siga os ventos. Explore. Sonhe. Descubra." E essa frase marcou-o e mudou para sempre a sua vida: Kullervo, então, decidiu desbravar o Mundo e nele conheceu vários povos e diferentes culturas dos mais diversos lugares. E Kullervo criou coragem para fazer isso porque entendeu que: No princípio havia o Caos. O Caos era informe, bagunçado… Deus tocou no Caos e fez dele a Terra. Ao criar a Terra, fez dela a pátria de todos os homens./ Quando o homem se apoderou da Terra, ele fez na Terra as fronteiras./ Deus criou a Terra, o homem é que inventou as fronteiras. Não existem fronteiras para o verdadeiro ser humano: O Mundo é de todos nós, desbrave-o!

(Um texto dedicado àqueles que sonham alto, mas têm medo de colocá-lo em prática.)

Antônio Rúbia
Retirolândia/BA

A Graça Do Mundo Nascente

ABRIU OS OLHOS E, POR UM INSTANTE, PENSOU DE VOLTA ESTAR AO ÚTERO. Mas não fora no útero da mãe que pensara, em vez disso, no útero universal, no ventre de Deus, naquelas nuvens estelíferas de pó espacial em cujas tempestades fabulosas colunas de fumaça cintilante colapsam a formar novas estrelas, dando à luz novos chamejantes corações gasosos. Pois o que vira à abertura das pálpebras fora uma lúcida escuridão penumbrosa, radiante, o ar grávido de arcos-íris, úmido e esticado como a pele de uma mulher parturiente, suando cores suaves. Um xamã ou um profeta diria: Eis que nesta manhã começa o mundo. Sentia-se como pai de humanidade, o primeiro entre os homens, e mesmo em suas roupas sentia-se absolutamente nu, bem como pressentia uma nuidade na própria natureza, e uma tal como à de criança que ainda não reconhece o estado da própria nudez. Ora, ele podia muito bem ter sido o primeiro dos hominídeos a levantar a pupila das chãs perspectivas planas e elevá-la à soberba grandiosidade das nuvens vagantes, do sol magnífico, este fogo gentil, e à noite ocorreria o primeiro encontro dum coração humano com a lua e as estrelas — quiçá, seria ele também aquele a tornar-se o primeiro poeta, cogitou, mediante tal encontro. Havia um pudoroso silêncio à toda volta: as cigarras engoliam seu canto; os grilos olhavam atentos do interior dos seus estalidantes corpos secos; os pássaros temiam trazer os céus abaixo com o fragor do seu canto e por isso espremiam a nota prima entre os bicos; os cães pendulavam as cabeças, nervosos, ganindo apenas interiormente, aterrorizados, com medo da futura acusação de terem sido aqueles a ousar quebrarem a placidez primordial. Caso nascesse uma criança naquele exato momento, ela própria poria, censuradora, o dedinho

nos lábios da mãe. A Vida dormia; um grande e vasto coração mantinha consigo, encolhendo-se, contraindo-se, prendendo a própria respiração, quiescente, a próxima batida, qual seria feito o violento despertar de um vulcão milenar, submarino.

Sem se distinguir da natureza, compreendendo-se de imediato tão animal quanto os cães e até mesmo os grilos, ele levantou-se com igual cuidado, pisando com tamanha lentidão que nunca antes o chão provou sê-lhe tão sólido, pois jamais sentira a própria pegada com tanta inteireza — ele pisava, e sobre um chão, e, de alguma forma, instintualmente sabia que lho ampararia também o próximo passo. Era então um aventureiro, um desbravador de mundos, qual os peixes a deslocarem-se do leito oceânico às terras secas, tal como os primeiros humanos a migrar da África ao restante das terras do globo, e em igual medida experimentava preventiva insegurança e insana coragem. Descobria que sobre tudo havia ainda uma placenta irisada, e, embebidos em líquido amniótico, banhados do nutrimental fluido, os organismos da Natureza revelavam-se à sua visão. Lágrimas fulguravam nas lâminas da relva — e poderiam ser tanto os doloridos vazamentos da mãe que com gritos e contrações abre dentro de si caminho para que rasteje para fora o que, nela, é dela, e, a um só tempo, também ela, pois indissociável embora singular parte da própria mãe são os bebês, quanto as garoas de felicidade que emanam dos seus olhos sem nublá-los quando a euforia de segurá-la nos próprios braços é tanta que para expressar-lha tão somente poderiam sorrisos e lágrimas —, e ele quis tocá-las, muito embora soubesse que lhe seria impossível tal ato, pois somente um homem que acabara de nascer ou um que se encontra prestes a morrer poderiam tocá-las; os pássaros arrepiavam e afundavam-se dentro de si mesmos a um só tempo, abrindo parcialmente as asinhas, e cegamente imitou-os, buscando experimentar, desse modo, igual aconchegar-se dentro de si; as frutas pendiam dos galhos como oferendas, cada uma delas sagradas, e mesmo numa árvore só, de alguma forma, teriam entre si gostos completamente singulares e inauditos, primeiríssimos, de rica novidade,

dulçor ou azedume como nunca antes e infinitamente melhor do que outra alguma vez, além disso, não se precisava ter pena, podia-se pegá-los, decisivamente arrancar-lhes dos galhos com força, mordê-los com os marfins duros e a saliva espumosa, e engoli-los com uma careta de prazer cruel, faminto, pois caso se lançasse uma semente à terra dali nasceria, e imediatamente, uma planta semelhantemente bela, florida, viçosa e sazonada, os frutos sumarentos.

Não havia, fosse no ar, n'água ou na terra, pistas da estação na qual se encontrava: alguém que procurasse pelo frio naquele momento imediatamente começaria a tremer e entrechocar os dentes: aquele que buscasse a primavera veria um relâmpago cor-de-rosa florescendo na planície do céu naquele exato momento: quem à procura do verão estivesse suspiraria com cansaço e satisfação enquanto limpava uma testa aquentada e reticulada de salgado orvalho: aquele que ansiasse pelo outono pisaria numa folha seca antes mesmo que novamente respirasse o seguinte fôlego do infinito fluxo. Embora soubesse, muito bem, muito embora somente dês que abrira os olhos, de todos os segredos, nunca ousaria adentrar nos mistérios; os animais, que, como adivinhava, deviam eles próprios naturalmente viverem nesses instantes de graça nos quais o que é vivo vive sem a dolorosa experiência do Tempo fatiado em menores horas, minutos e segundos e dos despenhadeiros da razão que busca compreender incidindo sobre a vida, só vendo o que é há para ver, vivendo o que há para viver, e sendo o que se é no mais essencial à alma da própria natureza íntima; todos prontamente ao nascer iniciados, convivendo, imperturbados, lado a lado com os mistérios, enquanto aos homens apenas se desvelariam, e à porfia, determinados segredos.

Percebendo-se, olhando e olhando com mudo espanto amalgamado a temerosa dúvida, perguntou-se com um movimento interior, precipitado por um sobressalto mental, se estava a sonhar; ou se morrera; ou se apenas agora vivia, e tudo até então fora prelúdio ou de fato pesadelo do qual tão somente agora acordava. Não… não … Estou agora sendo quem sou

quando não tento ser eu mesmo, formulou consigo, toco agora a minha raiz. Tudo possui sua própria raiz, concluiu na sequência, dirigindo-se agora ao que lhe cercava, bem como há uma linfa transluzente e iriada fluindo em tudo, mesmo nos homens, grilos e nas pedras, inclusive nas estrelas. E as existências soam, todas elas eufonizam suas próprias músicas, das abelhas aos anéis de Saturno. Tudo o que vive é um longo e animado fio prateado da grande e veludínea teia da Vida, e suas músicas são o som emitido ao toque dos dedos de Deus. Notara, então, que vivia simplesmente instante no qual se experimenta a graça de ser vivo e de estar-se, ser-se, e encontrar-se acompanhado de outras coisas que estão, que são, e que compartilham da mesma origem, do mesmo princípio delongado, precioso, vital, cosmologicamente raro, e, compreendendo sucessivamente que tal instante é bênção fugaz, e, por isto mesmo, inestimável, como quem acorda à cama e encontra o dia ainda de olhos fechados no exterior das janelas, aprofundando-se assim ainda mais gostosamente no morno sono, ele, qual os pássaros, aconchegou-se de si, pestanejou as asas, e abriu o coração à graça da Natureza que nascia, nascia, nascia.

https://medium.com/@antoniorubia

https://www.instagram.com/_relicarium/

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

O amor nasce e morre em uma oiticica

O Brasil em toda a sua diversidade e abundância de recortes espaciais e temporais esconde mistérios que somente os seus praticantes sabem desvendar. As paisagens são cenários de grande arroubos e ações efetivas de vivências em meio a pastos, serras, veredas, estradas e asfalto recortados por pequenas cidades e grandes metrópoles. Cada um destes recantos esconde um singular de práticas do cotidiano.

Encontramo-nos em meio à paisagem sertaneja, na qual impera um cotidiano onde o homem vive em intimidade com a natureza, considerando que, a primeira muitas vezes, se impõe a presença humana por meio da seca e de uma vegetação desnuda de folhas e alimentos. O homem, por seu turno, utiliza de suas técnicas para continuar a vivência naquelas paisagens sertanejas. Mas, sem sempre o sertão coloca obstáculos a vida do homem.

Deparamo-nos, com o início do século XIX, nas paisagens sertanejas do Rio Grande do Norte, na qual os fazendeiros haviam se instalados naquelas plagas e passavam a ditar as normas do sertão. De terras havia conquistado inúmeras, desde os seus elementares pedidos ao rei português, passando por instrumentalização em fazer os casamentos de seus familiares para enaltecer o seu patrimônio.

Nesse cenário sertanejo, encontramos a família Almeida sendo reconhecida por seu poder proveniente de terras, gados, bens de ouro, de bens de prata e bens de latão. A família era numerosa, em torno, ao todo, de vinte pessoas. Muito cedo os homens começavam a desbravar os sertões de modo a produzir a riqueza da família e as mulheres aprenderem os ofícios de casa para bem se preparar para cuidar de seus filhos e maridos.

A vida naquelas terras, distante do litoral, transcorria sem altercação sendo o senhor Almeida dono e amo de seus bens e de sua família. Jamais, ninguém usou a desafiar o poder daquele fazendeiro que ditava as regras nas suas terras e extrapolava seu poder para além das portarias de sua fazenda. Era reconhecido na cidade, e por seus companheiros fazendeiros que acatavam as sugestões do hábil e atuante dono de terras.

Francisco Almeida se dedicava a cuidar de suas terras com esmero e sabendo de uma nova cultura surgida nas paisagens sertanejas resolveu investir na eminente promessa de lucro em sua região. De imediato, procurou cultivar o algodão e com ele vislumbrar obter mais lucro. Percebeu que necessitava de mais braços para o trabalho, pois a lida com o gado e a

cultura de subsistência já ocupava seus trabalhadores e escravos.

Resolveu empregar uma parte de seu capital na compra de escravos provenientes do Pernambuco para potencializar o trato com o cultivo, apanha e venda do algodão que logo começou a dar seus primeiros furtos. Não demorou a chegar à nova escravaria na fazenda, em sua maioria homens que já haviam nascido em terras brasileiras. O fazendeiro continuava satisfeito com sua visão de progresso e de desenvolvimento.

A fazenda prosperava e tudo caminhava sem altercação. O fazendeiro demonstrava sua soberania para os demais fazendeiros e era visto, por estes últimos, como o senhor mais bem sucedido da região. O que Francisco Almeida não suspeitava era dos encontros amorosos entre sua filha Catarina Almeida e um escravo de nome Alberto que havia chegado à fazenda na compra do Pernambuco.

Todos os dias, Catarina encontrava uma maneira de fugir de sua casa e se encontrar com o cativo. O amor desenrolava-se embaixo de uma grande oiticica, árvore nativa das paisagens dos sertões do Rio Grande do Norte. Embalada nos braços do amante e coberta pelas grandes galhas e folhas da oiticica Catarina sentia-se que a vida surgia e se desenvolvia. Nada poderia separá-la daquela magia. Entretanto, buscava em seu íntimo como revelar o seu amor para sua família. A mocinha passava dias a fio e continua a não encontrar uma saída.

O senhor Francisco não era um amo carrasco com sua escravaria, no entanto, muito menos, adepto de aproximação entre sua família e os cativos. De modo que, Catarina suspeitava que o pai não aceitaria, nunca, seu romance, tendo em vista, seu poder e respeito que os outros fazendeiros tinham por sua família. Não rara às vezes, Francisco já havia mencionado que pretendia casar Catarina com o filho de seu compadre. O que deixava a moça ainda mais assustada com a ameaça real de um futuro casamento do qual não era com seu amor.

Em um dos encontros entre Alberto e Catarina a jovem resolve contar ao amante os planos de seu pai. Alberto pareceu ficar apático com a notícia que Catarina havia te contado. Agora em desespero Catarina somente pensava em fugir com seu amor. Revelou os seus planos a Alberto, mas aquele continuava a demorar em sua fala. A moça então interrogou: O que você acha de nossa situação?

Foi quando o cativo resolveu se pronunciar e afirmar que: eles poderiam continuar com aquelas situação, sem a necessidade de fugir. Catarina se surpreendeu, mas não conseguia entender os motivos da tranquilidade do amado. As semanas foram se passando e os amantes continuavam com o seu amor, contudo parecia que Alberto já não tinha o mesmo interesse por Catarina. Esta, por sua vez, não conseguia perceber que o amado já não a queria como nos meses anteriores.

Catarina continuava a pensar em uma maneira de falar com sua família sobre o seu caso amoroso. Entretanto, em um dia de sol forte em que o solo sertanejo parecia que ia rachar, o pai de Catarina, na hora do almoço, começou a

falar: hoje o negro Alberto me veio comunicar que vai casar. Catarina não podia crê na calmaria de seu pai, aquele parecia satisfeito com a notícia do casório. A moça inocente não demorou a hesitar: papai o senhor vai aceitar?

Francisco Almeida com toda sua expressão de serenidade voltou a falar: claro, atualmente, o casamento de escravos já se tornou comum. É até um meio para que eles evitem planejar uma fuga. Catarina continuava em estado de total surpresa e maior impressão viria quando o pai continuou: Alberto e Amásia já mantêm um relacionamento de anos e agora decidiram se casar, considerando que serão pais. Catarina mudou de cor, quase não podia acreditar naquelas palavras. As lágrimas caíram de seus olhos com um riacho em dia de chuva. O pai indagou o motivo e a jovem apenas disse quase sem fala: emoção.

Ao fim do almoço, Catarina não demorou a sair pela fazenda em busca de Alberto. Ao encontrá-lo perguntou sobre a novidade que o pai havia informado. Ele sem pestanejar não tardou a falar: as coisas são como são. Eu nunca pretendi me casar com você, apenas queria uma aventura com uma sinhazinha que jamais poderia me denunciar, mas casar: somente com minha Amásia. Catarina em um ato de fúria e de desengano resolveu se vingar. Atirou-se em direção de Alberto que se livrou da fúria da jovem inocente. O que aquela não sabia era que logo a frente estava um penhasco, e como sem salvação Catarina de lá foi arremessada.

Ao correr, Alberto ainda viu Catarina caindo de cima dos serrotes e batendo com seu corpo por cima de uma frondosa oiticica até a chegada ao solo. O cativo resolveu descer e ver como estava a sua antiga amante, mas apenas a encontrou sem vida. E como por um trágico acidente, o escravo contou ao senhor Francisco que sua filha estava morta e havia encontrado abaixo do penhasco. O que ninguém nunca saberia era que naquela terrível queda duas vidas foram ceifadas: Catarina e de seu filho que a mesma esperava daqueles dias de amor embalados pelo vento árduo e quente do sertão que encontrava repouso na oiticica do amor.

Arthur Vieira
João Pessoa/PB

Com a sombra das Brasilit

Reluzia na penumbra de tanto suor, o fim se aproximava e o inexplicável se materializou com arrepios e formigamentos que assolaram minha nuca. Minhas pálpebras entraram em convulsão enquanto sentia o jato quente a inundar a buceta dela. Joguei-me todo grudento por cima do seu corpo. Uma temperatura anormal emanava. Da minha parte as pancadas no coração retumbavam em meus ouvidos. Puxei minha pica mole, e encerada, para fora dos entrefolhos dela.

Resfolegava tal qual alguém que viu os pés perderem o chão. Ela parecia um motor de alta capacidade no início das suas atividades. Eu só queria acender um cigarro e estirar meu corpo de barriga pra cima. A pele branca vicejava no quarto lúgubre e o calor das portas e janelas fechadas tributavam nossa sudorese. As linhas macias do cigarro bailavam no ambiente que merecia um breve silêncio.

Sua mão acariciava minhas bolas em uma vã tentativa de reanimar o meu cacete recém exaurido. Na cara que ela queria outra sem tirar de dentro, mas a natureza, ou sei lá deus, não quis assim. Depois os homens é que são foda... Foda é o caralho! Se tivesse meu suporte essa xota tava no serão e ainda pedindo mais.

Sem mesuras, deslizou sua cabeça até o mastro derretido e tentou restaura-lo. A porra do cacete tinha vontade própria – é... um pouco menos de vontade, sinceridade – e parecia bem apático naquele instante. Não me opus ao gesto. Em algum momento ela iria vencer essa batalha. Lá fora o mundo funcionava em prol das suas bagagens cotidianas: compras e vendas, consertos e concertos, carregamentos e desembarques, humilhações e desprezos. O meu pau não tava nem ai... não interrompi aquela gentil boca. Apoiei as mãos atrás da minha cabeça e deixei tudo o que podia acontecer surgir. O sangue que era pra subir pra chapuleta sumiu, se esvaiu, não deu notícias. Só que ela sabia como funcionava a parada toda. Após muito voluntarismo, reagi. Ela tinha que melhorar essa abordagem com os dentes. Reclamo, "mas com a prática se alcança a excelência?". Saiu essa fagulha do meu pensamento. Quando de

chofre, aquela pele escorregadia fez escalada sobre a minha carcaça, que ora entrava, ora saia da minha piroca meia bomba. Com certa dificuldade no manejo, buceta e pica besuntados saiam da rota desejada criando um entrave pra segunda trepa engrenar.

O pau ficou duro, fudemos e meus ovos ficaram doloridos a pampa.

Ela se deitou de costas. Fingia controlar o fôlego. Meus pulmões ardiam, a pele que fazia a capa deles também ardia, só que não em fogo, era gelado. Ela puxava uma respiração pesada, devia estar em uma zona abissal do sono - foi rápido. Sabe... aquela imperturbável. Ameacei dar um abraço nela, fiz menção de levantar o braço, acho que bolinei de leve no seu dorso, o corpo deu uma sacodidela, assim desisti do gesto. Congelei como se estivesse em sono de penedo. Passou um tempinho até o silêncio natural do escuro aparecer. Me ajeitei de cara pra cima e repousei com os braços cruzados em cima do meu torso.

A alcova era de uma canícula desmesurada. Não conseguia pegar no sono, e tal forma não me colocava em uma situação confortável. Busquei uma maneira de desvencilhar-me sem ser notado. Vagaroso, deslizei para fora do catre e alcancei o banheiro. Dei uma enxaguada nas bolas e na glande, depois enchi as duas conchas da mão com a água da pia e golpeei-as com violência na minha cara – demorei a perceber que os movimentos deveriam ter sido feitos em ordem contrária. Passou.

Os grilos chalreavam na lobregues daquele minúsculo barraco. Sabia que não iria dormir, e o bairro onde me ancorei era completamente anômalo a mim. Então, sair de fininho não era uma opção. Me conformei com a minha condição de estranho e busquei um local para sentar, fumar uns cigarros e não esculhambar com o sono daquela silhueta que começara a bramir um ronco que retumbava na vacuidade.

Meus olhos, em dado momento, se familiarizaram com a escuridão que me cingia. Senti meu pau jazido sobre o plástico arranhado da cadeira. Titubeei por duas vezes em pôr os meus panos, logo veio uma projeção idealizada de que suspenderia o seu descanso encovado.

A lomba dela parecia um litoral anecúmeno. Límpido, sem nenhuma deflagração evidente. Um arremedo de lençol lhe cobria os flancos, contudo as pernas enleadas irradiavam um estro invulgar. Os cabelos dormiam em fúria. Divaguei tanto naquele pedaço de carne pulsante que o priapo ressuscitou tal qual um Lázaro. As cavernas foram inundadas de sangue e verve, naturalmente ganhou pulso.

Palmilhei até o banheiro novamente afim de abaixar a temperatura afoita.

Permaneci uns bons minutos com a benga debaixo das lágrimas do chuveiro. Não deu certo. O que me restou foi aplicar a velha bronha. Me coloquei sob a água e sacudi me caralho puxando pelo memento fodas antediluvianas.

Um leve espasmo, e a gala descia ducha abaixo pelo ralo do chão de cimento cru. Pelo menos não escorrega. Na haste do banheiro repousava uma toalha de fios rosa bordado com o nome de "Suellen". Esse não era o nome dela, tentei conjecturas que logo se dissiparam. "Seja lá quem for, não tá aqui".

Catei um cigarro, uma linha de suor verteu da minha fronte, mesmo após uma chuveirada. Voltei ao cagatório. Escolhi uma boa posição e colei na privada, mesmo sem vontade alguma de bater um barro. Fumei tibiamente o cigarro. Geralmente na alta noite eles duram bem menos. A casca da madrugada, finalmente, aparentava se rachar, os fachos de luz da manhã gemiam timidamente. Logo, logo, a madruga se estrebucharia em paridela pra emergir a vida de uma manhã.

Gastei uma sola até esse momento chegar. Tentei colar no colchão sem produzir ruídos, consegui. Aquele vulto de fêmea seguia incólume. Os meus olhos ardiam e uma febril onda oscilava pelas minhas fibras. "Quando chegar no meu barraco vou apagar."

"Como vou falar pra ela que tô sem passagem pra ir embora...?"

Belise Campos

Curitiba/PR

Apenas Morta

— Oi, estou aqui.
Você já tentou me ver?
Você está aí — ainda?
Você já tentou me ouvir?
Por que você está
tão louca?

— Oi, estou aqui.
Nada como a minha dor
de merda pra te deixar
louca.

Rezei — mais uma vez
— para você ficar. Me diga,
por quanto tempo você — ainda
vai jogar?

— Oi, estou aqui.
Você também já esteve aqui?
Parece que sim.
Então, por que você está
— tão pálida?

Você diz que vai enlouquecer.
Apenas — tenha certeza,
não como eu
— querida.

— Ei, relaxe.
Eu não estou aqui.
Ou lá. — /\
Apenas morta. ___/\ / _____.
\/ (Não literalmente. Não se preocupe.)

Beny Barbosa

Fortaleza/CE

Super Kaká, Um Super – Herói Diferente

Naquele tempo, era costume, as crianças brincarem na rua. No sábado à tarde, Carlos Alberto e a sua irmã, estavam sentados no batente, quando se aproximaram dois meninos e o convidaram para brincar. Cabeça e Zezim, o acharam um pouco diferente, mas isso não importava. Já para Kaká, foi uma tarde inesquecível, pois havia se sentido incluído na brincadeira.

Como era tempo de férias escolares, já às oito da manhã, as crianças estavam reunidas para brincar. Zezim e o Cabeça apresentarem Kaká à turma. Netinho pegou o novo amigo pelo braço e foi logo dizendo que a brincadeira era de super-herói. Cadim, que até então não tinha chegado perto, perguntou-lhe em tom desafiador:

–Qual super-herói tu vai ser, novato?

–Ele vai ser... o Homem Vento - Respondeu o Cabeça, pelo amigo – ao perceber que Kaká não sabia o que era um super-herói.

Naquele dia, à tarde, Cabeça foi à casa de Carlos Alberto e foi logo dizendo:

–Olha o que eu trouxe pra tu! disse ele, mostrando-lhe gibis de super heróis, os apresentando e explicando os poderes que cada um.

Depois que eles foram embora, Kaká pediu que a sua mãe fizesse uma capa de super-herói e, como era habilidoso, ele mesmo rabiscou o desenho. No dia seguinte, a indumentária ficou pronta: ela era amarela, batia até a batata da perna e tinha as letras SK, bordadas de linha azul escura. Com as sobras de tecido, a sua mãe ainda fez uma máscara. Dona Arlete entregou-lhe dizendo:

– Agora temos super-herói em casa: o Super Kaká!

O super Kaká saiu correndo pela casa como se estivesse voando. Birimbau, o seu cachorro, vendo aquele alvoroço, foi atrás dele, latindo e tentando alcançar a capa amarela. Eles se divertiram o dia inteiro.

No domingo, dona Arlete pediu ao filho que fosse comprar pão e leite. Deu-lhe o dinheiro já trocado para que ele não se embaralhasse com o troco. Era por volta das sete da manhã quando o menino vestiu a sua capa de super-herói e saiu para mais uma missão. Ele esperava não ter que enfrentar nenhum vilão, pois ainda sentia um pouco de sono; tanto é, que preferiu não ir voando. Em seu bracelete intergaláctico, ativou o modo CAMINHAR LENTO. Contudo, antes que o Super Kaká chegasse ao

seu destino, avistou de longe uma pessoa. Rapidamente, usou a VISÃO QUADRICULANTE, que detectava vilões ao longe, e foi assim, que ele identificou Cadim.

– O que foi, baixinho? Tá me encarando por quê? perguntou ele.

O Super kaká encarou o seu opositor, mas nada falou. Apenas cerrou os punhos, como se fosse acertar-lhe um golpe certeiro.

– O que foi, vai querer me bater? perguntou Cadim, em tom de desafio.

Cadim segurou num de seus braços, apertando-os com bastante força. Contudo, um cachorro apareceu do outro lado da rua e quando o vilão se virou para ver do que se tratava, o Super Kaká aplicou o golpe DESTARRAXA 360º e desvencilhou-se do vilão. Acionou o modo VOO DA ÁGUIA e assim, livrou-se imediatamente daquele ataque. Ao chegar em casa, ele contou à mãe a sua aventura e disse-lhe que só conseguira escapar porque voara. Dona Arlete sorriu para o filho de forma incrédula.

Aquele domingo era o último dia das férias escolares. Estava ventando bastante, muito mais do que o de costume. Kaká estava em casa na companhia apenas da irmã. Ele acordou-se com o som das crianças correndo pela rua. Ainda sonolento, desceu da cama, foi até a sala de visitas, abriu um pouquinho as gretas da janela e viu os colegas fantasiados de super-heróis, correndo pela rua. Ele então não perdeu tempo. Vestiu a sua capa e todos os paramentos de Super Kaká e escapuliu sorrateiro para a rua.

Zezim e o Cabeça, devidamente paramentados de Capitão Tempestade e Caveira Negra, respectivamente, ficaram felizes com a chegada do Super Kaká. Os demais super-heróis foram chegando até formarem a "Aliança do Bem". Pouco tempo depois, um super-herói apontou no início da calçada: a indumentária era toda azul escura, como se fosse um robô espacial. Ele aproximou-se lentamente da turma e, somente quando começou a falar, foi que a criançada o identificou: era Cadim, que foi logo dando o seguinte comando:

– Venham, temos uma missão importante a cumprir!

Sentindo-se desafiado, mas confiante com a presença de seus aliados, o Capitão Tempestade e o Caveira Negra, o Super Kaká armou-se de coragem e prosseguiu.

Os super-heróis caminharam alguns quarteirões até chegarem em frente a um velho prédio, quase desabitado.

Então, Cadim disse aos super heróis:

–A missão é a seguinte: cada um de nós deverá deixar a sua marca lá no alto do prédio – disse ele – apontando para a cobertura do prédio. - Quem não conseguir, estará fora da Aliança do Bem.

Os super-heróis olharam para cima, entreolharam-se e ficaram em silêncio.

– Bando de molengas! bradou Cadim!

Super Kaká não se fez de rogado. Acionou em seu bracelete intergaláctico o modo CORAJOSO e seguiu para a escada, seguido por Cadim, que logo tomou a dianteira do grupo. Sem muita dificuldade, as crianças conseguiram acessar a laje do prédio. Aconteceu que o Super Kaká acionara o modo PASSO SUPERSÔNICO e ultrapassou o líder, chegando primeiro. Para disfarçar a sua irritação, Cadim disse;

–Como você chegou em primeiro, tem o direto de escrever o seu símbolo antes de todos; só que bem aqui na beira, que é a parte reservada aos mais corajosos.

Cadim deu a Kaká lata de tinta e o pincel. Os outros super-heróis fizeram um silêncio temeroso. O Super Kaká, de forma reticente, pegou a lata, o pincel e caminhou em direção ao parapeito. Contudo, quando estava para registrar a sua marca, Cadim correu para impedir-lhe de fazer a sua marca, antes dele. Nesse momento, uma lufada de vento mais forte fez com que Cadim se desequilibrasse e caísse no vácuo. Num zeptossegundo de tempo, Super Kaká acionou, em seu bracelete Intergaláctico, o modo VOO DO FALCÃO PEREGRINO, abriu a capa e saltou no vácuo, desaparecendo do olhar das outras crianças.

Como se acordassem de um sonho, os super-heróis desceram correndo as escadas do prédio, fazendo muito barulho e provocando a ira dos poucos moradores. Esperavam, lá em baixo, encontrar o pior. Contudo, quando alcançaram a calçada, se depararam com Cadim chorando, abraçado ao Super Kaká.

As crianças não entenderam direito o que havia acontecido, mas sabiam que estavam diante de um super-herói diferente.

https://www.facebook.com/benimar.oliveirabarbosa.3/

Billie Bee

Londrina/PR

Poe – (má) – tica do infortúnio

"Todo grande amor traz consigo o cruel

pensamento de matar o objeto do amor [...]".
(Friedrich Nietzsche)

Berenice e sua enfermidade cadavérica
A inteligência inigualável de Ligeia
Eleonora, beleza angélica
Admiração que se fez repulsa: Morella
Annabel Lee dorme numa tumba aos pés do mar...

(Ah!) mar
Sofrimento, agonia, morbidez
que, antes, agora, de vez
respondem pelo nome de mulher

O apreço pelo obscuro,
pelo funesto
personifica-se em um rol
de musas nefastas

Grotescas, desgastam, arrastam
minh'alma para o lúgubre,
o fúnebre
Pertenço a esse lugar

Todas elas (fascínio!)
desviaram-se do caminho
Atormentam minhas horas, meu destino
O etéreo é o oposto de mim

Sou meu próprio prisioneiro, meu maior algoz
Interrogo meus demônios se algum dia terei (a não merecida) paz
O negro pássaro que me guarda na janela
corveja, grasna em tom atroador:
"Nunca, nunca mais".

Branca Lescher
São Paulo/SP

Room with a view

Já faz algum tempo que eu me apaixonei pelo ipê-amarelo do meu jardim. Ele é meio diferente, o caule faz ondas, tem curvas, um bonsai gigante. Já foi ameaçado de morte algumas vezes porque o seu jeito torto já fez acreditarem que ele estava doente, só que não.

Ele é resistente. Está cada dia mais bonito e forte, mesmo com umas pragas que grudam nele de vez em quando. O jardineiro, Florisvaldo, tem ajudado e o jardim todo está lindo, cada dia mais bonito.

Com a pandemia tenho um costume novo. Abro a janela e fico admirando as cores do jardim, sem pressa. São verdes de todos os tons e a palavra "matizes" fica vindo à minha cabeça todas as manhãs. Por que dizer "matizes" se posso dizer cores? Ouvi pela primeira vez a palavra "matizes" da minha mãe quando minha filha Violeta nasceu e fui procurar o significado: "cada uma das diferentes gradações de uma cor".

A natureza tem se vingado de nós. A exuberância dos verdes, das flores e a quantidade de pássaros têm me surpreendido. São Paulo ficou muito mais bonita, pós pandemia; é só passear por aí e observar as cores da cidade com menos poluição. É um paradoxo. A natureza respira e os homens não, morrem todos os dias por falta de ar.

Só fui ao cinema com a minha mãe duas vezes na vida. Uma, na infância, assistir "O Grande Ditador" do Charles Chaplin. Já adulta, "Room With a View", um filme do inglês James Ivory com a Helene Bonham - Carter bem novinha. Quando o revejo me espanta a palidez das imagens mostrando como o tempo passou.

Mas, do mesmo jeito que a palavra "matizes" não sai da minha cabeça todas as manhãs, quando abro a janela do meu quarto e me sinto a pessoa mais sortuda pois tenho um quarto com vista, me lembro do

filme, da minha mãe, de ter ido com ela ao cinema.

Minha mãe não ia ao cinema, nem ao teatro, nem a shows, ela só trabalhava. Ir ao cinema com ela foi espetacular nas duas vezes. Na infância me senti muito importante de estar lá, sem os meus irmãos, na Avenida Paulista. Lembro perfeitamente até da roupa que eu usava. Adulta, eu e meu namorado, nos sentimos muito legais de proporcionar a ela aquele filme que nos havia arrebatado (fomos pela segunda vez, só para levá-la).

A pandemia nos fez tomar posse das nossas casas, o ipê-amarelo é meu amigo agora, tenho dele fotos em todas as horas do dia, em todas as estações do ano.

Minha mãe não está mais por aqui. Gostaria de mostrar a vista do meu quarto pra ela, meu jardim, minha casa que é meu mundo agora. Que pena. Sinto saudades.

www.brancalescher.com

Bruno de Sousa
Santa Maria (Viseu) – Portugal

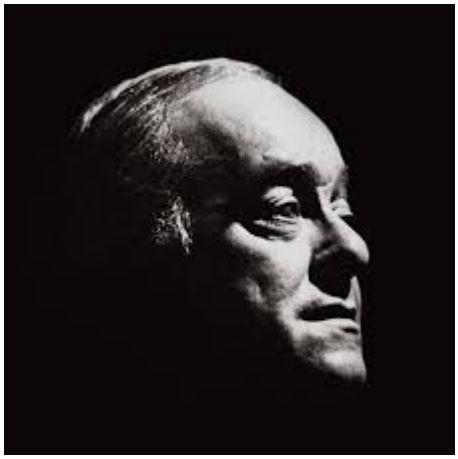
Soneto a Vinicius de Moraes

Poetinha de garota de Ipanema
Boémio do uísque inveterado
Pelos Artistas muito idolatrado
Foi o Rio de Janeiro num poema.

Amante da vida e do bom cinema
Chega de saudade apaixonado
Senhor do samba na rua dançado
Eu sei que vou-te amar o doce lema.

Cigarro soletrado sua trova
Soneto da fidelidade lírico
Diplomata do sonho que se renova.

Do regime arbitrário satírico
Foi violão em versos da bossa nova
Mulher brasileira de corpo onírico.



Bruno Madeira

Rio de Janeiro/RJ

Fantasia da Morte

Muitas vezes já quis vir a morrer. Muitas e muitas mesmo. Porém, nunca sonhei tanto com esse mórbido espetáculo, do que quando ainda me era uma pequena e degenerada criança. Apenas um filhote nesse oceano de atrocidades. No entanto, tente não confundir sua mente confusa; tal sonho jamais era um desejo ou um almejo, como se dá nas tendências suicidas. Na verdade, tudo era uma fantasia de minha criatividade infantil, onde em todos meus traumas e peculiaridades, eu me punha enfim a imaginar: como seria se eu então morresse? Como viriam a reagir e como seguiria o mundo sem mim? Como meus inimigos se afetariam e até o que seria de minha reputação? Tudo isso reluzia em minha mente, e me inspirava – nem que fosse só por um dia – a o quanto antes experienciar essa tal morte. Parecia tão apoteótico e heroico; apenas deixar de existir e ser mais uma das injustiças do universo. Todos se lamentando do que fizeram e do que poderiam ter feito. Lembranças de mim romantizadas e minha imagem sempre intocável – como um próprio santo católico. São Bruno das ilusões. As lágrimas escorreriam por dias nas faces alheias, e meu nome seguiria como saliva na boca dos demais. Enfim viria meu reconhecimento, de se ser somente eu. Apenas e somente – o ser que hei de ser.

E por dias seguia e segui-me nessa vida; fantasiando de todas as facetas essa tão reconfortante morte. Minha própria vida constava nela. Tudo era possível em meu fantasiar, e lá eu habitava tão quanto nesse planeta. Porém de súbito, se era enfim tão bom ter a morte como opção, que conclui que somente estando vivo para ter-se essa escapatória. Morto eu jamais poderia opcionar pela morte, e a ter tão próxima como minha fiel companheira. Minha shotgun. Era somente vivo que eu poderia morrer, e apenas assim que eu podia sonhar.

Desse dia em diante, nunca mais quis estar morto. Somente morrer.

Caique de Oliveira Sobreira Cruz
Salvador/BA

Os enigmas de Yelena

Já faz 22 anos que algumas incógnitas permeiam a minha intranquila alma, ou melhor, o meu cérebro. Desde que eu conheci Yelena, uma colega na época do colegial, quando tínhamos apenas 16 anos, em uma troca de turmas sem precedentes realizada pela direção da instituição, sem qualquer explicação, acabamos por ficar na mesma turma naquele fatídico ano de 1999. A primeira vez que a vi, um enorme pavor me assolou, a sua presença me causou temores e tremores inexplicáveis. Seu rosto era extremamente pálido e o seu semblante, no geral, expressava desesperança e indiferença, sem apresentar afetividade quanto a absolutamente nada. Ela se portava enquanto uma criatura inanimada, dizia-se gótica, mas a sua profundidade e complexidade era muito maior do que um estilo de vida cultural ou uma visão de mundo. Eu nunca havia presenciado um vazio tão imponente como este que chegou a me suscitar calafrios. Daí em diante, coloquei-me na condição de observador incrédulo que precisava compreender aquela pessoa, custando o que custasse, correndo o risco de não conseguir continuar a minha jornada de vida se não pudesse apurar e deslindar todo aquele mistério em que estava envolta. Ela aparentava ser e não ser ao mesmo tempo, estar e não estar. A contradição em sua imanência fervilhava naquele *lócus*. A minha busca, então, tornou-se indelével, uma predestinação ao garoto de nome José, mais conhecido como Zé ou Zezinho.

Mesmo agora, aos 38 anos, ainda me estremeço das cabeças aos pés ao relembrar aquela primeira soberba aparição de uma figura que não temia nem a vida, nem sequer a morte. Aquela garota não esboçava nenhum apego a nada, ao invés, a tudo renunciava, trilhava a sua vida sem depositar nela qualquer sentido, apenas vivia, como um processo em movimento sem qualquer axiologia, tanto que, as últimas palavras que ouvi os seus lábios recitarem foram: "a solidão é a minha ocupação, o meu ofício". Talvez, por azar do destino, a sua falta de sentido tenha se tornado o meu sentido de vida, a obstinação em conseguir compreendê-la deve ser a minha perdição. Meus conhecidos duvidam que de fato ela tenha existido, creditam ter sido um delírio da minha imaginação fértil e, à época, os pesadelos me eram

constantes, porventura, eu tivesse trazido o mundo dos sonhos para a sala de aula. Mas, o fato inconteste é que na contemporaneidade eu encontrei alguns indícios de seu paradeiro, portanto, se por acaso fosse apenas um imaginário, ele continuou até agora e se reverbera até mesmo em redes sociais, dentre outras exibições concretas donde pude verificar a presença dela, de tal sorte que para manter a tese de um mero espectro fantasmagórico eu teria que aderir a um pós-modernismo extremado, não crendo na concreticidade, apenas convencendo-me de que o que está externo a nós são meras representações ideais. Porém, eu nunca tive vocação para mágico, portanto, ainda creio na materialidade, nunca entraria na frente de um trem, por estar convencido de que ele me desfiguraria por inteiro. Por isso, eu prossegui no encalço das respostas que necessito sobre Yelena, apesar de nunca ter havido na minha personalidade uma aspiração de ser um Sherlock Holmes do mundo real. Ela não era e não é uma fábula, pode parecer indecifrável, mas, ainda assim, é de carne e osso. Evidentemente que, provavelmente, seja a "bela alma" descrita pelo romantismo alemão das primeiras fases.

Em meio a perquirição, pude descobrir que ela se tornou uma mulher muito culta, mas, ainda aos 38 anos, continua a esboçar por onde passa, segundo relatos, a indestrutível impressão de que não há nenhum norteamento para a sua vida. No entanto, parece aos meus olhos que eu estava errado quando julguei essa expressão como algo esvaziado de substância, seguramente esta capa apenas camufla uma identidade farta em conteúdo, mas inacessível a mim. Essa avassaladora constatação demonstra a minha fragilidade ao tentar compreender alguém que tem uma ascendência maior do que eu possa sequer cogitar alcançar. Em grego ela seria a reluzente, aquela que cobriria de luz toda a *pólis* ateniense na Ática, acima de qualquer "mundo das ideias" postulado pelos parcos encavernados que acreditavam que o inteligível estava em outra dimensão em relação ao sensível. Ela é filha de Zeus e Leda. É possível que, em meu inconsciente, eu sempre queira ter sido o rei da Lacônia, em sua fase mitológica, para que pudesse estar mais próximo de Yelena, conseguindo desvendar as suas verdadeiras nuances. Ou mesmo um Eslavo, se levarmos em conta a versão absconsa da nominação utilizada neste desafogo, pois, como um clandestino, escondo-me ao pôr do sol, observando recôndito o decair do crepúsculo e o alçar rutilante da sua personificação nos céus de nosso mundo incorrigível.

Após o momentâneo passeio historiográfico, segui o meu itinerário e estive uma temporada na Rússia para compreender as suas origens, lá eu encontrei mais algumas "Yelenas". Com isso, a sua particularidade parecia que iria desmoronar diante de

mim, mas, infelizmente, os termos se apresentaram, por fim, apenas como elementos formais, afinal, a essencialidade que eu almejava desvendar não estava brotando no cotidiano. Hegel afirmava que uma árvore não pode esconder toda a floresta, porém, por mais que eu tente ser um ingênuo hegeliano, apenas poucas árvores pude avistar em terras tão glaciais, mesmo as homônimas me tornaram cada vez mais álgido, o tropicalismo da minha querida gleba já o fora extraído de mim de há muito. A floresta não estava onde eu procurara, e acabei caindo no dilema do maldito projeto de filósofo antecessor a Hegel que falava sobre algo que não conhecia. Como saber o que seria a expressão da "coisa-em-si", se não temos acesso a ela? E como confirmarmos a sua existência se não a conhecemos? Como saber se conhecemos ou não, se somos limitados e ela nos é inacessível? Mesmo sem saber o que exatamente eu estava procurando, tive a certeza de não ter encontrado. Nesta contradição, eu vi a razão ser destruída, logo eu que só queria fazer um manifesto em seu favor, mas, ao contrário, só reafirmo o irracionalismo. Fugir dessa contradição seria ter de me resignar sem a descoberta da essência, conformando-me com a aparência para me estabilizar numa falsa ataraxia estoica, comprimindo as minhas emoções visando a uma falseada *autarkeia*, longe do reino da efetividade. Ergue-se diante de mim o labirinto de Creta, não consigo mais ser humano, demasiadamente humano, apenas uma espécie híbrida à qual Dédalo preferiu trancafiar. Ao menos aniquilamos a linearidade, fazendo emergir das cinzas Hoffmann e Heine. Abaixo a galhardia romanesca moderna! O insólito e o cômico, em interdependência, vestem-nos com melhor etiqueta, como vimos em Kafka ou, até mesmo, no miserável do "Boca do Inferno", aquele salafrário gaudério. Estamos encarcerados em uma paródia societal onde o abominável se traveste de esplêndido, uma embaraçosa dialética social que mostra a identidade aparente para esconder a desigualdade em essência e, é isto que nos é imposto enquanto concepções de "belo e sublime", senhor "filósofo". Deplorável situação estática.

Voltando a Yelena, seguindo as pistas do seu sobrenome, sem precisar utilizar Prada como indumentária, estive nos percalços do malvisto mercenário Giovanni Giustiniani, o imbatível genovês, que estava invicto até avistar em alto mar a queda em ruínas e chamas das grandes fortalezas de Constantinopla. Assim como ele, sinto-me desfalecendo aos poucos, vendo as minhas muralhas arruinadas pelo sentimento de incompletude. Contudo, continuei a minha investigação como um medíocre pesquisador moderno, um trivial e insensato "especialista", só consegui encontrar fragmentos antepassados dela que, por falta de uma teleologia,

fizeram-me descartar a hipótese da união entre passado, presente e futuro. A totalidade necessária para compreender quem tu és, Yelena, parece-me inconcebível dentro dos marcos intelectivos do meu tempo histórico, talvez você seja a última grande síntese da história moderna, como posso compreender algo de tal magnitude? O mero especialista, José, o Zé, ajoelha-se e perece defronte da abrangência universalizante do seu espírito incalculável. Restou-me a emergência da resignação foucaultiana, a luta não tem futuro, a luta só tem presente, e um presente específico em cada luta, sem interligação geral com as demais. Irrompem em nossas almas amarras gigantescas. A resignação frente ao real estrutural estabelecido e o ataque à razão, limitando as suas aspirações e a possibilidade do humano fazer a sua própria história, como posto pelo iluminismo, torna-se a nova verdade dogmática. Como a causalidade, em nossos tempos, tornou-se nada além de uma palavra, tive que descartar o passado e o sobrenome de Yelena. O meu percurso para compreendê-la, então, deveria partir do presente. Entretanto, no rastro das últimas pistas encontradas, seria inevitável ter de me confrontar com uma das maiores turbulências da história humana, o ano de 1789 e o esplendoroso assalto aos céus. Mas, incapaz, não logrei decodificar as suas últimas pegadas. Monet, Pissarro, Courbet, Debret, Delacroix e outros, são muito intensos e expressivos para a minha rude compreensão estética, ainda não consigo sentir toda a arte como Yelena expõe, os impressionistas não estão no meu radar. Todas as vezes em que me aproximo de Yelena e das suas motivações fico mais asfixiado, afogado, imerso numa dialética circular, não consigo me compreender quando não a compreendo. Não conheço as minhas capacidades de interpretar, representar e alterar o mundo pela arte. O meu realismo literário é uma porta de entrada perigosíssima, incontornável. Certa feita, ainda em 1999, Yelena me disse que tomaria nota das objetivações dos meus insights, mas, o medo me impediu de extrair do ideal uma reprodução real dando-lhe o espelho reflexivo que pudesse expor as minhas aflições. Sim, o medo. Mesmo já tendo tomado o conselho do célebre poeta brasileiro de que o medo não é o lugar perfeito para se guardarem as horas. É possível que, naquele instante, fosse a minha única chance genuína de poder entender a essência dela, mas, ao fim e ao cabo, eu não valho uma lágrima dessa dama.

Enfim, mesmo depois de todo o esforço, sei que ainda não alcancei nem a metade da trajetória rumo à completude que Yelena guarda em si. Sempre mal-afamado por todos os cantos, recantos, espaços e, quem sabe até axés, onde pisei. O rabugento e lamurioso Zezinho do contra, o cavaleiro desmoralizado

assemelhado ao utópico descrito por Cervantes. Numa ocasião, em uma aula, Yelena mirou em meus olhos e disse que a sorte estava rindo para mim. Eu deveria ter escutado com maior atenção e realizado uma introspecção para mudar os meus trejeitos introvertidos. Se ela, a sorte, estava sorrindo pra mim, quem sabe, o mais correto teria sido sorrir de volta. Quem sabe, sob a áurea das sentenças sinistras daquela moça decidida e de uma frieza sem igual, eu pudesse levar como uma verdade que a sorte acabara de se tornar a minha sombra, incorporando-se a mim tal qual um segundo nome. Porém, é tarde demais para ouvir os conselhos firmes e valiosos de Yelena, não a vejo pessoalmente há 22 anos. Hoje em dia nem a coruja de minerva Hegeliana conseguirá acompanhá-la. E, sinceramente, não sei se sentir a sua presença novamente seria algo progressivo ou regressivo, mas, faz-se necessário, para sentir que ainda existo, pois, eu penso, mas não sei se, por isso, existo, não tenho essa convicção. Muitas dúvidas e poucas certezas. Não conseguirei realizar um salto adiante antes de compreender totalmente Yelena, sem adaptar remorsos, dissabores e dores. As correntes do passado são muito fortes. Os grilhões apertados e pesados. As perdas sempre sugerem a impossibilidade da repetição do que foi bom, impedindo o próprio devir. Nada mais vem a ser, pois, não poderá vir a ser como já o veio a ser, nunca mais viera ou mesmo virá a ser, as rupturas não cessam. Estou convicto de que apenas alguém da envergadura de Yelena, que vive sem prestar contas ao mundo, poderá me fornecer a luz no fim do túnel. Isso significa que Vygotsky e Maiakovski tinham razão, eu só conseguirei viver em conjunto com o outro e, este outro, apresenta-se sob o nome de Yelena. Os melhores editores dizem para eu ajustar a minha escrita, aperfeiçoar os meus termos, pois, muitas vezes, faço-me incompreensível, com uma linguagem "oculta", mas, como posso me fazer compreensível aos outros se nem eu mesmo ainda me compreendo? Eis a questão.

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere – Baião – Portugal

Solidão

Não me arrastem para onde não quero
Ou ponham na minha boca palavras
Que só de soletrá-las desespero,
Teu sonho é sertão que só tu lavras!

Quero ficar longe, entre loucuras,
Como arbusto esquecido e derrubado,
Fazer dessa toada as partituras,
Não me interessa ser o derrotado.

E quando me tocar a escuridão
Serei como a urze simples florinha
A que ninguém tira a imensidão.

Então balbuciarei uma oração
E minha alma há de restar sozinha
A penar no amargo da solidão.

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Balangandãs

Ah...
Carnaval... Cores, alegria e muita chica chica boom chic.
Não importa a cor da pele, rico e pobre todos se envolvem no samba que tem canjerê
E muita batucada.
Fiu!Fiu! Epa! Espera aí! Fiu fiu com respeito as belas que requebra a escadeira e balança os seus balangandãs.
Chica chica boom é nosso samba brasileiro.
Mexe os pés mulato do pandeiro!
Requebra pra ele bela mulata faceira!
" Taí, você tem! Você tem que dar o seu coração pra ele".
Quem não tem balangandãs não samba.
Bora mulata! Bota seus pés no movimento do tico-tico tá comendo o meu fubá.
Salve, salve Carmen Miranda!
Chica chica boom chic!
Bate o pandeiro velho sambeiro!
Chica chica boom chic!
(Esse ano de 2021 o nosso CARNAVAL BRASILEIRO aconteceu dentro dos nossos corações/pandemia 2020/2021)

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Memórias de ilusões

O nome dela, ele balbucia
A plúmbea aquarela, a trágica azia
Noites como esta se discorrem a fio
E o que me resta: nada mais que um vazio

Ele sai discreto, sob a sombra da lua
Sôfrego desafeto, a despedida crua
Eu o espio da janela, a outra sob seus braços
Dantes eu, a Cinderela; me encolho, me desfaço!

Só de rebobinar aquele nosso dia...
Formamos um par, o piano rugia;
Sua pegada profunda, seu beijo ardente
Fascínio que inunda, erótica enchente.

Porém, a desgraça no baile atual
Ele a caça como um ingênuo pardal -
A conduz ao meio, pede acompanhamento de orquestra
Rodopio num desnorteio, a repulsa me sequestra.

A intensa troca de olhar, os lábios em contato
Os dois a se entregar num ruído insensato
Eu admito… a outra… bem mais bela
Interno conflito, ferida sequela.

Eu me oculto, me refugio na poesia
Lírico tumulto, verso em sangria
Assim a partida, o desfecho cretino
Grafia caída, cruel figurino.

Catarina Dinis Pinto
Amarante- Portugal

E só a poesia…

E só a poesia nos traz a cor do amor,
A cor da saudade,
A cor da desilusão,
Quando o mar se desvanece com encanto,
De uma sereia,
Que navega nas ondas dos seus sonhos.
E só a poesia nos traz a cor da solidão,
De um adeus perpétuo,
Uma alma que não desiste do impossível.
E só a poesia escreve,
O que boca não consegue dizer,
E fica em silencio
Para não trair as razões…

https://www.facebook.com/catarina.dinisramos/
https://www.facebook.com/Autoracatarinadpinto-254206278801280

Cayan Gomes de Oliveira
Botuporã/BA

Equilíbrio

Precisamos de equilíbrio.
Pernas fortes,
Boa postura,
Cabeça no lugar,
Costas musculosas,
Flexibilidade.
Precisamos de equilíbrio.
Num mundo cheio de pedras
para se tropeçar
E gente para nos derrubar,
jogar pesos em nossas costas.
Precisamos de equilíbrio.

César Aquino Bezerra
Manaus/AM

Esquecidas

Sabes, sinto tua falta

A saudade daqueles poucos momentos

Brinca com meus pensamentos

Resta-me olhar de longe

Impressionado como ficas cada vez mais linda

No meu ciúme que dói tanto

Amando você

Como também me amas

Enquanto nossas promessas

São pouco a pouco esquecidas

Agora eu te perco

Restando meus pensamentos

http://www.facebook.com/PseudopoetaCAB/

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Poema

Abro ritualisticamente cada botão
Do marfim à porcelana, há um corpo de carne e sonhos dos músculos que voluntários se abrem
Como é virtuoso o rosa da pele, o sagrado templo da mulher e das pétalas carmim nascido do tremor das faces e os roçar das coxas
entre o olhar e o desejo das mãos, tantas pequenas vidas a nascerem da compreensão do bem que me fazes
Hoje me recuso a usar o manto das esperas, tudo me cabe e me chama
o sol de diferentes séculos se transforma em teus seios
O sussurro da voz que escapa da gravidade prematura de muitas felicidades
A tentativa de definir o que sinto me escapa, deixo-a ir,
o olhar pensativo se vai entre as paisagens e os momentos
Dou meia-volta sobre o corpo que concede o gozo
Queixo encravado no ombro como se visitasse outro mundo
Como se visse dentro do espelho o exausto homem a aprender novamente as velhas canções de amor
As provações sendo cicatrizadas,
As feridas sendo fechadas, enquanto há um murmúrio suave das peles ganhando novas células
Os segredos contados ao livro de dupla face, nas páginas sem fim. O suor de baunilha perfuma o ar como um aroma recém-nascido
e a suavidade das palavras que envolvem um amante no outro,
Como o indefinido espaço entre o outono e a primavera

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

Saudades da Minha Infância

Sinto saudades da minha infância, de tudo o que eu podia fazer e hoje não posso mais. Não por ter crescido, mas porque os tempos são outros.

Eu podia chamar meu vizinho de pretinho, que ele ria, com diversão e inocência, podia chamar meu colega de gay, sem estar ofendendo-o, somente por brincadeira mesmo.

Corria pelas ruas, andava de bicicleta, com menor risco de vir um desvairado correndo de carro e atropelar-me ou vir uma pessoa de má fé e abordar-me.

Brincava de biloca, de bandeirinha; os motoristas, quando passavam de carro, diminuíam a velocidade, esperando que nós saíssemos da rua, como se estivessem recordando-se de terem passado por essa fase um dia. Muitas vezes, inclusive, sorriam das nossas peraltices.

Tocávamos campainhas nas casas e saíamos correndo; alguns moradores ficavam muito bravos, aliás, essa era nossa intenção, mas via olhares de idosos, nas sacadas destas casas, sorrindo, como se a pensar: “eu também já fiz isso”.

Gostávamos de brincar com as figuras históricas da cidade. Conhecíamos suas particularidades e excentricidades. Era nossa diversão favorita. Gritávamos:

— Maria da tosse! Maria da tosse! (sabíamos que ela não gostava deste apelido). E tossíamos até não aguentarmos mais.

Devido ao fato de ela odiar quando alguém tossia perto dela, corria atrás de nós. E isso nos divertia muito; subíamos nas árvores para nos esconder.

— Zé cagão, vou contar pra sua mãe que você fez arte na rua!

E lá vinha ele, com suas calças sempre mais abaixadas que o normal, erguendo-as e jogando pedra em nós.

Hoje tudo é desrespeito, é discriminação, é bullying e já não podemos deixar que nossos filhos brinquem como brincávamos, pois o mundo e as pessoas mudaram, estão mais violentas e maliciosas.

Eu tinha em mim, desde cedo, certa maldade adquirida dos mais velhos, que gostavam de usar-me para atingir outras pessoas. Tinha comigo mágoas e rancores que não deveriam existir no coração de uma criança. Eu me sentia diferente.

Mas bastava eu chegar à casa da minha avó, embalar-me em seus braços, ser acolhida pelo seu carinho, que já voltava a ser criança, com toda a minha pureza e inocência. E juntas aprontávamos muito: botávamos os meninos, que teimavam em subir no pé de goiaba de sua casa, para correr, assustávamos os que tentavam roubar jabuticaba, e nos acabávamos de tanto rir do susto que esses moleques levavam.

Fazia também as minhas maldades, sob a proteção da minha avó. Pegava uma

vassoura e tocava todos os amigos do meu irmão, que iam para casa jogar videogame – ela não gostava de barulho e bagunça - e corria para perto dela, que já me esperava de braços abertos para defender-me de tudo e todos.

Eu podia tudo. Furtava mexericas na casa do vizinho, juntamente com a turma, atentava os velhinhos pedindo para que eles tirassem suas dentaduras. Eles riam muito. Imagino, hoje, que era como se estivessem lembrando-se de quando tinham a nossa idade e, querendo ou não, éramos suas únicas companhias. E não os ofendíamos, só brincávamos. Mas hoje seria considerado ofensa.

No momento em que a coisa ficava complicada para o nosso lado, quando, às vezes, jogando bola, quebrávamos a janela do vizinho ou arranhávamos carros, passeando com nossas bicicletas, temíamos e corríamos.

Cada qual sabia onde deveria esconder-se. Era sempre para casa da minha avó que eu ia e, prontamente, ela dizia, quando alguém batia em sua porta:

— Minha neta? Vocês estão enganados, nenhum dos meus netos sequer saiu de casa hoje.

E quando eu pensava "*ixi*, agora ela vai brigar comigo", ela me pedia para contar detalhes e ria, ria muito, ria gostoso.

Todo ano tínhamos festa de aniversário, organizada pela minha avó. Ela fazia questão de preparar tudo, desde os docinhos até o bolo. Enquanto ela viveu, nunca ficamos sem festa de aniversário. E, às escondidas, eu dava doces, bolo, balas, que ela pegava, furtivamente, e guardava onde coubesse; dentro dos paletós no guarda-roupas, nas gavetas, pois era diabética e os filhos não a deixavam comer doces. Eu não sabia das consequências de tal ato, apenas queria agradá-la.

Quando chegava a minha casa, eu já não era mais a criança inocente e travessa. Tinha que ouvir conversas de gente grande, ser alvo de discórdias, usavam-me para isso e eu, sem saber do que se tratava, apenas fazia o que me mandavam. E mesmo sem saber o significado de muitas palavras ditas por mim, era comigo que brigavam. O culpado é sempre quem diz e não quem manda dizer.

Quando chegava ansiosa da escola, lugar em que também não me sentia confortável, pois eu gostava mesmo era de brincar com meus colegas do bairro, corria para a casa da minha avó, que já estava a minha espera. Cantava músicas, contava piadas, histórias de sua infância, causos da família.

Toda a minha infância, as minhas alegrias e travessuras foram vividas com ela ou sob os olhares e aprovação dela.

Um dia ela se foi, eu tinha apenas dez anos. Com ela foi também toda a minha infância, a minha alegria, foi um pedaço de mim que só era mostrado quando estávamos juntas.

Amadureci precocemente. Com dez anos já não era mais uma criança, não podia ser.

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Em Algum Lugar Do Cerrado

Aqui no meu cerrado,
Lugar que pude ver subir os alicerces
Meu recanto, minha vida, inexplorado...
Terra de amores campestres.

Daqui posso ouvir o canto dos passarinhos
As chuvas daqui caem com mais doçura
Se olho para os lados, escrituras em pergaminhos
A suave brisa toca meus cabelos em travessura.

Por entre aqui, ainda posso ver os pastos verdes...
Por entre aqui ainda posso ver flores e rochedos
Olhando para o infinito dos céus, envaidecerdes
Sinto a presença de Deus, perfumes e segredos.

Amor, grandioso amor que eleva o mundo
Espalhe alegria, serenidade e gratidão.
Esteja sempre em nós, mesmo que por um segundo
Frutos, folhas e flores, alimentem também meu coração,

Cosme Silva
Maceió/AL

Sem amor

Estava vendo os moleques aqui da rua fumando um e falar de mulher quando o Pé de Poeira soltou a letra: "Eu só sofro por mulher quando estou bêbado ou de lança". A única vez que vi o Pé com namorada foi quando se mudou pra cá.

Pé era pescador e morava na favela do Jaraguá. Derrubaram a favela e ele veio com a família de cinco irmãos pra parte alta. Gislene veio com ele. Um amor da peste! Um dia as coisas ficaram difíceis e os pais de Gislene foram morar no interior. Pela distância o amor teve que acabar.

Agora quando bebe ou bafora, o Pé fica gritando na rua. Canta Belo, chora, esbraveja. Hoje vai ser um desses dias. Não demora e alguém traz uma garrafa de 51. Então vai ter show, Pé cantando e chorando. Até o sol surgir por entre os barracos, vamos ouvi-lo gritando o nome de Gislene, que agora mora em Murici e namora um cara sem apelido, sem amor.

Daniel Cardoso Alves
Belo Horizonte/MG

Baiano sem lar

Foto: Daniel Cardoso Alves, 2020.

Desço da Bahia em direção às Gerais. Vou em busca de labuta. Lá, na Bahia, deixo minha casa, meus amigos, minha família, meu amor ... Deixo meu lar!

Chego nas Gerais para labutar. Sinto-me só, perdido, sem minha casa, sem meus amigos, sem minha família, sem meu amor ... Sem meu lar!

De início, me ponho à busca por um lar. Não o encontro. Me engano com o labutar... Deixa pra lá! Não desisto, me ponho a uma casa buscar. Contento-me com 22 m² num dos arranha-céus do centro urbano da capital das Gerais. Sigo sem meus amigos, sem minha família, sem meu amor... Sem meu lar!

Com o tempo, conheço muitas pessoas. Mas, não fecharão em uma mão as que se tornarão amizades

verdadeiras. Sigo sem minha família, sem meu amor ... Sem meu lar!

Eis que vem a tal da COVID e me obriga o engano parar. Sem labor, sem fuga, me sinto sufocado, um gigante preso numa caixa vertical de 22 m². Grito por socorro, preciso de espaço para respirar. Preciso da minha família, do meu amor ... Do meu lar!

Saio pelas ruas de um vazio, estranho e temeroso centro urbano à procura de uma casa com espaço para respirar. Subo Bahia, desço Floresta, como cantava Rômulo Paes... Preciso do meu lar!

Nesse sobe e desce, com um estranho e sufocante adereço na face para me proteger da tal COVID, encontro um suposto lar. Ah, nele minha família pode entrar... Aqui será meu lar!

Me mudo para o suposto lar. Em poucos meses chega Blessed... Au-au! Ouço latidos de cachorro... Um som familiar!

Mas, cadê meu amor? - Está lá Bahia. Agora tenho casa, amigos, família, mas não tenho amor. Pode um lar sem amor? Pode um amor sem lar? Paro e penso: Preciso do meu lar...

Suspiro e clamo: Ah, Bahia, que vontade de voltar!

@danielcalves_

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Poema – Flor

Por vezes, você me pediu um poema.
Distraída pela vida,
comprei bombons, utilidades variadas,
Bolsas, roupas, enfeites
e posterguei os versos para mais tarde.

Mas hoje, por ocasião do seu aniversário,
quero, imensamente, presenteá-la
com um poema.
Por isso, nos últimos dias,
eu cultivei: palavra por palavra,
pétala por pétala,
caule e raiz
até brotar poema-flor.

Pelos seus sessenta aninhos,
parabéns com muito amor!

Desenho: Mariana Genaro

David Ehrlich

Curitiba/PR

O Mesmo

Havia bastante gente no parque. Com a bola de basquete embaixo do braço, Cruz olhava para o celular enquanto digitava uma mensagem carinhosa. Ao lado dele, sua irmã fazia careta, mas o jovem pouco se importou. Estava surpreso que tinha conseguido manter conversa por tanto tempo com a menina que conheceu no aplicativo de relacionamento, e amanhã seria o grande dia em que eles se conheceriam pessoalmente. Mas não hoje. Hoje era outro grande dia.

Reconheceu Jedi à distância: apesar do parque cheio, não era difícil reconhecer um poste de mais de 2 metros de altura. Vendo-o de perto, porém, começou a se perguntar se aquele realmente era o mesmo Jedi com quem vinha jogando basquete há tanto tempo: estava extremamente pálido, e o jovem, que já era naturalmente magro, estava quase só osso. Se ele estava assim agora, Cruz não queria nem imaginar o estado no qual ele saiu do hospital após todo aquele tempo entubado na UTI.

- Vai mesmo jogar? – Perguntou Cruz.

- Nunca arreguei um jogo na minha vida, vou arregar agora? – Respondeu Jedi, com um leve tom ofendido na voz.

Cruz encolheu os ombros e entregou a bola para sua irmã. Ela não desgrudava os olhos de Jedi. Cruz conseguia entender: jamais contaria para ela, mas a tinha ouvido chorar sozinha no banheiro quando veio a notícia de que Jedi fora internado.

Os três se posicionaram no centro da quadra, e a irmã jogou a bola, começando a partida. Cruz pegou a bola, porém manteve-se afastado de Jedi, demorando-se para correr até a cesta. Queria ver se seu rival continuava o mesmo. Vinte e uma vezes eles se confrontaram naquela quadra. E vinte e uma vezes Jedi venceu. Não que Cruz fosse um mal jogador: ele foi o líder do time da sua escola, e agora na faculdade estava representando muito bem a atlética do seu curso. Mas Jedi era de outro nível. Poderia estar jogando profissionalmente. Se ele não jogava porque não queria ou porque não aparecia oportunidade, Cruz não sabia. Talvez sua irmã soubesse. Mas de uma forma ou de outra, Jedi era o único jogador de basquete que Cruz nunca havia conseguido vencer.

Isso, porém, foi antes da quarentena. Antes de Jedi ficar doente e quase morrer. Jovem, histórico de atleta, fora do grupo de risco, nada disso importou. Até agora Cruz não havia criado coragem de perguntar como havia sido: qualquer resposta, com certeza, seria pior do que ele gostaria de imaginar.

Enquanto divagava, Jedi avançou e conseguiu roubar-lhe a bola. Alguns passos largos e estava fazendo uma cesta. Com um pedaço de giz, a irmã de Cruz começou a marcar pontos no bloco de concreto sobre o qual estava sentada.

O jogo recomeçou, e agora Cruz não se deixou distrair: correu, se esquivou, arremessou a bola e... Cesta! Comemorou com um soco no ar, mas uma única cesta não significava nada: sempre fazia cestas ao jogar contra Jedi, e ao final Jedi sempre ganhava. Notou, porém, que este estava jogando diferente. Jedi era muito rápido e dava passos bem mais largos que Cruz, saltando como uma gazela de um lado ao outro da quadra. Agora, porém, ele não estava se movimentando tanto. Limitava seus movimentos, e após algumas cestas Cruz percebeu que Jedi estava ofegante bem antes do normal. Mas o que Jedi perdeu em agilidade e condicionamento durante a quarentena, agora compensava com movimentos extremamente calculados. Cruz podia quase ver as engrenagens em sua cabeça funcionando, avaliando como ter o máximo de eficiência com o mínimo de movimentos possíveis. Se antes ele sempre corria atrás de Cruz com esperança de roubar a bola, agora Jedi o deixava fazer a cesta quando percebia que não conseguiria evitar isso.

O jogo agora estava mais equilibrado do que antes da quarentena... Mas não mais fácil. Pelos riscos de giz no bloco de concreto, via-se que Jedi ainda mantinha uma pequena vantagem de dois pontos. O corpo de Cruz estava inteiramente coberto de suor, e com o tempo esfriando antes do por do sol aproximava-se a hora de terminar com a partida. Cruz resolveu arriscar: ao invés de avançar em direção à cesta, correu na direção oposta e, do outro lado da quadra, atirou a bola, acertando o alvo.

- Três pontos! – Cruz gritou, vitorioso.

- Que três pontos?! – Jedi gritou de volta, indignado – Você pisou fora da quadra, que eu vi! Foi falta isso aí!

- Pisei dentro! Oh, mana, pisei dentro ou fora?!

- Hã... – A irmã de Cruz estava em dúvida – Daqui não deu pra ver.

- Exatamente! Pô, Cruz, a gente não tinha combinado de não fazer três pontos desse canto, que ela não consegue ver direito sentada ali?!

- Afe, isso foi lá no primeiro jogo! A gente nunca mais falou nisso!

- Porque a gente nunca mais conseguiu fazer três pontos dali! Qual é, Cruz, tava vindo aqui escondido durante a quarentena pra treinar e não me contou?!

Dizendo isso, Jedi avançou contra Cruz, caindo em cima dele para dar-lhe um soco. Cruz revidou. Não podia haver um jogo de basquete entre eles sem que em algum momento partissem para a porrada um contra o outro. E foi nesse momento que Cruz percebeu uma coisa:

- Caraca, maluco, você estava se poupando o jogo inteiro só pra me bater?!

Jedi não disse nada, mas o olhar dele foi toda a resposta.

- Ah, eu te mato, seu desgraçado! – E rolaram pela quadra, esganando e puxando os cabelos um do outro. E então riram. Começaram a rir ao mesmo tempo. Até a irmã de Cruz riu. Jedi podia ter passado por tudo que passou, mas continuava o mesmo.

- Muito bem, vamos acabar com isso! – Gritou a irmã de Cruz após todo mundo se acalmar – Quem fizer cesta agora ganha o jogo! Estão prontos?!

Cruz e Jedi se levantaram e ficaram a postos no centro da quadra. Sorriam um para o outro, com fogo nos olhos.

- Vai! – A irmã de Cruz soltou a bola.

https://www.facebook.com/david.ehrlich.52/

David Leite

O oitavo selo – jogando palitinho com a morte

— Eis cá eu com meu fim. Nunca inesperado, sempre impressentido. Quem sou mais que alguém para não ser essa corda esticada entre um abismo, sem liga de fato entre um e outro. Lona.

— És humano, não mais que isso, sabe de sua finitude e jamais pode me predicar impressentir sendo tão incauto quanto é. Aposta em lona segurando um palitinho na mão, ó criatura.

— Perdão pela imprudência. Me comove estar defronte de minha morte. Não espere que eu ainda conserve o gosto por contar. São poucas as coisas que quero contar, tantas seriam caso não me envergonhasse de muitas delas. 3.

— Não preciso que conte nada do que imagina precisar, apenas os palitinhos. De resto, estive com você sua vida inteira, a cada momento, dos mais sórdidos aos mais sacros. Não sou juiz de nenhum deles. Meu fim é esse que conhece, findar essa etapa de sua jornada, e talvez iniciar outra. Não conheço nada além do limiar em que transito. 2.

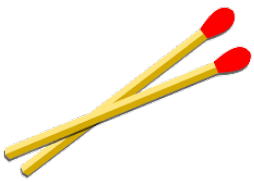
— Entendo. É um fardo, mesmo para um ente como tu, apagar a centelha das crias do mundo. São tantas...1

— Por isso troquei o xadrez pela purrinha. Tem tornado mais ágil o processo. Principalmente com pessoas como tu que são uma negação nisso. Lona.

— É...parece que foi. Perco com a magnanimidade de alguém que perdeu em um jogo de buteco. Creio que fiz tudo o que pude em vida para chegar até aqui, exceto, talvez, ser um pouco melhor em contar. Sigamos, esperado amigo, adelante com meu sono solene. Que em meu epitáfio haja a gravura de dois palitos, que é tudo que sobrei em mãos. O resto deixei para a terra profanar.

— Já era hora. Me acompanhe, alma-perdida, para seu devido descanso. Algum último pedido?

— Uma melhor de 3?



Dias Campos
São Paulo/SP

Mezinha

Conversava, há pouco, com um amigo ao telefone. A certa altura, perguntei se ele teria alguma dica que me ajudasse a dormir, pois tive insônia na noite anterior e queria garantir uma noite revigorante.

Ele respondeu que bastava ir de carona com a sogra ao supermercado.

Eu ri, mas insisti no pedido.

E ele teimou na resposta; e pediu que prestasse atenção.

Esta indicação, faço questão de compartilhar com você, amigo leitor, sobretudo nestes tempos de confinamento, em que rir é o melhor dos medicamentos.

Em um determinado sábado, sua sogra teve a ideia de ir visitá-lo pela manhã. Na realidade, o que ela pretendia era rever a filha e o neto, e pedir para que ele a levasse ao supermercado, quando, então, faria dele o seu carregador.

Antes de responder, meu amigo resolveu consultar sua esposa com um simples golpe de vista.

Mas como ela permanecia de braços cruzados, sobrancelhas levantadas, e com a cabeça levemente inclinada para frente, alternativa não teve senão a de aceitar o pedido, buscando encobrir o sorriso amarelo.

No entanto, como não digerisse o terrível ônus de mão beijada, aproveitou a oportunidade para economizar combustível, justificando que teriam que ir com o carro dela, pois o seu estava mais sujo que um utilitário recém-saído de um rali.

Partiram logo depois do almoço. Ele foi no assento do carona, pois sua sogra jamais admitiria que dirigisse a sua preciosidade.

Só que sua sogra nunca foi uma condutora exemplar. Daí que toda vez que ela cometia uma barbeiragem, além de ter que engolir as frases solidárias que vinham dos outros motoristas, ela ainda teve que aguentar os seus olhares que, vindos de esguelha e acompanhados de um levíssimo sorriso, incomodavam bem mais do que o linguajar alheio.

Por óbvio que a alegria se manteve durante as compras, pois sua sogra se esforçava para agir como se nada tivesse acontecido, e ele se desdobrava para não rir a cada vez que trocavam palavras.

O retorno não foi menos monótono que prazeroso.

Sua sogra se despediu em torno das dezenove horas. E se você acha que ela saiu muito tarde, bem mais tarde teria saído se tivesse ficado para o jantar!

Quando foi para a cama, ensaiou relatar para a esposa todas as imprudências, imperícias e violações que sua mãe tinha cometido, sobretudo as que foram registradas pelas câmeras do CET.

No entanto, como sua esposa estava exausta, e morrendo de sono, o jeito foi deixar o relato para o dia seguinte.

Mas como o sono não vinha, resolveu refazer mentalmente a ida e a volta até o supermercado.

E a cada vez que se lembrava dos votos de felicidade que sua sogra recebia dos outros condutores, que calculava os pontos que acumularia na carteira de motorista, e que estimava o valor que teria que desembolsar para pagar as multas de trânsito, mais sorridente ficava, mais seu corpo relaxava, e mais sua alma se preparava para uma noite de belos sonhos.

Daí foi só virar de lado, e dormir o sono dos justos.

Depois de rirmos, eu agradeci a sugestão, mas dela declinei, pois além de gostar muito da minha sogra, era obrigado a confessar que ela dirigia muito melhor do que eu. O jeito seria apelar para os barbitúricos, caso a insônia retornasse.

Aconselhou, então, que usasse esses venenos só em último caso, pois sempre ouviu dizer que diminuíam o tempo de vida.

Sendo assim, ouso abusar da sua paciência, leitor amigo, e peço uma indicação. Por acaso você sabe de alguma mezinha que me ajude a dormir?

Domênico Darone

Embu das Artes/SP

Sobre o vazio que ficou

Ela mora em Minas Gerais e eu em São Paulo, nos falamos ao telefone todos os dias no período das tardes; sua voz estridente e gostosa sempre domina a conversa. Ela me conta sobre seus 'pobremas', das suas dores, doenças, remédios...

Eu tento falar com ela sobre livros, séries, filmes e músicas, mas ela não se interessa. Seu gosto musical se define em ouvir aos cantores Amilton Lelo e Barrerito, um cantava música caipira triste e o outro era conhecido como o cantor das andorinhas. Ela também gosta de ouvir Moacyr Franco e Roberto Carlos.

Ao telefone falávamos sobre tudo, fazíamos fofocas, ríamos e planejávamos o futuro. Eram horas e mais horas gastas em ligações incessantes.

Dia desses eu comentei com ela que queria me casar e que queria ver ela toda linda na cerimônia, mas ela seriamente me respondeu:

— Será que eu estarei viva até lá?

Conversávamos muito sobre a trajetória de nossas vidas, sobre a própria vida em si e também sobre a morte. Minha mãezinha sempre quis viver, queria aproveitar as coisas boas desta vida, como dormir, comer bem, viajar…

Tive que voltar para Minas Gerais e o sofá vazio na sala esfregou na minha face o que estava acontecendo. Mainha que queria tanto viver, morreu.

Dorilda Almeida

Salvador/BA

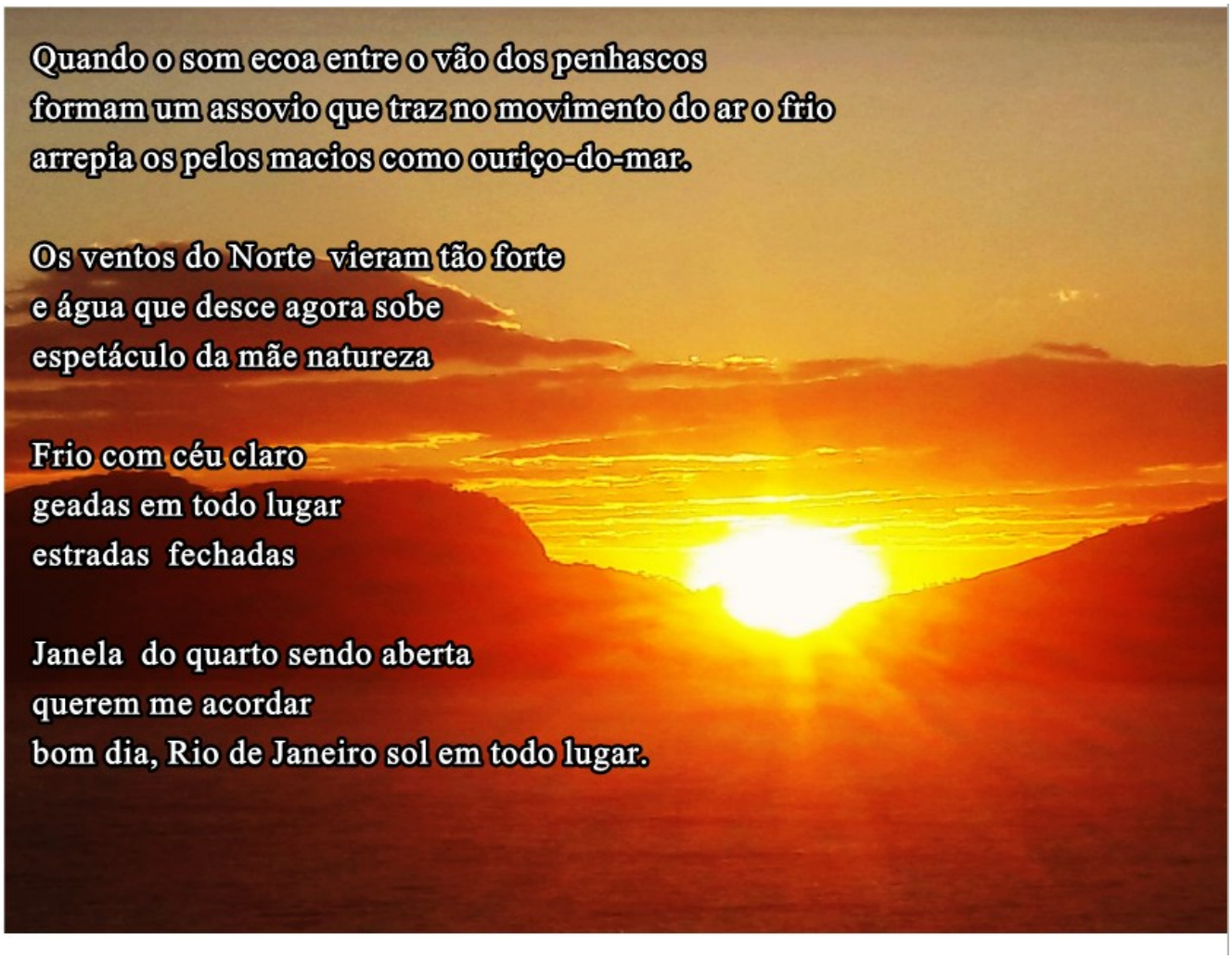
Indignação Construtiva

Resistência. Diferenças!
Não aceitação de fatos e atitudes
pode acontecer
Brigas, revoltas, ódio, cólera,
desprezo
Conflito instalado para resolver!
Só não podem acontecer
Ofensas, perseguição
Isso causa indignação
Injustiça, complicação!
É permitida à construção do bem
De pontes, elos no coletivo
Lutar por algo é a segunda etapa
Integração e maturidade
Transformam a indignação
Para atuar como protagonista na
vida
A calma revigora
A escuta e a linguagem são forças
Que desarmam a violência,
A temperança e o diálogo
São equilíbrios dos instintos!
Pessoas reativas reclamam
Pessoas proativas fazem acontecer
Resolver conflitos
É participar da vida
Sentir-se pertencente
Ser cidadão do mundo.
Cidadão da esperança!

https://www.facebook.com/dorilda.almeida
@cedhiadorilda

Dryyca Marques
Nilópolis, Rio de Janeiro/RJ

Bom dia



https://www.facebook.com/dryyca.marx

Instagram_ @dryycamarques

Durão

Equipe médica

Humildade é a dádiva
Que o pai lhes concedeu
Doam a própria vida
Não são suicidas, são anjos de Deus.

Sempre à linha de frente
Em tempos de guerra e de paz
Munidos de amor, cheios de confiança
Cumprem com honradez os desejos do pai.

Recepcionam a vida
Remedeiam o mal
Estancam os sangramentos
Corrigem defeitos e levantam o moral.

Esse time é seleto
Gente especial
Plantonistas da vida
Se entregam em prol do bem-estar social.

Este quadro é pintado
Com uma história real
Só cabe a você fazer a sua parte
Proteger-se e manter a distância ideal.

Edgar Borges
Boa Vista/RR

Cantarolar

Enquanto voltava para casa, vontades saciadas como há tempos não eram, cantarolava, feliz:

"Amou daquela vez como se fosse a última…"

E foi mesmo, pois nessa saída para encontrar o contatinho pegou Covid e três dias depois foi internado. Depois de dois dias foi intubado e da cama do hospital foi direto para a pedra do necrotério.

www.edgarb.blogspot.com.br

Edna das Dores de Oliveira Coimbra

Rio de Janeiro/RJ

As mulheres da minha casa

Como eu amo as mulheres da minha casa!
pretas, brancas, morenas ou pardas
de altura mediana, baixa ou alta
todas elas são sagazes!
A começar pela matriarca
que era cheia de graça
amorosa e dedicada
ela sempre teve muita raça.
Das filhas, a primeira, é leal e conselheira
continuamente com os pés no chão
nunca teve medo de se arriscar
buscando sua emancipação.
A segunda, sempre independente,
não se deixa afetar por oposição
traça seus projetos de vida
com muita avaliação.
A terceira é guerreira
enfrenta as lutas com alto astral
pois sabe que seu rebento Autista
não pode ficar para trás!
Ela possui senso maternal forte
marca da herança ancestral.
Essas mulheres da minha casa
são presentes de Deus
portanto eu lhes rendo honras
Pelo valor que elas têm!

https://www.facebook.com/edna.coimbra.921

Edweine Loureiro
Saitama – Japão

Dois minicontos sobre a tolerância religiosa

I.

Durante o voo, os dois grupos religiosos deram início a uma acalorada discussão, alegando cada lado que o seu deus jamais se misturaria com o do outro. Até que o avião começou a chacoalhar.

II.

O líder muçulmano mira na cabeça do rabino e chuta. Mas a ação é interceptada pelo pai de santo, que, tabelando com o padre, afasta o perigo de gol no amistoso "Masters contra a Intolerância".

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Elza Melo

Capanema/PA

Respeito

Fazendo uma viagem pela história
São tantas mulheres em nossas memórias
Mulheres que mudaram o mundo
Com gritos de liberdade
Mulheres de todas as idades
De todos os continentes e civilizações
Mulheres da nossa vida
Mãe, irmãs e amigas
Mulheres do dia-a-dia
Que só de olhar nos dão alegria
Mulheres empoderadas
Sofisticadas e delicadas
Elas estão em todos os lugares
Invadiram o mundo
De vestidos coloridos
De macacões e capacetes
Alinhadas ou descabeladas
Estão em todas as profissões
Em todos os lares e lugares
Na essência são a alma do mundo
A direção do conhecimento
Os portais da vida
No olhar que toca seus sentimentos
Querem amor, respeito e direitos
Não precisam de violências
A força é sua própria essência
Não vieram em missão de sofrer
Mas escrever na história
Sua importância no mundo.

Eni Ilis

São Paulo/SP

A Roca

A roca está velha, carcomida. Não será substituída, então, não se pode danificá-la, mas há que usar com vagar. E range a roca a cada volta do fuso que de tanto, muito uso carrega um cansaço sem tempo. quase ninguém sabe da roca, mas ai está. Quase ninguém saberia manejá-la, mas ainda em uso. Imprescindível uso. O fio no fuso. O fuso da roca. A roca no tempo. Tempo que faz ranger a roca. Tempo que caleja os dedos que movem o fio sem fim. A roca está velha e não será substituída. Muito novelo se fez à sua margem. Não importa. Importa que a roca fia o fio no fuso e não empedra os dedos de quem a maneja. Sim. Há que saber o que importa. Hoje, o rangido que arranha o silêncio e se acumula nas dobras dos dias. Fiapos que se amontoam, não dissolvem. É preciso diligência, paciência para pegar todo esse acumulado. E tanto rangido que se encrespa nas mãos que já estão acostumadas. Tanto rangido que segue o movimento lento dos dedos e dos dedos para a roca. Quase ninguém sabe, mas o rangido vira fio o fio sem fim nos dedos calejados de quem maneja a roca. Maneja e sabe que a roca está velha porque envelheceu com ela, sabe que não pode parar, por isso, segue. Faz fio sem fim no fuso da roca que range a cada volta. Não há o que inventar, porque a roca ai está e as mãos também e a volta que a roca faz, não volta, range. Cada rangido, uma volta. Tanto rangido, nenhum sussurro. Tanta volta, nenhum retorno. As mãos calejadas já sabem, por isso, o rangido não assusta, o cansaço não esmaga. Não. O rangido é o fio, o cansaço a casca que se solta. Só isso? Sim, porque aqui a roca que está velha e há fio a fiar, há os dedos calejados a manejar a manivela, a sentir o fio girar no fuso e o fuso a ranger. Nada para a roca. Para as mãos calejadas, sim. E não é o cansaço. É outra coisa. Quase ninguém sabe, mas há quem saiba, porque as mãos recebem o amontoado, as mãos entregam os novelos. Sim, há quem saiba e saiba do tempo do fuso na roca a fiar o fio sem fim. E aqui há retorno que entrega e recebe e leva e espalha. Espalha esfiapa o rangido que fica gemido perdido naqueles que escorregam no tempo.

Fabi Marciele
Extrema/MG

O Paiero

Alguém fumou um cigarro muito característico na minha frente, o cheiro era tão forte que mesmo na distância que foi o assopro, ele veio parar no meu campo respiratório. Era fumo de corda, o clássico fumo sertanejo. As casas de todos os meus parentes da roça tinham cheiro de fumo de corda, mas na verdade nunca vi nenhum parente fumar. Quem fumava bastante era a benzedeira. Ela morava pertinho de casa.

Lembro da casa dela muito vagamente, era pequena um só cômodo. O terreno era na ladeira e tinha um espação de campo verde, mas não tinha bicho não, talvez galinha. A porteirinha era miúda, passava uma pessoa só. Era uma casa de roça na cidade urbana. Eu ia lá pra ser benzida, não sei de que, mas toda vez que estava ruim minha mãe me levava pra velha. Uma vez ela ficou girando por mim, fez um círculo em minha volta e, enquanto rezava baixinho alguma coisa, também fumava. Antes de começar qualquer ritual ela punha um bocado de fumo na mão, desfiava com a faca, pegava palha e fazia o cigarrinho.

Teve uma outra vez que tive que tomar uma bebida amarga, acho que era para o estômago, não lembro. Ela deu num pote para minha mãe, que levou para a casa e me fez tomar todo dia. Eu não gostava muito da velha porque ela me dava coisa ruim pra beber. Não lembro do rosto dela, mas lembro das roupas, ela usava aqueles paninhos de florzinha na cabeça e um saião colorido rodado. Hoje ela me faz lembrar as Cholas da Bolívia, inclusive o cabelo trançado.

A madrinha usava cabelo trançado, ela morava na roça e seu cabelo ia até a bunda quando solto, assim, para manter mais tempo o cabelo sem sujar ela fazia a trança. O cabelo dava volta, ela fazia uma ponta juntar

na outra, usava resto de pano para enlaçar. Era muito bonito toda a delicadeza que isso tinha. Trançar o cabelo é muito feminino, assim como a benzedeira. Nunca vi uma benzedeira homem, é substantivo da mulher mesmo.

Minha mãe não sabia trançar cabelo, acho que por isso que quando eu era criança sempre tive cabelo bem curto. Minha mãe não trançava cabelo, mas trançava alho. Os alhos vêm do sítio grudadinhos por uma grande trança feita a partir do seu pé, eles chamam de réstia. Madrinha parecia réstia de alho de costas. A benzedeira não, era uma trança diferente, fazia coque, não lembro bem, só lembro que ela fumava muito e na minha cara.

Achava que a benzedeira era bruxa, isso me dava muito medo quando criança, mas hoje não tenho medo e certeza que ela era bruxa. Nada de místico nisso, ela era bruxa porque sabia curar qualquer um com ervas que tinha no quintal. Minha família é católica fervorosa, mas acredita em benzedeira e não acho mal não. Isso aí é sincretismo religioso e tem muito na nossa terra. Gosto de como a gente mistura tudo até virar uma grande religião brasileira.

No terreiro que ia, Oxalá era representado por um Jesus Americano (sabe, é aquele Jesus branco, loiro, de olho azul, cabelo liso), mas na porta Oxalá era um Guerreiro Negro. Era tudo assim misturadão, agradava todo o tipo de público, menos os vizinhos que reclamavam do barulho do atabaque. Eles eram como eu criança com a benzedeira: com medo do que tem lá dentro. A porta nunca estava fechada, eles poderiam entrar e descobrir que não havia nada de mal naquilo, mas é mais fácil propagar o preconceito do que entender que é uma religião como qualquer outra.

Quando criança eu costumava criticar as religiões que não conhecia, me arrependo muito disso, mas foi assim que aprendi. Também não culpo quem me educou, eles não tiveram estudos suficientes para conseguir entender. Viver no microcosmos que a roça propunha resultava em uma vida atrelada ao preconceito. Claro, é importante educar, inclusive hoje todos ao meu redor são pessoas muito mais livres de preconceitos do que antes, tirando alguns parentes que optaram por se manter nesse

microcosmo e usarem cabrestos para os posicionamentos que são diferentes aos seus.

O fumo de corda faz cigarro de palha e ele é parte desse microcosmo, hoje a gente encontra em qualquer lugar até na cidade grande, inclusive com sabor de menta. Assim ele atrai um público mais jovem, descolado, hipster. No interior ainda não chegou desse modelo, para fumar é mais comum comprar o fumo de corda ainda úmido, nas vendinhas velhas. A palha é a mesma coisa, vende tudo separado e você monta em casa.

Assim, só consegue fumar desse tipo quem tem um histórico familiar (ou procura na internet como faz para desfiar o fumo). Os velhos da roça sempre estão desfiando seu fumo no facão, eu cresci vendo isso de perto, um patrimônio imaterial que existe na minha memória e que me foi retomado depois que esse cheiro retornou ao meu nariz.

A pessoa que passou na minha frente baforando fumo na verdade era eu. Eu queria fumar corda porque lembrei da benzedeira, do cabelo com trança enrolada, ele não parecia a réstia de alho, que vinha da roça. A roça é um microcosmo cheio de cultura, mas preconceituoso com aquilo que não conhece. A madrinha tinha trança e morava na roça. Minha madrinha morreu.

@shucrutt

https://marcielefabi.medium.com/

Fábio Daflon

Vitória/ES

Judô

Justo naquele dia começara o horário de verão, talvez por isso o atraso de Evaristo. Trabalhávamos no mesmo hospital há um ano, nossos filhos tinham a mesma idade. Por contingências profissionais mudara para Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, a fim de ficar perto do Hospital onde possuía cotas. Éramos sócios.

Adiantar uma hora do relógio e ainda aturar atraso é dose. Antes morava em Copacabana, ainda frequentava o Leme Tênis Clube. O combinado era pegar uma piscina e depois almoçar por lá. Mas Evaristo só chegou depois das dez horas. Está tarde, disse, sem desculpar-se, Copacabana fica muito longe, que tal se nós formos para Barra de Guaratiba? Olhei para minha mulher. Ela estava impaciente. Está bem, vamos logo, então. Pode ser no meu carro? Pode. Marieta sentou atrás com as crianças. Evaristo ligou o ar e pôs som na caixa. Relaxamos. O trânsito ajudou, chegamos rápido.

Está vendo lá embaixo é a Prainha. Lugar lindo. Faixa estreita de areia entre dois rochedos. Escadaria para descer do bar até a praia. Bom serviço de garçom. Pedimos duas caipirinhas e patinhas de caranguejo. Marieta, coca light. Guaraná para as crianças. Fascinada pelo mar, Julieta não me deixou beber a caipira inteira. Comi só duas patinhas.

Pai, vamos para praia? Já, já, espera um pouco. Comi mais uma patinha. Felipe não quis descer comigo, preferiu ficar com o pai. Evaristo se divorciara da mulher, o guri andava apegado. A Prainha é mar aberto. Apenas uns gatos pingados estavam na areia. Caminhei pela areia fofa. Senti piso duro e úmido sob meus pés. Hesitei em seguir em frente. O mar a uns dez metros. O mar sempre me intrigou, seja como metáfora do desejo seja pelas suas nuances de violência e cor. Julieta se agachara. Percebi a língua d´água agigantar a tempo de gritar, Ju corra para meu colo!

Lutara judô pela equipe da faculdade nos jogos universitários, mas já não praticava há mais de 10 anos. Acolhi minha garota ao colo. Ela agarrou-se ao meu pescoço. Virei de costas e abri as pernas, com leve flexão dos joelhos. Os gatos pingados debandaram com medo de água fria. Marieta trocava olhar comigo. A língua d'água lambeu nossos corpos até o pescoço. Foi lá na frente e voltou tirando areia debaixo dos meus pés. Cavou um buraco. Saí do mar com areia nos tornozelos. Fôramos salvos pela base do judô. Subi até o bar do rochedo, bebi o resto da caipirinha e disse Evaristo vamos para casa.

Fernando Fardin
Vitória/ES

O milionário solidário

Era março de 2020 no calendário gregoriano. Dois milênios e alguma coisa após o advento do salvador. Auge da medicina moderna. Ápice da desigualdade social. Barões da tecnologia deitando e rolando. Gente por aí enchendo a pança com farofa de milho. Nem só de pão viverá o homem, afinal.

Um período tradicionalmente chuvoso nas tropicais terras brasileiras.

Mar revolto e ressacado. Água misturada com areia. Peixes em fuga.

Naquela época, eu li e ouvi a respeito de um vírus supostamente surgido num mercado de animais silvestres em território chinês. Uns conspiracionistas falavam na hipótese de criação do patógeno em laboratório. Arma biológica e o diabo. Outros, mais moderados, sustentavam a tese da fuga do vírus. Sim senhores, a figura microscópica calçou botas de rodeio, colocou um cinto de fivela, enfiou na cabeça um chapéu de boiadeiro e saiu por aí, ávido para conhecer o mundão.

O problema, no entanto, era outro. O vírus assanhado cruzou o Oceano Atlântico e desembarcou em Vitória. Descobriu o Brasil. Nada de gripezinha. Esse colonizador veio armado até os dentes e tínhamos apenas alguns estilingues.

O governador decretou o fechamento da economia. A televisão tecia loas e loas ao isolamento social, única forma de contenção do vírus. Cada vadio deitado na sua cama vinte e quatro horas por dia seria alçado à condição de Winston Churchill, o protetor perpétuo da liberdade.

Oh, tenha você seu dia de herói! Salve uma velhinha e adquira seu lote celeste de frente para o lago azul, com direito a setenta virgens disponíveis e voluntariosas! Eu também queria isso, especialmente a parte das virgens. Deitar no sofá, comer um hambúrguer e assistir ao filme do Rambo, lançando flatos na atmosfera. Tragam-me a medalha da liberdade do Congresso Americano,

mas não esqueçam das imaculadas hein, de preferência catalãs!

Os ônibus em circulação foram drasticamente reduzidos. Precisava-se urgentemente reduzir a movimentação de pessoas por aí. Nada de ver o pôr do sol na praia, flertar nas praças, brincar de pega-pega. Fornicação, nem pensar.

Eu trabalhava como jardineiro numa mansão grã-fina na Ilha do Boi, bairro abastado da capital. Pegava todo santo dia um ônibus lotado até o destino. Ia sempre em pé, trocando cotoveladas com outros miseráveis. Gente tão fedorenta quanto eu, de camisa regata e mau humor. Volta e meia um grandalhão esfregava seu sovaco suado na minha cara. Aquilo não era transporte público, nada disso. Não passávamos de bois entulhados numa carreta velha.

Com a redução das carretas em circulação, a situação se tornou ainda mais periclitante. Tinha mais gente apinhada indo para o serviço que torcedor do Flamengo na final do Brasileirão de 1992. Queda do alambrado, pessoas caindo da arquibancada superior, uma tragédia. No "busão", sempre que uma porta de saída abria uns cinco caíam com as fuças na calçada. O sujeito ia de cara colada no vidro, esmagando nariz, testa e queixo, empurrado pela multidão.

Cheguei na labuta, amassado, tristonho diante do opróbio.

Meu patrão tratou logo de enunciar não breves palavras aos criados. Além de mim, havia cozinheira e arrumadeira. Conhecia-as bem, especialmente a segunda, digamos.

— Todos nós precisamos contribuir nesse momento de dificuldade nacional – disse. – A situação de emergência exige gotas de suor, de sangue, lealdade à pátria, à humanidade! Genaro, não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país!

— Nos momentos mais dramáticos da história humana, os grandes heróis se apresentam e saem em missão. – A missão de vocês é guarnecer essa casa, usando o melhor de suas habilidades para que essa família, nós, todos nós, possamos combater o vírus com o necessário e imperativo isolamento social – arrematou.

O patrão nos deixou para cumprir seu dever patriótico. Inicialmente, deu algumas ordens – por telefone – aos seus diretores no conglomerado de

supermercados de sua propriedade. Exigiu com fervor o controle de horário dos empregados, impedindo assim que aproveitadores lhe passassem a perna sob a justificativa da pandemia. Após, aproveitou o farto café da manhã, coisa de hotel cinco estrelas. Levantou alguns pesos na academia particular e correu na esteira. Era preciso cuidar da saúde. Uma sauna caiu bem. Melhor ainda um mergulho na piscina de borda infinita com vista eterna para o mar. Champanhe abasteceu o mártir. Nem só de pão viverá o homem. Lagosta para o almoço. Soneca na companhia de lençóis de fios egípcios. Maratona de séries na TV com tela de cinema californiano. Lanche vespertino. Ricota e bacon. Uma massagista profissional chega em sua moto. Uivos. O jantar vem na bicicleta do entregador. Foto para as mídias sociais. Uma vitória é anunciada. Mais um dia de isolamento social cumprido com louvor. Tragam noventa massagistas para esse mártir.

Retornei para casa tarde da noite. O jardim precisava ser mantido impecável, ainda mais nessa época de "isolamento ostentação". Paladinos da ética necessitam de belas imagens ao fundo, emoldurando sua áurea incorruptível.

O ônibus, ou melhor, a carreta, novamente apinhada de gente. Faxineiros, jardineiros, pintores, cozinheiros, motoristas, estoquistas, açougueiros, verdureiros, técnicos de TV a cabo, pedreiros, caixas de supermercados, técnicos de enfermagem, *personal trainers*, toda essa gente ali, circulando, prejudicando o isolamento social, disseminando o vírus.

Genocidas insensíveis, macabros, irresponsáveis, torpes e indignos do "troféu Madre Teresa de Calcutá". Setenta flexões para esses terceiro-mundistas.

A avareza corrompe a moral humana. O dinheiro é antitético à vida.

Meu patrão era a favor da vida. Contra a morte. Salvou uma senhorinha de Caruaru, dona de uma bela dentadura regional. Outra de Bento Gonçalves, já nonagenária. Isolou-se por amor. A solidariedade nos salvará a todos.

@fernando.m.fardin

Fernando Machado dos Santos

São Paulo/SP

Súbita morte na campina

Entre sepulcros e sinas,
Na avidez comum da lua,
Remexia a morte nua
No túmulo da campina.

Era morta a menina,
De vagar vivem os olhos,
Eram sórdidos tramóios
Vastas aves de rapina.

A beleza se esvaíra
Restou pouco do que era,
A de todas a mais bela,
Perdeu prosas em lira.

Das riquezas que guardava
Não restou nem mesmo uma,
Das vastas vestes de pluma
Nenhuma teu corpo levava.

E na gélida campina,
Não restava mais ninguém,
E de pena tal menina
Esvaiu-se pro além.

@fnando_machado

Fernando Portela

Petricor

De tanto negligenciar
meus passos
minhas unhas
aram a terra
Prendo o cheiro
que se levanta
no peito-betoneira
de esperança e asco
O tempo nem sabe que veio
ele é ao ser
e demora ao se livrar
dessa mistura em mim
Mistura que extravasa:
furacão devasta
querendo abraçar

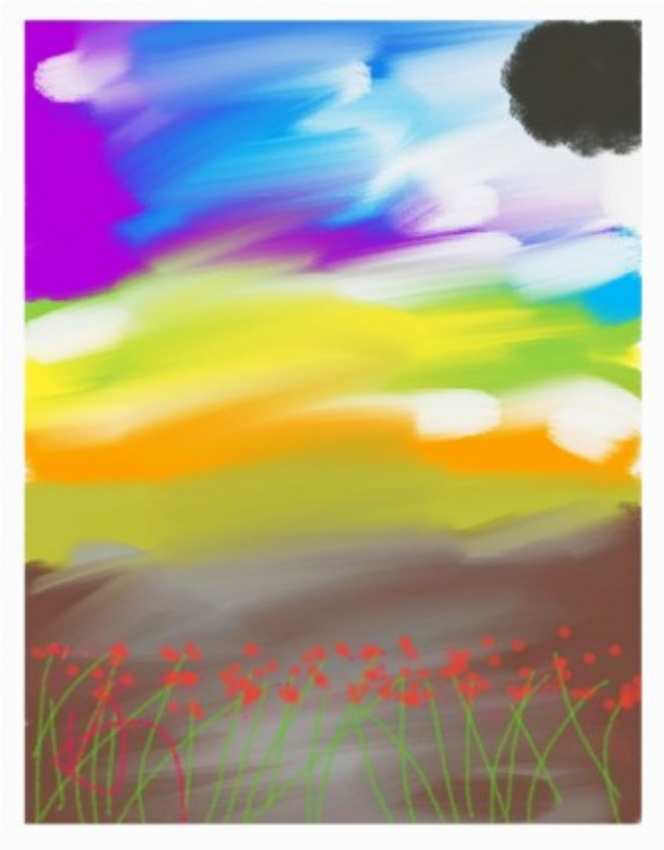
Fernando Roque Fernandes e Arcângelo da Silva Ferreira
Porto Velho-Manaus-Parintins/Região Norte

Desenho-poema "Sozinho..."[1]

Agora já faz tempo que ela se foi.
Lembranças deixou pra trás...
Quantas luas desperdiçadas ao se ir
Sem dizer adeus...

Rosas negras, violetas,
Pelas noites ao luar,
A solidão vagueia pelas ruas
Sem motivos pra voltar.

Sozinho...



https://www.facebook.com/fernando.fernandes.33483903
https://www.facebook.com/arcangelo.ferreira.73

1Um poema é a representação, através de palavras, da poesia. Poesia é fruto, produto da materialização da realidade - esta comporta vivências, experiências (por isso, imaginário, mental/material)... (FERREIRA, Arcângelo da Silva, 2021).

Francisco Cleiton Limeira de Sousa
Poço Dantas/PB

Loading

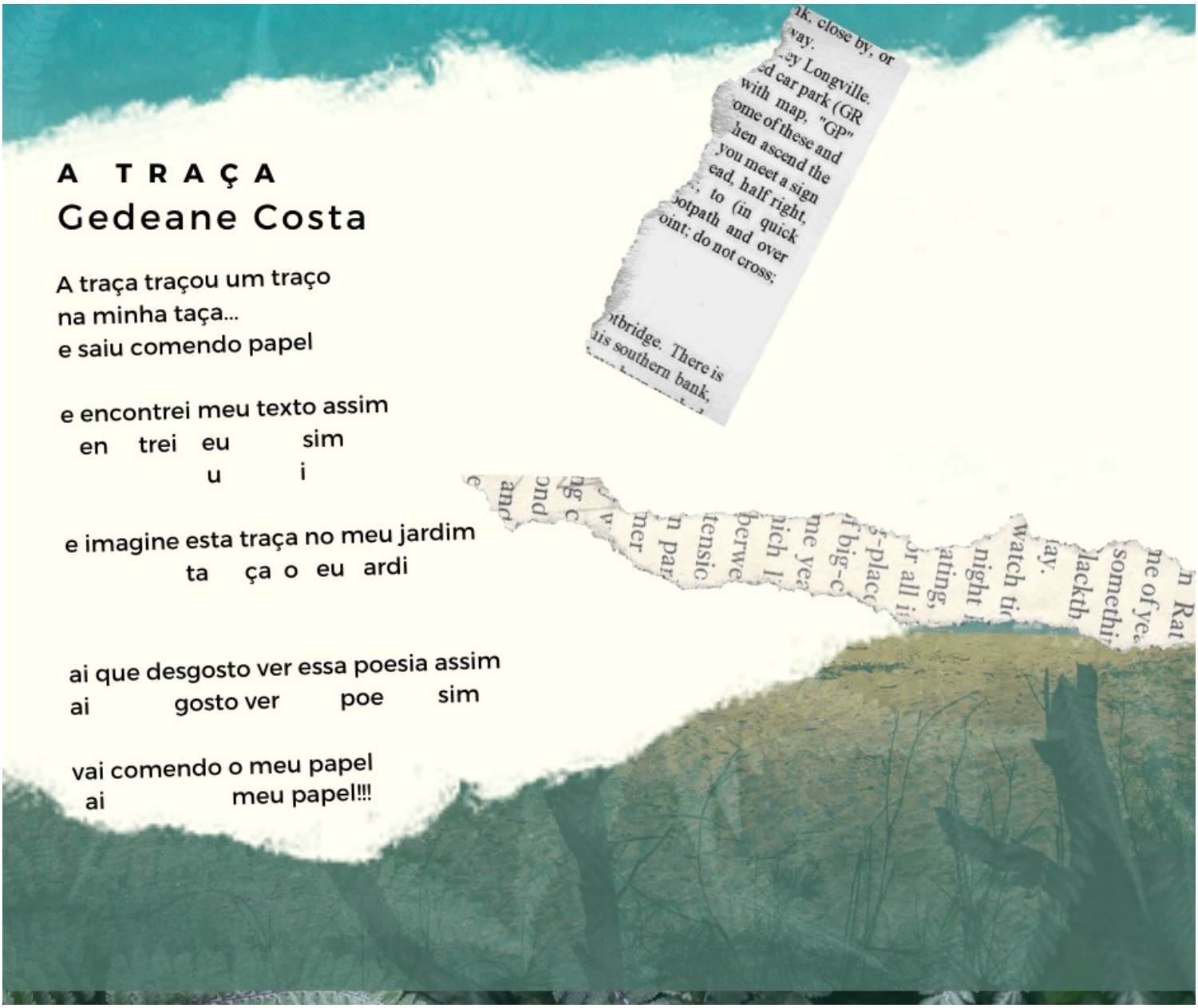
Você é como um vírus letal. Não te beijei, mas morro a cada instante por isso não acontecer. Se acontecer, acho que morro. Queria que alguém me explicasse o porquê de eu ter criado expectativas. Há uma reciprocidade estranha. Tenho respostas que não me respondem, mas inquietam-me a saber mais, a querer ser também descoberto. É engraçado ter que gastar energia com alguém que não te pertence, e nem pode/deve, mas mesmo assim você aguarda mensagens atraentes, fotos nítidas, alimentar um desejo incompreensível, de ambas as partes. Será legal deixar que tudo seja "natural"? Mas o que é isso? Como funciona na prática? Não tomar iniciativa não é? Deveria! Não queria que quando você lesse isso pensasse que estou perdido, sem saber agir. Até sei. A questão é que sinto anseio em compreender como o outro quer ser tocado, instigado a falar, sentir isso também. Pois é, nem tenho esse poder. Uso a todo momento das armas linguísticas, da argumentação para conseguir informações que poderiam ser dadas facilmente. Ou nem pedidas. Mas o bom de fazer esse joguinho é que tudo fica mais emocionante, viciante. Ganhamos e perdemos frase à frase. E aí, tem-se que encerrar esse embate comunicativo. E ninguém disse nada. Acabou, pode ou não recomeçar. Se só uma parte procura, é melhor que o "recomeçar" tão defendido pelo ser que vos escreve, seja transfigurado em ponto final. Agora, comecemos um longo caminho à procura, mas "natural", de energias profundas que possam nos responder dúvidas, elas precisam, não aguentam mais buscar.

https://cleitonlimeira3930.wixsite.com/poesie-sea-1/blog/

Gedeane Costa

Recife/PE

A Traça



Gilliard Santos

Fortaleza/CE

Aquelas máscaras

Nas ruas
Na farmácia
No supermercado
Em todos os lugares

Havia algo diferente
Eu observava bastante as pessoas
E algumas delas me devolviam o olhar
Essas pessoas me olhavam
De um jeito estranho...

Elas usavam máscaras
Todas usavam algum tipo de máscara
E, ainda que eu me esforçasse,
Eu não conseguia enxergar
O que havia por trás
Não podia ver como elas realmente eram...

Por um tempo pensei...
Pensei muito!
Depois eu compreendi.

Aquelas máscaras eram uma forma de defesa
Elas eram a melhor proteção que tinham.

Gisela Lopes Peçanha
Niterói/RJ

Era

Eu vi onde era: uma esfera.
Um passo para o infinito
Um sonho de uma nova era:
Era.

Eu percorri léguas
Enxuguei mares
Vi estrelas se apagarem:
Despencarem.
Vi a lua nua e prosa
Despida das vergonhas e dos sonhos
E um sol tão só e frio
Refrigerando jardins
E congelando nuvens:
Eu vi o fim do mundo...

Conchas se tornando areia
Areias parindo conchas
E um Deus louco recolhido
Engolindo um pranto profundo.
Provei do fim de tudo.
E das coisas.

De onde brotaram teus sonhos?
Quem foram teus ancestrais?
Quem teceu tua seiva (e tua história)
Que hoje, aqui jaz?

E nesse labirinto
(Lindo, velho e findo)
Do nada dos fins e inícios
Suspiro do éter que brota
Origem da alma que dorme:
Tornei-me sopro...
Ferrugem....

Fagulha.

Guilherme Isaac Tomás
Zambézia – Moçambique

Amores Em Vidas Passadas

Ela a estranha, magrinha de cabelos longos de uma cor incerta, e seus olhos eram incomuns de tanto emanar raios luminosos, que a alguns ardia-lhes o coração. Único vestido verde e longo que ao andar esparramava-se pelo caminho todo, era o que sempre vestia. Movia-se agilmente sem dificuldades, alguns até chegaram a questionar se os membros inferiores possuía, porque nunca tropeçava dentro daquele manto de pano que portava.

Desde menino ouvira relatos que ela não possuía humanidade em seu interior, sua imagem física era apenas um símbolo, a prova concreta que sugava almas que a mantinham em forma. Era só de noite que notava-se sua presença naquelas ruas sólidas de Namarroi, não era comum vê-la de dia desde que a população pedira carta de restrição contra ela nas autoridades, alegando que queriam-na longe de seus filhos.

Uma certa vez percebi que preambulava atona pelas ruas, já era meia-noite, a vontade de vê-la pela primeira vez me domou até que cruzei a estrada sem que ninguém percebesse, na verdade crescemos juntos, no mesmo lugar, apenas a conhecera por relatos, os tais que nunca chegaram a se materializar um dia. Vi-a como um vulto verde enorme se aproximar, e me virei de costas, as histórias que ouvira agora me atacavam, gerando-me medo e desconfiança que me fizesse algum mau, tremia e não queria me arrepender. Mas então num gesto ela disse em súplica — Não me fuja!

Portanto nunca percebi a visão das pessoas, quanto à especulações equivocadas que geravam-nas ódio e medo, ninguém nunca tinha-lhe abordado primeiro para conversar ou algo do tipo, nem os ditos autoridades também eram de opinião

que a mantivessem isolada. A coitada mal sabia o que é ser vilão. Perdera os pais na tentativa de atravessar o rio Licungo, então ela prosseguiu sozinha, desamparada achou moradia no alto da montanha ao meio de cinco rochas grandes e fê-las seu lâr, e descobriu que no seu baixo haviam pessoas, famílias, uma comunidade completa. Assim que tentou fazer contacto, sentiu medo andar ao seu redor, viu pessoas repeliram-se diante de seus olhos, e sem perceber vieram em grupo, os homens cheios de terror, era o ódio que lhes consumia, e baniram-na.

Fiquei pasmo depois que a ouvi falar, voz dela era doce de ouvir. Consternado, perguntei se tinha família, me respondeu que sim, apenas os desconhecia, e mesmo que encontrasse eram poucas as chances de os reconhecer, poderia ser que acreditassem que não sobrevivera no incidente.

Me falou que se chamava Nayra já que os nossos encontros eram constantes, e disse-me que se sentia invasora no meio daquele ambiente, as ruas que frequentava não era apenas uma simples vontade, sentia lá a brisa humana que lhe isentava, a força de Deus que circulava nos arredores protegendo aquelas pessoas, queria se sentir protegida também.

Me convidou para sua casa na próxima vez que nos encontraríamos. Meus amigos sabiam que andava me encontrar com ela às escondidas, fizeram chegar isso aos meus pais, que então vieram, e me olharam com estranheza, talvez se perguntassem aonde é que tinham falhado ao me nascer. Sem demorar, os vizinhos vieram, e o resto da comunidade também veio, se juntaram no pátio da minha casa, gritavam pedindo que mo mostrasse são, que não estivesse revestido pela força do mau, ou pelo contrário aquele seria o meu derradeiro fim e a dela também. Então meu pai, ele que estivera desapontado com meu feito, jurou pela quinquagésima vez, nas almas de seus antepassados, que não pertencia mais seu sangue, ele me olhou como se fosse uma falsidade, a minha mãe, rezava para seus ancestrais e pedia que meu pai se acalma-se.

— Tirem-no para fora !

As pessoas fora gritavam, segurando tochas, vêlas e até outras fizeram fogueira no pátio. Eu fervia de medo, meu velho, chutava os últimos bodes da casa e partiam-se em pedaços que corriam por toda parte, vendo os estilhaços me ocorreu que fosse aquele o fim da nossa casa, família, que era eu o suposto promotor.

— Ele foi contaminado com a besta. É um deles !

Festejavam por ter pego mais uma, eu era mais um estranho. Já era meia noite, a aquela altura já deveria estar a minha espera.

— Não ouse fazer besteira garoto.

Meu velho não se acalmava, falou quando me viu se levantar, decidido, a mãe despertou de suas rezas e veio até mim aos sobresaltos, preocupada.

— Oque vai fazer?

Segurou meu braço e senti seu cheiro, aquele afago de mãe me fez ter pena correlação as atitudes futuras, olhei para meu velho, queria abraçá-lo forte e dizer-lhe que já estou pronto para ser homem. Num gesto soltei-me dela e me virei de costas, havia uma janela, aquela que usara anteriormente indo para os encontros, a havia deixado preparada em caso deste tipo de emergência, me lancei nela e cai fora. Corri pelas esquinas afora cuidadosamente para não ser flagrado, e vi que não havia ninguém sobrando pelas casas, nem os bêbados, nem os mendigos, haviam se reunido todos em casa. Curvei e a vi logo que cheguei, estava debruçada sobre si, chorando.

Levantou-se depois que ouviu-me chegar aos rastros, me olhou e sorriu aliviada, preocupada percorreu seus olhos mágicos cautelosamente por todo meu corpo me revistando, para se certificar que não estava machucado. Assenti para ela que estava bem.

Não demoramos muito e partimos, para em sua casa no rochedo não fomos, sabíamos que chegariam lá em patrulha a qualquer instante. Depois que caminhamos uma certa distância segura, olhei para ela prosseguir incansativa e me senti victorioso, a abracei e prometi que acharíamos nossa própria família em breve.

Ines de Jesus Trazzi

Jacareí/SP

Beija–Flor

Beija flor paira no ar
Com suas asas a bater
Suga o néctar da flor
De plumagem iridescente, tão delicado
Tão lindo de se ver

Identificam cores no espectro violeta
Com sua apurada visão
Como viveria o beija flor
Se estivesse numa prisão?

Não bailaria no ar
Embaraçada ficaria sua visão
Não se faria poesia
Se estivesse na prisão

Bebedouro são usados
Para atrai-los até nossa mão
De perto contemplar sua beleza
Sem precisar estar na prisão

Segundo a lenda indígena
Em flor, foi transformada seu amor
Xamãs vendo seu desespero
Transmutou -o em beija flor.

Ioneida Braga
Capanema/PA

Solidão

Solidão não é só a ausência de companhia,
vazio da alma, feridas do coração...
solidão às vezes é o sentir-se sozinho(a),
mesmo estando rodeado(a) pela multidão...

É o estado de espirito que mói em tristeza,
retira a alegria...
É uma coisa absurda que desaparece
tudo que está ao derredor,
mas não é como estar com os olhos fechados, isso, não.
é como num quarto escuro, prisão...
são sensações ruins dentro do coração.

Solidão é recolher-se no poente,
o silêncio é o único pano de fundo...
a abafar os ruídos da noite,
é ignorar as estrelas, o céu,
tanto faz a lua, como aparição...
são os pensamentos enjaulados,
é a angústia navegando na total desilusão,
prisioneira na mente vazia...
Isso é solidão.

Isabel Cristina Silva Vargas
Pelotas/RS

Coragem

Substantivo feminino
É atributo de quem vence o medo,
Não fica paralisado.
Intrépido, não se deixa intimidar.
Firmeza moral para ir em busca
Dos sonhos, ou das necessidades,
Muitas vitais e, negadas desde o nascimento
Pela sociedade como um todo.
Destemor para ir em busca da igualdade
Não somos sociedade de castas
Coragem! Vencer barreiras,
Ascender na pirâmide social.
Nossa sociedade é feita
De seres corajosos que
Vivem com salário-mínimo
E não se corrompem.
Criam filhos sozinhos
E dão exemplo de caráter.
Enfrentam transporte coletivo
E não se prostituem pelas facilidades.
Não conseguem vaga em creche pública
Mas tem alguém tão pobre quanto
Que é solidário para cuidar das crianças.

Matricula filho em escola pública,
Desejando que ele seja doutor,
Acreditando na capacidade e na vida.
Mora em área de risco e não se enlameia
Na corrupção que assola o estado.
Coragem! Enfrentamento da imoralidade
Crença no ser humano
Espiritualidade crescente.
Sabe que a colheita é obrigatória.

Israel d'Luca
São Miguel dos Campos/AL

Feito pra amar

das loucas aventuras da vida
nem uma é mais radical que amar
no mundo não há coisa mais linda
que o simples desejo de estar
ao lado de alguém que a gente ama
sem se importar com sorte ou azar
amando como se fosse despedida
como se o tempo fosse se acabar...

nudez de um sentimento tão puro
não há pra que se envergonhar
não há como ficar em cima do muro
pois nosso mundo foi feito pra amar
de dia, de noite, na madrugada...
nas poesias sobre o amar
navega o sentimento amoroso
junto a imaginação milenar.

https://www.portalescritores.com.br/israeldluca

Iva França

Rio de Janeiro/RJ

Vagalumes na janela

Joana precisava estar sentada exatamente na cadeira de número 47, e no entanto, atrasou-se. A angústia de ultrapassar o longo caminho que faziam todas aquelas pernas e pés a deixou aflita. Era preciso fazer. Era preciso chegar antes que o orador começasse o seu discurso.

Aqueles anos, hoje, pareciam nada. As vozes que soavam corriqueiras e insistentes em seus ouvidos partiram para sempre. Nada poderia protelar o presente que a vida estava prestes a lhe dar. Cinco longos anos… — Joana, você esqueceu os vagalumes da janela! Me debrucei para ouvir. A janela era alta e eu os via indo embora. Depois de perdê-los ficava tudo novamente escuro. Meu coração batia forte. Havia algo desconhecido naquele quarto escuro. Ele era frio. Eu não queria mais a morte, aliás, eu nunca a quis. Foi um mero engano, sei que eles sabem, mas preferiram assim.

Daqui do alto vejo o amanhecer e eles, por hora, não voltarão. Os vagalumes gostam da noite escura. Hoje foi minha última noite desses cinco anos. O sinal tocou.

— Joana, você está pronta?

— Não falei!

Eu abri a porta com o sorriso no rosto. De vestido azul, segui até o saguão. O combinado era que me dirigisse ao auditório para ocupar a cadeira 47, mas preferi passar por detrás do passarinheiro. O colorido e os cânticos ecoavam em mim as coisas boas que este momento promete. Perdi a hora. Agora me encontro aqui nesta difícil tarefa de ultrapassar todas essas pernas e pés para chegar até meu assento. Pronto, ele começou:

— Senhoras e senhores, é com muita felicidade que estou certificando os cinquenta pacientes que passaram quase dois mil dias nesta jornada. Libertos das angústias, dos devaneios que os perseguiam, quando atravessarem aquele portão, poderão enfim, ter uma nova vida.

Era agora a sua vez.

— Por favor, a paciente da cadeira de número 47 tem algo a dizer?

— Sim, doutor: por que as janelas tão altas se não podíamos seguir os vagalumes?

O certificado de Joana trazia o seguinte diagnóstico: Suicida em potencial — Curada.

www.poemaemflor.com.br

@iva.poemaemflor

Ivo Aparecido Franco

São Bernardo do Campo/SP

Densidade demográfica

Aprendi que a densidade demográfica
É a medida da população dividida pelo território
Aprendi que alguns lugares
São mais densamente povoados que outros

Nesse momento
Meu coração tem densidade demográfica nula
Só porque você foi embora
Não há mais ninguém por aqui

Eu, que passei tanto tempo aprendendo
Que densidade demográfica
É a população dividida pelo território
Nem imaginava algo tão inusitado:

O planeta inteiro
Todas as estepes
Todo o cerrado
Toda Tundra

A floresta tropical
A floresta temperada
As Savanas, os vales americanos
As dunas, os bares, as esquinas

Tudo isso só estava povoado
Porque você existia
Nenhum cálculo jamais me mostrou
O que só vi agora:

O mundo inteiro ficou vazio
Só porque você se foi
Não resta ninguém no mundo
Pois todos os cantos dele eram teus

O engraçado é que você se foi
E parece que isso aconteceu 300000
Vezes!
Algo invisível te levou!

O que te levou não foi um vírus
O que te levou foi a ignorância
O que te levou foi a indiferença
O que te levou foi a maldade

Não haverá jamais patriotismo
Nem bandeiras verde amarelas suficientes
Para hastear nas cruzes tristes
De cada um desses brasileiros

Jacqueline Santos Magalhães
Itaberaba/BA

Além do muro

Me deixei levar por um desvario Kafkiano. Já não aguentava mais! Dias se arrastara contornando prolixos anos, aos poucos tecia uma relação afável. Involuntariamente passara a ser minha fiel e única companhia. Embora não foste anunciada, religiosamente adentrara aos cômodos da casa, silenciosa, calma e pousava-se como um ofício britânico diário. Já se tornara um ente agregado. Confesso que acabei me acostumando e até gostando dessa dissímil afinidade. Logo eu, que fora órfão de afinidades. Já era tarde, dessas tardes de inverno enevoado, neste dia não recebera sua visita, acabei ficando enferma dos olhos, velho ativador reticular. Imediatamente, uma atmosfera soturna submergia o ermo espaço. Após deglutir uma fórmula antiga, adormeci. A sensação revelara período maior.

Ao despertar, amarrei meus anseios, retirei minhas aspirações do caixa-forte, somente após consultar meu fiel oráculo, saí à sua procura. Segui em frente, mergulhei ao mais profundo limite oceânico. Não pensei muito, o bastante. A ideia era absurdamente sóbria! De repente num salto célere e preciso pulo, escalei aquele muro. Tinha que fazer algo para acabar com aquela aflição. — O que havia além daquelas muralhas? — O que havia além daquele perfume agreste e daqueles ares que ofuscavam minha retina?

Do outro lado do muro, havia um roseiral, apesar das lindas carolas, o jardim transmitia uma atmosfera abrumada e gélida, estava escuro, mas ainda, dia. Os espinhos das carolas penetraram-me feito flechas bélicas, logo o sangue desaguara como um puro Adan Merlot Malbec ao encontro dos sedentos lábios. Continuei essa jornada fantástica. Fui levada a um portal de um casarão

arquitetado no próprio jardim, que deva acesso a uma sala ampla, deserta, pobre mobília opulenta. Um negro Steinway, era o anfitrião. Não havia receptividade mais bela. A sala dirigiu-me sem nenhuma tortuosa viela, a outra afetuosa diminuta área. Continue confiante em busca do meu objetivo alquímico.

Finalmente, encontrara, prontamente acessível e voluntária à minha chegada. Subitamente fui tomada pelos seus braços acautelados, nunca sentira tamanha proximidade, confiança. Entreguei-me, não havia estação mais favorável, o chão era o limite do meu carnívoro desejo. Sem cerimônias, aos poucos fui me despindo dos pensamentos obsoletos. Conspícuo momento! Consagrei-o de modo sôfrego!

Nunca mais conseguir regressar daquele exímio mundo. Passei habitá-lo. Abandonei minha vida módica, boemia de enfado. Seria uma descoberta de mim? Ou minha própria morte ideológica escancarada. Não quero mais saber o que há além do muro, que agora refugiei-me. Instale do meu íntimo! Encontro mais que empírico. Fui enlaçada pela Literatura e emancipada na terra dos poetas.

JAX

Joana-De-Barro

Havia muitos dessa espécie no arvoredo diante do edifício. Joões e Joanas a ciscar por ali e a recolher o barro com que constroem seus lares.

O canto possante, surpreendentemente forte para o tamanho do corpo, chega a incomodar os moradores na hora da sesta ou em outra ocasião que reclame silêncio.

Fora disso, pouca atenção lhes é concedida.

A penugem, de um bege fosco, não contribui para conferir maior destaque à sua presença. Mal serve pra dar pena.

Joana ressente-se, porém, da indiferença com que é tratada.

Como todo ser, espera alguma consideração, sonha até com o amor.

Qual! Quanta ilusão tola!

Seu cérebro, atrofiado pela falta de acesso à educação, assemelha-se ao da maioria dos congêneres que alçam vôo incerto, sem estarem habilitados a subir na vida.

Pobre dessa Joana-de-barro para quem nenhum poeta de peso perderá seu tempo em dedicar seus versos.

Insignificante, resta-lhe perambular pela grama, remexendo folhas, catando barro e fugindo à eventual aproximação de estranhos. Mesmo quando se arrisca a ficar parada, sem fugir de pronto, o máximo que consegue é algum olhar de piedade. No mais das vezes, contudo, recebe olhares de desdém.

Sofre calada, quase sempre. Se canta, mal revela a tristeza do seu viver pé-no-chão, entre folhas tão secas quanto ela.

Faz de tudo para permanecer fiel e não causar insatisfação ao companheiro, cuja cantoria ilude a ponto de transformá-lo em ídolo. Ela bem sabe, no entanto, que, se a situação aperta, ele é capaz de entregar a própria mãe. Aprisionar sua parceira em casa, então, constitui tarefa fácil e típica para sua espécie.

Dura lei da sobrevivência!

Quase não sobra tempo para divertir-se. Joaninha labuta de sol a sol, expõe o corpo frágil e desbotado às intempéries, naturais e artificiais.

O vento a castiga sem dó, altera seu curso de vôo, agita suas roupas como a querer despedaçá-las.

A chuva, que mata a sede de animais e vegetais, também se mostra cruel ao exagerar na dose e matar os sedentos. Joana tenta proteger-se em sua casinha de barro, mas frequentemente se vê forçada a caminhar debaixo do temporal, encharcada.

Não bastasse a Natureza hostil, a hostilidade do bicho homem aparece quando menos se espera. Tome pedra e tome pau a zunir, por pouco atingindo a infeliz criatura.

Insultos, deboches, ameaças, doenças, fome, tudo se torna um imenso penar.

Um dia, a pobre Joana-de-barro sucumbe, perde as forças e entrega os pontos, relegada à sua miséria.

Pode ser que alguém chore sua partida. A maioria seguirá indiferente ao drama da morte ou sequer tomará conhecimento de que aquele ser cessou de existir.

Joana! Joana-de-barro! Mais uma simples e indefesa passarinha que passará de uma dimensão pedestre para outra, ignorada.

Outubro 2020.

Jeferson Ilha
Santa Maria/RS

A verba da providência

Precisamos conter esses índices da previdência!
Cada vez tem mais velhos no mundo.
Não vamos pagar o que a população tem direito.
Precisamos continuar desviando verbas livremente.

Já sei, aposentadoria somente aos 80 anos
Ou morrer trabalhando...
Mas esses velhos insistem em viver mais!
Calma, o monopólio farmacêutico está lucrando.

Ainda não é bom. Libera as armas
Pelo menos os pretos vão morrer mais facilmente
Sem a culpa recair pra cima do governo.
A polícia faz muito escândalo. É pá pum!

O foco agora é eliminar os velhos,
Um problema de cada vez, deixa os pretos pra depois.
Não podemos perder a verba da previdência.
Eis que então, surge milagrosamente um vírus natural.

E libera as escolas, quero ver mais pobre morrer!
Querem verba sem trabalhar, a esse privilégio
Só eu tenho direito. Deleite condensado é pra quem pode.
Apascentar e sugar toda a imbecilidade desse gado acéfalo.
Até que restem apenas os burros de carga.

https://www.facebook.com/jeferson.ilha
@jeferson_ilha

Jeferson Romão Oliveira
Lauro de Freitas/BA

Inveja dos que vagueiam

Hoje eu acordei sem lembrar...
acordei sem lembrar o que eu era.
E não falo do que eu era anos atrás,
mas do que eu era ontem.
Se eu era água ou vapor, fogo ou fumaça.
Eu só sei o que eu sou agora:
um perdido.
Não daqueles que vagueiam.
Esses têm muitos lugares pra onde ir.
Sou um daqueles que estão presos.
Eu, preso.
Preso nesta cela,
cela que chamo de "eu".
Queria eu ser um dos que vagueiam.
Queria eu estar perdido fora de mim.

https://twitter.com/escrefildo

Jéssica Iancoski
Curitiba/PR

O Lago das Carpas

A vontade escarpa
E salta
Ligeira do fundo do lago do íntimo.

O sopro é lisonjeiro.

Tem o cheiro da alforria
Das cerejeiras azuis do japão
Plantadas em um vazio qualquer
De Bonsai.

O sopro sai
E pausa o ócio
Num instante de ar puro:

Queria ser a tilápia
Nas límpidas arpas
Do barulho das águas.

A conformidade dos dias
Prende as nadadeiras,
Poda as flores
E pousa no apuro

De tantas promessas antigas
Que não podem mais ser desfeitas.

www.jessicaiancoski.com
@Euiancoski

Joana Santos Silva

Flores de Primavera

O sol vem para ficar,
Nesta linda Primavera,
As flores a desabrochar,
Iniciam nova era.

Tudo é tão verdejante,
Dá-se uma explosão de cores,
O dia fica mais brilhante,
Tal e qual as flores.

Uma sensação de calor,
O corpo que bem que aquece,
Nasce aqui e ali o amor,
Que o frio tanto enlouquece.

Os pássaros voltam a cantar,
Tão leves melodias,
Que tendem a aumentar,
Com o passar dos dias.

E os dias ficam maiores,
A noite tarda a chegar,
Mais tempo para as flores,
Conseguirem namorar.

João Sereno
Nova Iguaçu/RJ

O Ponto Turístico

Pular era morrer. Entre uma pedra e outra, um espaço intransponível. Do outro lado, porém, morava uma paisagem que, se a olhos nus era formidável, no ângulo certo, com o clique certo, poderia ser algo nunca antes visto nesse mundo já por demais imagético. Um chamariz para influenciadores digitais que, por serem atualmente os criadores de pontos turísticos, buscaram desbravar aquele local ainda ermo.

O primeiro a morrer foi o Vando, do DesbraVando. Eu o conhecia da Internet e de uns dois eventos presenciais. Era o mais maluco de todos, aquele que se propunha aos desafios mais perigosos. Foi um álibi achar que ele poderia ter sido displicente. Isso serviu de desculpa pra não pararmos as expedições.

Depois caiu a Mari, do Marijuana Sandaliando. Mas pelo nome de seu blog você há de convir que ninguém achou surpresa. Se estivesse sóbria, daria pra pular ao outro lado, comentou-se.

Mas quando morreu o Ándres, todo o universo de digitais influencers da área de turismo ficou desbaratado. O blog dele chamava-se MoChileno e, embora eu não o conhecesse bem, sabia que era um experiente montanhista do Chile. E mesmo com tanta experiência morreu. O que seria de nós?

Então chegou a minha vez. Era uma ordem natural. O meu era o quarto blog mais curtido. O público fez pressão. Mas não foi só isso. Depois que essas pessoas queridas e semelhantes se foram, eu me senti desafiada a pular aquela pedra e descobrir um novo lugar. Por eles.

Como uma navegadora antiga, me joguei em águas desconhecidas. Primeiro porque essa vida que a gente leva nos impulsiona a não parar. As imagens ficam obsoletas muito rápido. Mal colocamos uma

foto e um relato de experiência num local novo e já estão perguntando: qual é a próxima viagem? A trip do mês passado tem cheiro de dez anos atrás. Acho que os seguidores são tão exigentes porque eles próprios não vivem, senão por tabela. A cada perigo que corro, sentem frio na barriga, quando me arrisco pegando carona, sentem-se livres, quando arranjo um amor de estrada, se apaixonam com o meu coração.

Mas não são só eles. É assim que funciona com os patrocinadores. As agências de turismo e os fabricantes de mochila só querem pagar por fotos diferenciadas. Por último, mas não menos importante, porque... bem, quantos likes eu conseguiria? O ego é uma desgraça e, no meu mundo, like vale risco.

Então eu cheguei no lugar onde todos Wando, Mari e Andrés morreram e me acovardei. Ponto. Não tenho mais o que dizer. Eu morreria. Então escolhi viver, mesmo que me sentindo careta.

Tão careta que hoje, dois anos depois, volto ao lugar onde houve tantas mortes de blogueiros. O lugar está cheio, mas ninguém se importa em pular ao outro lado. Isso porque uma empresa construiu um teleférico seguro e a travessia agora ocorre numa cadeirinha, de modo que você pode curtir o tão cobiçado visual. Mas não só. Pagando 40 reais (aceitam cartão de crédito) você tem direito a uma lanchonete, um mirante, dez fotos inclusas e acesso à área mais visitada, um cemitério de blogueiros.

Recomendo a visita!

Joaquim Bispo
Odivelas, Portugal

A transmutação

Quando Cacilda deu por si, após um curto período de sensação de irrealidade, percebeu que se transformara numa árvore do jardim em frente de sua casa.

Permaneceu de braços levantados, curiosamente sem esforço, e pernas bem metidas na terra, como quem tem medo de se mexer em uma situação de perigo. Não conseguia discernir sons nem imagens, mas a agitação do ar trazia-lhe muita informação óbvia e outra que ainda não sabia bem interpretar. O mesmo acontecia às subtis vibrações do solo que lhe faziam tremelicar as pernas.

«O que terá acontecido?», surgiu na nebulosa da sua consciência, o que lhe transmitiu um instante de confiança, por, ao menos, perceber que dispunha dessa capacidade de controlo de si. «Talvez tenha tido uma quebra de tensão quando me levantei. Ou já estava a tomar banho? Não me lembro.»

Era uma chatice, de qualquer modo: entrava às 10 no supermercado e não estava a ver como podia chegar a horas. Felizmente que no início do dia havia poucos clientes e talvez as colegas conseguissem aguentar o serviço sem grandes complicações. Mas do raspanete da chefe não se ia livrar.

Avaliou a situação com detalhe. Era mais do que as pernas o que tinha enterrado. Percebeu a pressão da terra até ao alto da anca, o que um leve roçar das ervas veio confirmar. Para baixo, era humidade e tensão firme. E uma certeza de imobilização. Para cima, secura, agitação do ar e vibração luminosa. Com esta vibração vinha um conforto de ganho de energia. Não enchia quaisquer pulmões, mas a sensação de plenitude respiratória era real.

«Estou com a pele muito rugosa», percebeu. «As partes da barriga e do peito estão bem

escamosas. Peito, salvo seja. Está mais espalmado do que quando me deito de costas. Só se forem aquelas elevações junto à confluência dos braços mais baixos. Caramba! Se tiver de aplicar cremes a este corpanzil todo, tenho de trazer a prateleira inteira», gracejou.

Percebeu o carro dos do 3º andar a arrancar. «Ainda bem que não me viram.» Pouco depois, a vizinha da cave a passear o cão. «Se se aproximar, é capaz de reconhecer a tatuagem em forma de coração que tenho ao fundo das costas... Não, acho que nem olhou. E se o cão me vem urinar ao troço… Faço o quê? Atiro-lhe com umas pétalas? Nem sequer ainda tenho vagens rijas… Ai a minha vida!»

Percebeu pela primeira vez o toque múltiplo do que deveriam ser insetos. O primeiro pensamento foi de incómodo, mas pouco depois toda aquela azáfama por sobre o seu corpo, se lhe podia chamar isso, tornou-se confortável e até sensual.

«Sensual, como? Aonde fui buscar esta ideia?», admirou-se. Então percebeu que o seu sexo estava distribuído por uma miríade de pontos do seu corpo, onde as abelhas se atarefavam na recolha de pólen, o que lhe transmitia múltiplas sensações de regozijo. «Devo estar a fazer uma linda figura, de múltiplos braços no ar a agitar pequenos sexos coloridos, entusiasmada com os toques de quem chega, entra, deixa sémen de outras árvores que nem sequer conheço e se vai embora sem um beijo de despedida...» Sorriu-se com o próprio gracejo, mas duvidava que algum outro ser o tivesse notado.

Ser caixa no supermercado era muito cansativo e mal pago, mas tinha essa particularidade de permitir o contacto com muitas pessoas. Durante uma jornada de trabalho trocava palavras, sorrisos, olhares e toques de mãos com dezenas de mulheres e homens. Desde os "gatões" aos "velhadas".

Fora lá que conhecera o último namorado, da lista que já ia longa e mal sucedida. Na entrega do troco em moedas, um desacerto de gesto provocara um choque de mãos. Houvera risos e troca de gracejos e um toque final de mãos bem mais carinhoso. Ele devia ter gostado, porque quando voltava procurava sempre a caixa dela. E voltava cada vez com mais frequência. Enfim, o

costume, em tudo. Ao fim de uns meses a viverem juntos, arranjou uma desculpa esfarrapada de que precisava de espaço. «Espaço… Ele é que devia estar aqui para sentir o que é falta de espaço para as pernas.»

«A esta hora já deram pela minha falta. Vou ter de inventar qualquer coisa com a saúde da minha mãe. Lá se vai um dia de salário! E se isto se prolonga? Quem virá à minha procura? Não será a minha mãe, com certeza, que fica pesarosa quando não lhe atendo o telefone, mas mal sabe onde moro. E os ex-namorados foram de vez.»

Com o avançar do dia e do calor, os festões olorosos de flores brancas, pendentes dos múltiplos ramos da acácia bastarda em que Cacilda se transformara, eram uma atração irresistível para muitas dezenas de abelhas e besouros. Ela não lhes resistia, antes se expunha, num deleite físico de entrega à orgia que os insetos representavam. Nunca se entusiasmara com a ideia de ter sexo com mais de um homem, mas certa vez acontecera. Não gostara. A ilusão de excitação acrescida gorara-se em grande medida. Era muito membro para dar atenção, muito físico e pouca alma, egoísmo a dobrar.

«Será que vou passar aqui a noite? Deve estar frio.» A noite foi estranha. Com o entardecer veio uma espécie de sufocamento. As folhas já não recebiam luz, já não lhe transmitiam energia. Teve medo. Então, paulatinamente, recomeçou a "respirar" com conforto, expirando o que a estava a entupir. Frio não sentiu muito, só um ténue encarquilhamento das folhas. Deixou-se entorpecer, num sossego de que tanto precisava.

O novo dia trouxe-lhe a perceção ténue, fluida, da absorção que se produzia nos recônditos que os seus membros inferiores alcançavam. E a primeira ideia de imobilidade subterrânea também era falsa: impercetivelmente, as suas extremidades tateavam, sondavam e deslocavam-se milimetricamente para a humidade. E bebiam. «Ali, pelo menos, a pele deve estar bem hidratada.» E quando a orgia floral recomeçou, intuiu claramente os movimentos ínfimos que se produziam dentro das suas corolas. E esse conhecimento trouxe-lhe uma alegria que nunca tinha podido sentir — a de que ia ser mãe.

Percebeu a evidência do processo de chegada dos frutos. Daí a uns dias, não podia ainda calcular quantos, ia "parir" vagens cheias de sementes. Era de uma grande ironia o que lhe estava a acontecer. E de certo modo trazia algum consolo às injustiças da vida. Muitas vezes, da janela do seu 2º andar, contemplara a acácia e lamentara a sua imobilidade forçada. Mas, talvez, algumas vezes lhe tivesse invejado a exuberância de flores e frutos, inconscientemente, pelo menos. Ia gerar centenas de filhos, poucos meses depois da constatação dramática de que lhe tinha cessado o período. E não cessara por estar grávida, que já não estava com um homem havia quase um ano. «Nem tudo é mau», alegrou-se.

As lembranças e conjeturas que lhe acudiam, trouxeram-lhe, no momento, uma suspeita assustadora: «E se tudo isto não passa de imaginação, de ideias na minha cabeça? Será que estou à janela a imaginar que sou uma acácia? Lembro-me de, há muitos anos, ter andado "cismática".» Assim, explicava-se a sensação de irrealidade que experimentara antes de se ver transformada na acácia. Concentrou-se na hipótese, mas daí a pouco pareceu-lhe tão ou mais bizarra do que a própria transformação. «Mais provavelmente sou uma acácia que pensa que pode ser uma mulher na janela do 2º andar a imaginar-se acácia», riu-se, o que, desta vez, transmitiu uma ténue agitação a algumas das suas folhas. De qualquer modo, não havia como saber. Esta constatação foi o primeiro passo do necessário processo de habituação ao seu estado e de aceitação da ideia.

Com a chegada do verão e das cigarras a fazerem vibrar o ar que envolvia o seu corpo carregado de vagens pendentes, como uma mãe cheia de filhos, mais do que resignar-se à sua condição, abraçou-a com todos os ramos da sua fronde.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Jober Rocha
Niterói/RJ

O que desejo para os meus leitores

Todo início de ano é uma época boa para refletirmos. Refletirmos sobre tudo aquilo que fizemos de bom e de mau, no ano que passou; meditarmos sobre o que nos ocorreu e, principalmente, de planejarmos as nossas pequenas existências para fazer frente à imensidade de possibilidades e de oportunidades que o mundo sempre ofereceu e continua oferecendo, aos que planejam as suas vidas.

Em agradecimento àqueles leitores fiéis, que têm me acompanhado desde o início, tentei resumir neste texto alguns ensinamentos que devem estar presentes, diariamente, na mente de todos nós, que possuímos como meta, nesta existência terrestre, algum dia chegar a alcançar a sabedoria.

Em primeiro lugar, devem ter sempre em mente a frase *"Conhece-te a ti mesmo",* que está inscrita desde tempos imemoriais na entrada do templo de Delfos, na Grécia, construído em honra a Apolo, o deus do sol, da beleza e da harmonia. O conhecer-se a si mesmo é a pedra fundamental que, se bem assentada, dará início a edificação de um magnífico templo representado pelo ser humano, seu caráter, seus pensamentos, seu raciocínio, suas emoções; enfim, a sua própria alma.

Em segundo lugar que, louvando-se nas experiências passadas, tenham aprendido com seus próprios erros e acertos, fazendo de suas metas para o novo ano sempre procurar evitar aqueles erros e repetir frequentemente estes acertos.

Em terceiro, que iniciem os seus dias pensando nas palavras com que o Imperador Romano Marco Aurélio iniciava o dia dele: *"Neste dia vou tratar com intrigantes, ingratos, insolentes, velhacos, invejosos e gente grosseira. Se eles possuem estes defeitos é porque não conhecem nem os verdadeiros bens nem os verdadeiros males. Eu, porém, que sei que o verdadeiro bem é tudo aquilo que é decente e o verdadeiro mal tudo aquilo que é vergonhoso, não posso considerar-me nunca ofendido por eles, visto que eles jamais poderão despojar a minha alma da virtude que ela, eventualmente, já tenha".*

Em quarto, ainda seguindo os exemplos de Marco Aurélio, que consigam perdoar sem demora aqueles que se arrependem; que

cheguem a ser livres, firmes e não titubeantes; que possam ter em vista apenas a razão e que se mostrem os mesmos em todas as circunstâncias da vida; que saibam, mas que não ostentem sabedoria; que não se deixem abater com facilidade; que não sejam desdenhosos para com os demais, julgando-se melhores do que eles.

Em quinto, ao contemplarem o cenário nacional em que vivem e ao perguntarem a si mesmos como isso tudo pôde ocorrer (e porque se encontram na triste situação em que estão) devem enxergar, em si mesmo, a causa primeira de todo este drama sociocultural, com repercussões políticas e econômicas, vivido pelos nossos irmãos brasileiros.

Na verdade, o sujeito e o próprio objeto deste texto hoje escrito somos todos nós, caros amigos leitores, e as escolhas erradas que temos feito ao longo das nossas vidas. O Sistema de Dominação existente funciona muito bem quando, e enquanto, a maioria das pessoas aceita a dominação, acredita nas 'verdades' proclamadas pelo Sistema e as reproduz.

Nossas escolhas erradas com respeito àqueles que conduzirão os nossos destinos, têm sido a principal causa do nosso atraso econômico e social e das crises pelas quais passamos. A nossa alienação quanto a questões geopolíticas e econômicas; bem como, a nossa inocência e pouca cultura quanto a questões de ordem ideológica, política, religiosa e filosófica, estão, sempre, por detrás de todos os males que nos afligem na atualidade, compondo um pano de fundo de nossas idiossincrasias.

Eu faço votos para neste e no próximo ano, quando se realizarão eleições para a Presidência da República, que uma nova maneira de entender o país e o mundo em que vivemos (nova na medida em que difira da versão oficial) contribua para libertar-nos de falsas propagandas, falsos valores, falsas crenças, crendices e superstições, todos maquiavelicamente inoculados em nossas mentes com o único objetivo de esconder-nos a verdade e permitir que sejamos facilmente dominados, sem que dessa dominação tenhamos consciência e sem que a ela oponhamos resistência.

Que vocês, meus caros leitores, passem a ser mais conscientes dos seus interesses e menos ingênuos com relação aquilo que lhes tentam incutir através da grande mídia, oficial e privada. Defendam os seus pontos de vista e valores, não se deixando influenciar e, dentro da lei, principalmente, façam apenas aquilo que as suas consciências ou o bom senso lhes indicar. Um feliz ano a todos vocês, de paz e harmonia em suas famílias.

Joedyr Goçalves Bellas
São Gonçalo/RJ

O rio do quintal da minha casa

No quintal da nossa casa passava um rio e minha avó, Voinha, como a chamávamos carinhosamente, batizou esse rio como lembranças.

Enquanto existir esse rio dentro de vocês, mesmo que tudo tenha se acabado, virado pó, a casa demolida, o quintal cimentado, a água do rio evaporado para ir morar em uma nuvem, um dia, quando menos se esperar, irá chover dentro de vocês e suas almas serão inundadas por lembranças que nenhum cupim é capaz de devorar, que nenhum tempo ousará apagar.

Os livros estarão empoeirados em alguma estante.

E a gente se debruçava sobre o leito do rio, quando Voinha escapulia para a sua aldeia lá de trás de todos os mundos, por trás de montanhas e morros, para nos carregar pelas mãos já descarnadas, pelas pernas cansadas, mas víamos os meninos correndo como eu corria atrás de uma bola de borracha para fazer um gol insuperável, o gol dos gols, aquele que nunca alguém tivera sequer imaginado em fazer. E eu fizera. Era a magia do rio. Voinha via sua aldeia sendo dizimada pela praga dos gafanhotos ou pela praga da cobiça humana, de querer sempre mais um pouquinho, de não se contentar, mas Voinha não chorava, dizia que tudo era parte do rio e não tinha como apagar as patas dos cavalos pisoteando hortas, arrozais, as meninas em choro escondendo a vergonha e suas vergonhas, em vão, o poder do homem em destruir não tinha limite, mas Voinha conseguia enxergar uma figueira milenar, via a mãe dela lavando a roupa no rio esse mesmo rio que nós estamos debruçados e eu aproveitava e pedia à benção aos meus tataravós, as roupas no quaradouro, os cacos de telha, os pedaços de sabão, Diana correndo a lambuzar minha cara com

sua língua de cachorra brincalhona e eu não sei mais onde estou, não sei qual é essa época, meu pai falava dos bondes e dos corsos dos carnavais inesquecíveis, minha mãe preparando o café da manhã e me chamando para mais um dia de aula, as aulas da Voinha era a vida lhe ensinando tudo que estava ao dispor da vida para lhe ensinar, só não tinha tempo para as letras, mas os velhos da aldeia falavam pelo cotovelo e tudo ia sendo ensinado como se os livros estivessem ali ao alcance da Voinha e Voinha sabedora dos livros e das leituras, quer uma manga madura? Eu aceitava porque no rio do quintal da minha casa havia várias mangueiras a escolher. Qual é a de hoje. Manga rosa? Espada? Carlota? Carlotinha? Coração de boi? E o coração da Voinha era imenso e ser menino era ser poeta. A fantasia das palavras ditas em metáforas, mas despidas de ser esnobe, eram apenas palavras, as mais simples, as mais bonitas, as melhores ditas pela boca de Ritinha quando ela me declarou o amor eterno, aquele amor que acaba no tédio do cotidiano, que acaba nos braços de outro, que acaba numa porta aberta, que acaba porque estava na hora de acabar, mas no rio não acaba nunca, não acaba, está lá para ser visto, revisto, recordado e abrir uma garrafa de vinho e brindar ao rio que não para de correr.

Como os meninos correm.

Como os meninos corriam.

Como o rio corre.

Desembesta por estradas tortuosas a murmurar que o nome dele é lembranças e eu vejo Voinha olhando por detrás da cortina, de um apartamento sem vida, quando Voinha já pensava no último suspiro e o último suspiro veio numa travessa de prata.

E o rio não para de correr.

Jordão Pablo de Pão

Niterói/RJ

Arrebois

No esvair-se da fina renda do tempo, então minha inquestionável franqueza de existir. Miseravelmente, asas de borboleta minhas não envergam frente ao obsequioso fulgor do sentido gélido desta tarde. Ruflo-as como quem tem sede urgente. Do líquido transparente do termômetro da consciência coletiva, leem as antigas adivinhas da borra de café - na crise, água apenas: serei spo em meio a tantos sós. Paro diante da casa minhas primeiras anuidades. Sob a goiabeira com bichos dependurados ainda está enterrado meu Tobias menino, irmão do ventre de Mercedes, a quem o tempo ceifou cedo demais. Será dele esses bichos infestados na árvore de mamãe? De seiva em seiva, seria o sangue nosso, demasiado humano, um continuum do espermatódico testemunho de existência em caule? Penso que sim. Gosto de pensar que sim. O terreno íngreme de ser pertence a cada um, é coisa tão pessoal e não selecionada. O Tobias agora é um verme ou em seu transporte. Parece melhor assim. Não sou adepto dessa sensação novidadeira que tudo é e o corpo para nada presta. Corpo humano é testemunho - em morte, para os bons de amores, testamento. Tobias - quem sabe - queira me dizer algo… Eu agora uma instável consciência de tempo ilimitado. Ele todo ilimitado. Não sei os tropeços de Tobias e não posso parar de borboletear minhas asas. O chão de nossa convivência está cheio de folhas mortas colo ele, um dia vivos como eu. Os veios da copa desfraldada, sustentada por caule rugoso do centenário fincar, trazem em céu uma sofisticada obra artística do agora: Tobias, para mim, é memória - e eu para ele? Será que, estando ante meus olhos, conseguiria reconhecer o delicado tear que os traz juntos? Seria Mercedes, se em páginas se escrevesse, tinta espessa de inspiração célere? Seria apenas o rabisco entremeante da celulose de algum tempo sendo? Vez ou outra me pego a pensar no conteúdo dessa contingência: em que medida somos? Com o arrastar dos ponteiros na pesada cristaleira de jacarandá, minha agoressência não suporta o misterioso inquérito de estar. Trago muitas perguntas para um corpo tão diminuto. into, por vezes, que o ar é furtado de mim e ao vaguear da estrutura aérea se desfacela em proposta. Resolvo pousar em um ramo da árvore de outrora. Já não temos goiabas boas. Vertem apenas

os frutos imaturos de um vegetativo sentido de viver. Vermifugam a madeira de parasitária ocupação para a retomada da saúde da goiabeira. Em cada vinco, gotículas inequívocas de extermínio. Quedam existências aliadas. Em cada vinco, futuros posterizados pela dificuldade de relativização. Vão ao terreno folhoso, originam outros seus. Mais bichos do desencantado exercício de ser abreviam a sua temporada. Cada um cuida de uma parte da entranha de Tobias - será? Como fazem viver os órgãos mais mirrados, ácidos por conceito? A morte é especulação também para eles. Toda vida é essencial - ensinaram-nos aos domingos de genuflexório na igrejinha central. Mas também os vermes? Também os funestos? Tobias gostava de correr nesse quintal, sob gritos histéricos de Mercedes. Sedenta de prole, laboriava bolos nas tardes de domingos - dias enfadonhos de engenhos e de convivência. Tinha vó no primeiro dos dias. Mercedes não gostava. Mas a geleia de goiaba era fato: no arrabalde diário, arrastava correntes do prenúncio da semana. Sofria calada a cada sete. O embate, inevitável; o desconforto, sofrido. Quem salvava a manhã era Tobias. A criança circundava a mesa, os acordos, os falatórios como quem exige resolução. Levinha, vovó dizia com olhos entortados: "Mercedes, veja esse seu enteado… Ter de aguentar aqui, nem sangue comunga…". Reconhecia em vovó esse orgulho besta de quem calhou em nascer aqui ou acolá. Acontece que a idosa mulher não sabia de tudo. Ela não era árvore boa, goiabeira enraizada da infância. Prestava-se ao espaço autoconcedido de fingir raízes. Tudo demasiadamente consolidado. Tudo irrefutável. Tudo absoluto. Família era extinção - Mercedes que o diga. A gestar, fugiu. Jamais aceitariam a mácula da honra. Galhos de censura perfurariam sua carne alva demais para aquele sobrenome. Vovó também tinha segredos e pazes fizeram. Hoje, borboleta, sei, entendo a migração, admiro o intervalo. Tobias também sabia que útero é matéria de ideia. O cérebro semeia no espaço curto de estar o suspiro de registro. Em verdade, meu mano nem se preocupava com isso. Era em trânsito, em testemunho de alegria. Ainda vejo nas folhas os rastros dos nossos tênis pequeninos, ainda que bagunçados - quantas vezes sorteio? quantas vezes Compostela? Abrimos caminhos, escrevemos memórias. Todavia, nem vovó nem Mercedes sabiam - e eu, no âmago, sempre soube… aquela cor… aqueles olhos… aqueles sinais… Tobias era minha única e verdadeira família. Jaz Tobias sob minhas asas.

www.cronicariodopao.blogspot.com

José Manuel Neves
Almada/Portugal

Porque escreves

"Por que escreves?" Pergunta-me alguém.
Eu respondo-lhe que não sei muito bem.
Mas é a forma que um dia descobri,
De poder o coração aos poucos acalmar,
Quando a dor da alma me vem apertar,
Sem esquecer tudo aquilo que senti.

Se vejo o meu país ser maltratado,
Porque o seu destino foi ignorado,
Eu grito no papel: "Chega de ignorância".
E tento alertar, quem ainda quer escutar,
Para os valores que se estão a desperdiçar,
Quando só se pensa na vida com ganância.

Se impera a injustiça e a falta de respeito
Eu passo para o papel o que sinto no peito
E com palavras, mostro o que está errado.
Que não fazemos o caminho sempre sós,
Que os que nos cercam são como nós
E devemos todos seguir do mesmo lado.

https://joseneves.tambemescrevo.com/

Julia Mascaro Alvim
Osasco/SP

Bambino

O menino meu navega

Não tem dor,

Tem ilusão.

Pede esmola a quem vagueia

Não pediu a redenção

Age no ato, artístico ato

Tem fome à encenação

Não o teme quem o vê; foge o homem, não o irmão.

Creia nele, dê-lhe a mão

Depois torpe descreia então

Peça logo o seu perdão,

Ele é um ícone espalhado

Quem temeria o seu irmão?

Seu irmão é bem bambino

Meu e seu na encenação

Quando o ato é alegoria, já é dia do perdão.

Meu menino está inscrito para a próxima eleição

Elegível na miséria sábia

Do sabido amor, livre pendão

Já eleito e arbitrado, terno símbolo irmão.

Perdoado foi o ato

Não o homem,

Só o irmão.

Elegíaco e jurado no alegórico estado

O menino meu navega mendigando corações

Abrigando as suas ações, de palhaço; ofício árduo

De alegrar mil corações

No amor que tem e vai,

Vem e salva o meu amor.

Juliana Moroni
Ibaté/SP

Cigana de olhar enluarado

à Val

Feiticeira em noites de lua cheia,
Bruxa, semeadora de luz,
Anjo sem asas que habita corações banhados em amor,
olhar de Mulher sedutora,
Cigana de olhar enluarado,
encantadora.

Conversa envolvente,
ora conquistadora,
ora redentora de almas aflitas;
ora amante,
ora espírito sábio guiando sofredores para longe de seus infortúnios.

Cigana de olhar enluarado,
codinome Amor,
andar envolvente,
voz de Sereia em mares calmos,
corpo embebido em paixão,
sedução.

Anjo sem asas,
reflexo divino em sorrisos de esperança,
lágrimas de alívio em faces desoladas,

brilho da esfera etérea,
caminha entre humanos,
sublimemente amparada por seres celestiais.

Cigana de olhar enluarado,
lábios vermelho-flor,
mãos que gesticulam encantos,
voz que ressoa amor.
Sabedoria de almas milenares,
inquietude de espírito curioso
à bater nas portas de mentes alheias,
desvendando mistérios
e resgatando existências perdidas em vivências incompreensíveis.

Feiticeira em noites de lua cheia,
Bruxa que semeia a aurora,
Anjo sem asas,
Deusa em carruagem de estrelas,
Cigana de olhar enluarado,
harmonia do universo,
arco-íris de palavras.

Kárita Helen da Silva
Vila Velha/ES

Recordações da Primavera

Nas primaveras de minhas memórias
Pousam nas árvores passarinhos
cantarolando tecem seus ninhos
aureolando a paisagem (in)glória

Nas primaveras de meus sonhos
florescem ipês de todas as cores
há borboletas que festejam as flores
nas telas da alma que te exponho

Das primaveras sobreviventes
há queimadas de que me envergonho
há fumaça em tons cinza-tristonho

assisto a fauna envergando em dor.
Enalteça o solo que te serve humilde
Proteja a natureza! Este é o meu clamor

Kelvy Rosalvo
Maceió/AL

Monocromático

Eu troco olhares com os meus próprios pensamentos...

Ideia fixa que reflete o torpor...

Ondulante cortina azul...

Via única que cintila oscilante...

Declive que flutua inconstante...

Num mundo acromático colorido de solidão...

Cerro os olhos e ouço atento...

São tantas melodias nostálgicas que confluem e se mesclam...

Entre mil sóis...

Só peço proteção...

Para este mar que repousa suave...

No fundo do meu coração azul, monocromático.

Kermerson Dias
Campina Grande/PB

Visita de beija-flor

Há quem chame saudades
Visita de beija-flor
Não tem hora marcada
Chega assim, manso,
Pra curar dor

Vem em dança leve
Bailarino com asas
Faz tumulto no jardim

Tem coração como plateia
Em canto florido
Encontra água e afeto
Em pote colorido

Plantado no vento
Criado no tempo
É sorriso em fração de segundos

Canta miúdo no ar
É o amor que pousa
Quando a gente
simpatiza com a flor.

https://www.instagram.com/cafeprosabr/

L. S. Danielly Bass

Marília/SP

Estética do querer

Alguém dizia:
O sentimento... ele é livre.
Como controlar o livre?
Meu sentimento a quer!
Eu quero não querer ela!
Mas o sentimento é livre.
Não posso não querer,
eu, puro sentimento, descontrolado...
Outro dizia:
O sentimento... ele não é livre,
o sentimento é cooptado.
Eu tô ferrado!
Estou cooptado, envolvido, aliciado,
vejo o conjunto de matéria que a compõe,
fui cooptado, não consigo, eu estou descontrolado,
eu, rebelde sentimento coagido, só quero ela.
Livre ou cooptado...
Não importa! Sua matéria me afeta,
e quando sinto sua matéria
tudo o que eu sinto

(eu, sentimento desenfreado)

sinto, por isto sou, o desejo de um amor não consumado!

@l.s.daniellybass

Laura Caldas

São Paulo/SP

Quietude tem força

Escuridão, quando encontra palavra, clareia
Assombra, assola, desola, desmorona menos
Afastar-se de si é um caminho com volta
Retornar é longo, curvo, íngreme, côncavo, desassossegado
Devoção é desejar ficar
Ler atentamente os sinais, de trânsito, de correnteza, de bolas de cristais
Enxergar grande pelo faro a direção, regressar a casa na respiração
Confortável – onde não se lê a palavra afável – estar
Ter voz, saber falar, só se aprende com escutar
Desejar anda de mãos dadas com expressar
Caminhar não significa apenas tropeçar
Medo pode soltar, livre para ir e voltar – não está explícito o ato de ficar
Tempestades, ventanias e enchentes perdem as vontades
As águas do chorar previnem os acidentes do represar
Abraçar raivas em alto-mar protegem o relampejar
Resguardar da destruição a melhor embarcação
Convidar cada fraqueza para papear
Deixam de ser doloridas uma vez que desejam apenas serem ouvidas
Milagres sabem escutar quando usamos voz alta para recitar
Sair por aí vestida apenas de si deve ser o traje mais leve de se despir

https://laurachadar.medium.com/
@lapistecladocoracao
https://laurachadar.wixsite.com/issoetudoqueeutenho

Leandro Emanuel Pereira
Matosinhos, Portugal

Inquilinos da vida

Nada mais somos;
Que inquilinos da vida;
Esta nossa senhoria a quem ousamos;
Percorrer caminhos sem saída...
A vida perplexa;
Percorre o seu trilho;
Chorando a alma convexa;
E desnorteada do seu filho...
Que se sustenta em miragens;
Quais edifícios de areia ornamentados;
Com a solidez de enormes nuvens;
Não basta sermos grandes temos de ser íntegros...
Nos livros e nas histórias dos antigos;
Já constava esta lição moral;
Mas se esta continua a mover moinhos;
É sinal que ainda não compreendemos a sua essência primordial...

Letícia Érica Ribeiro

Brasília/DF

Amores que se foram

Hoje eu queria cantar meus amores.
Os que passaram, os que ficaram.
Os que me marcaram, se eternizaram.
Os que me fizeram sofrer, aprender, crescer.

Hoje queria cantar meus amores.
Mas vou cantar os mais de 300 mil amores que se foram, deixando vazios e dores.
Amores de pais, de filhos, de irmãos; amores de avós, de netos, de amantes, de amigos.

Vou cantar à Ana, amor de Carlos; Tereza, amor de Maria; Fernanda, amor de Paulo; Alice, amor de Jorge e também de Lívia; Marcos, amor de Ester; Álvaro, amor de Vinícius; Lucas, amor de Laura.

Vou cantar a cada pessoa que partiu,
Pois cada uma delas era o amor de alguém.
Cada uma delas deixou um vazio, uma tristeza, um lugar à mesa.
Vou cantar a cada pessoa que se foi
Pois cada uma deixou saudades, lembranças e histórias que não serão esquecidas.
Os que se foram não eram números
Eram pessoas, eram amores, eram vidas

@leticia.erica.ribeiro

https://www.facebook.com/leticiaerica.ribeiro

Lia Rodrigues
Marília/SP

Ainda temos muito o que viver

Conceição da Barra é um município do Espirito Santo que abriga rios e mar, lá está localizado o Bairro Santana, onde passei a maior parte de minha infância.

O seu turismo tem como destaque o carnaval, que é conhecido como um dos melhores de rua do Estado, localizada à 24 quilômetros de Conceição da Barra, está a vila de Itaúnas, distrito formoso com suas dunas de areia e o seu forró pé de serra.

Princesinha do Norte, assim é conhecida a minha querida Conceição da Barra, também é famosa pelas suas praias de águas mornas que vem da divisa com o estado da Bahia.

Na alta temporada, a cidade fica em polvorosa, turistas de vários lugares, chegam para verem de perto essa beleza, guardando na memória os encantos desse cantinho, que deixa em vários corações o desejo de um dia para lá, retornar. O ano era de 1995, o mês outubro, quando em nossa pequena cidade chegou um casal de hippies, trazendo seu artesanato repleto de colares, pulseiras e brincos.

Ambos adotaram pseudônimos de acordo com suas devidas personalidades, o homem negro esbelto, atendia por Ônix, uma pedra que está em sintonia com as energias da terra, cheio de equilíbrio.

A mulher loira de olhos claros, era Raio, pois para ela percorrer longas distâncias, não lhe seria grandes sacrifícios, antes de embarcarem nesse estilo de vida, eram funcionários administrativos de uma grande empresa. Depois do falecimento da filha, vítima de uma pneumonia silenciosa, o casal alugou a linda casa, abandonaram os empregos, para partirem em busca da paz interior.

Ao se basearem na cultura hippie, começaram a confeccionar artes alternativas pois o que mais desejavam depois de tal fatalidade, era distanciar dos grandes centros com sua competitividade e consumismo.

Em Conceição da Barra, o casal de aventureiros armaram uma barraca à beira mar.

Ivy apreciava trabalhos manuais, tentou auxiliar à mãe, mas essa, gostava de total privacidade.

Em uma bela manhã de sol, aproximou para verificar as peças do casal e elogiou.

– Suas peças são tão delicadas, uma mistura de simplicidade e elegância.

– Ora! Até que enfim alguém que entende de valores expressados pela natureza.

Raio bradou com um simpático sorriso e procurou saber:

– Você faz algo do tipo?

– Não, mais gostaria de aprender.

Ivy respondeu para logo decidir por um dos colares.

E foi a partir de então que Ivy virou freguesa do casal, com o tempo lá estava, confeccionando juntamente com eles, os acessórios artesanais.

O que era um hobby passou a ser um estilo de vida, quando o casal se preparou para levantar acampamento, Ivy decidiu que os acompanharia.

Um ano depois que chegou em Conceição da Barra, o casal virou um trio de amigos e Ivy não se continha de ansiedade para embarcar na Kombi branca e vermelho, repleta de adesivos coloridos que os levariam de lugar em lugar.

Aos 20 anos Ivy se despediu dos pais e de mim, para iniciar uma viagem que se porventura, tivesse estradas tortuosas, certamente seria dentro dela mesma.

A minha amiga estava levando consigo uma grande frustração, doravante, ela comprovaria que as rasteiras que a vida dar, não devem ser encaradas como estratégias para derrubar, melhor encará-las como meios de preparar para saborear melhor a vitória.

Nas estradas da vida temos muito que aprender e viver.

http://www.clubedeautores.com.br/book/361352--Ainda_temos_muito_o_que_viver

@Souliarodrigues

LuA New

São Paulo/SP

Curvas incertas

Curvas,
Retas incertas
Melódicas,
Mortas, amorfas.
Desvios,
Caminhos vazios
Passos...
Largos...
Elevados...
Pontes, fontes
Distantes.
Praça.
Travessa, reversa.
Carros rápidos
Inseguros.
Barulho,
Entulho,
Disparos.
Na boa.
Urbana
Garoa,
Da deserta
Ativa
Paulista.

No meio
Objeto – dinheiro –
Injustos sonhos,
Tristonhos.
Parados,
Mudos.
Fardado
Atropela
Sapeca donzela

Na corrida,
Sentida, ferida.
Cinza carniça,
Distinta,
Da deserta
Ativa
Paulista.

Grande,
Povoada cidade
Que cresce
Corrente,
Descrente
Sabida, vaga
Sem nada.

Desconforto
No assento
Torto,
De jeito
Aperto
No peito,
Doído –
Sem medo –
Corroído.
Sufoco
No banco,
Louco.
Tiros, sangue
Respiros que aliviam;
Pessoas viviam.
Cheiro, amargo
Rasteiro.
Da deserta
Ativa
Paulista.

https://intimaspublicas.blogspot.com/

Lucas Ramon Porto de Assis
Campina Grande/PB

Felix culpa

I'm so happy, it frightens me. I have a feeling that heaven is unfair and is preparing for you and for me a great sadness because we have been given so much.
(Dr. Syuin).
.

Filha duma terra ingente,
Nas Índias de antigamente.
Não poderia eu supor
Que serias meu delírio,
Tornado, depois, martírio,
Ao se esvair do estupor.

Nesse distante hemisfério,
Segredamos um mistério:
Potestade de sultana,
Teu gosto a especiaria
Vivo enlevo meu seria,
Qual da gente lusitana.

Sob a lua, ante a Famosa,
Vulto de era assaz briosa,
Consumou-se nosso caso,
Tolhido, nós o sabíamos,
E assim mesmo viveríamos,
A tecer este parnaso.

Derriço meu do Oriente!
Anelo concupiscente…
Eis-me perante o Senhor,
Que condena o fátuo idílio,
E conduz, tal qual Virgílio,
À ascensão um sonhador.

Contra o divinal Império
Nosso amor foi vitupério,
Mera ânsia vã, insana,
Pois ao inferno impelia
O meu ser, que preteria
A pureza mariana.

Relembrando a terra airosa,
Onde deixei-te chorosa,
Anseio ainda o teu regaço,
O tempo a que voltaríamos!
Sempre juntos estaríamos,
Fosse por obra do acaso.

Mas eu não me desespero,
Nem de tristeza exaspero,
A doce culpa hei provado,
Sem a qual viver é morte,
E eis que tive melhor sorte
Que teve Adão, o degredado.

Luciane Leal
Curitiba/PR

Liberdade

O voo para a liberdade...

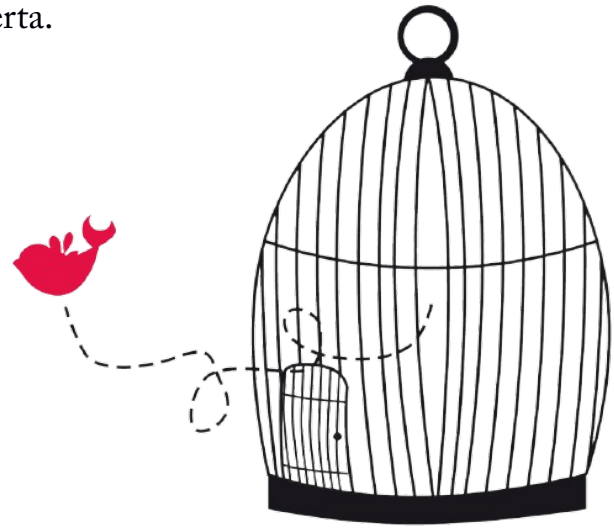
Amanheceu e um canto diferente cantou,
O passarinho com suas penas finas e amarela
A liberdade no romper do dia em um céu imenso no olhar,
Uma árvore verde a pousar, suas folhas a balançar para lá e para cá...

A liberdade contada nos dias que parecia não ter fim, no olhar de dentro da gaiola.

Em fim a porta se abriu e o amanhecer confirmou que poderia arriscar, voar e sonhar, bastava apenas confiar...

Fé não é acreditar que temos asas,
Fé é saber que Deus nos fará voar, mesmo sem elas...
O voo da alma em busca de sonhos,

Voe passarinho a gaiola foi aberta.



Luís Amorim

Oeiras, Portugal

A senhora do giz

Escapando por um triz
À senhora do giz
Que tinha aquela infeliz
Ocupação de surpresa
Onde tirava defesa
A quem só escrevia
No suporte que referia
Os malefícios tantos
Pontuando todos os cantos
Mas nada preparados
A quem nos visíveis prantos
Tinha suportes desfasados
Para dar por contornadas
Em quantificáveis admiradas
As inúmeras contrariedades
Postas nas seriedades
Desafiantes às sociedades
E eram por quantidades
Desconhecidas naqueles lados
Menos nos controlados
Pela senhora do giz irritado
Na maioria do enfrentado
Escrito conteúdo visado.
Mas nessa ocasião
Da concreta intenção
Pela senhora no rompante
Entrando como desafiante
Pela censura motivante
E mais acrescento dito
Que só ela ao quesito
Saberia responder certo
Estava o reduto deserto
Pois que afinal, nem perto
Estaríamos por concreto
Pelo menos no directo
Querer mais correcto.
A senhora do giz pontual
Para não dizer existencial
De sua parte nominal
Chegara bem atrasada
Para fuga respirada
Até outra recepcionada
Acolhedora efeminada
Para escrita autorizada
Ainda que localizada
Como apenas disfarçada
E para alguns apenas destinada.
Ficara realmente encantada
Ao receber no seu discreto
Esconderijo talvez secreto
A equipa da interventiva
Escrita quiçá preventiva
De outras nobres posições
Nas constantes oposições
E na certeza de serem lições
Às incautas disposições
Por vezes tão puras
Como demasiado ingénuas
Redigindo às escuras
Ou caminhando nuas
Para impiedosas censuras
Que nada perdoavam
E pelo tudo atordoavam.
Nova fuga na rapidez
Que escapou à nitidez
De senhora apontando
O giz ali esbracejando
Pois depressa apercebeu-se
De quem escondeu-se
Atrás de escuros arbustos
Com presença de sustos
Cada vez mais próximos
Minutos que seriam últimos
Na certeza aproximando

Perante senhora clamando
Por reforço distanciado
Mas que seria disponibilizado
Esperava por contabilizado
Rapidamente em diminuto
Tempo de agir no bruto
Se nada desse refuto
Para respirado conduto
O nosso pelo estudo
De saída enfim por astuto
Como unido grupo
Todo ele sempre mudo
Perante qualquer apupo.
Mas ela nada respondeu
Porque incerto percebeu
Ou talvez por cansada
Nos ter dado pacificada
Trégua democratizada.
Mas assim não sucedia
Enquanto se fugia
Com os papéis voando
De mão passando
Para outra caminhando
Ao mesmo tempo
Que havia contratempo
Na senhora refilando
Enquanto ia apontando
Na direcção nossa
O giz que falhou coça
Na pele a salvo, talvez
A própria fugindo na vez
Tão repetida nesse mês
À medida que parada
Ela aguardava chegada
Dos reforços demorados
Para nossos suspirados
Correres transpirados
Até esconderijo novo
Que não fosse estorvo
Ao colectivo dever
Por nós bem sentido
Como sendo a valer
Para o que iria redigido
Ser no mais preferido
Intervencionar escrito
Em jeito de urgente grito
Para a desejada via
Da necessária democracia.

www.facebook.com/luisamorimeditions

Luiz Eduardo Bezerra Silva
Salitrillos Montes de Oca, San José, Costa Rica

Deus benza

Cheguei até aqui, passei por muitas coisas para chegar até aqui, senti dores que jamais havia sentido, chorei choros que não sabia que poderia chorar, senti estar sozinho, mesmo com várias pessoas me mandando mensagem, me senti esquecido, mesmo com as pessoas mais importantes do meu mundo ao meu lado. Me desesperei, chorei, me ajoelhei, a vida me botou no chão, me pôs no pior estado sentimental. Minha mente estava igual meu coração, que por sua vez estava igual a todas as outras partes do meu corpo: podre, sem vida, sem cheiro, nem lá nem cá, foram os piores dias, nunca havia sentido isso, a vida estava escapando por entre os dedos. Não nasci um guerreiro, e nem quis me tornar, não tinha forças.

Mesmo assim nunca estive sozinho, um homem me olhava, cuidava dos meus passos, me perdoava quando eu tomava decisões erradas, não me deixou sozinho quando precisei, sempre me ouviu, sempre abriu seus braços pra mim. Nunca havia me sentido assim, tão próximo dele, tão cheio de graça, tão cheio de vontade de viver.

Eu não nasci um guerreiro, mas agora quero me tornar um. Ele me deu forças. Abriu o caminho no meio do mato, alumiou o caminho que estava escuro, não sinto mais medo, posso fechar meus olhos e caminhar com ele.

Me sinto forte, cheio de vida, cheio de vontade de chorar, mas agora de alegria, de prazer de estar com ele. Não existe outro igual. Antes eu me cansava e de nada tinha proveito debaixo do sol, hoje, quero que no meu cansaço alguém descanse, quero que através do meu suor alguém possa ter tranquilidade, paz, possa descansar.

Eu gostava de espalhar um pouco de tristeza, Ele me ensinou a espalhar o amor, a paz, a bondade, ao ponto de

nunca mais querer sair de seus caminhos. Agora mesmo sinto sua paz, uma brisa que gela minhas narinas, sinto sua luz e sua força que ecoa pelos 4 cantos do quarto.

Eu sinto, sinto que muita coisa vai acontecer, muito sofrimento há de vir, afinal de contas, um mar calmo nunca fez bons marinheiros. O sofrimento é ruim, mas Ele me ensinou que eu posso aprender, que eu posso ser forte, que eu posso resistir, e que de minhas próprias forças nada terei proveito. Eu sou fraco, sentimental e chorão, mesmo assim ele me faz sentir a força, me faz sentir o que é ser especial, hoje eu sei, Cristo é o meu Deus e meu pai.

Que em meu pranto, jamais me esqueça de quão grandes coisas o Filho do Homem fez, que em minha dor jamais esqueça que dores maiores ele sofreu por mim, que a alegria venha ao amanhecer, que a noite não exista mais e que todos juntos sejam um só.

Enquanto ele for por mim, não estarei só, enquanto a porta estiver aberta, ele estará, até chegar num lugar onde as portas jamais se fecharão.

http://lattes.cnpq.br/3553783370639633

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Covil

São de abril, as mortes mil.
Neste Brasil tão hostil.

Só fuzil neste barril.
Tão servil e não gentil.

Quadril quer ser viril.
Mas o perfil não é civil.

Um fabril pouco sutil.
Não há anil neste funil.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Maira Bastos dos Santos
São Paulo/SP

Fantasia de ser amada

Olhando de fora tudo era perfeito...
Casa montada com vista para o mar
Fotos melosas sob a luz do luar
Imagem vazia de um amor sem defeito.

Ninguém nunca escutava a voz do sujeito
Senhor de bem, de igreja, sempre a rezar,
Contas pagas, respeitoso homem do lar,
Mas depois de um trago, perdia o respeito.

E ela, de esposa feliz fantasiada
Vivia a fantasia de ser amada
A cada agressão ao romper da alvorada.

Sua dor era escondida, camuflada...
Pouco a pouco sua vida era roubada
Até que só restou um corpo e mais nada.

Marcel Charles-Pierre Hollande
Balneário Camboriú/SC

Entre doidos e doídos, prefiro não acentuar

— A Homero e a Sófocles

A CRIADA — Entre doidos e doídos, prefiro não acentuar.

Senhor cruel! Como ousou ser cego
Enquanto lhe entendia como uma Áclis?
O tempo que aqui trabalhei era o mais manso sossego,
Mas experimentei a mais amarga bílis.

Senhor cruel! Sabias que eu amava Heleno, seu filho,
E que Eros, com suas setas enamoradas, flechou o seu coração
Junto com o meu, e que estávamos pra viver em afetuoso brilho.
Do amor, se não fosse a paterna sepultura da sua cruel aflição

De querer casá-lo a quem ele fora destinado.
A insensatez desola a causal e o casal,
E Heleno em seu terno foi descuidado.

O seu filho, por não arcar co' uma esposa de mil maridos, rogou às Kéres:
Preferiu se entregar à morte e viver um eterno silêncio vegetal.
O SENHOR *(com tom de machismo)* — Criada romântica, saiba que Zeus não é machista, as mulheres é que são mulheres.

Há hora em que uma contrição a mim exaspera...
Nestas premências e dubiedades em que estou a caminhar,
Aflijo e expio, nesta decadência, na altura em que com total pesar
Conjecturo o que malogrei na buganvília, quando jovem eu era.

Criada romântica, poesias e afetos reprimi a emudecer,
Sem possuí-los num genuíno desabafo de arder...
Oh! Outros cem sem vigor! Através de qual ardimento pretendera
Mais sofrer, mais gozar, a cantarolar enquanto benquisera!

Experimento aquilo que malbaratei na juvenilidade;
Lacrimejo neste início de vetustez,
Vítima da dissimulação ou da generosidade.

As osculações que não possuí por imbecilidade, Inês,
E por embaraço a poesia que não recitei por falta de genialidade
E aquilo que não fui capaz de padecer pelo acanhar devido à minha lastimável falta de sensatez!

Julgues, porém, evites condenar!

A CRIADA – Estou indo embora pr'América,
Agora é pra valer:
Vou fazer o meu dinheiro render
Com um justo trabalho que vou ter.
Desde o princípio a respirar
Qual o jogar duma semente
Numa cidade periférica
Os meus dias passei em pranto
A lastimar minha condição
Precária até então!
Agora, chega! – e por isso canto:
Estou indo embora pr'América,
Agora é pra valer!

Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trairi/CE

A aurora de um Encantado

Disse-me um Encantado:

— O Galo de Campina quando canta rompe a aurora.

E o dia abriu os olhos ainda sonolento.

amisticadosencantados.com.br

Marcos Nunes Loiola
Botuporã/BA

Gado solto

Tirou a camisa, fez menção em abaixar o calção, mas a vergonha das meninas presentes o fez recuar. Entrava nos doze, tornava-se um rapazinho. Tomou distância, preparou o passo. Um, dois, três e... Já! Arrojou-se no meio das "farturentas" águas do rio. Repetia o processo dezenas de vezes, até o sol descer.

Todos os dias, ao chegar da escola, Adriano se reunia com a meninada para brincar na beira do rio. Contavam-se bem umas dez crianças, todas viventes das terras geraizeiras. Sem que soubessem o significado da palavra, elas experimentavam, naquelas tardes, a plenitude da vida. A felicidade era maior que o rio, era maior que o Cerrado.

Naqueles fechos de pastos, há muitas e muitas gerações, famílias fincaram raízes e estabeleceram vivências peculiares. As terras sem cercas, que se perdiam de vista no horizonte, não pertenciam a ninguém, mas eram de todo mundo e todo mundo queria bem — com sua licença, Tribalistas.

Valdir e Ana, pais de Adriano, Mauro e Fernanda, viviam numa singela casa a poucos metros do rio, cujas águas sustentavam as pequenas plantações e matavam as sedes das gentes e dos gados. Para ajudar no sustento, Ana fazia rapadura, doces de leite, de goiaba e de umbu para serem vendidos na feirinha da cidade, todos os sábados. Ela adorava seu ofício. O ponto alto ocorria quando D. Gildete, uma velha amiga, chegava na barraquinha e sentava num caixote velho, desses de frutas. Pedia seu doce de umbu, tirava uma faca da bolsa, arrancava um pedaço, cruzava as pernas e o levava à boca. Só saía depois de horas de muita conversa — das intimidades femininas a casos de política. Era um prazer danado naquele dia de sociabilidade para além dos fechos de pastos!

Quando as chuvas iam embora daquelas terras, Valdir e os demais criadores da vila montavam em seus alazões e levavam o gado para aproveitar a pastagem revigorada. Gado solto, gado forte! Os homens ficavam meses longe da família, vivendo em cabanas de palhas. Viravam os donos dos lares. Preparavam o café com beiju,

fritavam a mandioca, cozinhavam o feijão, o arroz tropeiro e o frango caipira. À noite, na beira da fogueira, cantorias e contação de causos.

Adriano sonhava em se aventurar com o pai pelos gerais, mas de volta ouvia que era novo demais. O trabalho era pesado. "Você tem de estudar" — dizia. Mas de tanto choro e insistência, Valdir acabou se rendendo. "Os meninos não iriam para a escola, mas isso não significaria ficar sem aprender" — pensava.

Certa vez, partiu a família toda pelas vastas estradas. As crianças, entusiasmadas, conheciam e se encantavam com os detalhes das paisagens que, para seus pais, seus avós e bisavós, eram como imagens sacras de beira de cama: cuidadas, veneradas e amadas!

Numa certa ocasião, Adriano e os irmãos, sentados em tocos de madeira na beira da fogueira, ouviram de um vaqueiro uma estória macabra:

— Vocês conhecem o causo do Olheiro? Eu ainda era um menino quando vi esse cabra pela primeira vez. Ele não tinha corpo, só se via a branquidão dos olhos. Fui urinar no quintal antes de ir dormir e ouvi um barulho na beira do rio. Fiquei parado observando e quase não consegui me mover quando dei fé dos olhos brancos me encarando. Contei a meus pais e eles disseram que era o tal do Olheiro, protetor do rio, e não fazia mal a ninguém. Só aparecia de noite. De dia ficava no fundo do leito d'água. Suei frio adoidado até pegar no sono, tarde da madrugada.

O caso jamais saiu da memória de Adriano. Isso porque, tempos depois, enquanto brincava na beira do rio, avistou a chegada de alguns homens bem arrumados. Levavam nas mãos alguns papéis e conversaram por cerca de meia hora, apontando o dedo para os vários cantos das terras. Alguns outros dias depois, a notícia: as terras, agora, tinham donos. Uma parcela do terreno fora vendida (cof! cof!).

Não tardou a aparecerem as máquinas desmatando os gerais, a plantação em círculo, as cercas, o esvaziamento dos riachos, as falsas promessas de progresso e as limitações. Não tardou também a emergir a resistência. Associações de moradores foram criadas em defesa das terras e do rio. Por muitas noites, Adriano e os irmãos rezaram para o Olheiro aparecer e sumir com aquela gente, mas quando caíram em si, viviam xingando o vaqueiro:

— Cabra mentiroso! Conversa sem futuro!

As crianças das comunidades escreviam cartas para o prefeito, para o governador e também para a polícia reclamando da situação, mas

não eram ouvidas. A justiça parecia cega, literalmente. Foi quando Adriano, já rapaz, entendeu que precisaria encarnar o Olheiro. Com esforço e dedicação, partiu para a Capital. Sonhava em ser doutor, homem da lei e da Justiça (aquela, com jota maiúsculo). Formou-se advogado. Voltou para sua terra e se dedicou à luta pelo seu povo e seus costumes. Sabedor dos direitos dos povos tradicionais, ameaçou levar o caso até mesmo à ONU.

Todavia, numa tarde contemplando o rio e a paisagem já mudada, recordando-se das travessuras de menino, quis voltar a ser criança. Tirou a camisa, tomou distância, preparou o passo. Um, dois, três e...Bang! Bang! Bang! Foi arrojar-se, cambaleando, no meio das (já não tão) "farturentas" águas do rio. Adriano nunca mais viu o sol descer. O rio sangrava.

Revolta. Medo. Seus pais pensaram em ir embora. Mas para onde? Abandonar aquelas terras e a comunidade, além de inviável, significava rejeitar a vida que fazia sentido, a vida que tanto amavam. A resistência, pois, tornou-se a única saída. Fernanda, a caçula, e Mauro, o do meio, com muita dedicação, partiram para a Capital. Inspirados na trajetória do irmão, formaram-se advogados. Corajosos, continuavam a luta do seu povo.

Nunca foi só pelo gado solto...

Marcos Pontal

Pontal/SP

Ar–Condicionado Natural

Andando de bicicleta me refresco com o vento,
ar-condicionado natural,
que ao contrário do tradicional,
nos ajuda a ter alento.

Uma aventura sobre duas rodas,
muitos dizem que está fora de moda,
mas isso nem um pouco me incomoda,
porque sei que andar assim, não engorda.

Muitos quando me veem substituindo o carro pela bicicleta,
dizem que sou pão-duro.
Quem me dera,
se fosse só por esse fato.

Sou pão-duro,
porque gasto pouco com remédios,
e penso no meu futuro,
e seus desafios.

Quando ando com a minha magrela,
não poluo o meio ambiente.
As vezes saio sozinho, outras vezes com a galera,
e assim pedalamos alegremente.

Bicicleta é aquela,
que todos deveriam andar.
Porque com ela,
você mantém o seu bem-estar.

www.velivros.visaoespiritual.com.br

Maria Apparecida Sanches Coquemala

Itararé/SP

O último desejo

Entre as flores, está *Girassóis,*
a famosa tela de Van Gogh.
Os inimitáveis tons do amarelo
acompanham o proprietário morto.
Cumprem sua última vontade:
em cinzas ambos transformados
juntos serem atirados a um rio
de nome Amarelo.
Mas, testamenteiros desolados
contra tão despropositada vontade,
rápidos decidem, não destruiriam
a obra-prima, tesouro da humanidade.
E uma cópia fiel, logo conseguida,
através de artista muito competente,
sem que alguém desconfiasse,
substitui a obra-prima verdadeira,
que escondida ficou atrás de uma estante.
A pedido da viúva, na última hora,
saem todos da sala, deixando-a
sozinha com o morto, quando
sorrateira, substitui a tela falsa
pela vedadeira, sem que também
alguém percebesse a troca.
E ao dourado crepúsculo, em pó traformados,
foram atirados a um rio de nome Amarelo,
um rico empresário e sua tela *Girassóis*
que ele por demais admirava.

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Sobre nomes

Porque quando citamos um homem
ele é Machado, Veríssimo, Drummond.
Mas quando citamos uma mulher
ela é Carolina, Ana Cristina, Conceição.
Quem são Rocha, Telles, Meirelles?

Lispector, a gente reconhece
mas é inegável o coração só se aquece
quando dizemos
Clarice.

Se for carinho, intimidade, não há drama.
Mas, diga-me agora:
com a mesma reverência que chamamos um senhor
sabemos evocar uma senhora?

Maria Moura dos Santos
Canaan/Trairi/CE

A fome

A Maria do finado Lorentino morreu de fome.

Ela morava numa tapera.

O seu Lorentino estava velho e já não podia mais trabalhar.

Ela pediu esmolas até quando pôde caminhar.

Mas adoeceu e não teve mais como esmolar.

Então acabou-se de fome,

Desassistida pelos vizinhos.

Dizem que ela pediu comida em seu último suspiro.

Mas ninguém teve coragem de encher sua barriga.

Eu só soube disso quando já tinha se passado dois meses.

Era início de 1970.

Meu coração doeu.

Choro até hoje por não ter feito nada.

Maria Pia Monda

Belo Horizonte/MG

Te ligo mais tarde

Muito do que eu disse não fazia sentido algum. Espalhei frases, como se fossem azulejos desemparelhados, mas suficientemente simétricos, para que, colocados um após o outro, decorassem aquela ponte de silêncio que separava as suas mãos, apertadas e atentas em torno do volante, dos meus braços, dobrados em ângulo agudo sobre o meu abdômen obtuso, mas não muito confuso pelo desejo que eu ainda não sabia de sentir.

Comecei a conversar assim que entrei no carro ou talvez antes, quando ele tirou o paletó do porta-malas e disse estar com frio.

— É mesmo? Eu não estou com frio - repliquei e, quem sabe, talvez foi um erro, porque, se eu tivesse mentido, dizendo que eu também sentia frio, teria lhe dado uma desculpa para se aproximar.

Estava tão distraída que me esqueci até de verificar e memorizar, como havia prometido a mim mesma, a placa do carro dele. Se eu tivesse feito, não teria um ataque cardíaco, ainda hoje, toda vez que vejo um Golf cinza passar na rua, esperando que seja o dele.

Enquanto isso, eu continuava conversando.

Aquele desperdício de palavras servia para que eu não ouvisse o que eu estava sentindo. Ele, por sua vez, permanecia empoleirado em uma indecifrável indiferença. A única forma de me mostrar um mínimo de interesse consistia em um pequeno movimento da sobrancelha direita, a única que eu, sentada ao lado dele, podia ver, acompanhado de um leve vinco no canto da boca, uma careta fraca demais para eu considerá-la um sorriso.

Por toda parte, um chiar de faróis e um trânsito animado esquentavam as faixas de asfalto das ruas que se cruzavam, uma quadra após a outra, de um bairro a outro; pedaços de cidade que desfilavam, em uma sequência indistinta, até que, de repente, reconheci um.

— Você está me levando para casa? - perguntei a ele.

— Sim. Não te incomoda, não é?

— Não. Quer dizer, não sei. Talvez seria melhor se você me deixasse um pouco mais distante.

Ele concordou balançando a cabeça.

Passamos pela minha casa. No primeiro cruzamento, ele virou à esquerda, continuou por cem metros e parou.

— Aqui está bom?
— Está perfeito.
Enquanto eu saía do carro, ele também abriu a porta.
Nós nos encontramos frente a frente, indecisos sobre o que fazer.
Estiquei meus braços, pronta para receber o abraço dele, mas, quando ficarmos perto o bastante, seus lábios, em uma corrida ousada, vieram tocar minha boca.
E foi aí que aconteceu.
Uma força que tirava toda a minha força deixou meus lábios fracos e semiabertos.
Esquecendo tudo - meu nome, minha história, minha vida - e não tendo mais consciência do certo e do errado, me dei conta que naquele momento eu só queria misturar minha respiração com a dele.
Ele não me beijou. Um momento antes de acontecer, durante aquele "quase" conotado de eterno, ele se afastou.
— Te ligo mais tarde.
— Ok – respondi, ainda atordoada com o que (não) havia acontecido. Ainda espasmada pela maneira com que eu queria que acontecesse.
Sussurramos, simultaneamente, um olá rápido.
Virei as costas e comecei a correr para casa.
Encontrar a estrada não foi tão fácil como perdê-la, embora meus pés, movendo-se rapidamente, me conduzissem sem abrandar, para onde devia voltar.
Entrei, fechei a porta e esperei. O telefone tocou.
Onde a boca dele me roçou, minha pele começou a queimar.

Marione Cristina Richter

Venâncio Aires/RS

Santo Moisés

O ano era 1954. Em uma casa no interior de uma cidade pequena, uma nova seita havia se criado. Do lado de fora daquela casa era possível ouvir os cânticos e as rezas, e em frente à casa, encontrava-se o prefeito, o delegado e um soldado. Lá dentro com as paredes repletas de imagens de santos e sobre uma mesa o livro de São Cipriano, o "Pai Tonho" fazias suas rezas de cura, motivo este que levava dezenas de fiéis de várias partes excursionarem até aquele retirado lugarejo.

Tudo começou uns oito anos antes, quando Antônio, homem devoto, católico, agricultor próspero e influente, pai de 12 filhos, tinha entre eles uma filha com epilepsia. Antônio fez de tudo para encontrar a cura para a enfermidade de sua filha. Além de levá-la a vários médicos, também recorria às orações do padre, até que um dia, levando-a à capital para buscar novos tratamentos, também buscou um centro espírita, pois àquela altura já acreditava que sua filha estava possuída por alguma entidade maligna.

No centro espírita, o médium lhe fez uma revelação, a de que ele era um espírito de luz e havia sido escolhido para receber o espírito do Santo Moisés.

Sua filha acabou falecendo, e depois de tudo, Antônio não era mais o mesmo homem. Deixou de ir às missas aos domingos, buscou informações e textos sobre exorcismo, conseguiu um livro de São Cipriano e assim surgiu a seita de "Pai Tonho", o espírito de Santo Moisés.

Com sua influência conquistou primeiramente a vizinhança, que compareciam religiosamente em sua casa, na nova seita, ao ponto de se tornarem fanáticos, e foi quando ele começou com as "curas".

Quando sua seita já contava com uma centena de fiéis, padre Bento foi visitá-lo para persuadi-lo a voltar para a igreja. Ignorado por Antônio, ele retornou outro dia com mais dois sacerdotes e acabaram agredidos e expulsos da casa. Depois daquilo o padre os condenou publicamente, considerando a seita como anticristã.

Por oito anos o "Novo Moisés" não foi molestado, e neste tempo seus fiéis saíam em excursões pelas fazendas das redondezas na tentativa de atrair novos adeptos, mas quando recebiam a negativa, passaram a usar de violência contra os proprietários. Passaram também a queimar os livretos publicados pelo padre. Intimidados com esta violência, alguns agricultores foram buscar

ajuda na cidade e falaram com padre Bento.

Já era noite, o delegado e o prefeito jantavam juntos no clube da cidade quando o padre entrou.

— Boa noite senhores!

— Bênção padre, veio jantar também?

— Hoje não, o meu assunto é urgente. Senhor prefeito, o senhor já deve ter ouvido falar da seita de "Pai Tonho".

— E quem não ouviu falar destes doidos.

— Pois bem. Alguns dos fiéis, moradores das proximidades vieram me procurar para reclamar da violência que estão sofrendo nas mãos daqueles fanáticos.

- E o que quer que eu faça?

— Considerando que a maioria dos seus eleitores são fiéis de minha paróquia, espero que o senhor e o delegado deem um fim àquela insanidade.

Com a intimação, o delegado marcou para o dia seguinte uma ida até a casa de Antônio.

Já era tarde quando o prefeito acompanhado do delegado e um soldado seguiram em um jipe até a casa. Chegando lá, ficaram impressionados com o som que vinha lá de dentro.

Haviam mais de 40 pessoas na casa, entre adultos e crianças rezando e cantando em torno de uma das filhas de Antônio que estava em transe, se dizendo possuída pelo Santo Moisés.

O delegado entrou e interrompeu aquela cena.

— Aqui é o delegado, venho em paz e a pedido de padre Bento para falar com o senhor Antônio.

Antônio, revoltado, respondeu:

— Não queremos nada com os senhores, que são enviados de Satanás. Voltem e não nos incomodem mais.

O delegado ainda tentou explicar sua ida até ali, quando a jovem em transe, com um pesado crucifixo na mão, gritava:

— Antônio, não te esqueça que cristo morreu por ti numa cruz, e que tu deves também morrer por ele. Vá buscar o teu revólver e dá um tiro na cara desse delegado!

Enquanto Antônio ia buscar sua arma, a jovem se avançou sobre o delegado, acertando-o no rosto com o crucifixo. Neste tempo chegou Antônio e passou a disparar em direção dos outros que acompanhavam o delegado, enquanto este, com o rosto sangrando se abrigou atrás de uma árvore e escutou seis disparos vindos da casa. O delegado deu dois tiros para cima para mostrar que também estava armado, e quando saiu de trás da árvore, percebeu que Antônio se aproximava com a arma na mão, que mirou em sua direção e disparou novamente mais seis tiros, atingindo três no delegado, que mesmo caído conseguiu disparar dois tiros na direção de Antônio, acertando um tiro no braço e outro no pé quando este havia caído.

Enquanto que o prefeito e o soldado corriam, após ter acabado a munição, fugindo na direção do jipe, vários fanáticos, munidos de foices, enxadas, facões, pedras e pau, correram para fora e alcançaram o delegado, que mesmo ferido tentava fugir na mesma direção do prefeito, e o espancaram. Dado como morto foi jogado num mato, onde mais tarde e com dificuldade foi resgatado e levado para o hospital da cidade.

Um contingente de dez policiais militares, vindos da cidade vizinha acompanhados do delegado de lá, foram enviados para o interior, onde cercaram a casa, pois os fanáticos se entrincheiraram nela, enquanto que moradores da região ameaçavam de botar fogo na casa para expulsá-los de lá.

Ainda era possível ouvi-los rezando quando foram intimados a saírem da casa, e em troca responderam:

— O Jesus e o Santo Moisés estão conosco, o demônio com vocês. Só sairemos daqui mortos!

Nisso, de dentro da casa veio um disparo na direção do delegado, mas não o atingiu, e de resposta a polícia militar metralhou o telhado da casa. Após, o delegado investiu contra a casa e prendeu todo mundo.

Lá dentro, ajoelhados e entoando preces, 38 adeptos comprimiam-se num quarto. Vários encontravam-se feridos a bala do tiroteio da noite anterior, entre eles, dois menores e Antônio.

Todos foram levados de ônibus para a cidade. Os feridos para o hospital, o restante para a delegacia prestar depoimentos para abertura de inquérito.

No fim da história, o delegado sobreviveu, mas quase perdeu os dedos da mão esquerda com um golpe de facão, justo a mão que ele usava para atirar. O prefeito foi reeleito e o padre continuou no mesmo lugar. O que aconteceu com "Pai Tonho"? Boa pergunta.

Esta história foi baseada em fatos reais, porém os nomes foram alterados. Uma história a tanto tempo silenciada pela população, mas que foi desenterrada pela internet. O que se sabe é que a família de "Antônio" continua na propriedade e ninguém tem queixa deles, e o novo culto acabou, o delegado foi transferido para Porto Alegre, a família do prefeito entrou para a política e por vários mandatos, mesmo que intercalados, governaram a cidade e o padre ganhou um busto e o nome de uma escola em sua homenagem.

Mestre Tinga das Gerais

Corinto/MG

Vá Sina!

A gente se perde por entre folhagens e os vaga-lumes Iluminam nossas vidas. Se cairmos como folhas secas, seremos outono, se sentimos o cheiro das flores, somos primavera, se recolhemos ao frio do vento, somos inverno, se nossos corpos vertem água, somos verão.

São estações em equilíbrio controlando a diversidade do ser e assim emudecemos e ficamos à mercê da natureza, que com seu toque refina e tempera a vida.

As águas serenas se manifestam e nos transformamos em manancial descobrindo assim o nosso ser!

Para descobrirmos o nosso ser é preciso que a consciência esteja em estado de pureza e ao nosso redor as ações comunguem com as nossas ideologias.

Uma vez o corpo a mercê da inércia e do descontrole do universo, ele ficará submerso de indecisões e todo o sistema vira um pandemônio em todas as linhas as quais vivemos.

O que se nota é a falta de decisão humana no que tange viver em harmonia no seu habitat e o soro da vida sangue se transforma em água que em lamentos escorrem e abrem crateras pelo chão – lágrimas.

O antídoto que muito se espera talvez não seja o salvar vidas e sim a segurança de poder transmitir força e crédito nos nossos líderes, que na naquela inércia causou o descontrole e o que vimos é o planeta em polvorosa de pés e mãos atados, esperando a ceifa e nós colheita no labirinto da incógnita.

Um adeus mais sutil talvez fosse: vá sina! E lá a sina indo por entre sonhos e incertezas e a mente atordoada pelo distanciamento de almas enclausuradas, ali se alimentasse se insônias e em cada grito de desespero, a frieza da lápide e o lá o epitáfio: AQUI JAZ UM SER E SUA SINA! VÁ SINA!

As seringas do tempo são os conta-gotas da alma que com sentimentos lúgubres, mergulham em cada amanhecer na esperança da tal dose que irá salvar a humanidade!

Michel F.M.

Salto/SP

Acrobacias Exímias à Beira do Abismo

Chame-me do que quiser, mas chame,
Chame-me como queira, me chame.
Não se pode equivaler teu charme,
Quantificar tua ardência em chamas, me aglutine.

Apodere-se de mim; nunca pertenci-me,
Entretanto, pertencer-te-ei,
Se a posse lhe parecer agradável.

Prazerosa emoção incompleta,
Se comigo não estiveres e não estando,
Imaginar-te-ei apenas, arte meramente.

Potência do aprisionamento, em cadência,
Pois liberdade nada reflete,
Se não for um contínuo e felizardo prisioneiro teu.

Escravidão é lá fora, ao ar veloz e liberto,
Sem os aromas que divides e multiplicas comigo.

Minhas inabilidades e fraquezas,
Tão corpulentas e orgulhosas,
Que as atiro aos teus hálux,

Pois, entre crânio e calcâneo,
Há todo um sistema osteomuscular e neural,
Que admiro.

Se existe coisa mais bela no mundo,
Que um sorriso bobo,
Inda não encontrei.

Caso não queira-me como teu,
Deixe-me ficar com tua pena,
Já que não voo, nem me vou,

Poderei ao menos permanecer,

Respirando
Alto,
Floreando
Amores.

Principessa minha.

Ela ainda não sabia,
Mas era dona da matéria-prima,
Com que os encantamentos eram feitos.

Permita-me,
Converter-te no próprio amor
E o amor próprio,
Que se ame.

https://linktr.ee/michelfm

Milton Rezende
Campinas/SP

Confidencial

Nada consta.
Consta que seja um nada
em face a uma constância
de extremos inarredáveis.
Enfim
um nada consta sobre
outro consta um nada
— A vida incerta do homem –
Nas folhas gastas do mundo

não consta nada em
detrimento desse nome.
Um simples nome em meio
a tantos outros no arquivo
de uma gaveta metálica.

Milton Rezende in "O Acaso das Manhãs"

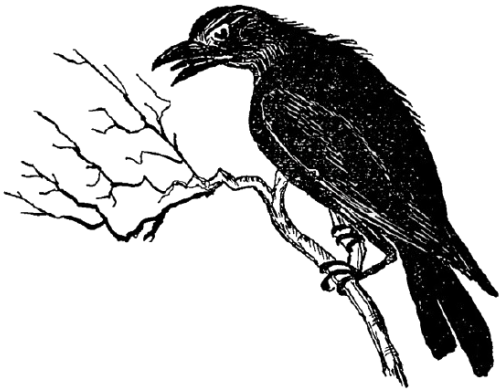
www.miltoncarlosrezende.com.br

Naty Brasil
Fernandópolis/SP

Simbólico corvo

Desde o amanhecer
Sou observada
Por um ser intrigante
Corro para me esconder
Mas, sou encurralada
Por seu olhar intimidante
Essa ave mitológica
Traz à tona
Toda lógica
Daquele segredo
Que há tanto tempo...
Insistente, adormeço...
Por medo do tormento.

@natybrasilescreve



Nazareth Ferrari

Taubaté-SP

Nelson Almeida
Natal/RN

A Dor da Espera

Beijo o seu rosto
Ao lhe acordar
Para ouvir a sua voz
Luz do meu dia
Me guia

Abra os seus braços
Me abrace até ficar
O que é meu
E seu também
Mais que alegria

Somem os teus passos
Compassos, composição
Não quis desfazer
Os nossos laços
Traços

Passos na calçada
Espero você entrar
E fazer da nossa vida
Uma só nota
Volta

Mas o descompasso
É a real composição
Solidão é o meu tema
Única porta

Alegria morta fere
o meu coração
E me faz fera
Sentir a dor
A dor da espera

Foto: Lillian Grabelos

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Noite de Luar

Noite de luar
As luzes refletem no mar
É uma beleza que acalma.
A lua no céu a deslumbrar
E trazendo paz a nossa alma.
São momentos para sempre lembrar...

Noite de luar
Os enamorados juntinhos,
Encantados com o luar
Trocam furtivos carinhos
Ao fundo canções a tocar.

O mar reflete tanta beleza,
As emoções afloram no olhar
E na lágrima com leveza a rolar.

Noite de luar
No céu as estrelas a brilhar
E os coqueiros balançando,
A natureza a encantar!
Nas ondas suaves do mar
Ouvimos sereias deslumbrantes
Fechamos os olhos a imaginar
A beleza das misteriosas visitantes.

Nilde Serejo
São Luís/MA

Devemos Deixar o Amor...

Devemos deixar o amor

Deixá-lo viver

Sem se esconder

Com ternura

Vir seminua

Como a lua

Ao anoitecer

Um sentimento

Tão puro

E seguro vive

Guardado nas paredes

Do meu coração

Das lembranças

Do dia

E das noites tristes

Sem tua companhia.

https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/

Ovidiu-Marius Bocsa

Romênia

Kawwanah

Quando eu estava na Wordwall de Jerusalém,
Eu esqueci de usar o chapéu de anfitrião Isaac,
— aquele chapeuzinho redondo no topo da cabeça.
Todos o usaram como cobertura nesta velha tradição.

Em seguida, coloquei uma carta de agradecimento a Deus.
Um jovem veio de uma sala iluminada e me disse
que eu era ... um "homem chamado" ...
E me pediu para segui-lo até seu mestre.

Seu professor me disse esta estranha Agadá
Tipo de narrativa no ensino rabínico oral.
Seguindo a Halakhah como Lei Judaica,
Na disciplina pessoal moral e espiritual

Também conhecido em uma parábola cristã
Sobre pessoas pescando no mesmo rio:
Eu suponho em sua velha tentativa dolorosa.
O comportamento de um sábio notável,

Sobre o suposto comportamento normal:
Isso era digno de imitação.
Em áreas de experiência conhecidas
Alinhado com dicotomias formais ...

Um Sufi me contou um hadith sobre uma citação,
Um comentário sobre uma surata do bendito Alcorão.
Uma pesca semelhante em Wādī al Khawwānah,
Uma narrativa sobre um território ocupado.

Ambas as parábolas eram metáforas vivas
Da mesma verdade viva ou pescando
Uma verdade semelhante que se transformou em pedra
Os corações dos bons crentes.

Eu era pobre na minha fé, tão pobre
Que eu vá para a cama com fome naquela noite:
Deixei vivo o peixe prometido para o jantar.

Patricia de Campos Occhiucci
Mogi-Guaçu/SP

Por dentro

Sugiro que tire um raio-x da alma
Qual imagem obteria?
Contemple com calma
Veja aqui o que haveria.

Como a árvore centenária
Uma rede de vasos é a fleuma
As veias coronárias
Lembram o xilema.

Na nudez da ressonância
O sangue circula indolente
De vida é a fragrância
Que se espalha pela mente.

Sou raiz, caule e flor
Que se encarrega a dar frutos
Absorvo de Gaia o amor
Pelo sistema mais bruto.

Temporária no corpo de matéria
Eterna na capa de luz
Sou assim, chama etérea
Que não se reduz.

@patyocchiucci

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

O Coração

O coração é um frágil barco à vela
Quando no mar do amor, em aventura
Adentra, tal fosse uma caravela
Vencendo o oceano com desenvoltura.

Entretanto, há que se ter cautela
Pois o alto-mar, com sua envergadura,
Oculta a fúria e o fragor da procela
No seio austero de sua noite escura.

Fazer-se ao largo ignorando os sinais
Da treva horrenda sobre a onda bravia
É uma quimera arriscada demais.

Ao fim da ilusão, sem norte e euforia,
Talvez não se possa voltar jamais
Ao cais feliz que foi deixado um dia...

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Cartas de Elisa

"Sá, (era assim que Elisa me tratava quando estava deprimida).

"Estou ligando as coisas que ocorreram comigo, tentando compreendê-las. Creio que entendendo minhas atitudes, boas e más, terei maior chance de equilibrar-me, convencendo-me de que, se elas prejudicam, deverei fazer um esforço para melhorar. Descobri que tenho muita revolta dentro de mim contra todas as pessoas, homens e mulheres.

Tenho sentido o tempo todo uma competição das pessoas comigo. Mas sou eu que compito. Descobri que quero sempre chegar à frente do outro. Que tenho medo de participar de grupos de pessoas por que elas podem abalar os únicos pontos definidos que eu sinto em mim. Que o meu complexo de inferioridade quer me fazer crer que sou maior e diferente que os outros. E quando sinto que alguém pode me "passar a perna" segundo os meus valores, acabo me distanciando. Eu me realizo em função do descontentamento das outras pessoas. Quando faço uma certa imagem de alguém e ela me decepciona, vendo pela ótica dos meus conceitos, eu a anulo por inteiro. E que todas as suas qualidades não existem mais. Coloco toda uma multidão de pessoas como sendo o resto do mundo, como sendo

tudo aquilo que atrapalha. Eu nunca atrapalho, pois não me coloco com e como esta multidão. Fico sempre no muro observando essas pessoas. Mas quando elas sentam no muro para me observar como resto, tenho medo.

E daí surge o exclusivismo, o sentimento de posse, o egoísmo, o sentimento de inferioridade mesclado com o de superioridade, numa contradição que me sufoca. Eu sei que você percebe tudo isso em mim e não está sabendo como me fazer ver de uma forma que eu aceite. Sinto-me mal, muito mal, sabendo que todos esses sentimentos me dominam. Quero mudar. Acho tudo isso muito horrível. E o pior de tudo é que me satisfaço ao ver que o outro não está se realizando. Quando este outro não se realiza, eu digo não e me afasto. Esse "não" é a minha vingança. Assim é no sexo e em tudo. Não quero ceder mínima parte de minha pessoa, achando que o outro pode ocupar este espaço que é só meu. Há uma falta de medida de minha parte que me interroga: em que medida entra o outro, e em que medida entro eu? Como se, para dar lugar ao outro, eu tivesse que sumir de repente. Então radicalizo, porque se o outro chegar não terei vez de ser eu mesma, me sentirei então anulada como anulo o resto do mundo. O certo significa para mim o ideal que traço na minha mente. E todos devem ajustar-se a ele. Eu não devo ajustar-me a nada. O descrédito que as pessoas têm em minha pessoa está mais que justificado na minha inconstância, no meu chorar e rir ao mesmo tempo. Peço desculpas por tudo isso que sou, fui e estou sendo ao teu lado. Não tinha noção de quanto eu sou mesquinha. Eu sei que tem um lado legal em mim, que é contrário a este mesquinho. Vou em busca deste lado legal. Tenho esperança.

Ps. O que você me disse aquele dia me ajudou bastante.

Beijos, Elisa.

"Oi Saulo,

Esta não é uma resposta. Embora você tenha me surpreendido com sua carta, não foi sob o efeito da surpresa que resolvi escrever. Mas...

Acho que está na hora de esclarecer o motivo pelo qual tenho tomado algumas decisões. Esta é a oportunidade para se tirar algumas dúvidas que ficaram mergulhadas em torpor e silêncio durante esses últimos anos. Você pediu que eu não respondesse a sua carta, mas, no fundo, eu sei que você queria uma posição de minha parte. Eu te conheço e sei que mesmo que você tenha mudado, como disse, existem alguns aspectos da sua personalidade que não mudarão jamais.

Percebe-se na sua forma de escrever, que você tem dons para escritor, e como tal, encontrou palavras que me causaram certa reação. Chegou a me impressionar o nível de compreensão que você adquiriu, mas sinceramente não me comoveu. É claro que não ia ficar

indiferente. Você mencionou detalhes que eu julgava esquecido. Reavivou em mim lembranças mortas e me fez refletir. Você sempre soube que você foi meu vício, e como idiota que fui deixei você saber disso. Vício de amar intensamente, de tê-lo dentro de mim. E que também foi recíproco o repúdio que sentia. O ódio que senti em muitas noites solitárias.

Hoje, não sei dizer qual dos dois sentimentos teve maior força: se o ódio ou o amor por... É lógico que prevaleceu o amor, se não, ainda não estaríamos aqui trocando cartas... Dando satisfações. Todavia, o mais estranho é que você ainda se julga no direito de fazer de mim, apenas mais uma personagem das suas histórias. Acho que você nunca me considerou muito real, não é mesmo? Ou então, nunca soube entender minha realidade. Na sua carta você cita detalhes que o transformaram em outro homem. Sabe Saulo, eu também posso dizer que sofri muitas transformações. Esses mesmos detalhes que fizeram de mim uma mulher que sabia amar, numa pessoa fria, estéril para o amor, me fazendo sentir uma ponta de um sentimento que não queria conhecer: o ressentimento e a indiferença!

Você mencionou alguns detalhes, dos quais, eu me lembro de todos. E lembrei também de alguns que não foram mencionados. Por esquecimento ou por propósito? Mas tem um em especial, que fiz questão de deixar bem lembrado, para você principalmente, porque eu nunca esqueci. Você foi o primeiro homem da minha vida Saulo. Não estou dizendo o primeiro namorado, nem tão pouco a primeira transa, mas o primeiro homem, o primeiro amor. E isto sempre lhe soou como mentira. Talvez você continue não acreditando, mas não tem importância. Na verdade eu nunca quis que isso fosse motivo de obrigação para você estar comigo. Estou só querendo lembrá-lo, que eu não esqueci. Nenhuma mulher esquece o primeiro homem por menos importância que ele lhe dê.

Agora sou eu quem vai fazer você recordar... Lembra-se do seu primeiro conto escrito, quando foi publicado naquele jornalzinho de bairro? Enquanto você lia para mim, todo emocionado a ponto de suar sua mão e a minha? Como eu me senti importante para você... Que emoção senti está sendo importante para alguém, principalmente quando esse alguém é a pessoa que a gente ama.

Quanto ao nosso esconderijo... O sítio do Gaspar lembra? Eu me lembro mais do que você deve imaginar. Minha mente registrou com precisão, às inúmeras vezes que você me deixou só. Lembro-me perfeitamente daquele sábado que você saiu para fazer uma foto e voltou treze dias depois. E eu fiquei lá olhando as árvores, caminhando pelas veredas de carrapichos, que me grudavam na roupa e nas pernas, me deixando nervosa e para acalentar

passava boa parte do tempo jogando pão para os patos a beira do lago. Eu não me conformava com sua ausência... E por mais incrível e estranho que possa parecer, o que se fazia mais presente, era justamente a sua não presença. Era apavorante assistir impassível a ausência de algo ocupando todo o meu espaço. Um verdadeiro oco existencial.

Esses são alguns dos detalhes que não te deixarei esquecer... Antes de minha viagem vou te lembrar de mais alguns"

Sem mais, Elisa.

Saulo, meu querido!

Tentarei ser sucinta e direta ao explicar porque decidi deixar o Brasil e você. A verdade é que o Carlos me proporcionou o que você jamais pensou em fazer por mim; Segurança! Não essa segurança que você imaginava estar me dando. A tua segurança Saulo Maria é limitada. É segurança de guarda-costas. Nada disso. Ele fez com que eu me sentisse importante, eliminando a grande angústia que o teu carinho obsedante me causava. Eu imagino que você ao ler esta carta, eu esteja longe. Que a cada frase lida, sejam quilômetros e quilômetros de distância de você. Sentirei na máquina avião, um retificador de meu ser. A cada metro voado quererei sentir a lima limando a ferrugem que você carcomeu nas minhas vontades. Os fungos que você plantou dentro de mim, nos tempos em que tiveste presente. Plangente alívio de minhas carnes, do meu espírito. Tudo está consumado.

Eu sei que estou sendo muito dura com você, contudo, não quero culpá-lo pelos prejuízos que eu mesma me permiti. Se por amor ou não, não importa. A única coisa que importa agora é extirpar isto de dentro de mim. E para que eu fique curada de fato, é a você que tenho que confessar.

Espero que nesse aspecto você me entenda. E não guarde mágoas. No mais quero lhe dizer que o Carlos me ajudou muito a entender tudo isso. Quando você perguntou ironicamente se eu iria arrumar outro homem, já que eu ia me distanciar, eu não falei nada sobre o Carlos para não te magoar. Mas não há porque continuar escondendo. Espero que compreendas, e não leve para o mal. Não pense como traição. Apenas como minha solução. E também quero salientar nestas palavras, que nunca ignorei a importância que você teve para mim. Mas agora isso faz parte do passado que não mais atua sobre mim. Por estar livre é que me sinto no direito de formular este desabafo.

Somos homem e mulher diferentes agora. Não existe mais nada entre nós. Até acho que você tenha mudado como homem. Porque eu mudei como mulher. Agora já não sinto medos. Estou livre dos meus fantasmas. Sinto que cresci, agora já sei aonde ir e como chegar lá, sem

muletas. Sem você. Oh, senhor Saulo Maria! Se você soubesse como me é odiento e abominante certas imagens. Se você soubesse o quanto eu não suporto fitar uma fotografia. Pois todas elas me lembram você. Reflexos, manchas, nódoas. Tudo para mim são máculas tuas.

Espero, quando voltar ao Brasil para rever os amigos e família, ainda me reste no fundo, no fundo, uma pequena vontade de te ver. E se isto ainda restar em você, quem sabe nos encontremos. Afinal irei ver e rever pessoas que fizeram parte de meu passado e você é uma delas. Agradeço aos bons momentos que você me proporcionou na vida. De tudo se tira proveito.

Elisa

A Resposta de Saulo para ele mesmo

E você Elisa Maria? Se você soubesse o quanto não suporto pescoço. Você já tentou olhar para uma pessoa sem lhe ver o pescoço? A boca, os dentes, o nariz, os cabelos, as orelhas, os ombros, os braços, as mãos, os dedos, as unhas, as pernas, os pés? Não Elisa, eu não consigo ver nenhuma dessas coisas nas pessoas, que não lembre você. Isto sem falar do seu falar, do seu cheiro, do andar, do seu sabor. Não Elisa! Tudo lembra você. Então estou eu fadado a subestimar todas as coisas da vida por você?

Será mentira ou será verdadeira? Tantas acusações! Até onde somos involuntários malfeitores? Agora estou eu na mesa de um bar, quase embriagado, derramando lágrimas furtivas, apertadas, doídas e angustiadas. Achando-me sentado no cabo de uma navalha, equilibrando o balanço do corpo para não escorregar para o gume e ser degolado por injúrias. Ora, já foi confirmado: não há pecado desse lado de cá da linha do equador. Mesmo se houvesse, não sendo sabedor do pecado que se comete, o que pagar ao inquisidor?

Email: pluis.177@globomail.com

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10/

Pedro Gonçalves

Tauá/CE

Uma reflexão sobre o personagem Guido, do filme 8 e ½, de Frederico Fellini: digressões e lugares comuns

O ano de 2020, além de ter sido o ano do coronavírus, foi também o ano do centenário de nascimento do Mago de Rimini: Frederico Fellini! E para celebrar a vida do grande cineasta italiano, nada melhor que a análise de uma de suas obras-primas, talvez a preferida dos críticos – não que isso signifique lá grande coisa.

A película 8 ½ é indiscutivelmente uma das principais obras da História do cinema mundial. Rodado na Itália em 1963, no mundo pós-segunda guerra, traz o melhor do cineasta que se considerava um grande mentiroso. Mas um ótimo e necessário mentiroso, sobretudo para tempos áridos, como era a Itália naquela ocasião, como é o Brasil atual: devastado, em meio a escombros, carente de esperança. Lógico, trata-se de uma mentira que não é atentado contra a democracia, tampouco leva milhões à morte. A mentira de Fellini nada tem a ver com desinformação ou *Fake News*, e sim com imaginação e criatividade de um artista capaz de conceber um mundo novo e distinto daquele que se convencionou chamar de real. Um mundo onde era possível sonhar.

Em 8 ½, filme mais autobiográfico de um dos principais representantes do cinema neorrealista italiano, Fellini e Guido, protagonista do longa (interpretado por ninguém menos que Marcello Mastroianni), se confundem deixando o telespectador na dúvida sobre o que é real e o que é ficção e se de fato há uma separação: a realidade também não seria uma invenção?

Pelo sim, pelo não, ao que tudo indica, a obra parece ser uma tentativa do cineasta de mostrar para o público como ele se via. A menos, é claro, que não passe de uma grande mentira. Ou, na melhor das hipóteses, um engano: se não estamos isentos de nos enganarmos em relação as outras pessoas, também não estamos de nos enganarmos em relação a nós mesmos.

Em entrevistas, o mago de Rimini gostava de dizer que todos os seus filmes se tratavam apenas de uma única história. A história da sua vida. Repaginada inúmeras vezes, com enfoques mil, mas a mesma

história. Em o "Boas Vidas", é a do rapaz inconformado com os limites e o tédio típicos de uma cidade provinciana que a sai à procura de um lugar que seja do tamanho dos seus sonhos. Qualquer semelhança com a vida do cineasta, que abandonou sua cidade natal para tentar a sorte em Roma não é mera coincidência.

No entanto, nada comparado a 8 ½, quando até a amante de Guido Anselmi "coincide" em ser interpretada por aquela que foi amante de Fellini por 17 anos: Sandra Milo. E as similaridades não param por aí. Guido é um cineasta (assim como Fellini) em plena crise de criatividade (não se pode dizer com certeza se como Fellini), enfrentando problemas de saúde e nos relacionamentos, sobretudo o conjugal. Sem saber o que filmar, filma sobre uma ficção cientifica, ou seria sobre si mesmo: sua infância, fonte de traumas em função da educação católica rígida; seus relacionamentos com as mulheres, sempre marcado pela servidão do sexo feminino; e sobre a sua profissão, o ambiente das filmagens, com tipos caricaturados, como roteiristas esnobes e estrelas histéricas e supérfluas, um prenuncio do que viria a ser o mundo das celebridades.

Mas, antes de prosseguir, vale abrir um parêntese e destacar que em meio ao desenrolar da película, Fellini faz uso – e com maestria – de diversos planos: o da fantasia, o da memória, o dos sonhos e, naturalmente, o do real. Em certos momentos, não é possível saber com certeza se o que se passa na tela pertence a narrativa linear da realidade fictícia ou é uma imaginação, uma lembrança ou até mesmo uma peça onírica do protagonista. E, pelo que tudo indica, tal recurso não se trata apenas de uma questão estilística, mas uma ferramenta indispensável na construção do personagem principal.

Por se tratar de um homem em plena confusão mental e psicológica, há um turbilhão de emoções em erupção no interior de Guido, a levantar uma fumaça que o impede de enxergar para onde quer ir e até mesmo vê com clareza o que se passa em sua vida. Como mecanismo de fuga, primeiro o inconsciente o leva a sonhar com sua mãe, a mulher que o deu à luz – luz que tanto lhe falta no momento. Em seguida, suas lembranças o levam para a infância, quando a alegria desordeira (como toda boa alegria é) da casa em que foi criado, junto com outras crianças, contrasta com a educação católica do colégio dos padres. São claras alusões à psicanalise: o retorno ao passado e o olhar para o inconsciente como forma de encontrar um fio que o tire do labirinto em que se encontra. Não raro, quando nos encontramos perdidos, é para trás, no retrovisor, que olhamos numa tentativa (ás vezes desesperada) de nos encontrarmos.

E, em certo sentido, ao expor a infância do seu alter ego, Fellini parece tentar justificar ou explicar os comportamentos do Guido no presente, em especial, no que se refere as mulheres. A educação católica, rígida e conservadora, tolheu e castrou os desejos do Guidinho. Ou pelo menos tentou, conseguindo apenas um efeito contrário. Como o próprio fala, quando adulto, em audiência com o Cardeal: "desejos irreprimíveis". O que me remete a Bataille, para quem o interdito é também um convite. Por mais rígida e conservadora a Igreja pudesse ser, não era capaz de abafar o mundo que há para além de suas paredes, um mundo de perdição, como afirma o trecho da homilia citada pelo Papa ("fora da igreja não há salvação"). De perdição e altamente atrativo, tanto que Guidinho não pôde declinar do convite que gritava, através da boca de seus amigos, "vamos ver Saraghida". A igreja só não contava com o fato de que "o interdito diviniza aquilo cujo acesso proíbe" (BATAILLE, 2017, p. 19).

A repressão atiça o desejo. E atiça é um termo que cai bem nessa discussão, pois o que está em jogo são desejos. E desejo, como alguém muito bem vaticinou, é fogo. Que a tudo devora. Que a tudo consome. Que é efêmero. Esgota-se em si mesmo. De tanto demonizarem a prostituta da praia, reacende a vontade no menino de conhecê-la e revê-la, não obstante os joelhos em grãos de milho e as vergonhas públicas. O que destoa do Guido adulto, com acesso a várias beldades, mas, aparentemente, sem libido para elas, uma vez que a banalização exclui o fetiche. Como defende Han (2017, p. 55), nada menos erótico que a pornografia.

Colocar determinados assuntos na escuridão não serve a outro propósito se não aguçar a curiosidade dos que estão impedidos de acessá-los. O interdito é, antes de tudo, um convite. Quando se trata de desejo, o "não" é um chamamento, o que explica a dificuldade que o mundo encontra em observar o quarto mandamento.

Por falar nisso, outro tema amplamente abordado no filme, é a infidelidade conjugal. Guido, apesar de claramente ter afeição por Luisa, sua esposa, parece não saber lidar com a monogamia. Não sei até que ponto influenciado pelas tentativas de castração da infância, o homem Guido parece resoluto a não negar a si mesmo qualquer oportunidade de volúpia e lascívia, chegando a fantasiar para si mesmo um harém – Saraghida, a primeira e proibida paixão da infância não podia deixar de figurar no imaginário do cineasta. Luisa aparece como a dona de casa, a que serve, a que se submete a todas as vontades do homem, o que destoa completamente da narrativa linear, tendo em vista que a esposa de Guido não aceitava de modo algum

as escapulidas do marido. O fantasiar se apresenta como uma fuga para o homem que estava preso a infância, que, na verdade, dava sinais não ter deixado de ser um menino: incapaz de fazer escolhas, de se responsabilizar por suas decisões, de fazer renuncias.

E é também de Bataille (2017, p. 16) a afirmação de que "se, por sorte, as crianças têm o poder de esquecer por um tempo o mundo dos adultos, a esse mundo, entretanto, estão prometidas". Uma das primeiras coisas que se aprende quando adulto é que não é possível ter tudo. E que maturidade tem a ver com tomar decisões, abrir mão de certas coisas, em virtude de outras, aquilo que realmente queremos. Claro, supõe-se que um adulto saiba o que quer.

Não era o caso de Guido, que sequer podia dizer com clareza que tipo de filme tinha em mente. Quanto mais qual mulher queria para sua vida. E se de fato tinha mesmo que escolher. Esposa e amantes não podiam conviver harmoniosamente, como fantasiou o protagonista numa das cenas mais famosas da película em que ele aparece sentado numa cadeira com as pernas penduradas na mesa? Há na sua inabilidade de se relacionar com as mulheres um "q" de machismo, ao menos nas suas fantasias (como provavelmente na de todos os homens).

Na fantasia do harém, o regulamento (sim, havia um regulamento), proibia a permanência da mulher que ultrapasse a barreira dos 26 anos. Até que há uma rebelião: algumas se revoltam contra esse desaforo. Mas, não se pode perder de vista que a fantasia é do Guido, e serve tão somente para satisfazê-lo, de modo que a rebelião nada mais é do que para que ele possa reafirmar a sua soberania sobre as mulheres, inclusive a golpes de chicote – há quem considere sexy.

Só que Luisa decide deixa-lo, exatamente quando Guido expõe a relação na tela do cinema. Claro, na visão dele, do homem, como sempre aconteceu no cinema. O filme, portanto, era uma versão de sua própria vida. A versão que ele quis dar. Que, por extensão, talvez seja a maneira que Fellini encontrou de confessar a fraude que sempre acreditou ter sido, se não como cineasta, ao menos como homem: o que certamente todos somos – o fracasso é o que existe (sucesso é ilusão).

Mas, no âmbito profissional, as ilusões ocorrem com maior frequência. Sobretudo no cinema. E é aqui que Fellini decide usar Guido para desmascarar as ilusões do universo cinematográfico. A futilidade das celebridades – a atriz francesa serve a esse propósito. O cotidiano nada glamoroso das gravações – uma produção que fica acordada até a madrugada. Os operários que são

como qualquer outro operário (tipos comuns). A propósito, o figurinista Maurizio Millenotti, que trabalhou com Fellini, em entrevista ao El País, em função do centenário de nascimento do Maestro, conta que ele "adorava estar no meio dos maquinistas, eletricistas, iluminadores" (VERDÚ, 2020). Qualquer semelhança entre a criatura e o criador não é mera coincidência.

8 e ½ é um filme sobre um filme em que personagem e autor se confundem, assim como realidade e ficção se fundem em um mesmo plano. É o desnudar-se de um dos principais cineastas da História, através de Guido, expondo seus traumas de infância, seus fracassos relacionais e a suposta fraude de sua profissão. O cinema, assim como a arte em geral, é essencial para que aturemos a vida. Não há muitas escolhas: ou nos refugiamos na arte ou damos um tiro na nossa cabeça – debaixo da mesa (o mundo não pode ver as nossas fragilidades).

Sobe os créditos. As luzes se acendem.

REFERENCIAS.
BATAILLE, George. A Literatura e o Mal. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
HAN, Byung-Chul. A agonia do eros. Petrópolis: Vozes, 2017.
VERDÚ, Daniel. A profecia de Fellini completa 100 anos. **EL PAÍS**, Roma, 17 de jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/16/cultura/1579204910_600892.html>. acesso em 12 set. 2020.

Pedro Guerra Demingos
Porto Alegre/RS

Insônia

O sono purga um som para fora dos meus olhos.
Meus tímpanos só fazem concordar.
Meus olhos escoam, minha testa
se abre para aplaudir.
Os acordes são a madrugada, a madrugada
é hipertensão. Não sei se é ansiedade ou arritmia
a matar-me esta noite, no silêncio dos
acordes, os acordes, os acordes.

Miopia, astigmatismo, estrabismo me explodem.
À otite sobrou uma mosca.
Tudo se move, o mundo
faz negar a si próprio.
O tambor, ao longe,
longe ecoa. Nada é suficiente
para libertar-me e, enfim,
acabar – começar – acabar.

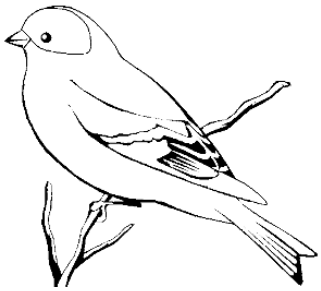
https://www.instagram.com/pgdemingos

Pedro Menezes
Rio de Janeiro/RJ

Trepar

trepar nas árvores até o topo
guardar as asas
chupar uma fruta e encontrar deus
mastigar devagar
extrair o suco e cuspir o caroço
descer não
voltar talvez
não
nunca mais
soprar formiga
roubar um ovo
o tempo ajuda deus a achar seus iguais
exercitar o focinho
arranhar o tronco
encarar umas nuvens
calcular a altura cagando
abrir as asas
e aguardar o vento

www.instagram.com/opedro.menezes



Peresch Aubham Edouhou
Rio Grande/RS

Pomba

Pomba, Pomba
Andorinha
Venha conversar a noite comigo
O que quer de mim?
Ainda não
Pomba, isso não é justo
Ainda não fui comida

Vai aguentar?
Pode me segurar?
Por favor, não me aperte na parede
Com suas asas

Não vai sair daqui sem a chave
Não vai voar sem me dizer hoje
Você é um tipo de felino?
Só pode estar brincando

Pomba, Pomba
Passarinho
Entre por aqui
Para brincarmos um pouco

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009123511450

Plinio Cesar Giannasi
Regente Feijó/SP

Táxi

(Um conto em bandeira 2, devido ao avançado da hora)

Madrugada.

Choveu quase a noite toda, e agora que trens e ônibus pararam de circular, resta-nos recolher os incautos que, sob os mais ridículos argumentos, acenam e se safam de pernoitar no trabalho.

Cuidado com desajustados sociais, noctívagos que vagueiam por aí neste horário, olho clínico para não ser surpreendido. Mas, hoje é quarta-feira, espero que meus habituais clientes já estejam prontos.

Sempre estão. Sem trânsito e num horário neutro, posso seguir com calma até a casa deles. Bairro chique, só alguns minutos e lá vem o casal. Ele… Fraque, cartola e bengala compondo o traje, seria ridicularizado por aí durante o dia vestido assim. Ela... Longo à *Pompadour*, chapéu à *Mary Stuart* e bolsa *Chateleine*, não passaria despercebida nem em baile carnavalesco. Mas é um belo casal, atravessaram décadas, séculos assim. Bodas de quê?

O cumprimento habitual, pois já nos conhecemos desde quando meu pai me passou esta incumbência, junto com o alvará e o táxi. Para entrar no banco de trás, a Baronesa encontra dificuldade devido ao volume do vestido. Já o Barão, basta tirar a cartola. No caminho, os mesmos comentários de sempre, horrorizados com aqueles corpos femininos seminus nas calçadas, e mais

uma vez explico que não são mulheres, e mais uma vez o casal não compreende. Homens travestidos em tão poucas roupas.

Eis o Teatro Municipal. Qual será a ária de hoje? Na volta eles me contam, sempre, e eu demonstro que estou entendendo. Aqui fora, encontro colegas de ofício, com o mesmo encargo. Carros modernos conduzindo nobres de passado longínquo. Daqui é possível ouvir a orquestra desenvolvendo carinho aos ouvidos refinados dos convidados. Para nós, simples mortais, uma mistura de sons harmoniosos.

Passam-se as horas numa madrugada fria, como se fosse normal o que está acontecendo. Estamos trabalhando e não nos interessa o que fazem nossos clientes.

Na avenida aqui em frente, os seres noturnos de sempre, viaturas patrulhando (e estranhamente não nos abordam), um ou outro bêbado, "mulheres" vestidas de modo a ruborizar a Baronesa, é a madrugada da metrópole. Nossas conversas passeiam entre o cotidiano dos homens comuns, jamais tocamos no assunto que nos conduziu até aqui.

Sabemos que eles precisam de nós, e nós deles.

Alguns trovões prenunciam a chuva que ameaça recomeçar. Lá dentro do teatro, os aplausos de um final brilhante, quase cinco minutos de salva. Os colegas se recompõem, abotoam camisas, guardam os drinques, e quanto ao cheiro de cigarro, deixam estar. Estes nobres do passado se agradam com o cheiro, o politicamente incorreto de hoje encaixa-se nos costumes daquela época.

Aos casais, vestimentas conhecidas apenas de filmes ou romances, todos saem e se despedem com certa brevidade. A chuva que nos acenava está aqui, começa tímida e pretende se intensificar. Até a próxima quarta.

Barão, Baronesa. Dificuldade com o vestido dela, ele de cartola na mão, retornamos ao palacete da Alameda Prado Gonçalves. No caminho, quase deserto, os comentários são sobre o espetáculo, é sempre assim. Serenata lúdica do século XVIII, o compositor, o maestro, todos lhes são conhecidos. A chuva se torna torrencial conforme nos aproximamos do casarão, que não tem garagem, construído numa época em que não existia automóvel para ser guardado. Penso em um modo de levá-los, secos e em segurança, até dentro de casa. Algumas manobras de vasta experiência, aliada à sorte de ter amenizado a chuva, entro danificando o belo gramado do jardim até a porta da frente, protegida por um avarandado estratégico. Desço para abrir a porta do lado direito, assim não vão se molhar. O casal se despede

de mim. Bandeira dois, quase quatro horas à disposição.

Basta que entrem para que o temporal retorne, mas estou liberado, tudo tranquilo. Daqui até a Zona Leste em meia hora, sem trânsito. Chego em casa antes de amanhecer, minha mãe nem nota. Às vezes ela nota… É claro que meu pai dizia o que fazia todas as madrugadas de quarta-feira. Mamãe sabe. Tanto sabe que, alguns dias antes de morrer, papai insistia no assunto do casal Barão/Baronesa, mamãe apenas balançava positivamente a cabeça. Eu só observava, sem entender. Já em estado terminal, ele me deixou o endereço do casal, dia e horário para o atendimento, bastava estar lá. Eles já estariam prontos. Sempre estão.

Agora, um banho reconfortante, e cama.

Meu próximo cliente será apenas às duas da tarde, do Aeroporto Internacional até um bairro próximo de onde deixei o casal na madrugada. Um desvio mínimo e poderei ver se a Prefeitura ousou cortar aquela árvore centenária defronte o casario. Tombadas pelo patrimônio histórico, muitos tentam remover aquelas construções, cortar o mato absurdamente grande, mas encontram entraves jurídicos para modificar qualquer coisa naqueles palacetes.

Um verdadeiro museu ao ar livre. Chamam de ruínas históricas.

Que a Baronesa não ouça…

facebook/pliniocesar.giannasi.9

Raquel Zepka

Porto Alegre/RS

Purificação

Abjeta na carne
purificada no espírito
mais refrescante que Cepacol
mais confusa que os camundongos
enjaulados sob regime de endorfina

Quente ao parir
fria nas tinas de louça
endométrica serpente parricida
fêmea de objeto
masculino de fala
corça que correu
na floresta errada

Te perdoo Efigênia
te deixo atravessar
esse mundo revestido
de pele de querubim

Sabes bem que
cesáreas induzidas
geraram os homens maus

Desalinharam tuas vísceras
tiraram teu sono
usurparam tua paz

Fica, veste meu plasma
e purificamos
uma a outra

Eu, Efigênia,
serpente, corça

instagram.com/raquelzepka

Reinaldo da Silva Fernandes

Brumadinho/MG

Aninha – a que eu (não) seguia

Nos encontramos os três, Jane, eu e Aninha, no estacionamento do supermercado. Jane tinha encontrado a amiga havia pouco tempo, no salão (de beleza) onde discutiram ferrenhamente se a melhor cor para tingir seus cabelos – com um ou outro fio branco – era Louro Médio Acobreado Intenso 7.44 ou se Louro Super Claríssimo Natural 12.00. Quando fui buscar Jane, Eliete, a terceira mulher da relação, cabeleireira das mais renomadas da cidade, dissera-me que, depois de quase meia hora de dúvida, e depois de pedirem a opinião de todas as mulheres – e um rapazola – que estavam no salão, acabaram por optarem pelo Castanho Claro Acinzentado Acaju 10.23, embora Aninha ainda tenha ficado com certa dúvida.

Agora encontraram-se novamente no supermercado. Assim que parei meu carro, Jane a viu, e foi logo brincando;

— Uai, Aninha, cê tá me seguindo, mulher?

A que a outra respondeu prontamente:

— Nossa, Jane! Cê que tá me seguindo mais do que o seu marido!

A frase saiu assim, natural, inocente. Só mesmo eu, com essa mania de trabalhar com a língua – no bom sentido, é claro! – para ficar preocupado, analisando. Não pela frase, mas podia rolar um ciúme por causa dela (não de Aninha, da frase... ou seria por causa das duas?). Vai que a Jane entendesse o que entendi: que eu estava seguindo a Aninha. Não que Aninha não tivesse lá seus adjetivos, alguns, aliás, superlativos, como o caso dos .... deixa pra lá. Mas eu nunca segui Aninha (nem no facebook, confesso!). Mas o diminutivo no nome chegava a ser irônico... Aninha... Ah, não! Talvez mais coerente seria chamá-la Anão! (com maiúscula para não haver mais confusões)

Olhei para Jane, torcendo para que ela achasse que a amiga dissera que ela (Jane) a seguia mais do que ela (Jane) seguia o próprio marido (que, no caso, era eu mesmo). E foi mesmo o que Jane entendeu. Escapei de uma!

Entramos no supermercado para fazer nossas compras, esquecidos de Aninha e de seus predicados (eu, particularmente, esquecido

especialmente dos predicados superlativos analíticos porque, sejamos francos, de sintéticos, ali não tinha nada!)

Arroz, feijão, macarrão, verdura. Meia hora na fila da carne. Material de limpeza, xampu, pasta de dentes, Mais vinte minutos na padaria e R$ 1.500,00 no caixa.

Aí, quando estamos nos dirigindo ao estacionamento, Jane se lembra:

— Ih! Esquecemos o leite! Vou pegar! Te encontro lá embaixo!

Desço, e encontro Marcinha (outro diminutivo injusto).

— Oi, Valter! – me cumprimenta sorrindo. Pode me ajudar com um probleminha aqui?

Posso!! Claro que posso! Ela entra no banco de trás do seu carro de vidros de películas fumês e pede para eu entrar pelo outro lado. Do supermercado ela passaria pela creche para pegar seu filhinho, mas o cinto da cadeirinha tinha se soltado e ela não conseguia pô-lo corretamente. Ela ajeitou a cadeirinha no banco, e, no exato momento em que Jane aproximava-se do veículo, eu perguntava:

— Eu já posso pôr?

— Pode! Mas põe direito, pra não machucar, disse ela, enquanto Jane não via direito. Mas ouvia bem nosso diálogo.

E foi assim que a língua portuguesa me arrumou problemas naquele dia.

https://www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes/

Renam Timbó

São Paulo/SP

Lados Baixos

Gorducho, uns vinte e dois quilos acima do peso ideal, ainda não tinha dado o estirão e nem parecia que iria. A voz em fase de transição, não sabia se era rapaz nem menino. Não sabia um quinhão de coisas, na verdade. Sabia, entretanto, que circular requeria cautela e isso o colégio o ensinou desde a mais tenra idade. Foi obrigado a aprender, foi obrigado a não definhar. Cabelos pretos, penugem nascendo sobre o bigode e, inconscientemente, era fascinado por universos que não o agredissem tão diretamente, já que, de alguma forma, tudo parecia fazê-lo. O silêncio dos livros e o feminino eram asilos para alguém que fora disso tinha que arrotar altivez ou estaria morto por dentro.

Cada aula tinha cinquenta minutos, era a última do dia, começando às 17hrs e, então, estaria livre. Tinha uma predileção pelas humanas, mas amava biologia. A professora de biologia era um desses docentes carismáticos, chamava-se Rose. Até parece que os alunos das várias turmas da mesma série não se falavam e não sabiam o anedotário de cor e salteado.

- Olha, meu nome é Rosemary, mas pode me chamar de Rose. E vocês já devem estar se perguntando: "Rose, cadê o Jack?", eu já respondo logo: "Virou picolezinho.". E, assim, ela havia se apresentado no primeiro dia de aula fazendo alusão ao infeliz fim do Leonardo Di Caprio no *Titanic*. Ela despejou isso como quem diz "não sejam ordinários", porém de uma forma que cativou uma galhofada em grupo. Engraçado, como se repetir isso em todas as turmas não fosse tão ordinário quanto. A aula já corria seus vinte minutos, a sala formara um círculo e, claramente, podia-se ver os focos de afinidade ao redor. Só fico me perguntando quantos adjazem a essa relação de simbiose com a sociedade até acordar e dar-se conta do peso da solidão.

Começaram a colar fotos cortadas de revistas em um papel de cartolina, cada grupo uma cor, assim seria possível diferenciá-los com mais facilidade. Atividades em grupo sempre o deixavam retesado, nunca saberia o que iria sair dali. Rose já havia orientado que cada grupo seria um continente e, então, formariam o planeta ou o que aquelas revistas velhas permitissem acontecer com o futuro da Terra. Louvável a forma com a qual ela conseguira transformar seu comportamento ignóbil em aula de biologia. A professora pediu para que cada um

de cada grupo fosse até o centro e colasse a sua figura na cartolina do seu respectivo grupo. Ele só conseguia pensar o quanto toda aquela dinâmica era imprevisível. Bufonaria! Parece que aquele estratagema infundado estava funcionando e os alunos até esqueceram do relógio, incluindo ela mesma. Ele também. A necessidade daqueles alunos de corresponderem à altura a toda a patifaria foi ganhando corpo. Ia perpassando com os olhos todo o círculo de cadeiras e contando regressivamente a hora em que vestiria a capa rija de autoconfiança e sobrevoaria o arcabouço de desventuras que naquela idade já marcavam. Ouvira que meia dúzia de meninos estavam puxando um coro, enquanto um dos alunos levantava para colar sua figura na cartolina no centro da sala.

- CDF...CDF...CDF!, bradava o grupinho acostumado a sentar-se no fundo da sala. "CDF" era o alcunho dado aos *nerds*. O mais inesperado foi dar-se conta de que aqueles indivíduos estavam começando todos a se comportarem da mesma forma, mesmo sem uma orientação de Rose. Não foi culpa dela. Ou teria sido? E o próximo dirigira-se ao centro:

- Vereadora, vereadora, vereadora!, o número de vozes no coro começou com o mesmo grupinho e foi aumentando à medida em que os demais sentiam a mesma necessidade de gritar para que o sino batesse logo. Assim fora o brado para como o grupinho decidira batizar a menina que conhecia a todos.

- Milionário, milionário, milionário!, conseguira perceber que já não havia um só quidam que não tivesse se juntado àquilo. Ele também. O rapaz estava sendo indiciado por ter desfrutado de conforto e segurança desde o berço, pela pose de janota. Coitado! Ele conseguiu, entre um coro e outro, convir naquele passatempo, mas mais por incompetência de fazer as conexões necessárias para prognosticar dali três cadeiras. Só o acompanhava um resquício de sofreguidão que é sedimentado, típico dos que anfemeramente sofrem. Continuava ouvindo, todavia, ao fundo daquela muralha, uma questiúncula de qual seria seu alcunho ululado em coro. Engraçado notar que a vida pode ser tal qual um desses transtornos de dois polos, como quem está triste sentado escorado na muralha, sente um afã e pula o muro, lá em cima sente a brisa, alenta e, logo depois, desequilibra-se e despenca para o outro lado. Aquele fôlego que ele estava sentido preenchia todo o trilhão de células que, mesmo em tiros curtos, já se sufocam e precisam emergir. Logra-te do alto, aproveita o momento único, pois os lados baixos são dois. - Viadinho, viadinho, viadinho!, o coral tilintava nos ouvidos dele. Despencou do alto da muralha e podia até se ver caindo de uma construção de oitenta andares, de costas, flutuando com os dois braços e as duas pernas abertas,

a roupa se debatendo para cima pelo vento que vem de baixo. Naqueles momentos finais da vida, onde segundos de queda livre te obrigam a assistir a própria história toda projetada. Chegou à cartolina e sentiu o peso daquele coro nas costas o empurrando e ajoelhou-se, batendo com os dois joelhos no chão, os olhos já iam cheios d'água. Não podia permitir que as lágrimas também caíssem. Não teria nem como enxugar embuçadamente, já que numa mão havia cola e noutra uma fotografia qualquer que nem biologia era. Era tudo uma grande tolice. Nessa hora, só conseguiu pôr um pouco de cola na ilustração e colar na cartolina verde. Insultou mentalmente o grupo original que houvera iniciado tudo isso. Eram os grandes culpados. Ao levantar-se, se deu ao trabalho de olhar para Rose, que ria. Rindo, ela estava rindo. Uma indignação ultrajante o tomou, quiçá mais que seu alcunho. Voltou para sua carteira e sentou-se. Pronto. Estava na segurança do seu grupinho. - Não fica chateado, eles são uns idiotas. - Não estou, eles não me atingem. Eu não estou nem aí!, ao virar-se, para que a amiga não visse os olhos inundados, elas escorreram. Teve de enxugar. Sentiu uma mão de carinho em suas costas.

- Como não atinge? Isso machuca!, arreliou-se a amiga. Só conseguira se perguntar como alguém daquela idade conseguia ser tão sensível, pois todo e qualquer outro pensamento acerca do ocorrido deveria ser bloqueado. Ouviu embaciado mais três formações de coro ao fundo. O sino tocou. Estava sentado, do outro lado, escorado na muralha mais uma vez.

Renata Ferrari

Amparo/SP

Por cima do muro

— Tem alguém aí?

— Pronto! Na escuta.

— Não aguento mais.

— O quê?

— O isolamento social.

— Eu também, sinto falta dos passeios longos.

— Não é isso. Aqui é grande, tem quintal. Mas a casa sempre cheia está me enlouquecendo. É isolamento para quem?

— É mesmo? Achei que você fosse do tipo que apreciasse uma companhia.

— Eu gosto, mas não durante as vinte e quatro horas do meu dia. Já tenho certa idade, só quero descansar. Antes, todos saíam por horas e horas, a casa ficava em silêncio. Agora todo mundo está sempre aqui, eu nunca fico isolada.

— Sinto um pouco de preguiça de recepcioná-los quando eles voltam de uma saidinha rápida, você também?

— Sim. Eu pergunto: "Já voltou?", mas eles não entendem e ficam felizes com qualquer pulinho.

— Aqui está igual. Eu não posso nem comer salada fresca do jardim mais.

— Pois é, cadê a nossa privacidade? Minha irmã é quem gosta de gente, e até demais.

— Por que dizem meu santo nome em cão, digo, em vão?

— Sua irmã dizia que você gosta de gente.

— Eu amo. Estamos sempre juntos, em todos os cômodos e às vezes até no banheiro.

— Ouviu isso? Minha irmã é exagerada.

— Eu só aprecio a oportunidade que tivemos de reconectarmos nossos corações nesses últimos meses. A correria da rotina antiga fazia eu me sentir sozinha, mas só agora eu pude perceber isso.

— Eu entendo os argumentos de vocês duas. Do lado de cá, também acontece superlotação de cômodos. Nessas horas, tem sempre um oportunista que aproveita para se aliviar e aí a culpa é de quem?

— É nossa, eu sei.

— Um passarinho!

— Um passarinho!

— Um passarinho!

— Olha, ele jogou algo aqui.

— É preto e branco. E saboroso! Dizem nas redes que faz bem para o pelo.

— É mesmo? Vou deitar em cima.

— Aqui desse lado não caiu. Cuidado com substâncias sem comprovação científica para fins específicos, viu? Pode causar efeitos colaterais inesperados.

— De repente, você se tornou tão sábio.

— Voltando ao assunto, agora a inspeção tem que ser ainda mais rigorosa quando eles voltam para casa cheios de sacolas.

— Sim. Quando eles chegam, eu respiro todo o ar em volta das sacolas e dos pés deles, tentando evitar que eles se contaminem. Às vezes, decido que é melhor fiscalizar item por item dentro das sacolas. De vez em quando, encontro até brindes.

— Por falar em brinde, lembra quando a gente ouviu o Rex tomando bronca por comer o jornal?

— Ele achou que fosse brinde.

— Aliás, vocês sabem do Rex? Rex?

— Rex?

— Rex?

— Deve estar supervisionando o trabalho na cozinha da casa dele, com certeza.

— É verdade, isso requer muita agilidade para os casos de desatenção durante o manuseio da comida.

— Sabe, eu só sinto saudades de quando meu pai chegava em casa, me levantava no colo e encostava a testa dele na minha. Agora ele chega de máscara e vai direto para o banheiro.

— Isso é o indicado, irmã. Assim como ficar em casa e só sair em casos extremamente necessários. Eu reconheço a importância, mas começo a suspeitar que eles estão ficando ansiosos sem poderem sair.

— Agora eles conhecem a sensação de ficar sem o passeio.

— Por aqui, teve um dia que eu vi minha mãe chorando e fiquei ao lado dela durante a noite inteira.

— No final das contas, eles precisam mais de nós do que o contrário.

— Definitivamente. Vivemos tempos difíceis.

— Temos que nos manter firmes no nosso papel de melhores amigos. Ou amigas, no caso de vocês.

— O carro do gás!

— O carro do gás!

— O carro do gás!

— Chega de barulho, Branca e Pituca, venham para dentro.

— Chico, para de latir!

@palavraplantada

Renato Massari
Rio de Janeiro/RJ

O Amigo

A passos rápidos, a tarde caía cinzenta e a chuva forte que sempre invadia o muquifo em que moravam, na periferia da grande cidade, prometia não demorar. O pai então pediu à filha e à mulher mais agilidade no trabalho de remoção dos objetos que fatalmente iam perder se a água subisse muito. Esperavam ansiosos pela volta de Saul, o filho mais velho que levara Estrugue (cruza de vira-lata com dobermann) para mais um combate. Se fosse vitorioso, como sempre era, o cão da família traria preciosos trocados para a compra do angu com salsicha do dia seguinte.

Os primeiros pingos grossos já salpicavam os vidros sujos da única janela do muquifo, mas Saul ainda não chegara. Nem poderia. Seu carro de trinta anos, quase um monte de ferrugem sobre quatro rodas, tinha se envolvido num acidente com o veículo estalando de novo de um homem muito rico. Por contingências da sorte ou da desdita, o dono desse automóvel encantou-se tanto com Estrugue que não reclamou da lanterna traseira esquerda reduzida a pó nem dos fartos amassados na lataria. Enquanto seu motorista, que mais parecia um matador de aluguel, encarava Saul com olhos de morte, ele tinha olhos somente para o cachorro. Mirando-o embevecido, foi logo dizendo:

"Parece um campeão".

"Ele é", respondeu Saul sem titubear.

"Como é que chama?"

"Estrugue. Mais fácil do que falar *Struggle*".

Lentamente a enxurrada baixava, rindo perversamente dos poucos pertences salvos pelos familiares de Saul. Com jeito de quem tivesse andado nas nuvens, ele de repente apareceu. Antes que lhe dissessem poucas e boas, contou radiante a novidade: conseguira um ótimo

patrocínio para Estrugue e tudo na vida de todos ia mudar. Com animação alheia ao rastro de destruição disposto à sua frente, explicou aos parentes perplexos e com cara de velório que conhecera um homem muito rico, amante de rinhas, especialmente as que envolviam cães. O sujeito batera em seu carro e se recusara a pagar pelo prejuízo, mas conversa vai, conversa vem, ambos descobriram o gosto comum por aquelas disputas. Tomado subitamente de amores por Estrugue, ele marcara um combate contra o seu melhor lutador para o dia seguinte.

"Se nossa fera ganhar, estamos feitos", disse Saul fitando uma ratazana que, surgida do nada, buscava abrigo num caixote que a água arrastava com rapidez para fora do muquifo.

Estrugue estraçalhou o rival em menos de três minutos, deixando o candidato a mecenas eufórico. Pouco tempo depois, a vida de penúria da família de Saul se tornou coisa do passado. Tendo caído nas boas graças do milionário, ele conseguiu fazer do pai o mordomo e da mãe a governanta do lar. Já a irmã, que nenhuma experiência tinha em cuidar de crianças, virou *baby sitter* do filho superdotado do homem. E todos, inclusive ele, passaram a morar na meia-água construída nos fundos da mansão de luxo em que o seu mais novo amigo e sócio residia.

Tudo corria às mil maravilhas – Estrugue era mesmo invencível – até o dia em que o pai de Saul misteriosamente sumiu. Depois dele, a mãe e, por fim, a irmã também despareceram sem deixar vestígio algum. O rapaz, de vinte e cinco anos incompletos, sentiu-se amedrontado, uma aura fúnebre parecia brilhar nas paredes frias dos amplos salões que o afrontavam toda vez que interpelava o amigo sobre o estranho sumiço dos seus parentes. Certa manhã em que o vento uivava como lobo faminto, descobriu duas portas ocultas atrás de um painel de caçada colocado na parede principal da sala de jantar. Ao abrir a mais larga, deparou-se com uma escada em caracol que conduzia a um quarto subterrâneo. Lá viu inúmeras prateleiras de pedra com cabeças humanas conservadas em redomas de vidro. Três delas continham, respectivamente, as cabeças do pai, da mãe e da irmã.

Aproximando-se um pouco mais, o estômago embrulhado quase saltando pela boca, reparou que na frente das redomas havia plaquetas com inscrições vermelho-escuras sobre fundo branco. Ao lê-las, viu que eram nomes próprios seguidos da menção a diferentes raças caninas e a datas que remontavam aos últimos anos.

Paralisado pelo pânico e pela náusea, Saul custou a perceber que não estava só no ambiente. Quando caiu em si, o milionário e dois guarda-costas o olhavam de modo impassível, feito esfinges. Nenhuma palavra teria para lhes dizer, mas o amigo, ao contrário, já ordenava aos brutamontes que o acompanhavam:

"Levem ele e tratem de lhe dar boa comida. Vai estar no confronto principal do programa de amanhã".

O adversário, como Saul veio a saber, seria Ching pitbull, um chinês de mesmo peso, altura e idade, afinal o amigo se reputava como homem justo que prezava pelo equilíbrio de forças entre os combatentes. Soube, ainda, que para continuar vivo depois da rinha humana só havia duas possibilidades: vencer ou vencer.

https://www.facebook.com/renatojosede.oliveira.7/

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Milagre

Há um bom tempo vinham se desentendendo. Discutiam por qualquer besteira, brigavam por qualquer coisa, agrediam-se mutuamente, ofendiam-se gratuitamente.

Depois, em vez de se reconciliarem, viravam a cara um para o outro e passavam a conversar o mínimo necessário, pois ainda moravam sob o mesmo teto.

Foi depois de uma dessas discussões que ela, visivelmente alterada, saiu com o carro em alta velocidade, com destino ignorado.

Dali a mais ou menos 2 horas, ele que permanecia em casa, recebeu o chamado do hospital dizendo que a esposa se encontrava internada, vítima de um acidente automobilístico.

Apesar de ainda magoado, correu a verificar o ocorrido, tomando conhecimento de que ela, por causa de inúmeros ferimentos, encontrava-se inconsciente.

Embora quisesse demonstrar arrependimento, dizer-lhe palavras de conforto e carinho, nada disso foi possível, pois já a estavam operando, tentando salvar-lhe a vida.

Não lhe restou nada a fazer, senão aguardar um milagre.

Horas depois, a junta médica veio ter com ele, e o chefe da equipe se encarregou de dar-lhe a notícia definitiva:

- Sua esposa não resistiu. Sentimos muito.

Ele, entre incrédulo e resignado, olhou-os fixamente e começou a rir. Primeiro de maneira sem graça, depois escandalosamente.

Os médicos se entreolharam e viram nisso o sinal claro de um trauma, um verdadeiro choque emocional. Quiseram acalmá-lo, mas ele, rejeitando o apoio, correu para fora do prédio, ainda às gargalhadas.

Fora do hospital, estacou, respirou fundo algumas vezes, e, aliviado, comentou para si mesmo:

- Ainda bem. Poupou-me a burocracia do divórcio...

E voltou calmamente para dentro do hospital, a fim de resolver os trâmites administrativos.

Roberto Schima

Salto/SP

A Escadaria

Noite.

Após um exaustivo dia a trabalhar, como geralmente fazia, sentei-me na escadaria do cursinho antes de começarem as aulas.

Fiquei a divagar.

Devagar.

Vagar.

Ficava lá no alto a observar o vazio das alturas, um céu quase desprovido de estrelas, sujo e frio. Identificava-me com aquela triste ausência como o outono de raízes fincadas em mim. Sua escuridão era a minha. Sua perdição de se estar perdido também.

Eu não buscava respostas, talvez um conforto fugaz, pois hesitava em formular perguntas das quais não via fim, tampouco sentia firmeza em saber se eu próprio estaria a fim.

Esperança é uma flor frágil. Eu não tinha adubo, tampouco água, sequer luz.

Inspirava a noite em lentas golfadas, trazia-a para o peito, tornava-a parte de mim.

Era, sobretudo, um raro momento de paz em meio ao desconforto caótico da cidade e das ondas encrespadas em meu coração.

Paz diante de um lar sem jeito, desfeito, defeito. Minha mãe a gritar, acusar, repreender, chorar. Meu pai que, em suas rara presenças, nada via a falar, só o calar, sufocar, silenciar. Tampouco mudava, saía, não voltava e, em sua quietude, em gestos, abusava.

Uma ilha.

Família?

Paz diante de um serviço que nada significava, consumia, esgotava. Se havia algum colorido; indiferente, o vórtice sugava. Matizes chuvosos de cinza em seu rastro deixava. Engrenagens de uma máquina para quem, cada qual nada representava.

Gaiola de vidro.

Rostos de plástico.

Quanto as aulas, embora apreciasse os estudos, traziam matérias demais a uma mente com descanso de menos. Seria eu capaz? Ficaria para trás? Alguma diferença faz?

Tantas ciências exatas.

Tão pouca humanidades.

Oh, sim, a escadaria de cimento. Rústica. Entre edifícios cobertos de fuligem. Era um refúgio temporário, uma nau na qual era passageiro. E quão passageiro! Quanto? Dez ou quinze minutos talvez. Vários outros estudantes acomodavam-se ali, proseando, lendo apostilas, flertando. Eu não existia para eles. Eles eram indiferentes a mim. Tudo o que eu almejava era sentir a noite, a brisa e o silêncio. Desejava fazer parte da escuridão lá no alto a vagar devagar. Mas os minutos inclementes corriam. O sinal

do cursinho soava. E, para a sala de aula, num suspiro, caminhava.

As aulas se encerravam tarde da noite e, para além da meia-noite, em casa chegava. Na apreensiva quietude, punha-me a mastigar alguma coisa, tomar banho e tentar adormecer nas poucas horas de um sono que custava a chegar. Pois o cérebro podia ser um carrasco quando, no leito, fazia-me pensar, imagens surgiam, vozes a lamuriar. E a insônia, assombração insolente e inclemente, decidia atormentar.

Não queria ouvir.

Não queria pensar.

Não queria perceber.

Não queria adivinhar.

Certa noite, algo aconteceu.

Quando já me havia sentado na sala de aula e aguardava o ingresso do professor, um toque em meu ombro senti. Virei-me para trás. Uma mocinha de farta cabeleira gema de ovo, olhos grandes, castanhos e vivazes, em sua dúvida, indagou-me quais seriam as aulas que teríamos. Trocamos poucas palavras. Pouca coisa havia a conversar e, não obstante, conversamos...

... Que maravilhoso foi!

Outra noite, por feliz coincidência que o destino de vez em quando guia e traça suas próprias linhas, ao chegar na escola vindo do trabalho, na escadaria, lá estava ela sentada no degrau. Sozinha. Não acreditei. Sentei-me ao seu lado, coração palpitado. Logo, disse-lhe meio que por acaso, que acaso não havia: "Fico aqui todas as noites..."

Na noite seguinte, cruzei os dedos e, cansado, caminhei para mais aulas e mais matérias.

Vozes conflituosas dentro de mim discutiam. Logo eu que, de presenciar o monólogo de discussões em casa, saturado estava.

Ah, mas qual não foi a minha surpresa, a minha incredulidade, o meu espanto?

Lá estava: solitária, distraída, envolta em seu encanto.

Ora, ora, por tudo de bom no céu, quem diria?

E qual não foi a minha genuína alegria!

Ela.

Ela, ela...

... Ela... ELA!

Suspirei, coração batendo mais forte.

Descruzei os dedos.

Não havia mais trabalho, crise familiar, excesso de matérias escolares.

Inspirei fundo, trazendo a escuridão, as estrelas e o silêncio para dentro de mim.

Quem sabe, pudesse respirar o pólen da esperança também?

Adubo.

Água.

Luz.

Plantar um pouco do colorido da primavera. Suplantar a monocromia do outono.

Assim, de cansaço mais leve, andei resoluto.

Fui ser feliz.

***NOTA DO AUTOR**: Dedicado a minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima.*

http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima
@robertoschima
rschima@bol.com.br

Robinson Silva Alves
Coaraci/BA

Sou Negro

Vim prisioneiro
Nos frios navios negreiros
Trazido para este solo
Este solo brasileiro

Tentaram calar
Minha nobre canção
Mas nunca conseguiram
Calar a voz
Do meu coração

Que luta
Contra as correntes
Correntes da escravidão
Desafia o desafio
De desafiar a opressão

Fui torturado,
Escravizado,
Massacrado
Mas deixei marcado
Meu legado

Meus orixás
São guerreiros
De grande magia
Verdadeiro mistério
Misteriosa poesia.

Busquei a liberdade
Combati todos os males
Fugi do cativeiro
Com zumbi das palmares

Fui açoitado
A mando do senhor
Castigado com o chicote
Do vil opressor

Minha cultura é eterna
Minha arte verdadeira
Fincaram raízes
Na vida brasileira

Sou África,
Sou guerreiro,
Sou negro,
Brasileiro.

Rodrigo Duhau

Brasília/DF

O gás Hélio

Uma, duas, três colheres de pó extraforte. Um pouco d'água natural, e o dedo indicador pressionou o botão da cafeteira, acendendo uma luzinha vermelha. Um par de minutos depois, o café estava pronto. Retirou o recipiente de vidro e despejou o líquido na caneca cor-de-rosa com algumas gotas de adoçante. Suzana gostava de sentir o aroma do café antes de beber. Aproximou o nariz da caneca enquanto deixava a cozinha e ia para a sala com passadas preguiçosas. Uma fumacinha morna lhe tocou o rosto. Um, dois, três goles, e a bebida aqueceu a garganta.

Suzana aproveitava a hora do café olhando pela janela. Chovia fino. A mulher vestia uma camisa branca que ficava bem folgada no corpo e lhe alcançava a metade das coxas. A calcinha de algodão era da mesma cor. A roupa íntima ganhara um conforto ainda maior devido ao excesso de uso. A calcinha havia se adaptado às suas formas. Os pés descalços, com unhas por fazer, sentiam o frescor do piso de tábua corrida que cobria a maior parte do chão do apartamento.

Suzana tinha um olhar perdido. Olhava, mas não enxergava o movimento da rua. Não via, por exemplo, a incomum leveza do trânsito. A ausência de engarrafamento era anormal para aquele horário da manhã. Mas uma pandemia estava atingindo em cheio o país, e sua cidade não estava incólume. O prefeito decretara que só os serviços essenciais deveriam funcionar. Era o tal do alerta vermelho instalado, transformando a maioria das pessoas prisioneira nas suas próprias casas. Havia aqueles que não tinham como adotar o recém-famigerado *home office* e saíam para trabalhar. E as diferentes cores de máscaras e de guarda-chuvas moviam-se pelas calçadas, pintando a paisagem urbana.

– Olha a máscara, olha a máscara! Uma é cinco, duas por oito. Olha o álcool em gel! Olha o álcool em gel – gritava o ambulante com uma máscara no queixo e uma fileira de álcool em gel de produção caseira antes de ser abordado por um guarda municipal que dizia que o camelô não poderia ficar ali.

Suzana olhava pela janela, mas também não enxergara tal reprimenda.

O pente ainda não havia visitado os pretos e longos cabelos da mulher naquela hora da manhã. Suzana tomou mais um gole de café. Achava prazeroso a caneca morna tocando-lhe as palmas das mãos. Ela continuava olhando para fora, mas continuava sem ver o exterior de seu apartamento. O vidro da janela da sala estava molhado. Gotas deslizavam lentamente até morrerem no parapeito. A chuva fina persistia e, segundo a previsão do tempo, era o que tinha para o dia inteiro. Outro gole de café, e um gemido vindo do quarto de casal fez Suzana sair daquela espécie de transe. Piscou uma, duas, três vezes rapidamente,

voltando à realidade, e colocou a caneca quase vazia na mesa. Foi ver como o marido estava. Ele estava mal.

Deitado na cama de barriga para cima, o homem tinha dificuldade para falar e para se mexer. A chuva se intensificou, contrariando a meteorologia, e o estrondo de um trovão fez o marido de Suzana olhar assustado para janela do quarto, certificando-se de que o vidro não havia se partido com o barulho. A mulher se aproximou e se curvou até o marido. Ele tossiu uma, duas, três vezes. Um tanto desesperado, ele fitava Suzana, que havia se ajoelhado próximo a ele e o acarinhava na testa, que estava úmida. Eram gotículas de um suor nervoso.

– Como passou a noite? – perguntou Suzana, sabendo que não teria resposta. O marido apenas gemeu. Outro acesso de tosse e seu corpo chacoalhou na cama. Gemeu mais uma vez. Tinha muita dificuldade para respirar.

A mulher beijou-lhe de maneira singela o rosto como se quisesse acalmá-lo, como se quisesse abrandar as dores que acometiam o homem que ela escolhera para passar anos e mais anos juntos. Acarinhou-o novamente na testa. E o marido a olhou. Um olhar tenso. Mais tosse, mais gemidos.

– Procure se acalmar – pediu Suzana, com um sorriso quase invisível. – Logo, logo, isso vai passar – garantiu a esposa, levando a mão até o próprio rosto para enxugar uma solitária lágrima que havia acabado de surgir.

Mais um pouco de tosse, novamente seguida por grunhidos de dor. O marido se balançou com mais vigor. Com o sacolejar, as feridas, as incontáveis feridas que o homem tinha no corpo inteiro tocaram a cama com mais força, e o chiado do marido ficou mais intenso. O lençol branco já estava com uma, duas, três, várias manchas de sangue.

– Calma, vai passar – dizia Suzana, com uma voz melancólica, enquanto deslizava vagarosamente a mão pelo rosto do marido.

...

Sobre a cama do casal, Suzana colocou a mala. Enquanto abria o zíper, notou que no tecido preto da mala ainda havia um adesivo da empresa aérea, informando o destino final da bagagem. Foi a última viagem de Suzana e Hélio, que acontecera há alguns meses. Os olhos da mulher ficaram marejados.

– Por que as coisas tinham que ser assim? – suspirou a mulher para si, enquanto abria uma das portas do guarda-roupa. Ela começou pelas camisas sociais.

Foi dobrando uma a uma, de forma cuidadosa para não amarrotá-las. Depois passou para as calças sociais, as calças *jeans*, as gravatas. Hélio tinha inúmeras. Era como se passasse um filme de moda na mente de Suzana. Ela sabia exatamente as combinações que caíam bem no marido. Às vezes, ajudava-o com o nó da gravata. Ela preferia o vitoriano. Ele, o *Windsor*. E quando concluía a amarração, seus lábios tocavam os de Hélio.

Trajes esportivos, tênis, sapatos...o que era uma, havia virado duas e agora já eram três malas com o guarda-roupa de Hélio. Por último, guardou as cuecas do marido. Em uma delas, uma macha vermelha. Mas Suzana nunca gostou dessa tonalidade nos lábios.

Com as malas abarrotadas e devidamente fechadas, Suzana caminhou até o marido. Mais uma vez

apertou-lhe a garganta, proporcionando-o mais tosse, que o fazia sacolejar.

– Passaria mais algumas horas fazendo isso e não me cansaria de jeito nenhum – disse Suzana, com uma voz friamente melosa.

Os gritos do marido eram abafados por um pedaço de pano amarrado na boca com um nó bem justo na nuca. Seus braços estavam presos na cabeceira. Hélio machucava mais e mais os pulsos toda vez que tentava se desvencilhar do tecido grosso e áspero das cordas.

– Calma, já vai passar – reconfortava-o, ironicamente, Suzana, que já não vertia mais nenhuma mísera lágrima. E que já não vestia mais a camisa branca e folgada que lhe alcançava a metade das coxas. Trajava algo mais social. E já não estava mais descalça sentindo o frescor da tábua corrida. Agora, seus salto-altos tocavam pesadamente o chão do apartamento.

A mulher começou a levar as malas para o corredor que dava acesso aos elevadores do prédio onde o casal morava. Uma, duas, três malas. O marido se debatia com o caminhar vingativo da esposa, seus gemidos continuavam sufocados, e ele chorou um choro seco, de total e completa agonia. Um choro de iminente morte.

– Seu Waldir, pode me fazer um favor? – solicitou, com uma voz adocicada, Suzana, interfonando para o porteiro.

– Claro, dona Suzana – respondeu o sempre solícito porteiro.

– Por favor, o senhor pode subir até aqui e me ajudar com algumas malas?

– Pois não, dona Suzana.

– Obrigada.

Em pouco tempo, a bagagem estava no carro da mulher. Doaria as roupas e os calçados de Hélio, inclusive a cueca manchada de batom vermelho. Suzana agradeceu uma vez mais o porteiro e voltou para o apartamento. Ainda tinha de se despedir do marido.

A mulher abriu a porta principal e foi para o quarto de casal. Pegou o canivete e um sonífero absurdamente potente que estavam na escrivaninha. Colocou-os na bolsa. Havia passado a madrugada inteira retalhando a pele de Hélio enquanto ele dormia. Brincou de desenhar no corpo do marido que julgara ser apenas dela. Imaginou-se uma tatuadora. Viu os inúmeros sulcos irrigados por sangue que havia feito na pele de Hélio. Na virilha do marido, Suzana desenhara com o canivete um coração e, dentro dele, escrevera um "H" e um "C", a inicial de sua irmã, dez anos mais jovem que ela e que adorava um batom vermelho.

Antes de ir embora, Suzana retocou o batom, que era cor-de-rosa, fechou todas as janelas do apartamento e abriu a válvula do gás de cozinha. Hélio se debateu, gritou abafado, chorou, mas como vinha dizendo Suzana para o marido: – Calma, vai passar.

Algum tempo depois, Hélio não se debateu mais. Não gritou abafado mais. Não chorou mais. Enfim, passou.

www.facebook.com/rodrigoduhau

Roger Cacci
Mogi das Cruzes/SP

Instantâneo eterno

Como, como o tempo cura? Se a flecha aponta para um lado, a angústia a persegue. Se não há o tempo, a duração é instantânea ou eterna? Eu tenho olhado para o espelho envelhecido de mim mesmo. Meu maior temor é a queda. Quando eu me for, algo ainda poderá me manter vivo? Meu legado é eterno ou inexistente. E se eu cair, logo então, haverá o tempo de ser eu mesmo ou já serei passado? Eu não a possuo, esse tempo que não é meu, mas acumulo. Eu o tenho em demasia e me pergunto: quando que terminará? Se o tempo cura, porque leva tanto tempo? Quanto tempo é necessário para que não haja tempo algum?

Em um imenso tanque de águas límpidas eu mergulho. O mais fundo que eu puder, a intangível lâmina flutuante, o reflexo infame. Azul sobre o azul, planos dentro de planos, instantes sobre instantes. Sinto a dor que virá amanhã e tenho medo que eu já sei que irá acontecer. Se o agora é um presente, porque sempre esperamos pelo dia que virá?

Monto vermes gigantes em uma ampola. Vejo o tempo passar em uma tempestade de areia enclausurada em uma barreira invisível. São seus olhos realmente azuis ou é a minha sede de umedecer meu rosto? Eu tenho medo e ele não me transpassa, ele me preenche. Sou a abominação alagada de vozes interiores, sou a presciência do passado que se repete. Sou regressão ritual ou especiaria, um imenso peso que sobre cai acima dos céus. Um globo planificado, um casulo rompido, um traje e uma tenda rasgados.

Os homens saíram as ruas com os olhos e as bocas abertas, correndo, em busca de oxigênio, com as mãos levadas as gargantas. O Sol expirou o último raio, e lançou uma via obtusa, fundo em sua singularidade. Quão fundo temos que ir até acabar o

último fôlego? Até que acorda invisível, estrangule; até que o nó expire; até que sejamos vencidos pelo cansaço?

Acima de um mar de magma fervente, uma plataforma perfeita de metal brilhante se projetou. Levitando, seus veios de aço, desviavam da erupção. Bolhas flamejantes em sua superfície estouravam em sangue e escorriam em uma jornada adentro do óbvio e já conhecido. Sua elegância fraquejou, e ao cair, seriam segundos ou a eternidade até que o fatídico fim vingasse. Eu preciso saber quão longe é o fim daqueles que já saltaram. O tempo que foi exprimido; gotejou. O tempo é eterno, logo, sua duração não se pode medir; o tempo não existe, o tempo não curará. Qual é o benefício da dúvida se a certeza é a maior que o desconhecido? Planos dentro de planos; a coluna que sustenta o céu.

https://rogerio-acioli.medium.com/

Rogério Costa
Cornélio Procópio/PR

Onde quero estar

És o único caminho no qual quero estar perdido,
Não quero ser encontrado.
E enquanto por tuas curvas caminhar sozinho
Do teu leito as pedras retirarei.
Retirarei na tua margem das flores os espinhos.
De ti cuidarei...
Para ti serão todos os meus dias, por toda vida.
Viverei...
Do teu calor nas noites frias;
Nos dias quentes da tua brisa;
Da tua respiração ao meu ouvido
Ao dizer-me:
"Que bom que te encontras em mim perdido".

Ronaldo Crispim

Igaci/AL

A Chuva de Ontem

Por incrível que pareça era domingo... Não sei um motivo especial, mas era o dia em que todos ou quase todos se reuniam ou saiam para se divertir.

Era um domingo muito especial – excepcional. Há anos não víamos naquela região tamanha festa e correria.

Imagine encontrar alguém que você há muito tempo não verá, certamente ficaria muito feliz e em festa.

Pois nós, daquele terrível sertão, estávamos com o sorriso de um canto a outro da boca.

Todos festejavam!

Alguém ou algo muito importante havia aparecido de repente. Não podíamos deixar passar em branco, era raro aquele momento.

Chovia no Nordeste! Que bênção! Que sorte!

Os animais (os poucos que ainda havia; secos, quase mortos) também se alegraram. Como não se alegrar? Era um domingo muito único! Segundo crenças, as preces tinham sido atendidas. Para outros foi grande a sorte. Outros ainda choveu porque tinha que chover. Independente de qualquer coisa ou pessoa. Simplesmente, choveu!

Foi um enchimento de vasilhas. Tudo servia. A água se juntou em vários poços pequenos.

Dessa vez ela veio pra durar (tinha passado outro dia, mas nem por uma hora ficou).

Corria Maria, Josefa, Severina, João, Manoel, José... Corriam todos.

Era uma cena magnífica! O nordeste clamava por aquele instante.

Por breve que fosse, mas se acontecesse, já mudava um pouquinho a situação. Bem pouquinho mesmo.

Para matar a sede do nordeste – a sede daquele povo – são necessários anos de chuva.

Tudo secou! Não se podia semear. Mas tinha alguns ingênuos que ora ou outra se atreviam a cavar e jogar algumas sementes. Tudo era sem sucesso naquelas terras escassas. "Onde Judas perdeu as botas".

Mas por seco que o nordeste fosse raro era os que o deixavam. Algo de especial havia lá!

Provavelmente o amor, carinho, humildade e a empatia daquela gente.

Sou tolo em falar de empatia, pois a miséria é igual. Mas fazer o quê? Se apesar da desgraça igual, alguns insistem em repartir o nada que tem.

... Coisas do nordeste!

https://blocodenotasdocrispim.blogspot.com/

Roque Aloisio Weschenfelder

Santa Rosa/RS

Rios Vazios

Esses rios da Terra,
inundantes, tantas vezes,
quantos vagam vazios
em secas mais que longas?

Águas roubadas!
Águas desviadas!
Águas envenenadas!
Águas cheias de esgoto!

Esses rios não choram;
suas águas exploradas,
sequer lágrimas geram,
muitos menos alevinos
e frágeis girinos...

Ó rios da minha terra,
bem no alto da serra
ainda restam gotas límpidas,
mas as cidades vos roubaram
todas as inocências!

www.facebook.com/roquealoisio.weschenfelder

Rosa Maria Soares Bugarin
Brasília/DF

Fio e Fé

Olhaste bem dentro de ti,
sem espelhagem ou retrovisor
sem camuflar imagens?
Olhaste bem no âmago
de todos os pensares,
que tomam formas,
ou deformam,
precários equilíbrios
a reformar?
  Olhaste com o olhar, que
mais que vê,
  analisa,
    retorna,
     nega,
        aceita,
           desespera,
              busca solução
e sente a impotência?
        Olha outra vez,
em nitidez do real
e descobrirás,
em meio ao caos,
o fio de Ariadne.
que te leva,
levemente,

no caminho do apaziguamento.
Fio e Fé.
Força e Firmeza.
Face e Forma.
Fase e Futuro.
Ferro e Fala.
    Olhaste? Bravo!
Arruma e clareia a visão,
no reedificar esperanças.
Com a determinação,
a persistência,
dos guerreiros,
dos não conformistas,
dos que não temem mudanças,
dos que enfrentam revezes,
em valente reerguimento.
E a vitória será toda tua.
No abrangente, claro, renovador
intemerato olhar
    do
        vencedor!

Rosangela Maluf

Belo Horizonte/MG

Akira: Um coração partido

Conheci Akira no Aeroporto de Guarulhos. Eu, de férias, indo esquiar em Bariloche e ele indo para Salvador, a trabalho. Por um desses misteriosos encontros ao acaso, sentamo-nos lado a lado, enquanto aguardávamos os nossos voos; o dele e o meu, os dois, atrasados em mais de uma hora.

Já há algum tempo sentada próxima à janela, eu fazia Palavras Cruzadas, ouvindo Beatles no *headphone.* Estranhei quando vi aquele homem alto. Alto e muito bonito. Voltei pras minhas Palavras Cruzadas e pensei com meus botões: um japonês assim tão alto? Nunca havia visto. Ele disse qualquer coisa, um cumprimento, não me lembro bem e sentou-se ao meu lado. Abriu o *lap top* e começou a digitar. A caneta que ele usava entre os dedos escapuliu e caiu no chão, bem ao lado do meu pé. Apanhei-a e com um sorriso, lhe entreguei.

Agradeceu. Muito obrigada. Começamos a conversar. Tirei os áudios. O que você ouve? Beatles? É a minha banda favorita. Poucas frases. Poucas perguntas. Alguns comentários bobinhos! Você está indo pra onde. Vai aproveitar o inverno. Também adoro o frio. De onde você é. O que faz. Casada? A que horas sai o seu avião. Vamos tomar um café. Temos muito tempo. Fechou o *lap top,* me convenceu de que havia tempo. Gentilmente, me ajudou com a mochila e fomos tomar um café.

- Akira? Eu perguntei. Japonês? Ah, achei você muito alto; os japoneses geralmente são menores. Jogou basquete? Sorrimos meio sem assunto. Akira em japonês quer dizer, brilhante, alegre, podendo ser, também, usado para mulheres, ele disse. E tenho uma irmã, Yumiko, que significa menina com habilidade em arco e flecha. Rimos novamente. Que falta de assunto...

- Letícia? Ele perguntou querendo saber se o meu nome se escrevia como se falava. Não, respondi, me chamo Laetitia. Minha mama nasceu na Itália e todos em minha família preservam os nomes italianos. Meu nome quer dizer mulher alegre, que transmite alegria, felicidades. Risos sem graça.

Eu olhava encantada para aquelas mãos lindas. Admirava também a pele amarelada, muito lisa, quase sem pelos e a cabeleira absurdamente cheia. Escura, brilhante. Cabelos meio longos, como

eu sempre gostara. Era um homem bonito. Inteligente. Culto. Interessante, muito interessante. Médico, assim como eu. Anestesista. Divorciado, como eu. Sem filhos, como eu. Pena que o café durou mesmo só uma hora: anunciaram o meu voo. Adicionamo-nos ao *whats* na certeza (eu) de que voltaríamos a nos falar. Dois beijos, um de cada lado do rosto, mas um aperto no braço e um pequeno afago na mão. Mais sorrisos bobos e tchau!

Foi tudo rápido, muito rápido. A semana do Seminário em Salvador e minha semana em Bariloche. A nossa volta pra São Paulo. As primeiras saídas, os jantares românticos. A transa muito boa em minha casa ou na dele. A descoberta de inúmeras afinidades e a imensa alegria por estarmos juntos, sempre que nos fosse possível. Concertos, exposições, cinemas, teatro, shoppings, tudo nos atraía e agradava. Muitos livros lidos, muita música compartilhada, muita arte vista, muito sexo ...muito amor?

O tempo foi passando e comemoramos nosso quinto aniversário juntos, mas cada um em sua casa, como sempre fora. Os finais de semana sempre compartilhados, assim como os feriados, e as férias – quando as datas coincidiam pra nós dois. Estávamos sempre juntos e felizes com a companhia um do outro. Não sei bem quando tudo começou a mudar. Uma sensação ruim, estranha. Me sentia meio sozinha e a solidão me parecia um prêmio de consolo. Acredito que ele também se sentia assim, mas não falávamos sobre o que nos incomodava. Qualquer assunto menos o que nos afetava...

Fui ficando cada dia mais calada. Perdendo o entusiasmo e o brilho nos olhos. Arrumando desculpas pra não ter que transar o final de semana inteiro! Perguntei se alguma coisa estava errada: - Não, tudo normal, e você? Também, eu respondia, tudo normal. Cansados, os dois. Muito trabalho, muita pressão nos hospitais, mas não era só isso.

A cama ainda nos unia. Era muito bom, muito! Mas ultimamente vinha me sentindo reduzida a uma mesa, posta para o apetite do macho. Embora eu também gostasse, me sentia como se fosse eu, uma iguaria cozinhando em fogo lento para lhe dar água na boca. Aquilo começava a me cansar. Entretanto, não conseguia separar o verdadeiro amor daquela situação desconfortável!

Havia em Akira um quê de desinteresse. De distanciamento, de frieza, nada muito intenso nem muito presente, mas havia. E a gente não falava sobre isto. Uma perguntinha "está tudo bem" e pronto! Percebia, mas não queria admitir que o tempo transformava-nos, aos poucos, em pequenos pedaços de amor; fragmentos de afeto e ternura do que já havíamos sido um para o outro. Seria mesmo o final? Uma sensação ruim, muito ruim. Fisicamente palpável como taquicardia, boca seca, dor no peito, respiração curta. Medo,

insegurança, angústia. Falta de sono. Tristeza.

Um dia, descobri dentro de mim, um emaranhado de fios. Pontas cruzadas. Desenhos irrecuperáveis. Decidi então que tomaria a iniciativa. Colocaria um fim naquilo tudo. Calado ele me ouviu. Calado me olhou e calado concordou.

Achamos que seria bom dar um tempo; nos distanciarmos, nos liberarmos para outros encontros, outras relações. Poderia até ser que, um dia, quem sabe... Naquele momento, estávamos infelizes, ele e eu. E nos separarmos, parecia ser a melhor solução.

Deixamos pra trás o encantamento que durara quase seis anos. Abandonávamos uma convivência preciosa, rara de se conseguir. Deixávamos de lado uma vida a dois, que – se não maravilhosa- nos fora muito agradável e até mesmo feliz, imensamente feliz!

Ficariam as fotos, as mensagens carinhosas trocadas diariamente. Ficariam as marcas de um tempo bom, feliz, intenso, caloroso, mas que chegara ao final, como todo relacionamento envolvendo a paixão...

Hoje faz um ano que nos distanciamos. Ele raramente procura por mim! Não pergunta como estou, o que faço, se estou bem, mas me inunda de informações e fotos sobre ele que, ultimamente, não têm me interessado mais. Cansei de migalhas! De mensagens pelo *whats,* de postagens infantis no Facebook, de fotos no Insta, lugares por onde viajamos, mas sem as nossas presenças nas fotos. Paisagens. Só.

Ando cansada. Sofri muito, chorei muito, suspirei muito e acho que não merecia passar por tudo isso. Penso nele, Akira. Agradeço, lá no fundo do meu coração, por ter vivido uma experiência assim. Preciso admitir que até sua chegada em minha vida eu jamais conhecera uma paixão: intensa, arrebatadora, de tirar o fôlego. Mas, acabou, passou...ou não?

Chego em casa, já tarde. A festinha na Clínica foi até às onze horas da noite. Amanhã não trabalho, é sábado e não tenho plantão nesse final de semana. Nada programado. Confiro o celular. Nada de interessante. Nenhuma mensagem. Nenhum recado.

Na manhã seguinte acordo com o telefone tocando. A mãe do Akira me liga, convidando pra almoçar. Não quero visitar, sozinha, o bairro da Liberdade por onde andávamos sempre enquanto dona Yumi preparava o almoço, nas manhãs de sábado ou nos domingos. Agradeço, converso um pouco com ela. Dou uma desculpa qualquer. Prefiro caminhar pelo parque, ouvindo Beatles em meu *headphone.*

Faz três semanas que nada sei dele. Não vejo sua página no Facebook porque tenho receio de ver o que não

desejo ver. Ainda estou muito triste. Sem coragem de buscar uma companhia, um companheiro, ainda que seja pela internet e seus sites de namoro, de paquera, de sexo virtual. Mas ainda me sinto muito jovem nos meus quarenta e dois anos. Um amor faz falta. Uma boa companhia enriquece nossa vida e anima nossos sonhos. E transar, é muito bom! Vou aprender como se faz pela internet – todas as minhas amigas já sabem com é! Sorrio pra mim mesma...

Tomo banho, me deito pra ver um filme. Não tenho paciência. Desligo a computador e tento ler, não consigo. Vou meditar. Respirar, me acalmar pra ver se o sono vem e se tenho uma noite boa. Me sinto leve. Reconfortada. Respiro muitas vezes: inspiro e solto o ar pelo nariz. Isso sim, me faz bem. Entoo mantras. Apago as velas, mas deixo o incenso de massala, sândalo, ainda aceso. O cheiro me faz bem. Estou bem. Vou dormir.

E penso que, um dia, certamente, ele se dará conta de que, o que guardara o tempo todo em si, de maior, era o meu amor. Era o que lhe restaria de grande, de profundo, de alegre e leve – e tomara que, nesse dia, não fosse tarde demais! Meu coração partido esperaria...

Roselena de Fátima Nunes Fagundes
Camaçari/ BA

Renascer

É tempo de renascer
deixar de lado o medo,
deixar a alegria nascer
na dor deste mundo!

Renascer para o amor,
novos tempos de paz,
permitir que este ardor,
permita o bem ser capaz!

É um novo renascer
que a dor seja flor,
a força possa acender
a esperança em clamor!

Rozz Messias
Colombo/PR

Respirar

VOCÊ ME (INS)PIRA
VOCÊ ME (EX)PIRA
É COMO O AR QUE
EU RESPIRO
VOCÊ É MEU
RES(PIRAR)!

Sammis Reachers
São Gonçalo/RJ

Carta aos Estudantes

Você que da borda do ninho mira
O horizonte azul e baço
E testa as asas

Você a quem alimentamos
Com a esperança que retiramos
De nossos ossos

Não tenha medo do que lhe espera na curva futura mas
Principalmente
Não tenha medo do que esperamos de você,
Por favor não tenha medo do que esperamos;
É natural de nós, ver seu voo como prolongamento
Do nosso voo, de irmãos e pais, sociedade e espécie.
Não tenha rancor.
Utilize nossos conselhos como quem usa ferramentas
Para a construção de uma casa, a sua.
Ferramentas: Elas apenas lhe permitem poupar trabalho, melhorá-lo.
Ao fim nada importam as ferramentas, importa a casa
Pois é nela que você habitará. Que seja a melhor.
Esta casa, teu futuro, é o que esperamos que seja: ampla e boa
Pois feliz, pois habitada de realizações.

O Poema Sem Fim - http://opoemasemfim.blogspot.com/

Sibele Flores

Rio Grande/RS

Qual a sua história?

Ansiedade a mil, vários pensamentos tomam forma, a cabeça gira com tanta informação junta ao mesmo tempo. Essa sou eu nesse exato momento por ser questionada com a pergunta, talvez, mais assustadora que já recebi. Vocês já se questionaram qual a sua história? E não, eu não estou perguntando sobre o momento do seu nascimento, também não estou falando de quando você aprendeu a andar de bicicleta. Estou falando de sentimentos, sensações, pensamentos. Agora você pode perceber o porquê da minha inquietação para responder a isso.

Qual a sua verdadeira história? Aquela parte da história que você não contou a ninguém, aquele momento, aquele pensamento, o sentimento ou até mesmo a sensação que você escondeu de todos e até mesmo omitiu de seu confidente.

O que você pensou quando teve seu primeiro machucado?

Qual momento daquele dia que passa como um filme na sua mente que você não contou?

Qual o motivo que te levou a dar o primeiro beijo?

Como você se sentiu nesse momento?

Qual o motivo da sua primeira briga com sua melhor amiga?

Que pensamentos passaram pela sua mente quando você se permitiu chorar por alguém não valia a pena?

O que te fez escolher aquela pessoa como sua primeira amiga?

Qual aquele momento do primeiro dia de aula que você escondeu de seus pais?

Como estava sua mente na primeira discussão que teve com seus pais?

Como você se sentiu quando foi proibida de algo que queria muito?

Como você reagiu ao perceber que você já estava se tornando adulto?

Como você foge dos problemas? Isso te ajuda ou prejudica aos poucos?

O que consome sua energia aos poucos? Sim, muitos questionamentos! Você conseguiria responder a eles sem ficar nervosa? Bom, eu não consigo.

Quando penso em como responder a isso de uma forma simples tudo que enxergo é bagunça. Como se a cada questionamento respondido minha vida tomasse um rumo diferente. Respondendo a uma só pergunta você abre mais cinco perguntas relacionadas a primeira. Parando para pensar em tudo talvez você se ache fútil, infantil, egoísta mas é legal pensar que tudo isso serviu para você se tornar a pessoa que é hoje, percebe que as frustações tiveram algum sentido, que os momentos confusos te fizeram amadurecer cada vez mais, que as lembranças felizes dão sentido para tudo e fazem seu coração aquecer. Acho que agora podemos ver o sentido da pergunta, certo?

Quem sou eu? Eu posso ser o que eu quiser, a hora que eu quiser. Como? Simples, eu faço meu futuro, se eu quiser mudar, mudo. O processo será lento, teria que subir degrau por degrau, mas valeria a pena, certo?

Já perguntei sua história, agora queria deixar alguns questionamentos... “Como você quer que seja seu futuro?” e “O que você gostaria que fosse diferente no futuro?”, pense nisso com carinho e caso seja preciso, mude! Não tenha medo de inovar, o diferente assusta, mas é bom.

Para quem chegou até aqui agradeço a atenção! Sejam quem vocês gostariam de ser e no fim tudo terá um sentido diferente.

@bel_flores__

Sid Fontoura

Canoas/RS

O Mistério de Baztan

A data era 17 de Janeiro de 1887,a muitos dias deixando a Inglaterra a bordo da fragata Jesebell, atravessamos lentamente o Oceano Atlântico até a França, continuando minha longa jornada, cruzando a Europa, agora através da ferrovia, pela estrada de ferro Stokton & Darlington, até chegar ao meu desejado destino.

E a partir deste ponto que começo minha narrativa, sobre mais está incrível experiência a qual presenciei, e que tenho o dever de relatar.

Durante a maior parte da tarde, com meu cachimbo na boca e um jornal em cima dos joelhos, diverti-me ora a ver os anúncios, ora a olhar para a rua através dos vidros embaçados pela densa chuva, permitindo tão somente uma visão brumada da rua. À medida que a noite se aprofundava, aprofundava-se também o meu interesse pelas diversas situações que presenciava, porque não só se ia alterando o caráter geral da multidão, saindo das ruas aqueles que dela se utilizavam para ir e vir em seus afazeres diários, e tornava-se mais notório a presença daqueles que a usavam para buscar diversão, à medida que o adiantamento da hora tirava da toca novas espécies de boêmios e andarilhos noturnos.

As centelhas dos bicos de gás, fracos primeiro, enquanto lutavam com o crepúsculo da tarde, tinham agora vencido e derramavam sobre todos os objetos uma luz brilhante e agitada.

Com a fronte encostada aos vidros, ocupava-me assim a examinar o movimento despretensioso dos transeuntes, quando vi atravessar a rua meu esperado amigo Estebam R..., uma figura extremamente magra, de sessenta e cinco anos, uma fisionomia que chamava a atenção pela sua absoluta idiossincrasia, deixando pender a barba sobre o peito, que me fez lembrar de imediato a figura de Galileu.

A noite chegara e com ela a chuva, que caía grossa, o ar resfriava, cada um tratava de se recolher apressadamente, a rua esvaziava-se.

O gás dos revérberos continuava a brilhar, mas a chuva a cada minuto caía mais copiosamente e apenas de vez em quando se viam alguns transeuntes.

No quarto onde estava, no Hotel Trinkete, uma antiga mansão no Vale de Baztan, na calma cidade de Elizondo, Espanha, tinha paredes brancas e sacadas com madeira rústica escura. Uma legitima obra de arte da arquitetura espanhola. Seus aposentos guardavam o estilo provincial, com véus de fina seda cobrindo as pomposas camas de madeira. A capital do Valle de Baztan reúne sob seus domínios locais que são distribuídos por colinas verdes nas cordilheiras do Atlântico, em ambos os lados do rio Baztán, que atravessa Elizondo, abundam edificações nobres,

como casas e palácios. Onde o mais representativo é o Arizkunenea Palace, além do charmoso bairro de Beartzu.

Fortalezas com enormes torres são comuns no vale, que serviam como proteção durante a Idade Média, onde havia muitos conflitos fronteiriços.

Meu amigo Estebam demorou-se por algum tempo até chegar ao meu aposento, um pouco pelo fato de estar no terceiro e último, andar do hotel, mas também, creio eu, pela debilidade do seu estado físico. Por fim, ao adentrar ao local onde eu o aguardava, pude ver que meu velho amigo estava deveras envelhecido, além da barba que lhe cobria o rosto e caia sobre o peito, sua fisionomia era de alguém extremamente enfraquecido. Um abraço prolongado foi o início para que ficasse a par do motivo pelo qual Estebam me pedira para vir da Inglaterra até Elizondo ao seu encontro. A Espanha entrava no período que se chamava a Era do Século de Ouro, entende-se a época clássica e apogeu da cultura espanhola. E Estebam, como escritor, dedicou-se a literatura investigativa, buscando desvendar mistérios até então ocultos naquele país.

Sentado em uma poltrona ao lado da minha, tratou imediatamente de tirar de dentro de um envelope, que trazia devidamente protegido na parte interna do seu paletó várias folhas com anotações escritas em completo desalinho, e feitas certamente, já a algum tempo.

Apressadamente passou-me as mãos os papeis...

— Leia …para que depois entendas o motivo pelo qual chamei-te.

Disse ele enquanto eu curiosamente começava a leitura das amassadas escrituras, e ao passo que fazia a leitura minha aguçada curiosidade ficava evidente.

Os rascunhos referiam-se a existência de uma criatura que no local era conhecida como Basajaun, este monstro, se é que existe, seria um ser antigo de tamanho desproporcional e cabelo por todo o corpo, responsável por proteger a paz que reina na floresta, e as pessoas que por ela passam.Pouco se sabe ainda sobre a aparência do ser mitológico da floresta Basconavarra, mas existem depoimentos de moradores que garantem a existência de tal teratismo. Não tive a menor dúvida, que meu nervoso amigo, pois estava a balançar inquietantemente as pernas, havia dedicado seu tempo a desvendar este mistério.

—Que queres que eu faça? Perguntei a ele, apesar de já imaginar a resposta.

E ela veio de imediato.

— Que me acompanhe na floresta...disse ele

— Vamos encontrar o Basajaun.... Conclui.

Devo admitir que não fiquei muito tentado a aceitar o convite, mesmo vindo de muito longe para atender a um pedido de um velho amigo. Agora podia eu, entender a causa do estado catastrófico físico e mental em que Estebam encontrava-se, dedicando todo seu tempo a busca de algo que tampouco Sabia da real existência. Outro fato que me fazia declinar do convite, era saber que meu velho amigo já a muito sofria da Síndrome de Dostoiévski, enfermidade que causa transes psíquicos que levam a sonhos, revelando

acontecimentos ocultos em nossa consciência, que por isto poderiam transformar em realidade fictícia, aquilo que esta, em nossa mente, no campo do inexplicável.

A visão cadavérica de meu amigo e a sua inquietação exacerbada deixava evidente o efeito que a busca desmedida e quase que obcecada, pelo Basajaun havia feito.

— Vamos…minha carruagem está lá fora… venha. Disse ele. E concluiu…

— Vamos descobrir isto juntos..se algo me acontecer..tu escreverá.

Enquanto falava, levantou-se e caminhou até a porta, e realmente não sei por que motivo, mas com esta afirmativa ergui-me em um salto de meu assento, e pegando minha capa, pois a chuva continuava a cair fortemente, acompanhei o tão entusiasmado escritor.

Subimos em coche que estava na frente do hotel e por alguns minutos, em meio a intensa chuva, cruzamos por inúmeros vilarejos, estávamos agora creio eu, no bairro mais insalubre de Elizondo, onde todos os objetos têm o estigma horrível da pobreza misérrima e do vício incurável. À luz acidental de um revérbero sombrio apercebiam-se as casas de pau, altas, antigas, carunchosas, ameaçando ruína e em direções tão variadas e numerosas que mal se podia identificar, no meio delas, a existência de uma passagem que sabe-se lá onde iria levar-nos. Mas por ela adentramos.

A passagem levou-nos até um imenso bosque, lá descemos da carruagem e penetramos a pé na escuridão gélida do local, a chuva ainda a cair fortemente não deteve nem por um segundo o meu determinado amigo, que seguia a minha frente como se certeza tivesse de encontrar a tão procurada criatura. A floresta estava em um silêncio assustador, somente os pingos da chuva podiam ser ouvidos, além é claro de nosso passos.

Após caminharmos por algum tempo paramos, Estebam agachou-se e fez sinal com sua mão para que eu fizesse o mesmo, a floresta fazia-me sentir um ar peçonhento, danoso, no breu da noite e com as roupas completamente ensopadas, totalmente congelado, já não tinha plena certeza de poder controlar meus pensamentos, e o medo trouxe um tétrico arrepio por todo meu corpo. Meu companheiro de aventura, com os joelhos encostados ao chão, ergueu seu braço esquerdo apontando para a escuridão sepulcral da floresta.

— Ele está lá...eu sei...ele está lá! Disse ele em voz muito baixa.

Talvez tomado pelo devaneio do empirismo, uma teoria do conhecimento que afirma que o entendimento vem apenas, ou principalmente, a partir da experiência sensorial onde o imaginativo pode ser real, meu amigo tenha explicitamente tentado contatar algo que particularmente eu não havia visto.

O vento se fazia cada vez mais forte, as árvores do bosque balançavam em um pernicioso balé macabro, a chuva que já era deveras forte e agora vinha acompanhada de trovões. Os raios que se precipitavam no escuro céu jogavam fachos de luz no sombrio vale, estávamos em meio a uma nefasta tempestade.

Mas nada abalava de Estebam sua convicção.

— Eu sei...eu já vi...ele está nos observando! Dizia ele.

Aquela situação me deixava aflito, quantos morrem com o desespero na alma, convulsionados pelo horror dos mistérios que não querem ser revelados. Algumas vezes a consciência humana geme sob o peso de um horror tão profundo que só a morte pode aliviá-la desse macabro fardo, livrar-lhe deste maléfico destino.

Creio que o pavor que tomara conta de minha alma fazia-me imaginar o lôbrego negrume do horrendo vale ainda maior. E aos archotes dos relâmpagos, imaginava eu, criaturas da escuridão a movimentar-se por entre as descomunais árvores. Era como o mais diabólico dos pesadelos.

Estebam estava indiferente ao que se passava ao seu redor, parecia estar conectado espiritualmente com aquele ao qual buscava, tão forte era sua convicção que havia algo ali, fato este que eu já estava também quase a crer.

Estaríamos nós passando por uma experiência espiritual?

Que poder sobrenatural estaria oculto naquele vale?

Seria talvez o momento em que o espírito eletrizado ultrapassa tão prodigiosamente as suas faculdades ordinárias que a ingênua e sedutora divisa de realidade e fantasia torna-se tênue e frágil.

Segurei o velho amigo pelo braço na intenção de tirá-lo daquele tenebroso local, mas foi em vão, seu corpo tombou para trás deitando-se na molhada relva sem que seu braço deixasse de mostrar a escuridão a frente. Senti como se o espírito do velho amigo estivesse a enfraquecer, como a luz de um candeeiro prestes a extinguir-se. Deitado ao chão sobre as folhas molhadas pela chuva que ainda caía, seu braço esquerdo erguido seguia apontando para o fundo da mata.

— Não....não estou sonhando..esta ali....ele existe! Dizia ele.

Seu decrépito corpo foi lentamente ficando sem movimento em meio as folhas soltas que voavam ao intenso vendaval, a vida se esvaiu como um sopro ao vento. Sem saber o que fazer saí desesperadamente a correr para longe do vale, estarrecido e sem olhar para trás, mesmo podendo com infabilidade dizer que talvez algo apavorante me seguia.

Ainda assim retorno a Londres sem poder afirmar ser Basajaun uma lenda ou uma misteriosa criatura.

escritorsidfontoura.blogspot.com
www.autores.com/sidfontoura

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Jaca

Como uma árvore
pode carregar
um fruto tão pesado e grande
enquanto escondido
bem embaixo da terra
encontra-se
um pequeno diamante?

Como entender
a natureza da jaca,
criada com cuidado
aroma peculiar,
notável geometria
lápis, cordilheira,
tudo bem organizado?

Perfeita harmonia!

Sirineu Bezerra de Oliveira
Sobral/CE

Decomposição

São apenas corpos
A composição química e material
São equivalentes!

O ciclo imutável
Do fim
Aproxima os seres humanos
De sua fragilidade existencial

As belezas se vão
O orgulho evapora
Na mesma proporção
Que os cadáveres se decompõem.

Os amores se apagam
As histórias ficam no tempo
E no piscar de olhos estaremos
Mortos.

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

Oração de santista

É de manhã, quando passeio na praia, que tropeço em haicais. O mar, o céu, a areia, os jardins, os insetos – há uma multidão de kigos no espaço que restou de natureza na ilha concretada. Aí sinto-me feliz. Ouço o mar, tão caro a meu coração, cantiga de ninar para quem nasceu caiçara. Ouço os pássaros, as cigarras, as borboletas... sim, as borboletas cantam, o vento dança e nuvens desenham o céu.

É de manhã que me abasteço de poesia, entre insetos e flores, para fortalecer-me. Depois finjo-me guerreira para poder sobreviver, quando em meu coração o desejo é de partilha. Como uma tigresa, eu convivo pacificamente com cobras e lagartos, enjaulada em prédios de metal e aço, atenta ao eterno ciclo das estações em meu interior.

Tudo recomeça na manhã seguinte.

https://www.facebook.com/soniareginarocharodrigues

T. S. Franco

Santa Bárbara D'Oeste/SP

Memórias esquecidas

Peter Stuart é um jovem século XIX, cresceu e se educou em uma família burguesa. Tinha uma vida boa e sempre teve do bom e do melhor, mas por ser burguês o respeito que tinha era mínimo, só que para ele isso não fazia diferença.

Até o momento em que Lívia Smith apareceu, ela era dona de lindos cabelos loiros, de lábios discretos, olhos claros, uma pele tão clara e macia quanto seda, enfim era perfeita, mas como era nascida em uma família nobre a união com ela seria impossível.

Entretanto ele não era de se intimidar facilmente, com o tempo conseguiu conquistar a confiança e admiração da jovem, em encontros secretos o amor que ele buscava ao lado dela veio acontecer.

Os dois sabendo que seu segredo não iria durar para sempre resolverão então fugir juntos. Planejaram passo a passo o que iriam fazer, era tão perfeito que se fuga fosse descoberta, quando pessoa percebesse, eles já estariam a milhas de distância de sua cidade.

Na última conversa que tiveram marcaram o dia, tudo ocorreria perfeitamente se não fosse por um único fato que ele veio a saber, sua amada morrera na madrugada do dia anterior a fuga. Desesperado ele foi em busca da família de Lívia para saber o motivo de sua morte. Descobriu que ela tinha partido em razão de uma doença rara e sem cura de que sofria e não havia mencionado isso para ele.

O jovem ficou desolado, trancafiou-se no quarto de sua casa e lá ficou, sai apenas para o necessário e rapidamente voltava para ele. Passou dias lá, não ousou nem ir no velório e enterro dela, ignorava as várias súplicas dos pais, havia perdido o motivo de viver.

Seus pensamentos lá dentro eram de que como ele devia ter desconfiado de alguma coisa, a aceitação da ideia de fuga foi quase que instantânea, talvez ela sentisse que não iria viver muito e esperasse por viver o maior tempo possível ao lado dele, mas não ouve tempo.

Quando ficou cansado de sofrer, ele criou coragem e foi ao túmulo de sua amada, ao chegar lá começa a chorar e nesse momento percebe o quanto é breve a vida nessa terra. Começa a pensar outras coisas, do tipo que não somos nada já que o final de todos é

a morte, de que nada tem sentido e a até se culpa pela morte de Lívia.

Subitamente é então interrompido por um velho, que era conhecido de sua família que pergunta o porquê de tanto sofrimento. Ele apenas responde o quanto a vida é injusta e que ela não vale nada. O velho diz para ele mudar o rumo de seus pensamentos, pois eles estão fazendo tanto ele quanto Lívia sofrer.

Peter ainda mais irritado responde dizendo o que ele sabe sobre esse assunto, o velho sem mais paciência e também irritado retruca, dizendo que ele tem o poder de ver espíritos e o de Lívia está sofrendo muito pelo amado não aceitar sua morte.

Peter no início não acredita nisso, contudo o velho fala de coisas que apenas ele e Lívia sabiam. Após isso, ele passa há acreditar, depois o outro homem diz que ela quer que ele siga sua vida pois sua morte foi apenas no corpo, mas sua alma é eterna e o que aconteceu não foi um mero acaso da vida.

Após essa conversa, Peter fica refletindo e percebe que deve deixar partir tanto para seu bem e o de Lívia, as memórias que os dois tiveram juntos. E de forma alguma ela iria querer que ele passasse o resto da vida se martirizando por sua morte.

Depois dessa conclusão ele resolve então seguir sua vida novamente. Com o tempo sua ela acaba se ajustando, ele conseguiu ficar bem financeiramente, formou uma família, enfim segui sua vida.

Ainda assim ele tem esperanças, já que há alguma vida após a morte, de talvez depois de sua breve passagem sobre essa terra, encontrar sua verdadeira amada do outro lado o esperando-o de braços abertos.

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Visão do Amanhecer

Mais um dia desponta em fulgor no horizonte
Curvo-me na madrugada aos pés do monte
Uma sensação ímpar de comunhão me apraz
Há em mim o sabor da mais arrebatadora paz

Toca a terra e a vida se manifesta tão pulsante
Ouço a voz da força nutriz em um tom delirante
Um convite à força criadora em multiplicação
A vida abunda em cada nuance da criação

O vento comemora em cada intensa rajada
Os raios solares gritam numa paleta almejada
A aurora graceja com o sorriso em suavidade
Uma dama formosa em manifesta intensidade

A jovem formosa se eleva em meio à natureza
Cada passada é dado com desmedida sutileza
Um toque efêmero, reconfortante e tão fugaz
A manifestação da alva encarnada em paz

Úmero Card'Osso

São José dos Campos/SP

Lia de Itamaracá e o Circovolante

Quando Lia de Itamaracá abre a boca para cantar a ciranda, a minha alegria é tanta que eu me dispo de minha serôdia senilidade e me ponho criança fácil, feliz e desmimada; sacudindo devagar e com decência, no começo, para depois pular feito cabrito.

Os olhos se arregalam quando se escuta: "Eu sou Lia da beira do mar, morena queimada do sal e do sol da ilha de Itamaracá".

Após, a banda começa a debulhar suas taroladas com aquela fanfarrinha que casa bem com os nervos da gente, as pernas começam a replicar a zabumba com um sapateado serelepe, os ombros desandam a molengar uma qualquer coreografia mequetrefe.

Os galalaus destampam o axé.

Lia canta: "Minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós!" Sucede então um desaperreio. Eu junto mão com mãos, pisoteio pé alheio.

De fato, esta folcloridade toda não pertence à museologia de audição solitária. Oxalá possamos ouvir Lia de Itamaracá em praça pública ou adro de igreja, com muita cachaça na cabeça ou cerveja!

Enquanto cirandamos, Lia canta a glória como quem conta uma história: "Eu vi uma preta cirandeira brincando com um ganzá na mão, brincando ciranda animada no meio de uma multidão! Menino, eu parei fiquei olhando, a preta pegou a improvisar, eu perguntei quem é esta negra? Sou Lia de Itamaracá!"

Lia canta e me judia, pois minha cabeça balança, balança, balança, sem se livrar de lhe obedecer os ditames do molejo. A muvuca está uma delícia, um delírio de catar cavaco com alpercata!

"A ciranda vai, vai; a ciranda vem, vem!" Lia canta e eu me achego, com outros, no passinho de seu ir-e-vir. Como seria possível ser só, se o mundo fosse um mundo de Lia, um mundo de pura ciranda?

De fato, eu nunca vi Lia.

De fato, eu hoje estou só, cá a escrever.

O sonho retrovislumbrado foi suscitado pela lembrança indireta que tenho de Lia mediante o Circovolante.

Eu conhecia Lia de Itamaracá de meus tempos de consecutivos carnavais em Mariana, Minas Gerais.

Quantas vezes juntei-me tontamente ao Circovolante, cercado de amigos como Ênio, Lucy, Valéria, Céia, Paulinho

Teteco, o pintor Salvador Paixão, e mesmo o poeta Fernando Sales!

Quantas vezes me esbaldei com o Circovolante, cercado de amigos ou mesmo tresmalhado de tanto pular para cá e para lá, ao som de Lia de Itamaracá!

Grande Lia, no próprio verso autoproclamada – eu cantava...

Eu cantava como se eu também fosse "Lia", sem saber de nada...

Sem saber em que consistia a maravilha...

Sem saber de Lia, sem saber da ilha...

O Circovolante e Lia de Itamaracá são duas paixões para muitas pessoas que conhecem o carnaval de Mariana.

Por ora, em se tratando de compreender a estreita ligação de ambos, cuido que é preciso mergulhar em Lia e emergir no Circovolante; para encontrar, quiçá, ao cabo da travessia, a alegria iorubá, ou um xodó maior: a própria Iemanjá.

Mergulho.

Quando Lia de Itamaracá abre a boca para cantar a ciranda, há uma comunhão do físico com o metafísico.

Os dentes lindos de Lia, mulher afrosseptuagenária maravilhosa, encorpam o timbre dos versos cantados, o mesmo timbre de sua prosa.

Nisto consiste a comunhão aludida: o corpo de Lia, sua cor e a multicor de seus vestidos, interagem com as ondas de som, que também é físico, e produzem o despertar da ciranda, este sim, coisa metafísica, ou pós-coisa, verdadeira primavera dos passos, jardim de cores que são flores de vestidos em inefável bailado, carrossel de pernas baralhando o olhar desavisado.

Aquele suspense gerado pelo primeiro verso sonoro e longo de Lia, quando ela canta "Eu sou Lia da beira do mar", repercute nas paredes da alma e antecipa uma explosão de alegria. Explode a alegria, eclode a primavera. A banda se sacode com seus ganzás, zabumbas, curimbós, sem prescindir de nossos queridos e cabaçudos agbês.

Lia se endeusa neste momento e seu canto é a própria alma do vento.

Emirjo.

O Circovolante está aqui, sempre presente, no meu coração.

Há maravilhas no mundo folclórico e artístico que não se apartam de nossa alma por mais que as décadas se avolumem.

Eu vi o Circovolante surgir em meados do ano 2000.

Quando vi Xisto pela vez primeira, não aventei hipótese de que ali residia um destino.

Não lembro bem o contexto, nem a casa. Somente lembro que o vi: era um rapaz totalmente diferente, porque ria muito e não parava de sorrir e de se movimentar. Hoje entendo que o meu grau de estranhamento radicou-se no desconhecimento do fato de que ali, diante de mim e do respeitável público, apresentava-se um respeitável palhaço.

Muito tempo depois do convívio com Xisto em serões de festas e tertúlias nas repúblicas de Mariana, vi surgir e crescer o Circovolante.

A trupe de palhaços profissionais, formada inicialmente por Xisto, João e Paulinho, hoje é uma importante logomarca no segmento da palhaçada, cujos multiprojetos atendem a centenas de consumidores das commodities do sorriso e da risada.

O Circovolante sagrou-se no carnaval de Mariana como insofismável animador de foliões e antítese dos trios elétricos.

Saíamos todos, tontos ou não, de sua concentração na sede da Rua Dom Viçoso, e culminávamos na Rua Frei Durão.

O carnaval em Mariana sempre subsistirá como resistência a qualquer danação.

As lembranças que tenho do Circovolante são transcendentais. O repertório musical sensacional, o malabarismo do palhaço da perna-de-pau...

Em meio a tudo, Xisto entoava a ciranda de Lia.

À guisa de rolemã, o povo enroscava uma ciranda anã.

Eu pulava, eu pulava, eu pulava, eu não aguentava me conter à ciranda – eu era o cirandeiro que ficava saracoteando no meio.

Xisto cuspia fogo sobre nossas cabeças.

Eu surtava.

Meu surto era um curto circuito fortuito – alegria com sorriso de Lia.

Hoje eu consigo ver o pormenor de tais relações...

Ao cabo destas sensações, a dialética iorubá permite-me encerrar esta escrita com outro vislumbre.

Vislumbrei um sonho com Lia, vislumbrei reminiscências com o Circovolante. Agora vislumbro a alvura.

O alvor que busco são as brumas de Ouro Preto e o alvorecer das praias de Pernambuco.

Antevejo uma forma humana que se aglutina nas formas do branco.

Encontro.

Eu encontro Iemanjá.

https://umerocardosso.com.br/

Texto premiado em 2019 no Paulo Setúbal, concurso em Tatuí – SP.

Vadô Cabrera

Jacareí/SP

Panicofobia

Acordamos e vemos que ainda estamos em prisão domiciliar.

Que horas são? Que dia é hoje? Qual é o dia semana? Qual é o mês do ano?

Pequenas e simples perguntas feitas, geralmente, por pessoas confusas ou esquecidas.

De repente tudo mudou abruptamente. Os dias passam e são todos iguais.

São longos, rotineiros e angustiantes. Não existem mais sábados, domingos e feriados.

Todos os dias são como se fossem um mesmo dia. Como se a segunda-feira nunca terminasse, como se fossem emendadas uma na outra: segunda com segunda.

Dia após dia, num marasmo deprimente, assustador.

Estamos sós. Nos isolaram, tiraram nossos netos, nossa liberdade de ir e vir, nossas caminhadas, nossas compras pessoais e até a ida à padaria da esquina.

Não podemos sair nem na rua, só no quintal, para meia hora de sol.

Depois, de volta para a masmorra. Sem direito a ver as estrelas.

A lua então, nem pensar!

Ninguém vem nos ver. É proibido, pode trazer o vírus. Estamos enclausurados.

Hoje entendemos o que passam os presos, como vivem os idosos nos asilos, como é ser privado da liberdade.

Em nome da Saúde, fomos abandonados à própria sorte, longe de tudo e de todos.

Cada qual na sua casa-cela.

Presos inocentes, cujo único crime cometido foi querer viver plenamente.

Vivíamos carregados de sonhos e esperanças e, às vezes, também de dores e dissabores, mas éramos livres.

Hoje só nos resta as incertezas do amanhã, aflorando insistentemente em nossas mentes.

Tudo parou! O mundo estancou e todos nós nos introspectamos.

Descobrimos que somos frágeis e indefesos seres humanos; que não temos força e coragem suficiente; que somos limitados e impotentes e que a rotina desta nova vida parece uma ilusão, que vemos passar através da fresta da janela, assim como as horas na lentidão da antiga ampulheta.

Agora, estamos nesta situação temporária - talvez alguns meses - e nos desesperamos, nos queixamos... Refletindo sobre estes momentos, nos penitenciamos a Deus por tamanho egoísmo. Percebemos, envergonhados, de que não aprendemos os ensinamentos do Mestre Jesus. Foi preciso surgir este bendito inimigo invisível, para que abríssemos os olhos para a realidade da vida; para o verdadeiro significado da resignação e da paciência; da abnegação e da benevolência.

Só nos resta um consolo: Que não estamos sozinhos neste turbilhão e que este onipresente 'cidadão do mundo', o Covid-19, – persona non grata - abraçou todo o planeta, isolando a todos e igualando-nos na mesma incógnita. Também ficaram as mesmas incertezas sobre o que virá a cada novo sol e o que será de todos nós: crianças, jovens e idosos. Como será o amanhã? Não sabemos! Vamos viver o hoje, que o Tempo, pai da Vida, nos permitiu. A Vida e a Morte, assim como o Futuro, são coisas de Deus.

Valdeci Santana
Batatais/SP

O menino e o foguete

Raul adoeceu pouco antes do seu quinto aniversário. Ninguém entendia como uma criança tão saudável, de repente, prostrou acamado. Mexericos falavam de bruxarias, possessão de espíritos e todo tipo de misticismo, mas, no final, o diagnóstico mais aceitável foi a "doença dos nervos".

Seus pais recorriam a toda espécie de tratamento indicado. E depois de um ano inteiro de muitas simpatias, novenas e visitas de variados especialistas da medicina, deram o caso por vencido. Não havia mais o que fazer. O jovem Raul estava decretado a viver seus dias sobre uma cama.

Quando aquele mal atacava uma família dotada de recursos financeiros, recorriam às terras estrangeiras, onde a medicina era mais avançada. Mas, quando se tratava de uma família extremamente pobre, como a de Raul, não havia outro remédio, senão a resignação e tentar, de alguma forma conviver com aquela doença misteriosa.

O menino Raul definhava seus dias na penumbra do quarto daquela pequena e decrépita casa em Duque de Caxias. Seu humor era, no geral, estável, alterado somente nos agudos ataques de fúria. Nestas ocasiões ele gritava, puxava os cabelos, se arranhava e atirava qualquer objeto que estivesse disponível contra a parede ou quem ousasse entrar no quarto. Depois vinha o choro que somente cessava quando cansado, caia no sono.

Um fio de esperança brotou na alma do casal, quando sete anos mais tarde, ouviram boatos sobre um jovem médico que acabava de regressar dos estudos no exterior, e que através de métodos nada convencionais vinha obtendo sucesso no tratamento de enfermidades até então incuráveis.

Mesmo sabendo que jamais conseguiriam pagar os préstimos de um médico tão procurado, o casal apelou para a súplica. O sofrimento daquele casal comoveu o jovem médico. Era nítido que o filho lhes tomava todo o tempo. A mãe, por exemplo, tinha o rosto cansado e aparentava uns trinta anos mais do que sua idade verdadeira. Nada de maquiagem, nenhum tratamento

especial no cabelo, nas unhas e sequer no vestuário. O pai carregava o peso do cansaço diário. Um catador de reciclagem que tirava do lixo, o sustendo da família. E, um tanto seduzido pelo desafio que nenhum outro médico conseguiu superar e muito mais pela consciência, o jovem médico prometeu visitar o menino.

Ele não se lembrava de ter visto uma criança tão pálida. Já que os raros banhos de sol aconteciam quando o pai conseguia tempo de carregá-lo ao quintal. Raul era um menino até que forte, considerando seu estado. Era bem cuidado, embora os cabelos desgrenhados lhe dessem um aspecto desleixado. Ele demorou a notar a presença do médico que o fitava, em pé, ao lado da mãe, tão concentrado estava no foguete que desenhava num dos cadernos espalhados sobre a cama.

Médico e paciente tiveram um longo diálogo. Raul foi bastante obediente e fazia tudo que o médico lhe pedia. O estranho é que o menino aparentemente estava saudável, nenhuma enfermidade foi identificada. O que intrigou o médico. E enquanto ele ruminava seus pensamentos, buscando casos semelhantes nos ensinamentos aprendidos, permitiu-se observar os desenhos pendurados num cordão que cortava o quarto. O menino era apaixonado por foguetes. Pintava-os em várias molduras e de variadas formas.

- Não me admira que você goste de foguete.

Mãe e filho lançaram um olhar interrogativo para o médico, enquanto ele se dirigia para a pequena janela que apontava para rua. Por onde entrava um vento preguiçoso.

- Eu também os desenharia se estivessem construindo um bem diante da minha casa.

Raul fincou os olhos no rosto da mãe. Como se a acusasse de ter guardado um segredo tão valioso.

- O quê? –Fez o médico. Fingindo surpresa. –Ninguém te contou?

O menino estava confuso. Negava com um vago meneio de cabeça.

- O Deus! Como não te contaram que você mora bem em frente uma fábrica de foguete? Li outro dia, que os astronautas já estão sendo selecionados para levarem este foguete diretamente à lua. Você precisa ver. É um foguete imenso. Magnifico!

O médico deixou a casa prometendo retornar nos dias seguintes. Como recomendação inicial, que se aliassem a ele, na questão do foguete que estava sendo construído diante da casa.

Naquela noite Raul demorou a dormir, mesmo depois que a mãe respondeu um extenso questionário sobre o tal foguete, não se deu por vencido. Tentou imaginá-lo cortando a atmosfera, se afastando para longe

deste planeta, fugindo dos tantos problemas que tem por aqui.

Quando o médico voltou no dia seguinte, ele queria saber sobre o foguete. E assim se seguiu pelas consultas seguintes. Qual a cor? A altura? A potência dos motores? Quantos operários trabalhavam na construção?

- Beba este remédio que em poucos dias você será capaz de andar. E quando isso acontecer, você mesmo poderá ver o foguete. Quem sabe não arranjamos um jeito de você visitar seu interior. –Dizia o médico. Fazendo-o engolir uma colher diária de um elixir, cujo amargor era meio familiar.

- Mas, somente este remédio não é suficiente! Você tem que forçar suas pernas a se moverem. E deve fazê-lo logo, pois, andam dizendo que o foguete esta quase para decolar.

Os pais, outrora tão esperançosos, começaram por questionar a eficiência do tratamento que aquele jovem médico oferecia. Vários dias haviam se passado e nenhum avanço foi percebido. Exceto aquela obsessão por foguetes que só crescia. O menino não falava de outra coisa. E a cada tentativa frustrante de forçar as pernas para ver o tal foguete, mais nervoso ele ficava, mais se adensavam as crises. No entanto, o médico assegurava que muito em breve o menino seria curado.

Até que numa manhã que mal acabara de nascer, salpicada ainda pelos vestígios da noite, quando o casal ainda dormia, o menino se irrompeu num choro tão alto que assustou os cães da vizinhança, que se puseram a ladrar. O casal levantou-se num sobressalto e correu ao socorro do filho. Como não o encontraram no quarto, imaginou-se o pior, seu filho estava sendo raptado. Perceberam que os gritos vinham da rua.

Com os corações aos pulos, mãe e pai cruzaram a porta escancarada e caíram ambos de joelhos no chão. Sem camisa, usando apenas cueca e meias, Raul estava de pé, parado no meio da rua.

- Eu te odeio!

Gritava ele, sendo acompanhado pelos cães.

- Eu te odeio!

Repetia, olhando enfurecido para aquele imenso terreno, aonde já chegavam vários caminhões para serem desovados. O famoso aterro sanitário de Gramacho. O maior lixão a céu aberto da América latina.

Do outro lado da cidade, o médico diluía parte do pó de seu café matutino, com água e assim obter o elixir, com o qual enganava o menino.

Valéria Barbosa
Rio de Janeiro/RJ

Abro os olhos e leio a poesia no dia

Fui alfabetizada pelos mestres do Beco da Amizade.

É preciso alfabetizar o olhar! Eles sabem ensinar a ver.

Há leituras no contexto querendo ser lidas e tantos tem preguiça de tirar os seus óculos escuros.

Só enxergam palavras.

Peguem a lupa!
Procurem o oftalmologista!

Cegueira social é analfabetismo crônico espelhado no poder!

Enxerguem os gritos do povo!
Enxergue você!
Deixem os meninos/as viverem no verbo existir.
Cada retina lerá o contexto com a sua emoção.

Valéria Vanda Xavier Nunes

Campina Grande/MS

Quando sangra o coração

Ela tinha acabado de pisar na calçada quando viu João sentado em uma mesa no mezanino da lanchonete. Há meses que não o via. Seu coração acelerou um pouco; ela gostava dele. Mas ele não sabia. Subiu os degraus da lanchonete trocando os pés calçados em sapatos de salto altos em vias de cair de cara no chão. Ele também a viu e acenou-lhe de onde se encontrava. Alice foi ao seu encontro puxando a saia justa que insistia em mostrar seus joelhos roliços. Tirava e retirava os óculos enquanto chegava até João que saiu de seu lugar e veio de braços abertos lhe aconchegando neles. Sentia-se nervosa até aquele momento. Os braços de João tinham o poder de acalmá-la.

— Que bom te ver Alice! — Precisava mesmo conversar com alguém. — Vem, senta aqui junto a mim.

João pediu uns pastéis e refrigerantes, e, enquanto aguardavam a garçonete com os pedidos, segurou-lhe as mãos com uma ar triste e começaram uma conversa que, ao que parecia, se estenderia pela tarde inteira.

— E aí João como estão as coisas? Soraia como está depois de tudo que aconteceu?

— Não sei como te dizer Alice, mas parece que ainda estamos no meio de um pesadelo.

— Mas afinal, João o que realmente aconteceu? Sei muito pouco sobre o assunto porque na época estava no meu mestrado, e, infelizmente, não acompanhei toda essa tragédia.

— É uma história longa Alice, mas vou tentar resumi-la pra você.

João fecha os olhos e balança a cabeça de um lado pro outro como se procurasse o fio condutor por onde começaria a contar para Alice a história daqueles dias funestos. Aqueles dias que antecederam a segunda tragédia. Sim, tragédia era o que tudo aquilo significava pra ele e Soraia. Antes de contar pra ela, uma das melhores amigas de Júlia, ele fica como em transe e sua mente começa a relembrar aqueles tristes dias. De repente ele abre os olhos, fixa o nada à sua frente. Alice estranha. Sente como se ele estivesse falando para si próprio. Mas estava pronta para escutar até o fim.

João começa a contar a "saga" que se tornou a vida deles.

— Nossa mãe faleceu em maio.

...Tarde de uma quinta-feira invernosa e fria. Sozinha em seu quarto, deitada de bruços em sua cama de solteira, enquanto um raio de sol de fim de tarde incidia sobre seu corpo, Júlia tremia e soluçava convulsivamente. Na cozinha ouvia-se barulho produzido por panelas. Soraia, em meio também, à sua

própria tristeza, continuava nos afazeres domésticos.

Na sala contígua ao quarto, João tapa os ouvidos. De onde se encontra ouve os soluços de Júlia e uma lágrima também começa a brotar de seus olhos impedindo-o de continuar sua leitura. Cortava o coração de qualquer um ouvir aqueles lamentos. Mas era preciso curtir aquela dor. O coração de Júlia sangrava pois a ferida era muito recente. Dias e meses passariam ainda, até que toda aquela tristeza tivesse um fim. Foram duas semanas de desespero e de luta, de entradas e saídas do hospital; de exames, de cirurgia e de esperança na vitória.

Mas o inevitável acontecera. Dona Ana faleceu.

No dia a dia, a dor lancinante ia esmaecendo, mas Júlia ia levando a vida. Porém, um observador perspicaz, veria que o olhar triste daquela moça, entregue a sua saudade, perdera o brilho. Um véu de melancolia cobria aquele olhar perdido em lembranças tristes. Talvez, lembrando a hora exata em que o caixão marrom-amarelado com puxadores dourados, tão bonito e rico, trazendo sua querida mãe, entrou em sua casa pela última vez. Aquele fora deveras, um momento muitíssimo triste para todos. Certamente Júlia lembrava o momento em que amigos e familiares carregavam o caixão pelas ruas e praças — o último passeio de sua mãe — e, em procissão, adentravam naquela igrejinha branca e pitoresca no fim de uma rua conhecida de sua cidade natal. Júlia toma um susto ao perceber que alguém a chama e lhe toca o braço.

— Vamos almoçar Júlia? Soraia convida a irmã que parece alheia a tudo.

— Não estou com fome Soraia. Vão vocês.

— De jeito nenhum. Nem pense que vai ficar sem comer. Você precisa se alimentar, reagir; do contrário vai acabar doente também. Se você não for eu também não irei. — Ameaça Soraia. Diante da ameaça da irmã, Júlia se levanta sem muita vontade e encaminha-se para a mesa. Enquanto leva a comida à boca, seu olhar vagueia e encontra o lugar da mãe; vazio. Novas lágrimas se formam no canto do olho. Tenta reprimi-las mas é em vão; elas deslizam numa torrente pelas suas faces. Afasta-se da mesa num ímpeto, derrubando a cadeira a suas costas. Corre para o quarto e se tranca. Senta-se na cama e as lembranças a tomam de supetão.

As imagens do enterro lhes são tão reais. Os seus olhos molhados pelas lágrimas balançam nas órbitas. Não se prendem a lugar nenhum. Soluços angustiados fazem tremer-lhe o corpo

— *Que o nosso Deus misericordioso a receba na luz da vossa face.* — Júlia tem certeza de que escuta a voz do padre. De repente sente as forças se esvaindo e desmaia.

— Foi tudo tão inesperado, Alice. Até pouco tempo mamãe estava lá, andando por aquelas salas e quartos. Era tão serena. A sua aura devia ser azul como dizem os espíritas, pois todos que a conheciam de muito tempo e mesmo quem lhe era apresentado, sentia por ela, de imediato, um carinho especial e uma amizade sincera. Era querida por todos. Tão vaidosa! Tão cheia de vida. Tão moderna para seus inúmeros anos.

— É verdade, João. Lembro-me de dona Ana exatamente assim. Conversava sobre tudo, gostava de sorrir, de passear, de se enfeitar. Eu via que ela gostava da vida. Que pena dona Ana ter partido, mesmo com a idade avançada em que já estava.

— É exatamente por isso que está sendo tão difícil para todos nós e mais difícil ainda pra Júlia que sempre foi muito sensível. Ela nunca aceitou a partida de nossa mãe. Ela não soube administrar o luto.

— Me conta mais João. Fiquei perplexa quando soube. Ainda não tive coragem de fazer uma visita a Júlia. Não me sinto pronta.

— Deixa eu me concentrar. Essas lembranças são muito tristes —, pediu com um longo suspiro...

— Então deixa pra lá. Esquece João. Não falemos mais nisso. Não quero vê-lo triste. — Falou Alice, preocupada com a tristeza que via nos olhos de seu amigo. Mas ele

lhe disse:

— Não Alice, preciso falar. Preciso desabafar. Essa conversa está sendo uma catarse para mim. Precisava me livrar desses fantasmas e me curar também. Você não imagina como foi bom encontrá-la aqui. Está me ajudando muito. Acredite. Deixa lembrar-me de onde parei.

— Que barulho foi aquele, João. Você ouviu? — perguntou Soraia assustada.

— Ouvi. Foi no quarto de Júlia—, João corre apavorado.

— Júlia, abra a porta, por favor. — Soraia batia na porta freneticamente. — Abra a porta Júlia!

— João acho que temos de arrombar.

Há horas que Júlia se trancara. Soraia preocupava-se com a irmã. *Preciso conversar com ela seriamente.* P*ens*ava ela com o cenho franzido. Ouve um rangido e percebe que a porta está se abrindo. Júlia aparece com os olhos inchados de chorar. Havia se recuperado da vertigem e ouvira os chamados dos irmãos.

— Vamos levá-la para a sala, João. Ela precisa respirar, está muito pálida.

— Vamos —, acho que ela passou mal, está muito pálida mesmo.

Levaram Júlia para a sala e sentaram-na numa cadeira confortável. Em alguns minutos recuperou-se e Soraia achou que era preciso tomar uma atitude urgente.

— Júlia, preste bem atenção. Olhe bem nos meus olhos. — Falou Soraia com o semblante muito sério. Júlia olha confusa para Soraia e espera apreensiva por suas palavras.

— Júlia querida, Não faça isso com você. Você precisa colocar na cabeça que não somos donos de nossas vidas. As coisas não acontecem como nós queremos, mas como Ele quer e determina. Só Ele - Nosso Senhor - é que sabe o nosso dia de nascer e de morrer. A missão de mamãe se cumpriu. Chegou a hora dela. Não há nada que possamos fazer —, Soraia despeja essas palavras em cima de Júlia como um tratamento de choque.

Era preciso chama-la à razão.

Júlia, assoando o nariz, tenta prestar atenção às palavras da irmã.

— É tão difícil Soraia. Como vou viver sem ela? Sinto que não vou conseguir —, fala chorosa.

— Sabemos que será muito difícil, não só pra você mas para todos nós. Ela era nossa fortaleza e por isso mesmo não podemos decepcioná-la. Onde ela estiver deverá se orgulhar de nós. Vamos, enxugue esses olhos. Mamãe não iria gostar de ver você assim, tão triste.

Os soluços arrefeceram um pouco. Júlia prometeu que ia tentar pensar em outras coisas e retomar sua vida. Precisava voltar aos estudos e ao trabalho. Sabia que as colegas já andavam também preocupadas com a sua tristeza sem fim. Sabia que ligavam para ela mas não as atendia.

— Prometo que vou me esforçar. Você vai ver. — Falava Júlia para a irmã.

Naquela mesma noite, a promessa que Júlia fizera parece que não se cumpriria. Após o jantar, os irmãos tentaram puxar conversa com ela para distraí-la um pouco. Ela se esforçou para parecer animada mas seu coração só pedia para sair dali e se recolher consigo mesma.

— Vamos dormir? Perguntou jovialmente Soraia, levantando-se rápida da cadeira, no que foi seguida por João que acabava de preparar as aulas de seus alunos.

— Vamos sim, estou cansado. — Respondeu solícito.

— *"Graças a Deus"* —, pensou Júlia saindo ligeira para seu quarto.

Soraia oferecera-lhe um calmante para chamar logo o sono. Júlia recusou. Não gostava de calmantes. Despiu-se para dormir. Rezou um pouco pela alma da mãe. Pensou que não dormiria logo mas percebeu que seus olhos pesavam. Dormiu. Mas seu sono não era um sono profundo. Sentia que estava semiacordada. De repente percebeu que o corpo começara a tremer. Suas pálpebras tremiam como se quisessem se abrir para ver algo. Se se olhasse no espelho, veria que seus olhos pareciam vagos, indefinidos. Mas eles viam; eles viam aquela igrejinha onde as rezas e cantos davam lugar a continuação da procissão rumo à morada final. Muitos amigos. A família reunida.

De repente Júlia grita alto. Um grito que acordou os irmão que acorreram preocupados ao seu quarto.

— Júlia, o que aconteceu? — perguntaram em uníssono.

— Eu vi...eu vi... eu vi mamãe... vi ela saindo do caixão. Ela está viva... ela está viva. Eu juro que vi. — Júlia falava atropeladamente e repetindo as frases como para convencê-los daquela "verdade."

— Calma Júlia, calma. Você estava dormindo. Você está em seu quarto. Foi só um pesadelo —, falava alto, Soraia pra ver se ela prestava atenção e se acalmava, o que só aconteceu depois de alguns minutos e de muito choro.

— Finalmente conseguimos acalmá-la e ela adormeceu naquela noite. — Falou João para Alice que se encontrava de boca aberta ouvindo a triste história de sua amiga.

— Mas não se curou totalmente do luto ao que parece. — Falou Alice com um ar de pena por João.

— É verdade. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, mas ela não se recuperava. Nem tentava. Não se convencia de que mamãe tinha morrido.

Ficava repetindo e repetindo que ela estava viva.

— Meu Deus. Como pode. A nossa mente é um mistério profundo.

— É verdade. Um dia estávamos fazendo nossas atividades, quando de repente ouvimos um barulho em seu quarto. Corremos para ver o que ela estava fazendo e tivemos a maior das surpresas. Ela nos apareceu toda arrumada, penteada e sorridente e dizendo que estava em paz.

— Que bom! Sorriu Alice.

— Mas aquela alegria era falsa. Dias depois, Soraia me liga pedindo pra ir pra casa imediatamente. Tomei o maior susto da minha vida quando cheguei. Uma ambulância piscando em alerta estava estacionada em frente à nossa casa. Soraia aos prantos me recebeu com a triste notícia. Júlia tentara o suicídio cortando os pulsos. Foi levada ao hospital onde passou muitos meses, mas jamais recuperou-se. — "Júlia havia enlouquecido" —, era o diagnóstico dos médicos após muitos exames feitos naquele hospital.

— Meu Deus, que tristeza! —, repetia Alice, transtornada.

— É essa a nossa tragédia. Obrigada Alice. Estou me sentindo leve. Você me salvou. Sinto que tirei um peso do meu coração e da minha alma.

— Está tudo terminado agora. De certa maneira ela está em paz. Afinal, a vida continua e o tempo não para, não é assim a vida? — pergunta Alice para João olhando fundo em seus olhos e passando para ele um sentimento de esperança e amor. Ficaram olhando fixamente nos olhos um do outro.

De repente levantam-se e saem os dois de mãos dadas para continuarem a vida.

Valter Bitencourt Júnior

Salvador/BA

Exercício

Subi a ladeira
Desci a ladeira
Subi a ladeira
Desci a ladeira
Salvador, Bahia, Brasil
Faz bem ao coração.
E assim subo ladeiras,
Desço ladeiras,
Entro em becos
Saiu de becos,
Subo ladeira
Desço ladeira
E em cada esquina
Uma música
Um reggae
Um rap
Um funk
Um pagode
Um samba

E vou seguindo
Subindo ladeira
Descendo ladeira
Entrando em uma esquina
Saindo em outra.
Salvador, Bahia, Brasil
Pulsa em meu coração.
Pertenço
A Bahia.

Vanderlei Kroin
Cascavel/PR

Inserção

Nem prezadas, nem prezados...
tampouco prezadxs
o melhor seria dizer prxzxdxs
ou prezadas, prxzxdxs, prezados
para inibir e acolher ao mesmo tempo
os que se enquadram aqui e acolá
xx que estão deste ou daquele lado do muro
e xx que em cima do muro estão
agachadxs ou carentes
contentes com a sua natureza
e com a natureza descontentes
buscando uma inserção vaga
na vastidão do mundo
usando vestidos e vestidxs e vestidas
e olhando além
além do x da questão.

https://pt-br.facebook.com/vanderlei.kroin

Vera Lucia
Teresópolis/RJ

Amanhecendo

Vinha nascendo o sol atrás do monte
No céu, ainda há uns restos de luar
E lá longe no horizonte
Algumas estrelas ainda a cintilar

Olho fixo para o horizonte
Quero fazer uma poesia, um verso
Encantada com aquele monte
Viajo nesse universo

Assim o dia amanhece
Diante de uma obra-prima
O sol brilhante aparece
Trazendo inspiração pra minha rima

Victor Mendes
Rio de Janeiro/RJ

Alguém me Dá uma Inspiração

Alguém me dá uma inspiração
Algum motivo pra escrever
Só um sentido para falar
Sobre o que meu coração vê
Alguém me dá uma inspiração
Para alimentar a minha pobre verve
Me mostrem que ainda há amor
E pra que ele ainda serve
Alguém me dá uma inspiração
Qualquer coisa que me anime
Que me tire desse estado de torpor
Tanta maldade me deprime
Alguém me dá uma inspiração
Me traga bons sentimentos junto
Pode ser até algo banal
Mas que me orgulhe tratar do assunto
Alguém me dá uma inspiração
Só se fala em morte, fome, tragédia
O mal faz parte da natureza humana
Pra onde olho está estampado a miséria
Alguém me dá uma inspiração
Me mostra que ainda há o que se salvar
Que a humanidade ainda tem jeito
E que por isso devo-la exaltar
Alguém me dá uma inspiração
Para me tirar da minha maldita inércia
Minha incapacidade literária me cobra
Como se eu fosse uma pessoa inepta
Alguém me dá uma inspiração
Posso falar de unicórnios, arco-íris e flores
Meu coração só precisa voltar a ver verdade
Aonde os outros resolveram ver amores

https://oblogdovictao.wixsite.com/poesia

Vitor Sergio de Almeida
Uberlândia/MG

José no céu

Um drummondiano, feliz a bandeirar...
Entoa a Zé Leiteiro, aquele amigo do rei, o que usava um anel de vidro.
Diante do "Pneumotórax", um "Poema de Sete Faces" está a compor...

José morto?
Será que por culpa de um anjo torto?
Onde estavas em 22... Em Pasárgada ou em Itabira?

Ah! Se pelo menos Irene rimasse com mundo,
talvez este seria menos doído e mais consoado...
Definitivamente não se pode ser "o poeta de um mundo caduco".

Estavas farto do lirismo comedido?
Eles eram para você uma pedra em seu caminho?
Realmente, o porquinho-da-Ìndia foi a sua "fotografia na parede"?

Já no céu, São Pedro pergunta:
– E agora, foi boa sua vida na Terra?
– Se foi boa, não sei, sei que "O Último Poema" foi **LIVRE...**

https://www.facebook.com/vitor.s.almeida.33

Vitória Ferreira
Porto, Portugal

Há dias… e dias

há dias em que
parece impossível fugir à dor
há dias em que
as lágrimas são inevitáveis
há dias em que
queremos dormir para não chorar
Mas também
há dias em que
doem as bochechas de tanto rir
há dias em que
os olhos brilham de tanto amor
há dias em que
nem queremos dormir para aproveitar
A vida é feita de fases
umas execráveis
outras más
outras boas
outras inimagináveis.

Walter Silva

Belém/PB

Ouitê (Mãe)

"Nós somos como um pássaro no mundo" (Frase de um índio Maué)

A menina acabara de fazer sete anos quando uma mulher que se dizia agente de saúde levou-a embora do barraco de madeira e teto de lona na comunidade Waikiru, periferia urbana de Manaus—uma vez por mês costumava vir alguém do ambulatório do SUS para encaminhar algum doente eventual aos cuidados médicos, e todos pensaram que a estranha, que examinou a paupérrima criança desnutrida, trá-la-ia de volta conforme prometera, mas isso nunca aconteceu.

Ambas sumiram sem deixar rastros; a mãe da menina havia morrido de complicações no parto, seus tios paternos se revezaram em cuidar dela, mas naquele período ocorrera escassez de alimentação no povoado e as dificuldades para manter a pequena aumentaram. No final a família chorou a perda, porém com o passar do tempo se resignou com o sequestro.

A mulher misteriosa, entretanto, não morava demasiado longe, em outra cidade, estado ou país—vivia algures no bairro do Aleixo, no centro-sul. E bem ali, no edifício das Águas Claras, ninguém desconfiou de que a garota não fosse sua filha, pois nem mesmo uma mãe se desfaria em tantos cuidados e carinhos ostensivos.

Então, sem alarde e de súbito, no entardecer da terceira semana do mês de junho, a criança sofreu o início do seu martírio. A mudança no temperamento da sequestradora chegou com a lua cheia; uma sombra caiu sobre seu rosto gentil e redondo, e seus olhos cravados na pequena rutilavam de forma terrível à meia luz.

Arrastou a menina da sua cama pelo braço, e lhe apontou o dedo em direção à cozinha e os pratos gordurosos; de agora em diante ela iria dormir no chão e se ocupar em trabalhar, embora suas pernas ainda fossem demasiado curtas para alcançar a pia. Mal se acostumara às bonecas e viu com tristeza todas elas arrancadas de si.

No decorrer dos dias, sua simples presença provocava inexplicáveis rompantes de raiva devastadora na mulher, que lhe castigava batendo-lhe rudemente o cabo da vassoura nas costas e mãos; a megera abafava, porém, o choro da criança de forma

cuidadosa: enchia-lhe a boca com trapos velhos e sujos.

Os hematomas e feridas se espalharam por todo o seu corpo, assemelhando-se a tatuagens tribais de sangue pisado. As surras e maus tratos se intensificaram e diversificaram; a mulher espetava-a com agulhas, depois esfregava sal no local das picadas. Em outras ocasiões lhe queimava a pele com cera derretida de vela, ou lhe privava de comida ou água. Por volta da lua nova da segunda semana de setembro, assomaram, entretanto, os sonhos—desaguando sobre a cabeça da menina como as ventanias e chuvas das monções. Na primeira visão que eles trouxeram, ela andava descalça na floresta, rodeada pela farândola das sumaúmas, e se deteve diante da mais alta dentre todas; uma árvore que era como uma torre verde. Do redemoinho de neblina que a envolvia, abriu caminho um pássaro, assobiando e cortando o espaço; veio pousar no braço da criança e juntos eles brincaram, despreocupados, em alegres folguedos. Foi deste modo que ela logrou suportar o tormento na sua existência, buscando refúgio nos devaneios da noite escura, que transportava aprisionado dentro da garganta estrelada um passarinho cor de barro.

Conforme a dor excruciante das torturas lhe quebrantava o espírito, mais profundas se tornavam as imagens oníricas; e mais elaboradas também, de tal sorte que agora ela as confundia com a realidade. Ou fora a realidade que se confundira com a fantasia? Ao acordar bem cedo no piso áspero da cozinha, a garotinha carregava o perfume de rosas da castanha-de-macaco, um sorriso nos lábios e orvalho no cabelo.

O pássaro da sumaúma ia se modificando de acordo com o que as visitas feéricas exigiam dele: principiou a imitar os sons e inflexões da voz humana, em seguida aumentou de tamanho e por fim, suas asas transformaram-se em um manto de penas, a cingir os ombros de uma moça esguia e afetuosa, que consolava a criança em meio ao sofrimento.

Em um dado momento mais adverso e amargo para a menina, a ave lhe teceu então uma boneca de cipós e folhas entrelaçadas, e depositou a dádiva entre suas mãozinhas trêmulas. Imensurável foi sua satisfação ao despertar do sono e encontrá-la miraculosamente ainda aninhada em seu peito!

Porém, a mulher, que outrora lhe obrigara a lhe chamar de ‘’madrinha’’, acabou por descobrir o brinquedo, apesar de todas as cautelas que sua dona teve em ocultá-lo. As duas se entreolharam, com fúria, feito cão e gato e disputaram o extraordinário objeto durante alguns instantes; a garota rugia feroz e arfava, agarrando-se à boneca, com grande esforço, desesperada, em vão. A madrinha arrebatou-a de si, destroçando-a com as unhas.

A mulher estava convencida agora de que as pancadas, agulhadas e queimaduras já não se mostravam tão satisfatórias como dantes; a menina nunca havia afrontado sua autoridade até ali. E aquele brinquedo esquisito só poderia ter sido presente de algum vizinho intrometido—urgia dar cabo de vez da pirralha, sumir com ela, a fim de dificultar possíveis denúncias e investigações acerca do caso.

Pegou a criança pelos pulsos e empurrou-a para o banheirinho dos fundos, trancafiando-a lá dentro à força, enquanto, resoluta, pensava na faca de açougueiro que guardava na terceira gaveta do armário da despensa.

De cócoras no banheiro escuro, trêmula e machucada, a menina enterrou o rosto entre as pernas e chamou os sonhos nas profundezas do seu espírito, conforme lhe ensinara a ave; um assobio estridente atravessou sua memória, e o suave e familiar perfume da flor da castanha do macaco inundou o local. Mais tarde, sob a luz da lua minguante, a madrinha dirigiu-se até o banheirinho dos fundos, e levava consigo a sinistra faca de açougueiro, afiada, uma lâmina que cortava até o silêncio pesado da noite; no meio do caminho, de repente um vulto surdiu e se deteve diante dela.

Era uma velha, repulsiva, alquebrada pela idade, coberta de andrajos. A mulher com a faca chegou mais perto e percebeu estupidamente aterrada, que os farrapos na realidade eram duas longas asas, cujas penas arrastavam as franjas no solo. Os olhos daquela criatura brilhavam iluminados por faíscas esverdeadas, e ela avançou de súbito, ágil demais para uma idosa.

Em um rasgo histérico de autodefesa, transida de medo, a mulher ergueu e sacudiu a arma branca de forma hostil e se jogou desatinada para cima da aparição, que a apanhou com as garras em pleno ar, girou o seu corpo e atirou-a ao solo, comprimindo em seguida seu peito, ajoelhando-se sobre ela.

A última coisa que aquela mulher avistou foi o emaranhado de cabelos prateados da velha, flutuando como se estivesse debaixo d'água, esmaecendo-se como as bordas de um pesadelo—logo depois sua cabeça foi arrancada, como uma castanha removida do cajuaçu. A ave transportou seus restos mortais para o bosque das sumaúmas, no grande além dos ancestrais, e lá ela os soterrou bem abaixo das Sapopembas. Ao longo das luas que se seguiram, a entidade-pássaro libertou e cuidou da menina, e das suas feridas, que se fecharam e cicatrizaram, acompanhando-a, invisível, de volta até a entrada da sua casa original, na comunidade Waikiru.

@walter.silva.904

Willian Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Influxos da loucura

Num lugar ermo e desolado persistiam ruínas de memórias indesejadas de um povo cruel e sádico. No arenoso terreno desvelavam formas obtusas e fálicas que como os dentes de uma fera do seio da terra tragava aqueles que ousassem adentrar. Um mausoléu dos deméritos humanos que ainda insistiam em vagar entre alguns. Disso dos tempos imemoráveis as histórias se tornavam distantes rumores que como mitos alimentavam anseios e devaneios ante o que aquela terra maldita teria tragado e roubado. Dessa história tenebrosa os limites da realidade cruzaram dos mitos a fantasia ante aqueles os quais obstinados na mentira e roubo de memórias louvavam na esperança de roubarem essa história do autor como obra do acaso, o mesmo esmo de onde adviriam almas estropiadas dos charlatões que lá habitavam. O castelo que se tornou masmorra, e da masmorra mausoléu havia uma seita amarga como fel.

Aquela seita não reivindicava uma grandeza em si mesma, mas pela desigualdade ao rebaixar quaisquer talentos que rivalizassem eles. Como um culto oculto severo ao Chaos asseverava impassível duros desígnios criminosos as suas vítimas. Aquela seita era como uma cadela num eterno cio sempre a desaguar sangue sacrificiais para o caos da assimetria louvar.

No chamado Templos Ad Chaos havia um lugar, que, no entanto, o caos era subversivo a todo entendimento humano e removia as probabilidades proibitivas ao qual seus membros referiam como uma manifestação de seu próprio deus, o Chaos primordial.

Pai da anarquia, da assimetria e desigualdade ao seu derredor eventos peculiares aludiam uma sincronicidade anômala por demais, mas os ignorantes que lá se aventuravam eram tomados por um influxo de loucura, o caos em suas mentes eclodia.

Certo dia um camponês ao perder uma ovelha no maldito território adentrou. Ao encalço dela seguiu e perseguiu mas não mais achou. Temerário antes os rumores que a precediam como um lugar que todos maldiziam fora tomado por uma curiosidade que pela dúvida cresceu ao fitar um mago que lhe lançava longas sombras e o emudeceu.

— Venha, adentre o lugar de grandes prodígios e promessas a

conquistar! Tenha conhecimento ao desvelar seus segredos ao nela se iniciar.

— Todos maldizem esse lugar, não vejo motivos para ele adentrar! Procuro minha ovelha, onde ela está?

— Temas o desconhecido até ele te conquistar, caso não adentre não há como atestar!

— Falsas são suas palavras como daquela que cá adentrou e bruxa e louca se tornou.

— Caso não adentres e vejas nunca saberás da pedra que transmuta rudes minerais em ouro há de tornar. Veja e enriquecerá.

O mago que, porém, o fitava severamente abriu um luminoso sorriso que mesmo em detrimento dos dentes podres reluziu e como o ouro seduziu. O camponês de rude conhecimento se deu por vencido e assentiu ao velho de barba branca ao baixar o capuz. Portando uma vara parecia lhe encantar de modo que o pobre pastor tomado como por hipnose o seguiu fitando as fálicas presas que se erguiam do chão presentes na construção como a boca de um crocodilo aberta a lhe tragar.

O pobre camponês que fisgado em sua inocente ignorância lá adentrou e apenas após dois dias retornou ao vilarejo. Sem sua ovelha ele parecia mudado, fitando o vazio como se o abismo tivesse a enfrentar. Ao ser indagado o que viu respondeu num amargo sorrir.

— A glória, prodígios! O que caia ia pra cima, e toda ação não tinha reação. —Completou ele com olhos mareados e voz embargada até ser tomado por uma introspecção ao completar. — Agora sou um mago e seus segredos vou proteger, caso queiras que saiba adentre e verás.

O homem não fora mais o mesmo, antes parecia temer o amor que com ardor defendia. Seu casamento se esmorecia, sua família se destruía. Parecia tomado em devaneios dentre a realidade e fantasia que daquele lugar advinha como se o abstrato de sua mente suplantasse a objetividade da realidade. Pouco mais que catatônico sua mente corroída parecia corrompida como muitos em atitudes que de lá advinham.

Por ser um amado no vilarejo notando o que em sua vida resultou os camponeses do povoado se ajuntou e para lá rumou asseverando o descontento que os consumaram. Aos gritos e tochas como num conto de fantasia agiram as portas do castelo como ao encalço de um monstro. Vociferavam que aquele lugar era fonte da destruição de tudo em seu melhor tornavam que os humanos, da responsabilidade, honestidade e amor como se lá habitasse o terror. Mas sem poderem lá adentrar fogo tacaram para se alastrar e assim como consumia o coração do povoado lá adentraria e a todos devoraria. Logo sob as chamas os magos gritavam ardendo lançando juras agourentas e maldições, jurando um dia retornarem sob outra

forma para consumar a doutrina do medo e ilusões.

Assim muitos séculos se passaram ante as ruínas dos quais o tabu não permitia adentrar, até que em 1471 um grupo de cavalheiros lá adentraram e se instalaram. Logo prosperaram de pobres miseráveis a ricos indomáveis. Assim se tornaram atraentes aos demais que amargavam ante a riqueza que esses tiveram. Alegando terem encontrado os tesouros de Salomão e as chaves da salvação atraiu um peregrino a que eles originalmente deveriam proteger. Ao contrário daquela terra maldita a terra santa queria alcançar, mas seduzido pelas palavras dele fora convidado a lá entrar. Viu riquezas várias até um túnel descer sob as promessas de riqueza e poder. Fitou um espelho negro e o peregrino temendo lhe falou.

— Dentre o espelho e eu, meu reflexo é meu menor, rouba minha luz, mas de mim depende para existir. Dos parasitas que de nossa vitalidade drenam, o mesmo dos predadores sociais que dominando oprimem, buscando criar-nos na dependência entorpecente da servidão, mas do qual sem servos nada são!

O incauto iludido mal sabia que tudo que combatia era onde adentraria, mas ante aquele espelho sinistro mostrou um mundo que paralelo onde ao ser refletido percebe que seu reflexo é um gay viciado em sexo.

Atemorizado caiu para trás sendo acudido pelo cavalheiro que lhe segurou e comentou.

—Há muitos mundos de possibilidades para dominar, como um em que toda Terra iremos mandar.

— Do que é feito esse espelho? Da matéria donde o deus das luzes adveio. — comentou ele com um sorriso malicioso. — Me siga e desse poder irás compartilhar.

O peregrino acometido pelo medo sabia em seu íntimo que aquilo seguia o caminho oposto a de seu Deus como da terra santa que procurava. Mas as luzes trêmulas que fitou seu âmago adentrou fazendo-o tremer nas bases. Uma pedra fincada no solo num templo ancestral de deuses desconhecidos. Pedra que ninguém conseguia mover ou tirar, era uma fonte de fantasias das imaginações que não conseguia domar.

— A pedra controla o caos e dela o destino iremos mandar para que com sua ajuda o mundo possamos subjugar e a todos dominar.

O peregrino arrependido caiu de joelhos e pranteando clamou para de lá se retirar, mas tarde para ele era e agora obrigado a servir seria. Tomado por um influxo de loucura fora como um encanto maldito da pedra sobre ele.

Os anos se passaram e os destinos daquele mundo mudaram, mas como se proibitivas leis de Deus quebrassem a pedra que pesava no chão parecia a ele se fundir criando terrores a quem para baixo olhassem.

Um abalo logo se propagou expandindo os efeitos negativos daqueles males donde com o ampliar de suas fronteiras objetos pareciam se sobrepor e o chão mesclar-se aos objetos. Duma energia negativa como abismo se tornava e assim como aquelas ruínas pareciam tratadas pelo solo aquele solo a todos tragava a quem olhava.

O peregrino arrependido e esmorecido vociferava ao correr daquela masmorra clamando aos demais.

— Não olhei para baixo jamais!

Como das paixões terrenas e infames advinham o asseverar sobre as almas que o chão fitassem. Como se de dimensões ulteriores o inferno emergisse e mesmo sob os avisos do pobre peregrino ao isso mencionar fitaram o chão a se tornarem como as sombras que por ele deitavam. Logo os ecos de suas vidas assombravam do epitáfio do que não mais existe, mas tentava escapar.

Desolado o homem correu fitando o céu donde não lhe veio socorro até que tudo parecia devorado para deleite de um solo maligno e assim mesmo o peregrino igualmente sombra da existência se tornou pelo influxo da loucura que lhe tomou.

Porém, doutro lado de algum lugar da existência um mago isso olhava naquele mesmo espelho que o peregrino se viu e agora anuía uma existência apenas na ficção que daquele espelho o mago fitava. Sabia este de magos do mal que em conluio tramavam contra os bons e deles todos maus agouros e maldições visavam aniquilar a humanidade e tudo que nos faziam humanos.

O homem era eu que arrependido assim sucedeu. Sentei-me numa mesa e isso escreveu:

A Terra parece estar sobrepondo a uma realidade dimensional ulterior inferior e infernal abaixo daquele chão donde olhos tenebrosos parecem rasgar o tecido do espaço e ao serem encarados as pessoas definham todas suas vidas em medo e angustias para submergir a Terra.

Algo que extrai seu poder funesto através de flagelos sádicos de sofrimento, dor e injustiça. Todos que veem se transformam em criaturas insaciavelmente famintas por inexistirem e assim tentarem suprimirem o vazio que delas se fazem. Essa é a história de um mundo que existiu mas agora apenas persiste como ficção nas mentes e corações. Guardo esse texto ainda que como deletério devaneio como fantasia daqueles que isso mesmo pregam sirva para mostrar o que acontece quando o mal que nos adoece, vence. Mas que desses versos o que não mais existe agora que se registre o que um dia existiu e o lugar donde o espelho adveio não caia em mãos erradas num futuro próximo.

Fernando Machado dos Santos

São Paulo/SP

Charge

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Raul Seixas

Cantor, compositor, guitarrista e produtor brasileiro

28/06/1945 - 21/08/1989 (44 anos)

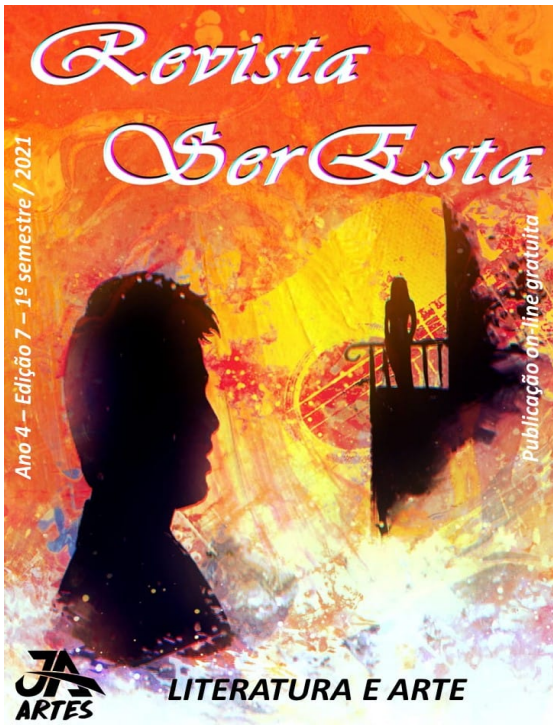
https://www.ebiografia.com/raul_seixas/

Projeto Cartas para a Vida

Esse é um projeto que tem como premissa levar mensagens de esperança, acalento às pessoas que estão se sentido fragilizadas com a vivência cotidiana.
Em tempos de pandemia da COVID-19, todos nós de alguma maneira, somos afetados emocionalmente com a nova dinâmica social que vem se desenha no último ano.
Mais relevante se torna a circulação de mensagens edificantes, nos motivando a continuidade da nossa jornada.
Seja um parceiro do projeto, escrevendo uma carta curta, mas com mensagem significativa. Sua mensagem pode salvar vidas, tocar almas.
Envie a carta para: cartasparaavida2018@gmail.com
A pessoa é livre para se identificar ou usar pseudônimo.
Acompanhe as nossas redes sociais e tenha acesso às mensagens que recebemos. Auxilie no compartilhamento destas cartas e assim fazer com que elas cheguem ao seu destinatário.
Instagram: https://www.instagram.com/cartasparaavida1/
Facebook: https://www.facebook.com/cartasparaavida

Leiam as edições recentes da Revista SerEsta

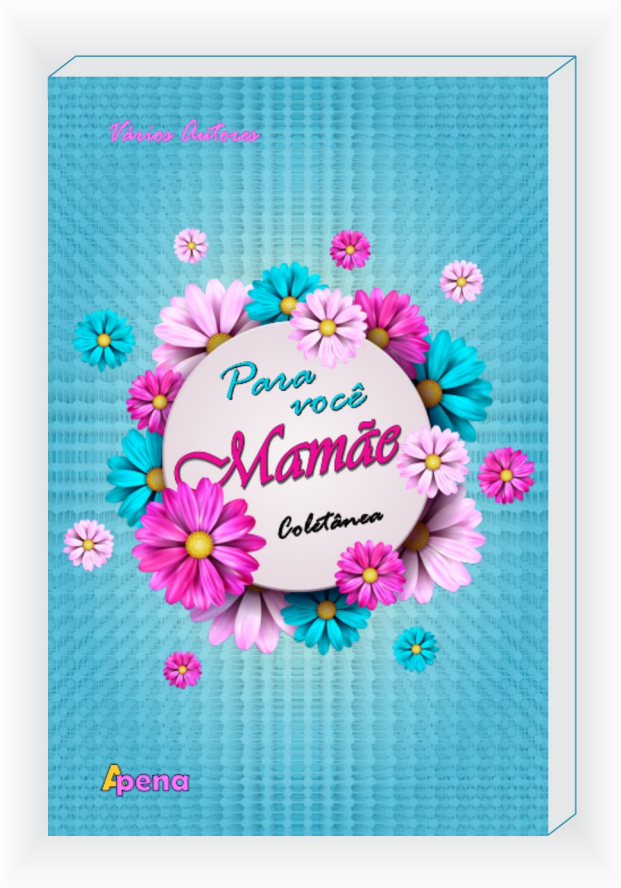
Revista SerEsta edição número 7



Suplemento Manuel Bandeira

https://revistaseresta.blogspot.com/

Antologias Gratuitas Apena Editora



Acesse o link para ler ou baixar:

https://www.apena.com.br/Ap_antologia/leia-gratis.htm

Chegou a primeira edição da Revista Cultural Traços

Está no ar a 1ª edição da Revista Cultural Traços.

Leia ou baixe no link abaixo:

https://www.revistatracos.art.br/edi%C3%A7%C3%B5es

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.
A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 42ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.
Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.
Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Sarau na Favela
Valéria Barbosa

"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de

editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

Projeto Literário Coletâneas

O Projeto Literário Coletâneas dedica-se ao trabalho de antologias, incentivando os autores iniciantes a produzirem contos a partir das temáticas propostas e a participarem de cada desafio literário lançado. Apoiamos, especialmente, os escritores de plataformas digitais que desejam se desenvolver na área literária e ajudamos na visibilidade do seu trabalho dentro do PLC. Além disso, oferecemos um suporte básico de revisão, resenha crítica, capas, banner de divulgação e materiais literários para aprendizado através das nossas parcerias; além de incentivos como brindes e sorteios.

A participação dos autores nas antologias é totalmente gratuita.

www.projeto-literario-coletaneas.webnode.com/
https://www.wattpad.com/user/PLColetaneas
https://www.facebook.com/PLColetaneas2016/
https://www.instagram.com/plcoletaneas/

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.

Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com.

Acesse para ler:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE

Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

Blog RMBS Rock - Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

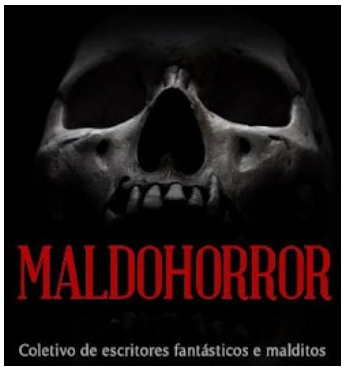
Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe: **http://mulheresaudiovisual.com.br/**

MULHERES AUDIOVISUAL



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden **-** Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

Canal Sussurros Poéticos

O canal Sussurros Poéticos, criado pelo escritor Renan Caíque, traz poemas recitados dos mais variados autores. Experimente ouvir poemas para relaxar ou estudar os clássicos.

No canal, é possível encontrar poemas de Cora Coralina, Lord Byron, Tim Burton, Fernando Pessoa e muitos mais!

https://www.youtube.com/c/RenanTempest/featured

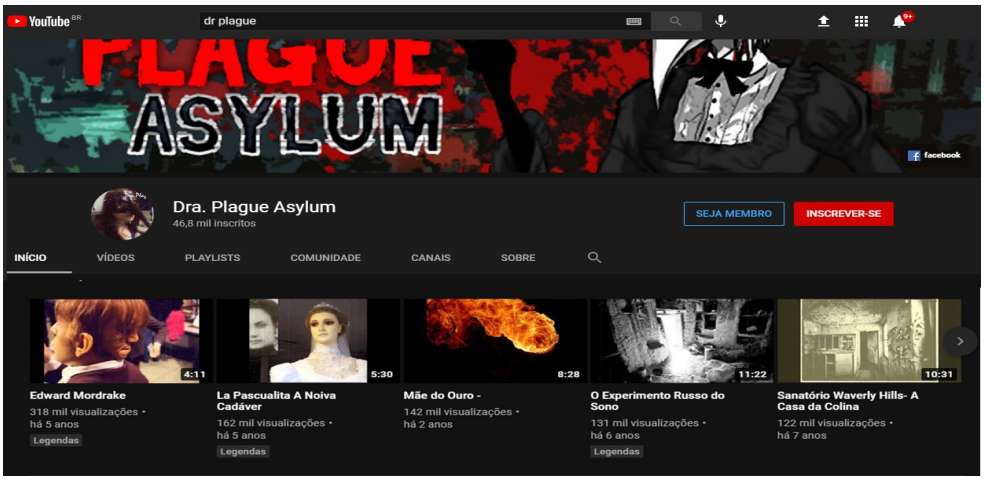
Canal da Dr. Plague

Gosta de histórias assustadoras, contos e lendas de terror? E de gatinhos?

Se a resposta é sim, o canal do youtube "Dra.Plague Asylum", traz as melhores histórias, com narração perfeita e pesquisa apurada, além de reverter toda a monetização para o abrigo de gatinhos mantido (com muito esforço) pela criadora do canal.

Divirtam-se com os vídeos e ajudem os gatinhos!

https://www.youtube.com/c/DraPlagueAsylum/featured



Literatura já - No canal e podcast "Literatura já", criado pela escritora Joyce Nascimento, você encontrará muita leitura e narração de textos: poesias, contos e crônicas autorais e de outros escritores. Entrevistas, bate-papo com convidados, dicas e informações sobre o que está acontecendo no mundo literário. Tudo em formato de áudio publicado toda sexta-feira, a partir das 19h. Fui convidada para conceder uma entrevista ao Literatura já e fiquei muito contente com o resultado, confiram!
Se inscrevam e não percam nenhum conteúdo!

https://open.spotify.com/show/7iQe21M7qH75CcERx5Qsf8

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.
Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Podcast Toma aí um poema

O Podcast Toma Aí um Poema tem com objetivo declamar o máximo de poemas brasileiros possíveis e disponibilizá-los em áudio para torna-los mais acessíveis, nos diferentes canais e formatos. Acesse o site e envie seu poema!!
https://www.jessicaiancoski.com/toma-ai-um-poema

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X
Vamos mudar o mundo através das palavras!!
https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre